

Jean-Paul Sartre (1905-1980)

A IDADE DA RAZÃO

Os CAMINHOS DA LIBERDADE

Volume I

Tradução de Sérgio Milliet

5.ª Edição

BERTRAND

EDITORA VENDA NOVA 1996

' Título original: Lês Chemins de Ia Liberte – L'Age de Raison

© 1945, Éditions Gallimard Ilustração de capa: No boulevard, de Malevich

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa excepto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Fotocomposição e montagem:

Grafitexto

Impressão e acabamento:

Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

Depósito Legal n.º 101049/96

ISBN: 972-25-0996-9 Acabou-se de imprimir-se em Junho de 1996

A Wanda Kosakiewicz

No meio da Rua Vercin-getorix, o sujeito grandalhão agarrou Mathieu pelo braço. Um polícia passeava no passeio oposto.

– Dê-me alguma coisinha, patrão, estou com fome. Tinha os olhos muito unidos e os lábios grossos. E tresandava a álcool.

– Não será sede o que tu tens? – indagou Mathieu.

– Juro que não, meu velho – disse com dificuldade –, juro que não.

Mathieu descobrira uma moeda de cinco francos no bolso:

– No fundo não me interessa, perguntei por perguntar. E deu a moeda.

– O que estás a fazer está certo – disse o tipo, apoiando-se à parede –, quero desejar-te uma coisa formidável. Mas o que é que te vou desejar?

Reflectiram ambos. Mathieu atalhou:

– O que quiseres.

– Pois então vou desejar-te felicidades – respondeu o outro. – É tudo.

Riu triunfante. Mathieu viu o polícia aproximar-se e receou que prendesse o tipo.

— Bom — disse —, adeus.

Quis afastar-se, mas o homem alcançou-o.

— A felicidade não basta — disse com uma voz entaramelada —, não basta...

— Então! Que mais é que queres?

— Quero dar-te uma coisa.

— E eu vou prender-te por mendicidade — disse o polícia. Era muito jovem, muito rosado e esforçava-se por se mostrar duro.

— Há meia hora que estás aí a chatear os transeuntes — acrescentou sem convicção.

— Não está a pedir esmola — disse Mathieu com vivacidade. — Estamos a conversar.

O polícia encolheu os ombros e continuou o seu caminho. O tipo titubeava de modo inquietador; não parecia sequer ter visto o polícia.

— Já sei o que é que te vou dar. Vou dar-te um selo de Madrid. Tirou do bolso um rectângulo de cartão verde e entregou-o a Mathieu. Este leu:

«C. N. T. Diário Confederai. Exemplares 2. França. Comité Anarco-Sindicalista, 41, Rua de Belleville, Paris 19.»

Havia um selo ao lado do endereço. Também era verde e trazia o carimbo de Madrid. Mathieu estendeu a mão

— Obrigado.

— Cuidado! — disse o sujeito irritado. — E... de Madrid.

Mathieu olhou-o. O homem parecia comovido e fazia grandes esforços para exprimir o seu pensamento. Renunciou a isso e disse apenas:

— Madrid!

— Já sei.

— Eu queria lá ir. Juro. Mas a coisa não se arranjou.

Tornara-se sombrio. Murmurou «espera» e passou devagar o dedo sobre o selo.

— Pronto. Podes levá-lo.

— Obrigado.

Mathieu deu alguns passos, mas o sujeito chamou-o.

— Eh!

— Que é? — disse Mathieu. O homem mostrava-lhe a moeda de cinco francos.

— Foi um tipo que me deu isso. Ofereço-te um rum.

— Hoje não.

Mathieu afastou-se com um vago remorso. Houvera uma época na sua vida em que deambulava pelas ruas, pelos bares, com toda a gente; o primeiro que aparecesse podia convidá-lo. Agora, tudo isso tinha acabado; esse género de aventura não dava nada...

Era divertido. Tivera vontade de ir combater em Espanha. Mathieu apressou o passo, e pensou com alguma irritação: «Em todo o caso não tínhamos nada que dizer um ao outro.» Tirou do bolso o cartão verde: «Vem de Madrid, mas não tem o endereço dele. Deve-lho ter dado alguém e apalpou-o varias vezes antes de entregá-lo, porque vinha de Madrid.» Lembrava-se do rosto do homem e da sua expressão ao

J E A N-P AUL SARTRE

olhar para o selo: uma expressão estranha de paixão. Mathieu olhou o selo por sua vez, sem deixar de andar, depois repôs o pedaço de cartão no bolso. Um comboio apitou, e Mathieu pensou: «Estou velho.»

Eram dez e vinte e cinco. Mathieu estava adiantado. Passou sem parar, sem querer voltar a cabeça diante da casinha azul. Mas ele espreitava-a pelo canto do olho. Todas as janelas estavam escuras, com excepção da de Madame Duffet. Marcelle não tivera ainda tempo para abrir a porta de entrada; debruçada sobre a mãe, ajeitava, com gestos másculos, o leito de dossel. Mathieu, preocupado, pensava: «Quinhentos francos para darem até ao dia 29, isto é, trinta francos por dia, mais ou menos. Como é que me vou arranjar?» Deu meia volta e voltou para trás.

Apagara-se a luz no quarto de Madame Duffet. Pouco depois, a janela de Marcelle iluminou-se. Mathieu atravessou a rua e seguiu, ao longo da mercearia, tomando cuidado para que as solas novas dos sapatos não rangessem. A porta estava entreaberta, empurrou-a devagar, ela gemeu. «Quarta-feira vou trazer a minha almotolia para olear os gonzos.» Entrou, fechou a porta e descalçou-se no escuro. A escada rangia um bocado. Mathieu subiu com precauções, de sapatos na mão; tacteava cada degrau com os dedos do pé antes de dar um passo. «Que comédia!», pensou.

Marcelle abriu a porta antes que ele alcançasse o patamar. Uma névoa rósea e que cheirava a lírio projectou-se fora do quarto e espalhou-se pela escada. Ela tinha vestido uma camisola verde, transparente, através da qual Mathieu viu a curva suave e gorda das ancas. Entrou. Tinha sempre a sensação de entrar numa concha. Marcelle fechou a porta à chave. Mathieu dirigiu-se ao grande

A IDADE DA RAZÃO

armário metido na parede e guardou os sapatos; contemplou depois Marcelle e viu que havia qualquer coisa.

— Que é que se passa? — perguntou em voz baixa.

— Nada — respondeu Marcelle, igualmente em voz baixa. — E tu, meu velho?

— Estou sem cheta. Fora isso, tudo bem.

Beijou-a no pescoço e na boca. O pescoço cheirava a âmbar, a

boca cheirava a tabaco ordinário. Marcelle sentou-se à beira da cama e pôs-se a olhar as pernas enquanto Mathieu se despia. — Que é isto? — indagou Mathieu.

Havia em cima da lareira uma fotografia que ele não conhecia. Aproximou-se e viu uma jovem magra, penteada como um rapaz, e que ria com um ar ríspido e tímido. Envergava um casaco de homem e calçava sapatos de salto baixo.

— Sou eu — disse Marcelle, sem erguer a cabeça.

Mathieu voltou-se. Marcelle levantara a camisola sobre as coxas gordas. Estava curvada e Mathieu adivinhava sob a camisola a fragilidade dos seios pesados.

— Onde é que encontraste isto?

— Num álbum. É do Verão de 28. Mathieu dobrou cuidadosamente o casaco e colocou-o no armário ao lado dos sapatos. Perguntou:

— Então agora andas a mexer nos álbuns da família?

— Não, não sei, mas hoje tive vontade de encontrar coisas da minha vida, de ver como eu era antes de te conhecer. Trá-la cá.

Mathieu pegou na fotografia e ela arrancou-lha das mãos.

Sentou-se ao lado dela. Marcelle teve um arrepio e

J E A N-P AUL SARTRE

afastou-se um pouco. Olhava a fotografia com um sorriso vago:

— Como eu era engraçada — disse.

A jovem mantinha-se rígida, apoiada à grade de um jardim.

Abria a boca e devia estar também a dizer: «É cómico», com a mesma desenvoltura atarantada, a mesma ousadia sem firmeza. Só que era jovem e magra.

Marcelle sacudiu a cabeça.

— É de morrer a rir! Foi tirada no Luxemburgo por um estudante de Farmácia. Estás a ver o meu blusão? Comprei-o nesse mesmo dia, porque íamos dar um grande passeio a Fontainebleau no domingo seguinte. Meu Deus!...

Havia com certeza alguma coisa. Nunca os seus gestos tinham sido tão bruscos, a sua voz tão masculina. Estava sentada à beira da cama, mais do que nua, sem defesa, como um vaso enorme no fundo do quarto cor-de-rosa, e era penoso ouvir essa voz masculina enquanto um cheiro forte e sombrio se exalava dela. Mathieu agarrou-a pelos ombros, apertando-a.

— Tens saudades dessa época? Marcelle respondeu secamente:

— Dessa época não, mas da vida que poderia ter tido.

Tinha iniciado os seus estudos de Química, que uma doença havia interrompido. Mathieu pensou: «Parece que ela me detesta.» Abriu os lábios para interrogá-la, mas viu--Ihe os olhos e calou-se. Ela olhava a fotografia com um ar triste e tenso.

— Engordei, não?

— Engordaste.

Ela encolheu os ombros e atirou a fotografia para cima da cama. Mathieu pensou: «É verdade, leva uma vida

IDADE DA RAZÃO

horrível.» Quis beijar-lhe a cara, mas ela afastou-se sem violência com um risinho nervoso.

— Já lá vão dez anos.

Mathieu pensou: «Não lhe dou nada.» Quatro noites por semana vinha vê-la. Contava-lhe minuciosamente tudo o que fazia. Ela dava-lhe conselhos, com voz séria e ligeiramente autoritária. Dizia muitas vezes: «Vivo por procuração.»

Ele perguntou:

— Que fizeste ontem? Saíste?

Marcelle teve um gesto desanimado e vago.

— Não, estava cansada. Li um pouco, mas a mãe interrompia-me a cada instante por causa da loja.

— E hoje?

— Hoje saí — disse ela melancólica. — Senti necessidade de tomar ar, de acotovelar pessoas. Desci até à Rua da Gaite; isto divertia-me; e depois, queria ver Andrée.

— E viste?

— Cinco minutos. Quando saí de casa dela, começou a chover, é um mês de Junho esquisito... sabes, as pessoas tinham umas caras ignóbeis. Apanhei um táxi e voltei.

Perguntou, indiferente:

— E tu?

Mathieu não tinha vontade de contar. Disse:

— Ontem fui ao colégio dar as minhas últimas aulas. Jantei em casa de Jacques, chato como de costume. Hoje de manhã passei na tesouraria para ver se podiam adiantar-me alguma coisa; parece que não fazem isso. No entanto, em tfeauvais eu entendia-me com o tesoureiro. Depois vi Ivich.

Marcelle ergueu as sobrancelhas e olhou-o. Ele não gostava de lhe falar de Ivich. Acrescentou:

J E A N-P AUL SARTRE

— Ela anda desanimada.

— Porquê?

A voz de Marcelle voltara à firmeza habitual e o seu rosto assumira uma expressão de bom senso masculino. Parecia um levantino gordo. Ele murmurou:

— Ela vai chumbar.

— Disseste-me que ela estudava.

— Sim, à sua maneira; isto é, deve ficar horas inteiras diante de um livro sem fazer um movimento. Mas sabes como ela é: tem visões, como os loucos. Em Outubro sabia bastante de Botânica, o examinador estava satisfeito; de repente «viu-se» diante de um tipo calvo a falar de celenterados. Isso pareceu-lhe ridículo. «Que é que eu tenho a ver com os celenterados?»,

pensou, e o tipo não lhe arrancou nem mais uma palavra.

— Que rapariga estranha! — disse Marcelle pensativa.

— Em todo o caso — atalhou Mathieu —, tenho medo que lhe aconteça o mesmo desta vez. Ou que invente alguma coisa. Vais ver.

Aquele tom de displicência protectora não seria uma mentira? Tudo o que podia exprimir por meio de palavras dizia-o. Mas nem só as palavras contam!

Hesitou um instante e baixou a cabeça, desanimado. Marcelle não ignorava nada da sua afeição por Ivich; aceitava mesmo que ele a amasse. Em suma, exigia apenas uma coisa: que ele falasse de Ivich precisamente naquele tom. Mathieu não deixara de acariciar as costas de Marcelle e ela começou a pestanejar. Gostava que ele lhe acariciasse as costas, principalmente junto dos rins e entre as omoplatas. Mas de repente, Marcelle libertou-se e o seu rosto endureceu. Mathieu disse-lhe:

A IDADE DA RAZÃO

— Ouve, Marcelle, pouco me importa que Ivich reprove. Ela foi tão pouco feita para ser médica como eu. De qualquer maneira, mesmo que passasse no P.C.B., desmaiaria na primeira dissecação, no próximo ano, e não poria mais os pés na Faculdade. Mas se a coisa não correr bem desta vez, ela vai fazer um disparate. A família não a deixará recomeçar, no caso de ter um azar.

Marcelle indagou com voz firme:

— Que espécie de disparate queres tu dizer exactamente?

— Não sei — respondeu ele perturbado.

— Ah! conheço-te muito bem, meu pobre velho. Não ousas confessar, mas tens medo que ela enfie uma bala no corpo. E dizes que tens horror ao romanesco. Parece que nunca lhe viste o corpo, pois não? Eu teria receio de ofendê-la, só de lhe passar o dedo por cima. E tu acreditas que uma boneca com uma pele daquelas vai estragá-la com tiros? Posso imaginá-la caída numa cadeira, com os cabelos sobre o rosto e fascinada diante de um minúsculo Browning. É muito russo isso! Mas imaginar outra coisa, não, meu velho, não. Um revólver é para as nossas peles de crocodilo.

Ela apoiou o braço no de Mathieu. Ele tinha a pele mais branca do que a dela.

— Olha para isto, meu velho, a minha até parece de marroquim. Desatou a rir.

— Não achas que tenho uma pele boa para fazer uma escumadeira? Imagino um buraquinho bem redondo por baixo do esquerdo, com os bordos limpos e avermelhados. Não seria nada feio.

J E A N-P AUL SARTRE

Continuava a rir. Mathieu tapou-lhe a boca com a mão.

— Cala-te. Vais acordar a velha. Ela calou-se. Ele disse:

— Como estás nervosa!

Ela não respondeu. Mathieu pousou a mão na perna de Marcelle e acariciou-a docemente. Gostava daquela carne amanteigada com os pêlos suaves sob as carícias, como mil arrepios tensos. Marcelle não se mexeu: olhava a mão de Mathieu. Este acabou por retirá-la.

— Olha para mim — disse.

Viu momentaneamente as suas olheiras, o tempo de um olhar altivo e desesperado.

— Que é que tu tens?

— Nada — disse ela virando a cabeça.

Era sempre assim com ela: como um nó. Dentro em pouco não se poderia conter; estouraria. Não havia nada a fazer senão esperar. Mathieu temia essas explosões silenciosas: a paixão naquele quarto-concha era impossível, porque era necessário exprimi-la em voz baixa e sem gestos para não acordar Madame Duffet. Mathieu levantou-se, foi até ao armário e tirou o cartão do bolso do casaco.

— Olha.

— Que é isso?

— Foi um tipo que mo deu há pouco na rua. Era simpático e eu dei-lhe algum dinheiro.

Marcelle pegou no cartão, com indiferença. Mathieu sentiu-se ligado ao tipo por uma espécie de cumplicidade. Acrescentou:

— Sabes, isso tinha um grande valor para ele.

A IDADE DA RAZÃO

— Era um anarquista?

— Não sei. Queria oferecer-me um copo.

— E tu recusaste?

— Recusei.

— Porquê? — perguntou Marcelle com negligência. — Podia ser divertido.

— Ora!

Marcelle ergueu a cabeça e contemplou o relógio com um ar míope e divertido.

— E curioso — observou. — Quando tu me contas estas coisas, irrita-me sempre. E só Deus sabe como estas coisas se repetem ultimamente. A tua vida está cheia de oportunidades perdidas.

— Chamas a isto uma oportunidade perdida?

— Sim. Antigamente terias feito tudo para provocar esses encontros.

— Talvez tenha mudado um pouco — disse Mathieu, concordando. — Que é que achas? Envelheci?

— Tens trinta e quatro anos — disse simplesmente Marcelle.

Trinta e quatro anos. Mathieu pensou em Ivich e teve um estremecimento desagradável.

— Sim... Ouve, não creio que seja isso. Foi antes por

escrúpulo. Compreendes, ando um pouco alheio...

— É tão raro, agora, não andares alheio — disse Marcelle.

Mathieu acrescentou com vivacidade:

— Ele também devia estar alheio; quando se está bêbedo, é tudo patético. Era a que eu queria evitar.

Pensou: «Não é completamente verdade. Não reflecti assim tanto.» Quis fazer um esforço para ser sincero.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu e Marcelle tinham combinado dizer sempre tudo um ao outro.

— Que há... — disse ele.

Mas Marcelle tinha desatado a rir. Um ronronar baixo e terno como quando ela lhe acariciava os cabelos dizendo-lhe: «Meu pobre velho.» No entanto, não tinha um ar terno.

— Conheço-te bem — disse. — Como tu tens medo do patético! E depois? Mesmo que te mostrasses um pouco patético com esse pobre diabo! Que mal é que havia?

— E o que é que adiantava? — perguntou Mathieu.

Era ainda contra ele próprio que se defendia.

Marcelle sorriu sem ternura. «Ela procura provocar-me», pensou Mathieu, perturbado. Sentia-se tranquilo e algo estúpido, em suma, de bom humor e sem vontade de discutir.

— Ouve — disse —, não tens razão em dar importância a essa história. Antes de mais nada, eu não tinha tempo; vinha para cá.

— Tens perfeitamente razão — disse Marcelle. — Isto não é nada; absolutamente nada e nem há motivo para tanta história... Mas não deixa de ser sintomático.

Mathieu sobressaltou-se: se ao menos ela não empregasse palavras tão rebarbativas.

— Vamos lá — disse. — Que é que achas de tão interessante nisto.

— Bem, a tua famosa lucidez. Tu és divertido, meu velho, tens um medo tão grande de te iludir a ti próprio que recusarias a mais bela aventura do mundo para não te arriscares a uma mentira...

A IDADE DA RAZÃO

— Pois é — atalhou Mathieu —, bem o sabes. Há muito tempo que se diz isso.

Achava-a injusta. Essa «lucidez» (detestava a palavra, mas Marcelle tinha-a adoptado havia algum tempo. No Inverno anterior era «urgência»; as palavras para ela não duravam mais do que uma estação), essa lucidez, eles já se lhe tinham habituado, eram responsáveis por ela diante um do outro, era apenas o profundo sentido do seu amor. Quando Mathieu se comprometera com Marcelle, renunciara definitivamente aos desejos de solidão, aos pensamentos frescos, sombrios e

tímidos que dantes se esgueiravam dentro dele com a vivacidade furtiva dos peixes. Só podia amar Marcelle com inteira lucidez; ela era a sua lucidez, a sua companheira, a sua testemunha, conselheira e juiz.

— Se eu mentisse a mim mesmo — disse —, teria a impressão de te mentir também. Isso era-me insuportável.

— Sim — disse Marcelle. Não parecia muito convencida.

— Não pareces convencida!

— Estou, sim — disse ela com indolência.

— Pensas que estou a mentir?

— Não... isto é, sabe-se lá! Mas não creio. Sabes o que estou a pensar? Que te estás a esterilizar um pouco. Pensei nisso hoje... Oh!, tudo é claro e nítido em ti; cheiras a roupa lavada, é como se tivesses passado pela lavandaria. Só falta o contraste. Nada de inútil, de hesitante, de estranho. E tórrido. E não me venhas dizer que é por mim que razes isso; tu segues o teu caminho; gostas de te analisar.

Mathieu estava desconcertado. Marcelle mostrava-se muitas vezes bastante dura; mantinha-se em guarda, um

J E A N-P AUL SARTRE

pouco agressiva, desconfiada, e se Mathieu não concordava com ela, imaginava que ele a queria dominar. Mas raramente sentia nela aquela vontade deliberada de lhe ser desagradável. E depois havia aquela fotografia em cima da cama... Encarou Marcelle, com inquietação: ainda não tinha chegado o momento de ela se decidir a falar.

— Isso de me conheceres não me interessa assim tanto — disse simplesmente.

— Eu sei — atalhou Marcelle —, não é um fim, é um meio. É para te libertar de ti próprio; olhar, julgar: é a tua atitude predilecta. Quando olhas para ti próprio, imaginas que não és o que estás a ver, que não és nada. No fundo, é o teu ideal: não ser nada.

— Não ser nada — repetiu lentamente Mathieu. — Não. Não é isso. Escuta: eu... eu gostaria de não dever nada senão a mim próprio.

— Sim. Ser livre. Totalmente livre. É o teu vício.

— Não é um vício — disse Mathieu. — É... Que é que tu queres que se faça?

Estava irritado. Tudo aquilo, tinha-lho explicado cem vezes, e ela sabia que era muito importante para ele.

— Se... se eu não tentasse viver por conta própria, existir parecer-me-ia absurdo.

Marcelle pusera um ar sorridente e obstinado:

— Sim, sim... é o teu vício.

Mathieu pensou: «Ela irrita-me quando se arma em esperta», mas teve remorsos e disse suavemente:

— Não é um vício; eu sou assim.

— Porque é que os outros não são assim, se não é um vício?

— São assim, mas não percebem que o são.

A IDADE DA RAZÃO

Marcelle deixara de rir. Tinha um vinco duro e triste no canto dos lábios.

— Pois eu não tenho toda essa necessidade de ser livre — disse.

Mathieu olhou para a sua nuca inclinada e não se sentiu à vontade. Era sempre aquele remorso, aquele remorso absurdo que o perseguia quando estava com ela. Pensou que nunca conseguiria pôr-se no lugar de Marcelle: «A liberdade de que lhe falo é a liberdade de homem saudável.» Pôs-lhe a mão no pescoço e apertou suavemente entre os dedos aquela carne untuosa, ligeiramente envelhecida.

— Marcelle, estás aborrecida?

Ela ergueu para ele os olhos um pouco perturbados.

— Não.

Calaram-se. Mathieu sentia prazer na ponta dos dedos.

Exactamente na ponta dos dedos. Deixou escorregar a mão ao longo das costas de Marcelle, e ela baixou as pálpebras; viu-lhe então as longas pestanas pretas. Apertou-a nos braços: não que a desejasse naquele instante, mas para ver aquele espírito teimoso e anguloso fundir-se como um pedaço de gelo ao sol. Marcelle deixou cair a cabeça sobre o ombro de Mathieu e ele viu-lhe de perto a pele morena, as olheiras azuladas e borbulentas. Pensou: «Como está a envelhecer!» E pensou que ele também estava velho. Inclinou-se sobre ela com uma espécie de mal-estar; gostaria de esquecer-se e esquecê-la. Mas havia muito tempo que já não se esquecia quando a possuía. Beijou-a na boca; tinha uma linda boca; bem desenhada e severa. Ela escorregou devagar para trás e deitou-se de costas sobre a cama, de olhos fechados, cansada, dê-

J E A N-P AUL SARTRE

feita; Mathieu ergueu-se, tirou as calças e a camisa, pô-las dobradas aos pés da cama e estendeu-se ao lado dela. Mas percebeu que agora ela tinha os olhos abertos e parados, que contemplava o tecto, com as mãos cruzadas sob a cabeça.

— Marcelle!

Ela não respondeu; tinha uma expressão má; de repente, levantou-se. Ele sentou-se à beira da cama, envergonhado da sua nudez.

— Agora — disse com firmeza —, vais dizer-me o que é que se passa.

— Não se passa nada — respondeu, com voz fraca.

— Passa-se — disse ele com ternura —, há alguma coisa que te aborrece, Marcelle. Não dizemos tudo um ao outro?

– Tu não podes fazer nada, e isto vai aborrecer-te. Ele acariciou-lhe levemente os cabelos.
– Vá lá, conta.
– Pois então... aconteceu.
– Aconteceu o quê?
– Aconteceu!
Mathieu fez uma careta.
– Tens a certeza?
– Absoluta. Sabes que nunca perco a cabeça: mas... dois meses de atraso!
– Merda!

Pensava: «Ela devia ter-mo dito há pelo menos três semanas.»
Tinha vontade de fazer alguma coisa com as mãos; encher o cachimbo, por exemplo, mas o cachimbo estava no armário com o casaco. Tirou um cigarro da mesa-de-cabeceira, para o largar em seguida.

IDADE DA RAZÃO

– Pois é – disse Marcelle. – Agora já sabes. Que é que vamos fazer?
– Desenvencilharmo-nos disto, não?
– Está bem. Tenho uma direcção.
– Quem ta deu?
– Andrée. Ela já lá esteve.
– É a mulher que a liquidou no ano passado? Custou-lhe seis meses de cama. Não, não quero.
– Então queres ser pai?

Ela afastou-se, sentou-se a uma certa distância de Mathieu. Tinha uma expressão dura mas não máscula. Tinha as mãos sobre as coxas e os braços pareciam asas de terracota. Mathieu observou que o rosto se lhe tornara cinzento. O ar estava doce, açucarado, cheirava a rosas. Mas havia aquele rosto cinzento, aquele olhar parado, dir-se-ia que procurava não tossir.

– Espera – disse Mathieu. – Dizes-me essas coisas assim, sem preparação. Vamos reflectir.

As mãos de Marcelle principiaram a tremer. Disse com súbita paixão:

– Não é preciso que reflectas; não é a ti que te compete. Tinha voltado a cabeça para ele e contemplava-o. Olhou-lhe o pescoço, os ombros, a cintura, e o seu olhar desceu mais ainda. Parecia espantada. Mathieu corou violentamente e apertou as pernas.

– Não podes fazer nada – repetiu Marcelle. E acrescentou com uma amarga ironia: – Isto agora é uma coisa de mulheres. Os lábios cerraram-se sobre as últimas palavras: uma °ca húmida com reflexos violeta, um insecto vermelho

J E A N-P AUL SARTRE

ocupado em devorar o rosto cinzento. «Sente-se humilhada», pensou Mathieu, «odeia-me.» Ele tinha vontade de vomitar. O quarto parecia ter-se esvaziado repentinamente do fumo róseo; havia grandes vazios entre os objectos. Mathieu pensou: «Eu é que lhe fiz isto.» E a lâmpada, o espelho com os reflexos de chumbo, o relógio, a cómoda, o armário entreaberto, tudo adquiriu um aspecto de impiedosa engrenagem: fora posta em movimento e girava no vácuo das suas frágeis existências, com uma obstinação rígida, como o mecanismo de uma caixinha de música, que teima em tocar, insistindo na sua melodia. Mathieu mexeu-se, sem conseguir arrancar-se daquele mundo sinistro e agreste. Marcelle não se mexera, continuava a olhar para o ventre de Mathieu, para a flor culpada, que descansava delicadamente sobre as coxas com um ar de impertinente inocência. Ele sabia que ela tinha vontade de gritar, de soluçar, mas não o faria, com medo de acordar Madame Duffet. Agarrou bruscamente Marcelle pela cintura e apertou-a contra ele. Ela inclinou-se sobre os seus ombros e fungou duas ou três vezes sem verter lágrimas. Era tudo o que podia permitir-se.

Quando ergueu a cabeça, já estava calma. Disse com uma voz decidida:

— Desculpa, querido, precisava de desabafar. Estou a dominar-me desde esta manhã. Naturalmente não te censuro nada.

— Tinhas direito a fazê-lo — observou Mathieu. — Garanto-te que não me sinto orgulhoso. É a primeira vez... Bolas, que porcaria! A asneira é minha, e tu é que pagas. Enfim, aconteceu, aconteceu. Escuta, quem é essa mulher? Onde é que ela mora?

IDADE DA RAZÃO

— Rua Morère, 24. Parece que é uma mulher estranha.

— Acredito. Dizes que vais da parte de Andrée?

— Sim. Ela só leva quatrocentos francos. Dizem que é irrisório, sabes? — disse de repente Marcelle com uma voz sensata.

— Bem sei — disse Mathieu com amargura. — É um bom negócio... Sentia-se desajeitado, como um noivo. Um tipo grande, desastrado e nu que fizera uma asneira e sorria gentilmente para se fazer perdoar. Mas ela não a podia esquecer: via as coxas brancas dele, musculosas, um pouco curtas, a nudez satisfeita e peremptória. Era um pesadelo grotesco. «Se fosse ela», pensou Mathieu, «teria vontade de bater em toda esta carne.» Disse:

— É exactamente o que me preocupa: o não levar muito.

— Ainda bem. Felizmente que pede pouco e eu tenho precisamente quatrocentos francos comigo, eram para a minha costureira, mas ela espera. E, sabes, estou persuadida de que serei tão bem

tratada por ela como por qualquer outra – afirmou –, como nessas famosas clínicas clandestinas onde cobram quatro mil francos. Além disso, não podemos escolher.

– Não podemos escolher – repetiu Mathieu. – Quando é que vais? – Amanhã, por volta da meia-noite. Dizem que só recebe de noite. É engraçado, não? Acho que ela não regula muito bem, mas a mim dá-me jeito por causa da minha mãe. De dia a mulher está na mercearia, quase não dorme. Entra-se pelo pátio, vê-se luz por baixo de uma porta, é aí.

J E A N-P AUL SARTRE

– Bem – disse Mathieu. – Eu vou lá. Marcelle olhou-o admirada.

– Estás doido? Ela põe-te na rua, vai pensar que és um tipo da Polícia.

– Eu vou lá – repetiu Mathieu.

– Mas porquê? Que é que lhe vais dizer?

– Quero ver como é. Se não me agradar, não vais. Não quero que caias no açougue de urna velha tonta. Digo-lhe que vou da parte de Andrée, que tenho uma amiga que está atrapalhada, mas que não pode ir já, porque se constipou; qualquer coisa.

– E então? Aonde é que vou, se não servir?

– Podemos esperar dois dias. Amanhã vou ter com a Sara, ela deve conhecer alguém. Lembras-te, no princípio ela não queria filhos.

Marcelle parecia um pouco mais calma. Acariciou-lhe a nuca.

– Tu és bom, querido, não sei muito bem o que é que vais fazer, mas percebo que queres fazer qualquer coisa. Gostarias que te operassem em vez de mini, não?

Passou os lindos braços à volta do pescoço dele e acrescentou com um ar de resignação cómica:

– Se perguntares à Sara, é de certeza um judeu. Mathieu beijou-a, e ela abandonou-se completamente.

– Querido, querido.

– Tira a tua camisa.

Obedeceu e deitou-se. Ele acariciou-lhe os seios. Gostava das suas pontas gordas e duras, cercadas de intumescências febris.

Marcelle suspirava, de olhos cerrados, passiva e gulosa. Mas as pálpebras crispavam-se-lhe. Mathieu sentiu-se perturbado.

Era como uma mão morna. E súbita-

A IDADE DA RAZÃO

mente ele pensou: «Está grávida.» Sentou-se. Cantava-lhe ao ouvido uma música gritante.

– Escuta, Marcelle, hoje isto não vai. Estamos nervosos de mais. Desculpa.

Marcelle gemeu levemente, depois levantou-se e enfiou as mãos nos cabelos.

– Como queiras – disse com frieza. Mas acrescentou com mais amabilidade:

– No fundo tens razão, estamos nervosos de mais. Eu desejava as tuas carícias, mas estava apreensiva.
– O mal está feito, não temos mais nada a temer.
– Eu sei, mas era instintivo. Não me explico bem; fazes-me medo, querido. Mathieu levantou-se.
– Bom. Vou ver a velha.
– Sim. Telefona-me amanhã para me dizeres o que há.
– Não posso ver-te amanhã à noite? Seria mais simples.
– Não, amanhã à noite, não. Depois de amanhã, se quiseres. Mathieu tinha enfiado a camisa e as calças. Beijou Marcelle nos olhos.
– Não me queres mal?
– A culpa não é tua. Só aconteceu uma vez em sete anos. Não tens nada que te reprimir. E eu não te repugno, ao menos?
– És tola.
– É que sinto repugnância por mim mesma, tenho a impressão de ser um monte de comida.
– Querida – disse Mathieu com ternura –, querida. Em oito dias tudo terá acabado, prometo. –

J E A N-P A U L. SARTRE

Abriu a porta sem ruído e esgueirou-se para fora com os sapatos na mão. No patamar voltou-se: Marcelle ficara sentada na cama. Sorria-lhe, mas Mathieu teve a impressão de que ela lhe guardava rancor.

Algo se desprende nos seus olhos fixos, que lhe rolaram à vontade nas órbitas: ela já não o contemplava e não tinha de lhe prestar contas dos seus olhares. Escondida pela roupa escura e pela noite, a sua carne culpada sentia-se resguardada, e encontrava pouco a pouco o calor e a inocência, recomeçava a desabrochar sob os tecidos. «A almotolia! Vou trazê-la amanhã, como hei-de fazer para não me esquecer?» Estava sozinho. Parou, trespassado. Não era verdade. Não estava só. Marcelle não o abandonara, pensava nele, pensava: «O estupor fez-me isto, esqueceu-se dentro de mim como um miúdo que faz chichi na cama.» Podia andar pelas ruas desertas, anonimamente, enfiado até ao pescoço na sua roupa, não lhe escaparia. A consciência de Marcelle ficara lá cheia de desgraças e de gritos, e Mathieu não a deixara: ele continuava no quarto cor-de-rosa, nu e sem defesa, diante daquela pesada transparência, mais incômoda do que um olhar. «Uma única vez», murmurou com ódio. E repetiu-o a meia-voz para convencer Marcelle: «Uma única vez em sete anos.» Marcelle não se deixava convencer: ficara no quarto e pensava em Mathieu. Era intolerável ser julgado assim, odiado em silêncio, à distância. Sem se poder defender, nem sequer esconder o ventre com as mãos. Se ao menos, ao mesmo tempo, pudesse existir para outros

A IDADE DA RAZÃO

com aquela força... Mas Jacques e Odette dormiam; Daniel estava bêbedo ou embrutecido. Ivich nunca pensava nos ausentes. Boris talvez... Mas a consciência de Boris era apenas uma faísca difusa, não podia lutar contra a lucidez imóvel e sombria que fascinava Mathieu à distância. A noite amortalhara a maioria das consciências. Mathieu estava só com Marcelle dentro da noite. Um casal.

Havia luz no Café Camus. O patrão empilhava as cadeiras; a servente fechava um dos lados da porta de madeira. Mathieu empurrou a outra porta e entrou. Tinha vontade de se mostrar. Simplesmente de se mostrar. Encostou-se ao balcão.

— Boa noite a todos.

O patrão olhou-o. Havia também um condutor que bebia Pernod, com o boné sobre os olhos. Eram consciências. Consciências afáveis e discretas. O condutor atirou o boné para trás, com um piparote, e olhou para Mathieu. A consciência de Marcelle abandonou a presa e diluiu-se na noite.

— Uma cerveja — pediu Mathieu.

— Raramente aparece — disse o patrão.

— Não é por falta de sede.

— E verdade que temos sede. Parece que estamos no fim do Verão — disse o condutor.

Calaram-se. O patrão lavava os copos, o condutor assobiava baixinho, Mathieu sentia-se contente porque eles olhavam-no de vez em quando. Viu a sua cabeça no espelho: emergia, redonda e lívida, de um mar de prata. No Café Camus tinha-se sempre a impressão de serem quatro horas da manhã, por causa da luz, uma névoa prateada que cansava os olhos, embranquecia os rostos,

J E A N-P A U L SARTRE

as mãos, lavava os pensamentos. Bebeu. Reflectiu. «Ela está grávida. Incrível. Não parece verdade.» Parecia-lhe, isso sim, chocante, grotesco como quando um velho e uma velha se beijam na boca: depois de sete anos, aquelas histórias não deviam acontecer. «Ela está grávida.» Tinha no ventre uma pequena maré translúcida que inchava docemente, que era corno um olho: «E desenvolve-se no meio das porcarias que ela tem no ventre, e vive.» Viu um alfinete comprido avançando na penumbra. Um ruído mole e o olho estourou, furado; ficou apenas uma membrana opaca e seca. «Ela vai ver a velha, vai para o talho.» Sentia-se venenoso. «Chega.» Mexeu-se: eram pensamentos lívidos, pensamentos das quatro horas da manhã.

— Boa noite.

Pagou e saiu.

«Que é que eu fiz?» Andava devagar, procurando lembrar-se.

«Dois meses...» Não se lembrava de nada, talvez fosse depois

daquelas férias da Páscoa. Tomara Marcelle nos braços como de costume, com ternura sem dúvida, mais por ternura do que por desejo; e no entanto... «Um filho. Eu pensava dar-lhe prazer e fiz-lhe um filho. Não compreendi o que fazia. Agora vou entregar quatrocentos francos a essa velha, e ela vai enfiar o instrumento entre as pernas de Marcelle, e raspar; a vida partirá como veio; e eu continuarei tão estúpido como dantes. Destruindo esta vida como a criei, não sabia o que fazia.» Riu secamente: «E os outros? Os que gravemente decidiram ser pais e se sentem genitores quando contemplam o ventre das suas mulheres... Compreenderão melhor do que eu? Fizeram-no às cegas, ao acaso. O resto foi trabalho em câmara escura e em A IDADE DA RAZÃO gelatina, como a fotografia. Isto faz-se sem eles.» Entrou no pátio e viu uma luz por baixo da porta. Era ali. Estava envergonhado.

Mathieu bateu.

— Quem é? — perguntou urna voz.

— Gostaria de falar consigo.

— Não é hora de vir a casa das pessoas.

— Venho da parte de Andrée Besnier. A porta abriu-se. Mathieu viu uma madeixa de cabelos amarelos e um nariz avantajado.

— Que é que quer? Não venha como polícia porque não me apanha. Estou em ordem. Tenho o direito de deixar a luz acesa a noite inteira, se quiser. Se o senhor é inspector, mostre-me o seu cartão.

— Não sou da Polícia — disse Mathieu. — Tenho uma complicação e disseram-me que podia procurá-la.

— Entre.

Mathieu entrou. A velha vestia calças de homem e uma blusa com fecho éclair. Era muito magra, de olhos inexpressivos e duros.

— Conhece Andrée Besnier? Encarava-o com um ar furioso.

— Sim — disse Mathieu. — Ela veio procurá-la o ano passado, nas vésperas do Natal, porque estava atrapalhada. Ficou bastante doente e a senhora foi quatro vezes à casa dela para a tratar.

— E depois?

Mathieu olhava as mãos da velha. Eram mãos de homem, de estrangulador, ásperas, gretadas, de unhas curtas e pretas, com cicatrizes e cortes. Sobre a primeira falange do polegar esquerdo havia equimoses violáceas e uma crosta negra.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu estremeceu ao pensar na carne tenra e morena de Marcelle.

— Não venho por causa dela — explicou. — Venho por causa de uma das suas amigas. A velha riu secamente.

— É a primeira vez que um homem tem o descaramento de se vir

pavonear na minha frente! Eu não quero negócios com homens, compreende?

O quarto estava sujo, em desordem. Havia caixotes em todos os cantos e palha no chão ladrilhado. Em cima de uma mesa, Mathieu viu uma garrafa de rum e um copo meio vazio.

— Vim porque a minha amiga mo pediu. Ela não pôde vir hoje e pediu-me que me entendesse consigo.

No fundo da sala via-se uma porta entreaberta. Mathieu tinha quase a certeza de que havia alguém atrás dessa porta. A velha falou:

— Essas pobres raparigas são muito tolas. Basta olhar para si para ver que é do género de tipo capaz de fazer um disparate, derrubar copos ou partir espelhos. E apesar disso elas confiam-lhes o que têm de mais precioso. Afinal têm aquilo que merecem.

Mathieu continuou correcto.

— Gostaria de ver onde costuma operar.

A velha deitou-lhe um olhar de ódio e desconfiança.

— Não faltava mais nada! Quem é que lhe diz que eu opero? Do que é que está a falar? No que é que se está a intrometer? Se a sua amiga me quiser ver, que venha. Com ela, só com ela é que me hei-de entender! Ah!, queria ver, não? Ela também quis ver, antes de se pôr entre as suas patas? O senhor fez uma burrice. Pois bem, peça a

A IDADE DA RAZÃO

Deus para eu ser mais habilidosa, é tudo o que lhe posso dizer. Adeus.

— Adeus, minha senhora — disse Mathieu.

Saiu... Sentia-se liberto de um peso. Dirigiu-se vagarosamente para a Avenida de Orleães. Pela primeira vez desde que a deixara, podia pensar em Marcelle sem angústia, sem horror, com uma terna tristeza. «Amanhã vou a casa da Sara», pensou.

II

oris olhava para a toalha de quadrados vermelhos e pensava em Mathieu Dela-rue. Pensava: «Um tipo às direitas.» A orquestra parara, a atmosfera estava azulada e as pessoas conversavam. Boris conhecia todos na salinha estreita; não era gente que vinha ali para se divertir: apareciam depois do trabalho, eram sérios e tinham fome. O negro que estava em frente de Lola era cantor no Paradise; os seis tipos com as miúdas eram músicos do Nénette. Certamente acontecera-lhes qualquer coisa, uma inesperada felicidade, talvez um contrato para o Verão (na antevéspera tinham falado vagamente de uma boíte em Constantinopla), porque tinham encomendado champanhe e normalmente eram mais sóbrios. Boris também viu a loura que dançava vestida de marinheiro no Java. O magro, alto e de óculos, que fumava um charuto, era director de um cabaré da

Rua Tholozé, que a Polícia tinha fechado. Dizia que o ia reabrir muito

J E A N-P AUL SARTRE

em breve, pois tinha protecções na alta-roda. Boris lamentava amargamente não ter lá ido, mas iria sem dúvida quando voltasse a abrir. O tipo estava com um pederasta que, de longe, parecia agradável, um louro de rosto fino, que não era muito afectado e tinha um certo encanto. Boris não gostava dos pederastas porque andavam sempre atrás dele, mas Ivich apreciava-os e dizia: «Esses, pelo menos, têm a coragem de não ser como toda a gente.» Boris tinha muita consideração pelas opiniões da irmã e fazia grandes esforços para suportar os tipos. O negro comia chucrute. Boris pensou: «Não gosto de chucrute.» Queria saber o nome do prato que tinham servido à dançarina do Java: um naco escuro que parecia bom. Havia uma mancha de vinho tinto na toalha. Uma bela mancha, dir-se-ia que a toalha era de cetim naquele lugar. Lola espalhara uma pitada de sal sobre a mancha, porque era cuidadosa. O sal estava cor-de-rosa. Não é verdade que o sal come as manchas. Tinha de dizer a Lola que o sal não come as manchas. Mas era preciso falar e Boris sentia que não podia falar. Lola estava ao seu lado, cansada e quente, e Boris não conseguiu dizer uma só palavra. Tinha a voz morta. «Eu seria assim se fosse mudo.» Era voluptuoso, a voz flutuava no fundo da garganta, suave como algodão, e não podia sair, estava morta. Boris pensou: «Gosto muito de Delarue.» E regozijou-se com isso. Tinha tido muito mais prazer se não sentisse, de todo o seu lado esquerdo, das têmporas à cintura, que Lola o olhava. Era por certo um olhar apaixonado. Lola não sabia olhar de outro modo. Era um pouco incomodativo porque os olhares apaixonados pedem, como retribuições, gestos amáveis e sorrisos; e Boris não era capaz do menor movimento.

IDADE DA RAZÃO

Estava paralisado. Só que não tinha muita importância; não tinha obrigação de ter percebido o olhar de Lola; adivinhava-o, mas isso era da sua conta. Assim como estava, com o cabelo caído sobre os olhos, não via nem um bocadinho de Lola e podia muito bem imaginar que ela olhava a sala e toda aquela gente. Não estava com sono, sentia-se à vontade e satisfeito porque conhecia todos na sala. Viu a língua rósea do negro. Boris estimava aquele negro. Uma vez, o negro descalçou-se, pegou numa caixa de fósforos com os dedos do pé, abriu-a, tirou um fósforo e acendeu-o, tudo com os pés. «Aquele tipo é formidável», pensou Boris com admiração, «toda a gente devia saber servir-se dos pés como das mãos.» Doía-lhe o seu lado esquerdo de tanto ser olhado. Sabia que se aproximava o momento em que Lola iria perguntar: «Em que estás

a pensar?» Era absolutamente impossível atrasar a pergunta; não dependia dele; Lola havia de a fazer a hora certa, como uma fatalidade.

Boris tinha a impressão de gozar um bocadinho de tempo infinitamente precioso. No fundo era agradável. Boris via a toalha, via o copo de Lola (Lola tinha ceado, nunca jantava antes do seu número de canto). Bebera Château Gruau, tratava-se bem, permitia-se uma porção de pequenos caprichos porque andava desesperada com a velhice que a ameaçava. Sobrara um resto de vinho no copo, dir-se-ia sangue empoeirado. O jazz pôs-se a tocar // the moon turns green e Boris perguntou a si próprio: «Saberei cantar esta música?» Seria agradável passear pela Rua Pigalle, ao luar, assobiando uma melodiazinha. Delarue tinha-lhe dito: «Você assobia como um porco.» Boris riu-se por dentro e pensou: «O estupor!»

Transbordava

J E A N-P AUL SARTRE

de simpatia por Mathieu. Olhou de lado sem virar a cabeça e reparou nos olhos cansados de Lola por baixo de uma sumptuosa madeixa de cabelos ruivos. No fundo, suporta-se sem grande esforço um olhar. Bastava habituar-se àquele calor peculiar que vem queimar o rosto quando se sente que alguém nos observa de modo apaixonado. Boris entregava-se docilmente aos olhares de Lola, o corpo, a nuca magra, o perfil diluído que ela tanto amava. Assim, por esse preço, podia abstrair-se profundamente em si mesmo e ocupar-se com os pensamentos miúdos e agradáveis que nasciam dentro dele.

— Em que é que estás a pensar? — perguntou Lola.

— Em nada.

— Está-se sempre a pensar em qualquer coisa.

— Não pensava em nada.

— Nem mesmo se gostas do que estão a tocar ou se gostarias de aprender a sapatear?

— Sim, em coisas como essas.

— Estás a ver? Porque é que não me dizes? Quero saber tudo o que pensas.

— Essas coisas não se dizem. Não têm importância.

— Não têm importância? Parece que só te deram uma língua para falar de filosofia com o teu professor.

Ele olhou e sorriu: «Gosto dela porque é ruiva e parece velha.»

— Que miúdo estranho — disse Lola.

Boris piscou os olhos e pôs um ar suplicante. Não gostava que falassem dele; era tão complicado. Perdia-se nessas divagações. Dir-se-ia que Lola estava colérica, mas era simplesmente porque o amava com paixão e se atormentava por causa dele. Havia momentos assim, em que era mais

IDADE DA RAZÃO

forte do que ela, em que se aborrecia sem motivo, se angustiava, contemplava Boris perdidamente, não sabia o que fazer dele e as mãos agitavam-se-lhe sozinhas. A princípio, Boris estranhara, mas aos poucos habituara-se. Lola pousou a mão na cabeça de Boris.

— Queria saber o que tens aí dentro — disse. — Faz-me medo.

— Porquê? Juro que é inocente — observou Boris a rir.

— Sim, mas não sei como explicar... vem assim, espontaneamente, eu nada posso, cada um dos teus pensamentos é uma pequena fuga.

Despenteou-lhe os cabelos.

— Não levantes a minha madeixa — disse Boris. — Não gosto que me vejam a testa.

Ele pegou-lhe na mão, acariciou-a ligeiramente e largou-a sobre a mesa.

— Estás aí muito terno — disse Lola —, penso que estás bem comigo, e, de repente, não há ninguém, pergunto a mim própria para onde fugiste.

— Estou aqui.

Lola olhava-o bem de perto. O seu rosto pálido estava desfigurado por uma generosidade triste, era precisamente o mesmo ar que tinha quando cantava Lês Écorchés. Avançava os lábios, aqueles lábios enormes de cantos caídos de que ele tinha gostado.

Desde que os sentira na boca, produziram-lhe o efeito de uma nudez húmida e febril no meio de uma máscara de gesso. Agora preferia a pele de Lola, tão branca que não parecia ser verdadeira. Lola perguntou timidamente:

— Tu não te chateias comigo?

— Nunca me chateio.

J E A N-P AUL SARTRE

Lola suspirou e Boris pensou, com satisfação: «É engraçado como ela parece velha; não diz a idade, mas deve seguramente andar pelos quarenta.» Gostava que as pessoas que tinham afeição por ele parecessem velhas. Achava isso reconfortante, dava-lhe uma certa segurança. Além disso, dava-lhe uma espécie de fragilidade terrível, que não se revelava a princípio porque todos tinham a pele curtida como couro. Teve vontade de beijar o rosto atormentado de Lola, pensou que ela estava acabada, que tinha estragado a sua vida e ficara só, mais só ainda, talvez, desde que o amava: «Não posso fazer nada por ela», disse consigo mesmo, resignado. Achava-a, naquele instante, muito simpática.

— Tenho vergonha — disse Lola. A voz era pesada e sombria como uma cortina de veludo vermelho.

— De quê?

– És uma criança. Ele disse:
– Divirto-me quando dizes criança. É uma linda palavra na tua boca. Tu dizes duas vezes criança em Lês Ecorcbés. Só por isso iria ouvir-te. Havia muita gente esta noite?
– Uma cambada vinda nem sei de onde. E que tagarelava sem parar. Tinham tanta vontade de me ouvir como de se enforcar. Sarrunyan teve de mandá-los calar. Fiquei chateada, sabes, tinha a sensação de estar a ser indiscreta. Mesmo assim aplaudiram quando entrei.
– É normal.
– Oh!, estou farta – disse Lola. – Desgosta-me cantar para estes idiotas. Gente que aparece porque precisa de retribuir um convite e não pode receber em casa. Se os vis-
A IDADE DA RAZÃO
sés chegar cheios de sorrisos; curvam-se, seguram a cadeira da mulher enquanto ela se senta. Evidentemente, atrapalhamo-los e quando surgimos medem-nos dos pés à cabeça. Boris – disse bruscamente Lola –, eu canto para viver.
– Já sei.
– Se imaginasse que iria acabar assim, nunca teria começado.
– Mas quando cantavas no music-hall, também vivias do canto.
– Não era a mesma coisa.
Houve um silêncio, e Lola apressou-se a acrescentar:
– Sabes, o tipo que canta depois de mim, o novo, falei com ele esta noite. É delicado, mas é tão russo como eu.
«Ela pensa que me aborrece», pensou Boris. Prometeu a si próprio dizer-lhe de uma vez para sempre que ela nunca o aborrecia. Mas não hoje, noutro dia.
– Talvez ele tenha aprendido russo.
– Mas tu – disse Lola – poderias dizer-me se ele tem boa pronúncia.
– Os meus pais saíram da Rússia em 17, tinha eu três meses.
– É engraçado que tu não saibas russo – concluiu Lola, sonhadora.
«Ela é extraordinária», pensou Boris, «tem vergonha de me amar porque é mais velha do que eu. Acho isso muito natural, um tem de ser mais velho do que o outro.» Era mais de acordo com a moral. Boris não poderia amar uma mulher da sua idade. Se ambos são jovens, não sabem como se hão-de conduzir, hesitam, têm a impressão de andar a brincar aos jantarzinhos. Com as pessoas maduras, não. São sabidas, sabem orientar-se e o seu amor é consistente.
J E A N-P AUL SARTRE
Quando Boris estava junto de Lola, tinha a aprovação da própria consciência, sentia-se justificado. Naturalmente preferia a companhia de Mathieu, porque Mathieu não era uma simples mulher. Um homem é mais interessante. E depois,

Mathieu explicava-lhe coisas. Boris perguntava a si próprio se Mathieu lhe teria amizade. Mathieu era indiferente e brutal. Claro que entre homens não deve haver sentimentalismos, mas há muitas maneiras de mostrar que se gosta e Mathieu já poderia ter tido um gesto que revelasse a sua amizade. Mathieu não era assim com Ivich. Boris recordou de repente o rosto de Mathieu num dia em que ele ajudara Ivich a vestir o casaco; sentiu um aperto desagradável no coração. O sorriso de Mathieu: naquela boca amarga que tanto agradava a Boris, aquele estranho sorriso envergonhado e terno. Mas logo a cabeça de Boris se encheu de fumo e ele não pensou em mais nada.

— Ei-lo a sonhar de novo — murmurou Lola. Ela olhava-o com ansiedade. — No que é que estás a pensar?

— Em Delarue — disse Boris, aborrecido. Lola sorriu tristemente.

— Não poderias de vez em quando pensar também um pouco em mim?

— Não preciso de pensar em ti, tu estás aí.

— Porque pensas em Delarue? Gostarias de estar com ele?

— Estou contente de estar aqui.

— Estás contente de estar aqui ou de estar comigo?

— E a mesma coisa.

— Para ti é, não para mim. Quando eu estou contigo pouco me importa que seja aqui ou ali. Aliás eu nunca me sinto contente quando estou contigo.

IDADE DA RAZÃO

— Não? — indagou Boris surpreso.

— Não, não é contentamento. Não te faças parvo, sabes muito bem o que é isso; já te vi com Delarue, não sabes onde é que te hás-de meter quando ele aparece.

— Não é a mesma coisa.

Lola aproximou dele o seu belo rosto arruinado; parecia implorar.

— Olha para mim, tonto, porque é que gostas tanto dele?

— Não sei. Não é bem assim. É um amigo notável, Lola, mas incomoda-me falar-te dele, porque já me disseste que não podes suportá-lo.

Lola teve um sorriso contrafeito.

— Olha como ele se defende! Mas, querido, eu não te disse que não podia suportá-lo. Só não percebi o que é que viste nele de extraordinário. Explica-me, eu só quero compreender.

Boris pensou: «Não é verdade, mais três palavras e ela vai começar a tossir.»

— Acho-o simpático — disse com prudência.

— É o que dizes sempre. Não seria exactamente essa palavra que eu escolheria. Diz-me que ele parece inteligente, que é culto, está bem; mas não é simpático. Enfim, é impressão minha. Para mim um tipo simpático é um amigo do género do Maurice, um tipo

assim agradável, mas ele não põe as pessoas à vontade porque não é carne nem é peixe; engana as pessoas. Repara nas mãos dele.

— Que é que têm as mãos? Eu gosto delas.

— São mãos grosseiras de operário. Tremem sempre ligeiramente, como se acabasse de fazer força.

— Por isso mesmo.

J E A N-P AUL SARTRE

— Sim, mas é que ele não é operário. Quando o vejo agarrar no copo de uísque, há qualquer coisa de duro e irónico, de que eu não desgosto, mas depois é preciso não o ver beber com aquela boca esquisita de pastor protestante. Não posso explicar, acho-o austero e, se lhe observarmos os olhos, vê-se logo que é culto, que é o tipo que não gosta de nada simplesmente, nem de beber, nem de comer, nem de dormir com uma mulher; deve reflectir sobre tudo; é como a voz dele, uma voz cortante de senhor que nunca se engana. Eu sei que é a profissão que exige isso, quando se ensina: eu tinha um professor que falava como ele, mas já não estou na escola, e isso irrita-me. Compreendo que se possa ser uma coisa ou outra, um bruto ou uma pessoa distinta, professor, pastor, mas não as duas ao mesmo tempo. Não sei se há mulheres a quem isso agrade, deve haver, mas digo-te francamente que me repugnava que um tipo assim me tocasse, não gostaria de sentir sobre mini essas mãos de lutador e ser trespasada pelo seu olhar glacial.

Lola respirou fundo. «Que complicação», pensou Boris. Mas sentia-se tranquilo. As pessoas que gostavam dele não eram obrigadas a gostar umas das outras, e Boris achava natural que cada uma delas o tentasse afastar das outras.

— Compreendo-te muito bem — continuou Lola conciliadora —, não o vês com os meus olhos. Como ele foi bom professor, estás influenciado; bem o percebo numa data de coisas; por exemplo, tu, que és tão severo com a maneira como as pessoas se vestem, que nunca as achas muito elegantes, não te incomodas quando se trata dele, que anda sempre tão mal arranjado, que usa gravatas que o empregado do meu hotel não usaria.

A IDADE DA RAZÃO

Boris estava entorpecido e passivo. Explicou:

— Quando as pessoas não se preocupam em andar bem vestidas, não tem importância que não se seja elegante. O que é ridículo é querer dar nas vistas e não o conseguir.

— Tu consegues, não é?

— Eu sei escolher o que me convém — disse Boris com modéstia. Pensou que estava com uma camisola azul de gola alta com o ponto grosso e ficou satisfeito; uma linda camisola. Lola pegara-lhe na mão e fazia-a saltar entre as suas. Boris olhou a mão que saltava e pensou: «Não parece minha, parece uma

filho.» Já não a sentia. Isso divertiu-o e ele ergueu um dedo para a fazer viver. O dedo roçou a palma de Lola e ela olhou-o com gratidão. «É isto que me intimida», pensou Boris com irritação. Disse para si próprio que lhe seria mais fácil mostrar-se terno com Lola se ela não insistisse naquelas expressões de humildade. Quanto a deixar que uma mulher já madura lhe acariciasse a mão em público, não o perturbava de forma alguma. Há muito que ele pensava estar predestinado a isso. Mesmo quando estava só, no metro, por exemplo, as pessoas olhavam-no escandalizadas e as costureirinhas que saíam do trabalho riam-se-lhe na cara. Lola disse de repente: – Não me chegaste a dizer porque o achavas tão «bem».

Ela era assim, não sabia parar quando começava. Boris tinha a certeza de que ela se mortificava, mas no fundo, devia gostar disso. Contemplava-a: o ar estava azulado em volta dela e o rosto era de um cinza-pálido. Mas os olhos permaneciam febris e duros.

– Diz lá porquê?

J E A N-P AUL SARTRE

– Porque é um homem às direitas. Oh! – gemeu Boris –, estás a chatear-me. Ele não se prende a coisa nenhuma.

– E tu achas bem não se prender a coisa nenhuma? Tu não te prendes a nada?

– A nada.

– Nem um bocadinho a mim?

– Ah! A ti sim.

Lola pareceu infeliz e Boris voltou a cabeça. Não gostava de a ver quando ela tinha aquela expressão. Ela mortificava-se, e ele achava isso estúpido, mas não podia fazer nada. Fazia tudo o que dependia dele. Era fiel a Lola, telefonava-lhe sempre, ia buscá-la três vezes por semana à saída do Sumatra, e então dormia em casa dela. Quanto ao resto, era uma questão de génio, provavelmente. De idade, também; os velhos eram amargos, como se a sua vida estivesse sempre em jogo. Uma vez, quando Boris era pequeno, deixara cair a colher; mandaram-no apanhá-la e ele recusara-se, obstinadamente. Então o pai dissera-lhe com uma atitude majestosa, inesquecível: «Pois bem, eu é que vou apanhá-la.» Boris vira um corpo alto curvar-se com rigidez, uma cabeça calva. Ouvira um ranger de ossos. Era um sacrilégio intolerável e ele desatara a soluçar. Desde então, Boris considerava os adultos como divindades volumosas e impotentes. Se se baixavam, tinha-se a impressão de que se iam partir, se davam um passo em falso e se se estendiam no chão, ficava-se colocado num dilema, de um lado a vontade de rir, de outro um certo temor religioso. E se as lágrimas lhes subiam aos olhos, como em Lola naquele momento, não sabia onde se enfiar. Lágrimas de adulto eram urna

catástrofe mística, qualquer

DADE DA RAZÃO

coisa como o choro de Deus sobre a maldade do homem. Sob outro ponto de vista, naturalmente apreciava Lola por ser tão apaixonada. Mathieu explicava-lhe que as pessoas deviam ter paixões, e Descartes também o dizia.

— Delarue tem paixões — disse, continuando a pensar em voz alta. — Isso não o impede de não se prender a nada. É livre.

— Pois então eu também sou livre, só estou presa a ti. Boris não respondeu.

— Eu não sou livre? — perguntou Lola.

— Não é bem a mesma coisa.

É demasiado difícil de explicar. Lola era urna vítima, não tinha sorte, e era muito comovente. Tudo aquilo não a favorecia. E depois armava-se em heroína. Até certo ponto estava certo. Boris conversara com Ivich, e ambos tinham concordado que estava certo. Mas dependia da maneira como se encarava a coisa: se se faz para se destruir, por desespero ou para afirmar a própria liberdade está certo, só merece elogios. Mas Lola fazia-o com um certo abandono, aliás ávido. Nem sequer estava intoxicada.

— Fazes-me rir — disse Lola secamente. — Sempre a mesma mania de colocar Delarue acima dos outros, por princípio. Aqui entre nós, pergunto: quem é mais livre, ele ou eu? Ele está sossegado, bem instalado, tem ordenado fixo, aposentação garantida, vive como um funcionário. E ainda por cima essa ligação de que me falaste, essa mulher que não sai de casa. Como liberdade não há melhor! Eu só tenho os meus trapos, vivo no hotel, sozinha, nem sequer sei se serei contratada no Verão.

— Não é a mesma coisa — repetiu Boris.

J E A N-P AUL SARTRE

Ele estava irritado. Lola pouco se importava com a liberdade. Entusiasmara-se nessa noite porque queria vencer Mathieu no seu próprio terreno.

— Tenho vontade de te matar quando ficas assim. Então, porque é que não é a mesma coisa?

— Tu és livre sem querer — explicou Boris. — É assim. Ao passo que Mathieu é-o voluntariamente, racionalmente.

— Não consigo compreender... — disse Lola sacudindo a cabeça.

— Está-se nas tintas para a casa? Vive lá como viveria noutro lugar qualquer. E penso que ele também se está nas tintas para a mulher. Fica com ela porque precisa de dormir com alguém. A liberdade dele não se vê, está dentro dele.

Lola parecia ausente; ele teve vontade de a fazer sofrer um pouco. Acrescentou:

— Estás muito agarrada a mim. Ele nunca se deixaria prender

assim.

— Ah! — gritou Lola magoada —, estou muito agarrada a ti? Estúpido. E achas que ele não gosta da tua irmã? Bastava olhá-lo, no outro dia, no Sumatra.

— Da Ivich? Magoas-me.

Lola riu com sarcasmo e a cabeça de Boris repentinamente encheu-se de fumo. Passou-se algum tempo, o jazz tocava agora St. James Infirmary, e Boris teve vontade de dançar.

— Vamos dançar.

Dançaram. Lola fechava os olhos e ele ouvia a sua curta respiração. O pederasta levantara-se e fora convidar a dançarina do Java. Boris pensou que ia vê-lo de perto e ficou contente. Lola pesava nos seus braços. Dançava

A IDADE DA RAZÃO

bem e tinha um perfume gostoso, mas era pesada. Boris pensou que preferia dançar com Ivich. Esta dançava admiravelmente bem. Pensou: «Ivich deveria aprender a sapatear.» Depois não pensou mais nada por causa do perfume de Lola. Apertou-a nos braços e respirou fortemente. Ela abriu os olhos e olhou-o atentamente.

— Gostas de mim?

— Gosto — disse Boris com uma careta.

— Porque é que fazes essa cara?

— Porque me perturbas.

— Porquê? Não é verdade então que gostas de mim?

—É

— Porque não dizes isso espontaneamente? É sempre preciso que eu to pergunte.

— Porque não me ocorre. Acho que essas coisas não se dizem.

— Desagrada-te quando digo que te amo?

— Não, podes dizê-lo, se isso te apetece, mas não deves perguntar-me se te amo.

— Querido, é tão raro perguntar-te alguma coisa. A maior parte das vezes, basta-me olhar e sentir que te amo. Mas há momentos em que é o teu amor que eu quero.

— Compreendo — disse Boris com seriedade. — Mas deverias esperar que isso acontecesse. Se não é espontâneo, não tem sentido.

— Mas, meu tonto, se tu próprio dizes que não te lembras disso senão quando eu to pergunto! Boris riu.

— É verdade, fazes-me dizer asneiras. Pode ter-se um grande sentimento por alguém e não ter vontade de dizer nada.

J E A N-P AUL SARTRE

Lola não respondeu. Pararam e aplaudiram, e a música recomeçou. Boris viu com satisfação que o pederasta se aproximava deles dançando. Mas quando o pôde examinar de perto, desiludiu-se: tinha pelo menos quarenta anos.

Conservava no rosto o verniz da juventude e envelhecera por baixo. Tinha grandes olhos azuis de boneca e uma boca infantil, mas sob os olhos de porcelana havia rugas, bem como em torno da boca: as narinas eram finas como se estivessem agonizantes, e os cabelos, que, de longe, se assemelhavam a um halo dourado, mal lhe escondiam o crânio. Boris contemplou com horror aquela velha criança sem barba. «Já foi jovem», pensou. Havia tipos que pareciam feitos para ter trinta e cinco anos – Mathieu, por exemplo – porque nunca tinham tido adolescência. Mas quando um tipo fora realmente jovem ficava marcado para o resto da vida. Aguentava até aos vinte e cinco anos. Depois... era horrível. Pôs-se a olhar para Lola e bruscamente disse-lhe:

– Lola, olha para mim. Amo-te. Os olhos de Lola ficaram vermelhos, pisou os pés de Boris. Disse apenas:

– Querido.

Ele teve vontade de gritar: «Aperta-me com mais força, faz-me sentir que te amo!» Mas Lola não dizia nada, estava sozinha agora, era a sua vez. Sorria vagamente, baixara as pálpebras, e o seu rosto fechara-se sobre a sua felicidade. Um rosto calmo e deserto. Boris sentiu-se abandonado e o pensamento desagradável invadiu-o de novo: «Não quero, não quero envelhecer.» No ano passado estava sossegado, nunca pensava nessas coisas. Agora era sinistro, sentia a cada passo a mocidade escorregar-lhe entre os dedos. Até

IDADE DA RAZÃO

aos vinte e cinco anos. «Tenho ainda cinco à minha frente», pensou. «Depois estoiro os miolos.» Já não podia suportar aquela música e aquela gente. Disse:

– Vamos para casa?

– Vamos já, querido.

Voltaram para a mesa. Lola chamou o empregado e pagou. Pôs a capa de veludo sobre os ombros.

– Vamos.

Saíram. Boris já não pensava em nada, mas sentia-se sinistro.

A Rua Blanche estava cheia de tipos velhos e duros.

Encontraram o maestro Piranese, do Chat Botté, e cumprimentaram-no. As suas pernas pequeninas mexiam-se sob o ventre rechonchudo. «Eu também, talvez, vá ter barriga.» Não se poder ver ao espelho, sentir os próprios gestos secos e quebradiços como se fosse de madeira morta... E cada instante vivido usava um pouco mais a sua mocidade. «Se ao menos pudesse poupar-me, viver devagar, ao ralenti, talvez ganhasse alguns anos. Mas para isso era preciso que não me deitasse todas as noites às duas horas.» Olhou para Lola com ódio. «Ela mata-me.»

– Que é que tens? – perguntou Lola.

— Nada.

Lola morava num hotel da Rua Navarin. Tirou a chave do cacifo e subiram em silêncio. O quarto estava nu. A um canto uma mala coberta de etiquetas e na parede do fundo uma fotografia de Boris, presa com punaises. Era uma fotografia de passe, que Lola mandara ampliar. «Isto ficará», pensou Boris, «quando eu for uma ruína. Aqui hei-de parecer eternamente jovem.» Teve vontade de rasgar a fotografia.

— Estás sinistro — disse Lola —, que é que se passa?

J E A N-P AUL SARTRE

— Estou exausto, com dores de cabeça. Lola mostrou-se inquieta.

— Não estás doente, não, querido? Queres um comprimido?

— Não, já está a passar.

Lola agarrou-lhe no queixo e levantou-lhe a cabeça.

— Parece que me tens raiva. Não me queres mal, pois não? Não gostas de mim. Que é que te fiz?

— Não tenho nada, és tonta — protestou Boris molemente.

— Estás zangado, sim. Mas que é que eu fiz? Devias dizer, porque assim eu poderia explicar-te. Deve ser um mal-entendido. Não deve ser irremediável. Por favor, Boris, diz-me o que se passa.

— Mas não se passa nada!

Pôs os braços em volta do pescoço de Lola e beijou-a na boca.

Lola estremeceu. Boris respirava o hálito perfumado e sentia de encontro aos lábios uma nudez húmida. Estava perturbado.

Lola cobriu-lhe o rosto de beijos. Arquejava um pouco.

Boris sentiu que desejava Lola e ficou satisfeito. O desejo aspirava-lhe as ideias sombrias, como aliás todas as ideias.

Houve um redemoinho na sua cabeça e ela esvaziou-se rapidamente. Tinha a mão na anca de Lola e sentia a carne através do vestido de seda. Ele era agora apenas aquela mão sobre uma carne de seda. Crispou levemente a mão e a seda deslizou-lhe sob os dedos como uma pele fina, acariciante e morta; a pele verdadeira resistiu por baixo, elástica, fria como uma luva de camurça. Lola atirou a capa sobre a cama e os seus braços apareceram nus, enrolaram-se no pescoço de Boris; ela cheirava bem. Boris

DADE DA RAZÃO

via-lhe as axilas raspadas e marcadas de pontinhos azulados, minúsculos e duros. Dir-se-iam espinhos profundamente enterrados. Boris e Lola permaneceram de pé naquele mesmo lugar em que o desejo os apanhara, porque não tinham forças para se afastar. As pernas de Lola puseram-se a tremer e Boris perguntou a si próprio se não iriam estender-se ali no tapete... Apertou Lola contra o peito e sentiu a doçura espessa dos seios.

— Ah! — murmurou Lola.

Ela inclinou-se para trás e ele estava fascinado por aquela cabeça pálida de lábios carnudos, uma cabeça de Medusa.

Pensou: «São os seus últimos dias de sol.» E apertou-a mais fortemente. «Uma destas manhãs ela ir-se-á abaixo de repente.»

Já não a odiava; sentia-se nela, rígido e magro, todo músculos, envolvia-a nos seus braços e protegia-a contra a velhice. Depois teve uns momentos de sono e desvario: olhou os braços de Lola, brancos como os cabelos de uma velha, pareceu-lhe segurar a velhice nas mãos e que devia apertá-la com toda a força até a abafar.

— Como tu me apertas — gemeu Lola, feliz. — Magoas-me.

Quero-te.

Boris desenhencilhou-se; estava um pouco chocado.

— Dá-me o pijama. Vou despir-me à casa de banho.

Entrou e fechou a porta à chave. Detestava que Lola entrasse enquanto se despia. Lavou o rosto e os pés e divertiu-se a pôr talco nas pernas. Estava completamente calmo. Pensou: «E engraçado.» Tinha a cabeça pesada e no entanto vazia, não sabia exactamente no que pensava. «Preciso de falar com Delarue.» Do outro lado da porta ela esperava-o, de certeza que já estava nua. Mas ele não

J E A N-P AUL SARTRE

tinha pressa. Um corpo nu, cheio de odores nus, uma coisa terrível, era o que Lola não compreendia. Ia ser necessário, agora, deslizar até ao fundo de uma sensualidade pesada, de gosto forte. Uma vez que começava, ia bem, mas antes era impossível não ter medo. «Em todo o caso», pensou com irritação, «não vou perder a cabeça como das outras vezes.» Penteou-se cuidadosamente por cima da bacia para verificar se lhe estavam a cair os cabelos. Mas não viu um só sobre o esmalte branco. Vestiu o pijama, abriu a porta e entrou no quarto.

Lola estava estendida na cama, inteiramente nua. Era uma Lola diferente, preguiçosa e temível, e espiava-o através dos olhos semicerrados. O corpo sobre a coberta azul era prateado como a barriga de um peixe, com um triângulo de pêlos ruivos. Era bela. Boris aproximou-se da cama e encarou-a com um misto de perturbação e de desprazer. Ela estendeu-lhe os braços.

— Espera — disse Boris.

Apagou a luz. O quarto ficou inteiramente vermelho, pois sobre o prédio em frente tinham colocado um anúncio luminoso. Boris deitou-se perto de Lola e pôs-se a acariciar-lhe os ombros e os seios. Ela tinha a pele doce, tão doce, que parecia ter conservado o vestido de seda. Os seios eram um pouco moles, mas Boris gostava deles assim: eram seios de alguém que vivera. Não adiantara apagar a luz, por causa do maldito

anúncio luminoso; continuava a ver o rosto de Lola, pálido dentro do vermelho. Os lábios escuros. Ela parecia sofrer, os olhos eram duros. Boris sentiu-se pesado e trágico, exactamente como em Nîmes, quando o primeiro touro entrou na arena. Ia acontecer alguma coisa, alguma coisa de inevi-

A IDADE DA RAZÃO

tável, terrível e pesada, como a morte sanguinolenta do touro.

— Tira o pijama — suplicou Lola.

— Não — disse Boris.

Era um ritual. Todas as vezes Lola lhe pedia que tirasse o pijama e Boris recusava. As mãos de Lola enfiaram-se por baixo do casaco e começaram a acariciá-lo devagar. Boris riu.

— Fazes-me cócegas.

Beijaram-se. Daí a um bocado, Lola pegou na mão de Boris e pô-la sobre o tufo de pêlos ruivos. Tinha sempre umas exigências estranhas, e Boris era obrigado a recusar às vezes. Ele deixou durante algum tempo a mão pender, inerte, junto das coxas de Lola. Depois levantou-a docemente até aos ombros.

— Vem — disse Lola, atraindo-o a ela —, adoro-te. Vem, vem...

Não demorou muito a gemer e Boris pensou: «Pronto, vou perder a cabeça.» Uma onda pastosa subia-lhe dos rins à nuca..

— Não quero — murmurou Boris, cerrando os dentes. Mas pareceu-lhe repentinamente que o erguiam pelo pescoço como um coelho, e abandonou-se sobre o corpo de Lola e tudo girou num estremecimento vermelho e voluptuoso.

— Querido — disse Lola.

Ela fê-lo deslizar suavemente para o lado e saiu da cama.

Boris ficou aniquilado, com a cabeça no travesseiro. Ouviu Lola abrir a porta da casa de banho e pensou: «Quando romper com ela, serei casto, já não quero mais histórias. É repugnante o amor. Não é bem repugnante, mas tenho horror a perder a cabeça. Não se sabe o que

J E A N-P AUL SARTRE

se faz, sentimo-nos dominados; e depois, que adianta escolher uma mulher, será a mesma coisa com todas. É fisiológico.»

Repetiu com asco: «Fisiológico.» Lola arranjava-se para dormir. O ruído da água era agradável e inocente. Boris ouviu-o com prazer. Os alucinados sedentos do deserto ouviam ruídos semelhantes, ruídos de fonte. Boris tentou imaginar que era um alucinado sedento. O quarto, a luz vermelha, o barulho da água eram alucinações, ia encontrar-se em pleno deserto, deitado sobre a areia, com um capacete de cortiça sobre os olhos. O rosto de Mathieu surgiu de repente: «É engraçado», pensou, «prefiro os homens às mulheres, nunca me sinto tão feliz como quando estou ao lado de um homem. No entanto, não desejaria dormir com um tipo.» Ficou contente: «Hei-de ser um monge quando deixar Lola.» Sentiu-se seco e puro. Lola saltou

para a cama e tomou-o nos braços.

Acariciou-lhe os cabelos e houve um longo momento de silêncio. Boris já começava a ver girarem as estrelas, quando Lola se pôs a falar. A voz era estranha dentro da noite vermelha.

— Boris, só te tenho a ti. Estou sozinha, tens de me amar, eu só penso em ti. Se penso na minha vida, tenho vontade de me atirar à água, tenho de pensar em ti o dia inteiro. Não sejas cruel, meu amor, nunca me faças mal, és tudo o que eu tenho. Estou nas tuas mãos, querido, não me faças mal. Estou sozinha! Boris acordou sobressaltado e encarou a situação com nitidez. — Se estás sozinha é porque gostas — afirmou com voz clara —, é porque és orgulhosa. Se não fosse assim

IDADE DA RAZÃO

gostarias de um tipo mais velho do que eu. Eu sou demasiado jovem e não te posso impedir de estares só. Tenho a impressão de que me escolheste por causa disso.

— Não sei — disse Lola. — Amo-te apaixonadamente. É tudo o que sei.

Ela abraçou-o furiosamente. Boris ainda a ouviu dizer «Adoro-te», e adormeceu.

111

v.

erão. O ar era quente e denso. Mathieu caminhava pelo meio da rua sob um céu de um azul límpido. Agitava os braços como se abrisse pesadas cortinas de ouro. O Verão. O Verão dos outros. Para ele um dia sombrio ia começar, um dia que iria arrastando até à noite, um enterro ao sol. Uma direcção. Dinheiro. Ia ser preciso correr por todos os lados. Sarah dar-lhe-ia a direcção. Daniel emprestaria o dinheiro. Ou Jacques. Tinha sonhado que era um assassino e um resto do sonho ficara-lhe nos olhos sob a luz ofuscante. Rua Delambre, 16. Era ali. Sarah morava no sexto andar e naturalmente o elevador não funcionava. Mathieu subiu a pé. Por trás das portas fechadas, mulheres arranjavam as casas. De avental, com uma toalha apertada em volta da cabeça. Para elas o dia também ia começar. Que dia? Mathieu estava ligeiramente ofegante quando tocou. Pensou: «Devia fazer ginástica.» Depois, aborrecido: «Digo

J E A N-P AUL SARTRE

isto cada vez que subo uma escada.» Ouviu uns passos miúdos.

Um homenzinho calvo, de olhos claros, abriu, sorridente.

Mathieu reconheceu-o, era um alemão emigrado, já o vira várias vezes no Dome sorvendo deliciado o seu café com leite ou inclinado sobre o tabuleiro de xadrez, chocando as peças com os olhos e lambendo os lábios grossos.

— Desejava falar com Sarah — disse Mathieu. O homenzinho pôs-se sério e bateu os calcanhares. Tinha as orelhas roxas.

— Weysmuller — disse com firmeza.

— Delarue — respondeu Mathieu sem ligar. O homenzinho voltou a sorrir amavelmente.

— Entre, entre. Ela está lá em baixo, no estúdio. Vai ficar muito satisfeita.

Fê-lo entrar no vestíbulo e desapareceu a correr. Mathieu empurrou a porta envidraçada e penetrou no estúdio de Gomez. Parou no patamar interno, ofuscado pela luz intensa que entrava pelas grandes janelas empoeiradas. Mathieu fechou os olhos. Doía-lhe a cabeça.

— Quem é? — perguntou Sarah.

Mathieu debruçou-se no corrimão. Sarah estava sentada no sofá, de quimono amarelo, via-lhe a cabeça sob os cabelos ralos e espetados; uma vela ardia diante dela: uma cabeça ruiva de braquicéfalo... «É Brunet», pensou Mathieu contrariado. Não o via há seis meses, mas não sentia prazer nenhum em encontrá-lo ali. Era um obstáculo, tinham muita coisa a dizer um ao outro, havia uma amizade agonizante entre eles. E Brunet trazia consigo o ar de fora, um universo sadio, estreito e obstinado de revoltas e violências, de trabalho manual, de esforços pacientes, de disci-

IDADE DA RAZÃO

plina. Não precisava de ouvir o vergonhoso segredinho de alcova que Mathieu ia confiar a Sarah. Sarah levantou a cabeça e sorriu.

— Bom dia, bom dia! — disse.

Mathieu sorriu também. Via de cima aquele rosto achatado e sem graça, minado pela bondade, e mais abaixo os seios pesados e moles, meio à mostra através do quimono.

Apressou-se em descer.

— Que é que o traz por cá? — perguntou Sarah.

— Preciso de lhe pedir uma coisa. O rosto de Sarah corou de satisfação.

— Tudo o que quiser.

E acrescentou encantada com o prazer que esperava dar:

— Sabe quem está cá?

Mathieu voltou-se para Brunet e apertou-lhe a mão. Sarah olhava-os ternamente.

— Viva, velho traidor social — disse Brunet.

Apesar de tudo, Mathieu sentiu-se satisfeito de ouvir aquela voz. Brunet era grande e sólido, com um rosto de camponês. Não parecia muito amável.

— Viva — disse Mathieu. — Pensei que tivesses morrido.

Brunet riu sem responder.

— Sente-se ao pé de mim — disse Sarah com avidez.

Ia fazer-lhe um favor, sabia-o. Agora era portanto propriedade sua. Mathieu sentou-se. O pequenino Pablo brincava por baixo

da mesa com cubos de cartão.

– E Gomez? – perguntou Mathieu.

– Sempre o mesmo. Está em Barcelona.

– Teve notícias dele?

J E A N-P A U L SARTRE

– Na semana passada. Conta as suas proezas – respondeu Sarah com ironia.

Os olhos de Brunet brilharam.

– Sabe que ele foi promovido a coronel?

Coronel. Mathieu pensou no tipo da véspera e a garganta apertou-se-lhe. Gomez partira. Um dia soubera da queda de Irun no Paris-Soir. Passara muito tempo no estúdio, com os dedos enfiados na cabeleira negra. Depois descera sem chapéu nem sobretudo, como se fosse comprar cigarros ao Dome. Não voltara. A sala ficara no estado em que ele a deixou: uma tela inacabada no cavalete, uma lâmina de cobre semigravada sobre a mesa, no meio de frascos de ácidos. O quadro e a gravura representavam a Senhora Stimson. No quadro, ela estava nua. Mathieu recordou-a bêbeda e magnífica, cantando com voz áspera nos braços de Gomez. Pensou: «Ele procedia mal com Sarah.»

– Foi o ministro quem lhe abriu a porta? – pergunto Sarah alegremente.

Não queria falar de Gomez. Perdoara-lhe tudo, as traições, as fugas, a maldade. Mas aquilo não. A partida para a Espanha, não. Partira para matar outros homens. Matara outros homens. Para Sarah a vida humana era sagrada.

– Que ministro? – indagou Mathieu espantado.

– O ratinho de orelhas vermelhas é um ministro – disse Sarah com um orgulho ingênuo. – Pertenceu ao governo socialista de Munique em 22. Agora morre de fome.

– E está claro que você o recolheu. Sarah pôs-se a rir.

– Veio para cá com a mala. Não, a sério, não tem para onde rir. Puseram-no fora do hotel porque não podia pagar.

A IDADE DA RAZÃO

Mathieu contou pêlos dedos.

– Com Annia, Lopez e Santi são quatro pensionistas.

– Annia vai-se embora – disse Sarah, como que a desculpar-se.

– Arranjou trabalho.

– E incrível – murmurou Brunet.

Mathieu sobressaltou-se e voltou-se para ele. A indignação de Brunet era pesada e calma; olhava Sarah com o seu ar de camponês e repetia:

– E incrível.

– O quê? Que é que é incrível?

– Ah! – disse Sarah com vivacidade, pousando a mão no braço de Mathieu. – Venha em meu socorro, meu caro Mathieu.

– Isso não interessa a Mathieu – disse Brunet a Sarah com ar

de descontentamento. Ela já não o escutava.

— Ele quer que eu mande embora o meu ministro — disse Sarah, chorosa.

— Mandar embora?

— Diz que é um crime conservá-lo aqui.

— Sarah exagera — disse tranquilamente Brunet. Voltou-se para Mathieu e explicou contrariado:

— Temos más informações acerca desse tipo. Parece que há uns seis meses rondava os corredores da Embaixada da Alemanha. Não é preciso ser muito esperto para imaginar o que poderia lá fazer um judeu emigrado.

— Vocês não têm provas — observou Sarah.

— Não, não temos provas. Se tivéssemos, ele não estaria aqui. Mas mesmo que se trate de meras suposições, Sarah mostra-se de uma imprudência louca.

— Porquê? Porquê? — exclamou Sarah com paixão.

J E A N-P AUL SARTRE

— Sarah — disse Brunet com ternura —, você faria com que Paris fosse pelos ares para evitar um aborrecimento aos seus protegidos.

Sarah sorriu levemente.

— Não é bem assim, mas é certo que não sacrificarei Weysmuller às intrigas do seu partido. É... é tão abstracto um partido.

— E exactamente o que eu dizia — afirmou Brunet. Sarah sacudiu violentamente a cabeça. Gorara e os seus olhos verdes humedeceram-se.

— O meu ministro! — disse com indignação. — Você viu-o, Mathieu. Diga-me lá se ele é capaz de matar uma mosca!

A calma de Brunet era grande. A calma do mar. Era entorpecente e exasperante. Não parecia ser um só homem, tinha a vida lenta, silenciosa e murmurante de uma multidão. Explicou:

— Gomez manda-nos por vezes comunicações. Vem aqui, e aqui nos encontramos; bem sabes que tais comunicações são confidenciais. Portanto, seria este o lugar indicado para instalar um tipo que tem reputação de espião?

Mathieu não respondeu. Brunet empregara a forma interrogativa, mas era uma afirmação; não lhe perguntava a sua opinião. Há muito que Brunet deixara de pedir conselhos de qualquer espécie a Mathieu.

— Mathieu, fica como testemunha! Se expulsar Wey-muller, ele vai atirar-se ao Sena. Posso realmente levar um homem ao suicídio por causa de uma simples suspeita? — acrescentou Sara com desespero.

Levantou-se, horrível e triunfante. Fazia nascer em Mathieu a cumplicidade que se esboça, que se sente

IDADE DA RAZÃO

perante os esmagados, as vítimas de acidentes, os indivíduos que exibem feridas desagradáveis.

— A sério? — perguntou. — Vai atirar-se ao Sena?

— Vai agora! — disse Brunet. — Voltará para a Embaixada da Alemanha e tentará vender-se de uma vez.

— E o mesmo — disse Mathieu. — De qualquer maneira está liquidado.

Brunet encolheu os ombros.

— Sim — disse com indiferença.

— Está a ouvir, Mathieu? — gritou Sarah com angústia. — Quem é que tem razão? Diga alguma coisa.

Mathieu nada tinha a dizer, Brunet não lhe perguntava nada, não se preocupava com a opinião de um burguês, de um intelectual sujo, de um cão de guarda. «Ele vai ouvir-me com uma cortesia gelada, e ficará na mesma. Vai julgar-me pelo que eu disser, é tudo.» Mathieu não queria que Brunet o julgasse. Em tempos, por princípio, nenhum dos dois julgava o outro. «A amizade não suporta a crítica», dizia então Brunet. «E feita de confiança.» Talvez o dissesse ainda. Mas agora era nos camaradas do partido que pensava.

— Mathieu! — disse Sarah.

Brunet inclinou-se para ela e tocou-lhe no joelho.

— Escute, Sarah — disse docemente. — Gosto muito de Mathieu e aprecio muito a inteligência dele. Se se tratasse de interpretar um trecho de Espinosa ou Kant, não deixaria de o consultar. Mas este assunto é vulgar e insignificante e juro-lhe que não preciso de conselhos, ainda que seja de um professor de Filosofia. Já formei a minha opinião.

«Evidentemente», pensou Mathieu. «Evidentemente.» Sentia-se magoado, mas não tinha qualquer ressentimento

J E A N - P A U L. SARTRE

contra Brunet. Quem sou eu para lhe dar conselhos? Que fiz da minha vida? Brunet levantou-se.

— Tenho de me ir embora — disse. — Faça como quiser, Sarah.

Não pertence ao partido, e o que faz por nós já é considerável. Mas se ele continuar aqui, pedir--lhe-ei que vá a minha casa quando tiver notícias de Gomez.

— Combinado — disse Sarah.

Os olhos brilharam-lhe, parecia aliviada.

— E não deixe nada por aí. Queime tudo.

— Prometo.

Brunet voltou-se para Mathieu.

— Adeus, até à vista, meu velho.

Não lhe estendia a mão, olhava-o atentamente com um olhar duro, como o olhar de Marcelle na véspera. Aquele mesmo espanto implacável. Mathieu sentia-se nu sob estes olhares, um tipo nu, em migalhas. Um desajeitado. «Quem sou eu para lhe

dar conselhos?» Pestanejou. Brunet parecia duro e nodoso. «E eu? Vê-se o aborto no meu rosto.» Brunet falou: não era a voz que Mathieu esperava.

— Estás com uma cara! — disse gentilmente. — Que é que tens? Mathieu também se levantou.

— Eu?... Eu tenho chatices. Mas não é nada de importante. Brunet pôs-lhe a mão no ombro. Olhava-o hesitante.

— E estúpido. Passa-se a vida a correr de um lado para o outro, não se tem tempo de ver os velhos amigos. Se morresses, só o viria a saber um mês depois, por acaso.

— Não irei tão depressa — disse Mathieu a rir.

A IDADE DA RAZÃO

Sentia a mão de Brunet no ombro. Pensava: «Não me está a julgar», e sentia-se cheio de uma humilde gratidão. Brunet ficou sério.

— Não — disse —, não será tão cedo. Mas... Pareceu finalmente decidir-se.

— Estarás livre às duas horas? Tenho uns momentos livres, poderei dar um pulo até à tua casa. Conversaremos um pouco como dantes.

— Como antigamente... Sim, estou inteiramente livre e espero-te — disse Mathieu.

Brunet sorriu amistosamente. Conservava o sorriso ingénuo e alegre. Voltou-se e dirigiu-se para a escada.

— Vou acompanhá-lo — disse Sarah.

Mathieu seguiu-os com o olhar. Brunet subia os degraus com uma elasticidade surpreendente. «Nem tudo está perdido», pensou. E sentiu uma coisa estremecer-lhe dentro do peito, uma coisa quente e modesta que se assemelhava à esperança. Deu alguns passos. A porta bateu por cima da sua cabeça. O pequeno Pablo olhava-o gravemente. Mathieu aproximou-se da mesa e pegou num buril. Uma mosca, que pousara sobre a lâmina de cobre, levantou voo. Pablo continuava a olhá-lo. Mathieu sentia-se incomodado, sem saber porquê. Tinha a impressão de estar a ser devorado pelos olhares da criança. «Os miúdos», pensou, «são vorazes, todos os seus sentidos são bocas.» O olhar de Pablo ainda não era humano e no entanto já era qualquer coisa mais do que a vida. Não havia muito tempo que o miúdo saíra de uma barriga, e isso via-se. Estava ali, indeciso, pequenino, conservava ainda um aveludado doentio de coisa vomitada, mas por detrás dos vagos humores que lhe enchiam as órbitas escondia-se uma conscienciazinha

J E A N-P AUL SARTRE

ávida. Mathieu brincava com o buril. «Está quente», pensou. A mosca esvoaçou à volta dele. Num quarto cor-de--rosa, dentro de outra barriga, havia uma bolha que inchava.

— Sabes o que é que eu sonhei? — perguntou Pablo.

— Diz lá.

— Sonhei que era uma pena.

«E pensa», disse para si Mathieu. Perguntou:

— E o que é que fazias quando eras pena?

— Nada. Dormia.

Mathieu atirou bruscamente o buril sobre a mesa. A mosca assustada pôs-se a voar em círculos e pousou finalmente sobre a chapa de cobre, entre dois sulcos que representavam um braço de mulher. Era preciso agir depressa, pois a bolha continuava a inchar, fazia grandes esforços para sair; para se libertar das trevas e se tornar parecida com aquilo, com aquela pequena ventosa pálida e mole que absorvia o mundo...

Mathieu deu alguns passos em direcção à escada. Ouvia a voz de Sarah. Ela abriu a porta, deteve-se no limiar e sorriu a Brunet. Do que é que estará à espera para voltar a descer? Deu meia volta, olhou a criança e a mosca. Uma criança, uma carne pensante que grita e sangra quando a matam. Uma mosca é mais fácil de matar do que uma criança. Encolheu os ombros: «Não vou matar ninguém. Vou impedir que nasça uma criança.» Pablo pusera-se a brincar novamente com os cubos. Esquecera-se de Mathieu. Mathieu estendeu a mão e tocou na mesa com o dedo. Repetia com espanto: «Impedir que nasça...» Dir-se-ia que havia algures uma criança já formada, aguardando o momento de saltar para o lado de cá do cenário, naquela sala, ao sol, e Mathieu barrava-lhe a passagem. Na verda-

IDADE DA RAZÃO

de, era mais ou menos isso. Havia um homenzinho meditabundo e dissimulado, mentiroso e sofredor, com uma pele branca e grandes orelhas, sinais e uni punhado de distintivos como os que se põem nos passaportes, um homenzinho que não andaria pelas ruas, com um pé na calçada e outro na valeta; e olhos, um par de olhos verdes como os de Mathieu, ou negros como os de Marcelle, e que nunca haviam de ver os céus glaucos de Inverno, nem o mar, nem rosto algum; mãos que não tocariam nunca na neve, nem na carne das mulheres, nem na casca das árvores; havia uma imagem do mundo, sanguinolenta, luminosa, aborrecida, apaixonada, sinistra, cheia de esperanças, uma imagem povoada de jardins e de casas, de raparigas doces e horríveis insectos, que iriam rebentar com um alfinete, como um balão.

— Pronto — disse Sarah. — Esperou muito tempo?

Mathieu ergueu a cabeça e sentiu-se aliviado. Ela estava inclinada sobre o corrimão, pesada e disforme. Era uma adulta, de carnes velhas, que parecia sair da salmoura e nunca ter nascido. Sarah sorriu-lhe e desceu rapidamente a escada. O quimono balançava em volta das pernas curtas.

— Então? Que é que se passa? — disse avidamente.

Os grandes olhos velados encaravam-no fixamente, com insistência. Ele desviou o olhar e disse, secamente:

— Marcelle está grávida.

— Oh!

Sarah parecia mais alegre do que aborrecida. Perguntou com timidez:

— E vocês... vocês vão...

— Não, não — respondeu Mathieu com vivacidade —, não queremos a criança.

J E A N-P AUL SARTRE

— Ah! Sim — disse ela —, compreendo.

Baixou a cabeça e conservou-se silenciosa. Mathieu não pôde suportar aquela tristeza que nem sequer era uma censura.

— Creio que isso lhe aconteceu há tempos. Gomez disse-mo — replicou com brutalidade.

— Sim. Há anos.

Ela ergueu bruscamente os olhos e acrescentou com paixão:

— Não é nada, se se for a tempo. Ela evitava julgá-lo, pôs de parte as suas reservas, as censuras e tinha apenas um desejo: tranquilizá-lo.

— Não é nada...

Ele ia sorrir, encarar o futuro com confiança; ela seria a única a pôr luto por aquela morte minúscula e secreta.

— Escute, Sarah — disse Mathieu irritado —, tente compreender-me. Eu não quero casar. Não é por egoísmo, mas acho o casamento...

Calou-se. Sarah era casada, tinha casado com Gomez cinco anos antes. Ele acrescentou a seguir:

— E depois Marcelle não quer filhos.

— Ela não gosta de crianças?

— Não sente interesse por elas. Sarah pareceu desconcertada.

— Sim — disse —, se é assim, então efectivamente...

Agarrou-lhe as mãos.

— Meu pobre Mathieu, como deve estar acabrunhado. Desejaria poder ajudá-los.

— É justamente isso — disse Mathieu —, você pode ajudar-nos. Quando teve... esse aborrecimento, procurou alguém, um russo, julgo eu.

A IDADE DA RAZÃO

— Sim — disse Sarah (a fisionomia alterou-se-lhe). — Foi horrível!

— Ah! — disse Mathieu com uma voz transtornada. — E... é muito doloroso.

— Não muito, mas... — disse ela com um ar penoso

— eu pensava no pequeno. Bem sabe, era Gomez que queria. E quando ele queria qualquer coisa, naquele tempo... mas foi um horror, nunca eu... poderia pedir-me de joelhos, agora, que eu

não tornaria a fazer. Olhou Mathieu, perturbada.

– Deram-me um embrulho depois da operação e disseram-me:

«Deite isso na retrete.» Numa retrete. Como um rato morto!

Mathieu – disse ela, apertando-lhe com força o braço –, não sabe o que vai fazer!

– E quando se põe uma criança no mundo, sabe-se?

– perguntou Mathieu encolerizado.

Uma vida! Uma consciência a mais, uma pequena luz perdida, que voaria em círculo, chocaria contra as paredes e não poderia escapar.

– Não, eu quero dizer que não imagina o que vai exigir de Marcelle. Tenho receio de que ela o fique a detestar depois.

Mathieu reviu, recordou-se dos olhos de Marcelle, grandes olhos duros e cansados.

– E você, odeia Gomez? – perguntou-lhe secamente.

Sarah teve um gesto de desconsolo, de desânimo. Não era capuz de odiar ninguém, e a Gomez ainda menos do que aos outros.

– Em todo o caso – disse resoluta –, não quero mandá-los a esse russo. Ele ainda opera, mas agora bebe

J E A N-P AUL SARTRE

e eu já não tenho confiança nele. Houve um caso complicado há dois anos.

– Conhece outro?

– Ninguém – disse Sarah devagar. Mas de repente toda a bondade se lhe reflectiu no rosto e exclamou:

– Sim, é verdade, tenho uma solução, como é que não pensei já nisso? Vou arranjar tudo. Waldmann. Não o viu cá em casa? Um ginecologista. É um especialista de abortos, com ele pode ficar sossegado. Em Berlim tinha uma clientela enorme. Quando os nazis tomaram o poder, foi morar para Viena. Depois disso houve o Anschluss e ele veio ter a Paris com uma maleta. Mas desde há muito que enviara todo o seu dinheiro para Zurique.

– Acha que ele tratará do caso?

– Naturalmente. Vou vê-lo hoje mesmo.

– Estou contente – disse Mathieu –, muito contente. Não leva demasiado caro?

– Em Berlim levava dois mil marcos. Mathieu empalideceu.

– Dez mil francos!

Ela acrescentou, vivamente:

– Mas era um roubo. Pagava-se pela reputação. Aqui ninguém o conhece. Será mais razoável. Vou propor-lhe três mil francos.

– Bem – disse Mathieu, entre dentes.

Perguntava a si próprio aonde iria buscar o dinheiro.

– Escute – disse Sarah –, porque não hei-de ir agora de manhã?

Mora na Rua Blaise-Desgoffes, é pertinho. Visto-me e desço.

Espera por mim?

DADE DA RAZÃO

— Não, eu... eu tenho um encontro às dez e meia. Sarah, você é um anjo.

Agarrou-lhe os ombros e sacudiu-a a sorrir. Ela acabava de lhe sacrificar as suas repugnâncias mais profundas, de se tornar, por generosidade, cúmplice num acto que lhe inspirava horror. Irradiava satisfação.

— Onde está por volta das onze horas? — perguntou ela. — Poderia telefonar-lhe.

— Devo estar no Dupont Latin, Bulevar Saint-Michel. Poderei ficar lá e esperar pelo seu telefonema.

— No Dupont Latin? Está bem.

O roupão de Sarah abria-se sobre os enormes seios. Mathieu abraçou-a, por ternura e para não lhe ver o corpo.

— Até logo — disse Sarah —, até logo, meu caro Mathieu.

Ergueu para ele o rosto terno e desgracioso. Havia naquele rosto uma humildade perturbadora, quase voluptuosa, que dava vontade de lhe fazer mal, de a humilhar. «Quando a vejo», dizia Daniel, «compreendo o sadismo.» Mathieu beijou-a nas duas faces.

«Verão!» O céu enchia a rua, era um fantasma mineral; os transeuntes flutuavam no céu, e os rostos deles flamejavam. Mathieu respirou um cheiro vivo, de poeira nova. Pestanejou e sorriu. Verão! Deu alguns passos; o alcatrão negro e mole, cheio de pontos brancos, colou-se à sola dos seus sapatos. Marcelle estava grávida. Já não era o mesmo Verão.

J E A N-P AUL SARTRE

Ela dormia, o corpo, mergulhado numa sombra densa, transpirava a dormir. Os belos seios morenos e arroxeados tinham caído, pequenas gotas nasciam nos bicos, gotas brancas e salgadas como lágrimas. Ela dorme. Dorme sempre até ao meio-dia. A bolha dentro do seu ventre não dormia, não tem tempo para dormir; alimenta-se e incha. A bolha inchava e o tempo passava. É preciso que eu arranje o dinheiro dentro de quarenta e oito horas.

O Luxemburgo, quente e branco. Estátuas, pombos, crianças. As crianças correm, os pombos levantam voo. Correrias, relâmpagos brancos. Sentou-se numa cadeira de ferro. «Aonde é que irei pedir o dinheiro? Daniel não mo vai emprestar. Mesmo assim, vou pedir-lho... em último caso, pedirei a Jacques.» A relva tremia a seus pés. Uma estátua mostrava-lhe as nádegas de pedra, os pombos arrulhavam, pássaros de pedra. «Afinal é coisa de uns quinze dias, esse judeu há-de esperar até ao fim do mês, e a 29 recebo.»

Mathieu parou de repente. Ele via-se a pensar, tinha horror de si próprio. «Neste momento, Brunet vai sossegado pela rua, à vontade sob este sol, sente-se leve porque espera, anda dentro de uma cidade de vidro que em breve há-de quebrar, sente-se

forte, caminha bamboleando-se ligeiramente, com precaução, porque ainda não chegou a hora de partir tudo. Espera. Mas eu? Eu? Marcelle está grávida. Conseguirá Sarah convencer o judeu? Onde arranjar dinheiro? E o que estou a pensar.» Lembrou-se de repente de dois olhos muito juntos sob espessas sobrancelhas negras. «Madrid. Queria lá ir. Juro. Mas não pode ser.» Pensou subitamente: «Estou a ficar velho.»

«Estou velho. Estirado em cima de uma cadeira, comprometido até ao pescoço na vida e não acreditando em

IDADE DA RAZÃO

nada. E, no entanto, eu também quis partir para a Espanha. Mas não consegui. Haverá realmente uma Espanha? Estou aqui, saboreio, sinto o velho gosto do sangue e da água ferruginosa, o meu gosto, sou o meu próprio gosto, existo. Existir é isso: beber-se a si próprio sem ter sede. Trinta e quatro anos. Há trinta e quatro anos que eu me saboreio, e estou velho. Trabalhei, esperei, tive o que queria: Marcelle, Paris, independência. Está tudo acabado. Não quero mais nada.» Contemplava aquele jardim rotineiro, sempre novo, sempre o mesmo, há mais de cem anos percorrido pelas mesmas ondas de cores e ruídos, como o mar. Havia as crianças que cornam desordenadamente, as mesmas há mais de cem anos, com o mesmo sol sobre as deusas de gesso, de dedos partidos, e aquelas árvores todas. E havia Sarah com o roupão amarelo, Marcelle grávida, o dinheiro. Tudo isso era tão natural, tão normal, tão monótono, bastava para encher uma vida, era a vida. O resto, as Espanhas, os castelos no ar era... o quê? Urna pobre religião laica para uso próprio. O acompanhamento discreto e seráfico da verdadeira vida. Um álibi? «Assim é que eles me vêem, Marcelle, Daniel, Brunet, Jacques. O homem que quer ser livre. Come, bebe, como qualquer outro, é funcionário, não faz política, lê L'Oeuvre e Lê Populaire e está em dificuldades financeiras. Mas quer ser livre, como outros desejam uma colecção de selos. A liberdade é o seu jardim secreto A sua pequena convivência para consigo próprio. Um tipo preguiçoso e frio, um pouco quimérico, mas muito razoável no fundo, que dissimuladamente construiu para si próprio uma felicidade medíocre e sólida, feita de inércia e que justifica de vez em quando com elevadas reflexões. Não é isso que sou?»

J E A N-P AUL SARTRE

Tinha sete anos. Estava em Pithiviers, na casa do tio Jules, o dentista, sozinho na sala de espera, e brincava a fazer que não existia. Era preciso tentar não se engolir, como quando se conserva sobre a língua um líquido demasiado frio, evitando o pequeno movimento da deglutição que o lançaria na garganta. Tinha conseguido esvaziar completamente a cabeça. Mas esse vazio ainda tinha um gosto. Era dia de disparates. Vegetava

num calor provinciano que cheirava a moscas e tinha apanhado uma a que arrancara as asas. Verificara que a cabeça se assemelhava a uma cabeça de fósforo, fora buscar a caixa à cozinha e esfregara nela a mosca para ver se acendia. Tudo isso negligentemente: era uma comédia medíocre de vagabundo e não conseguia interessar-se por si próprio, sabia muito bem que a mosca não ia acender-se. Sobre a mesa havia revistas rasgadas e um belo vaso chinês, verde e cinza, com asas como patas de papagaio. O tio dissera-lhe que o vaso tinha três mil anos. Mathieu aproximou-se do vaso com as mãos atrás das costas e contemplou-o com inquietação. Era apavorante ser uma bolinha de miolo de pão neste velho mundo ressequido, diante de um vaso impassível de três mil anos. Voltara-lhe as costas e pusera-se a revirar os olhos e a fungar em frente do espelho, sem conseguir distrair-se. De repente, voltou para junto da mesa, ergueu o vaso, que era pesadíssimo, e atirou-o ao chão. Aconteceu assim e logo a seguir sentiu-se leve, diáfano. Olhava os cacos de porcelana, maravilhado. Algo acabava de acontecer àquele vaso de três mil anos guardado entre as paredes quinquagenárias, na luminosidade do Verão, algo totalmente irreverente que se assemelhava a uma manhã. Pensou: «Fui eu que fiz isto», e sentia-se orgulhoso, livre, IDADE DA RAZÃO

sem peias; sem família, sem origem, uma apariçãozinha obstinada que rompera a crosta terrestre.

Tinha dezasseis anos. Era um estúpido. Estava deitado na areia em Arcachon, contemplava as grandes ondas do oceano. Acabara de bater num jovem bordelês que lhe atirara pedras. Ele obrigara-o a comer areia. Sentado à sombra dos pinheiros, arquejante, com as narinas cheias do odor da resina, tivera a impressão de ser uma pequena exploração suspensa no ar, redonda, abrupta inexplicável. Disse a si próprio: «Hei-de ser livre»; ou antes não disse coisa nenhuma, mas era o que queria dizer e era uma aposta, uma promessa. Apostara que toda a sua vida se pareceria com aquele momento excepcional. Tinha vinte e um anos, lia Espinosa no quarto, e era terça-feira de Carnaval. Grandes carros multicores passavam na rua, cheios de bonecos de papelão. Erguera os olhos e apostara de novo, com aquela ênfase filosófica que lhe era agora peculiar, a ele e a Brunet: «Hei-de salvar-me.» Dez, cem vezes tornara a fazer a aposta. As palavras mudavam com a idade e as modas intelectuais, mas era uma só e mesma aposta. E, aos seus próprios olhos, Mathieu não era um tipo que ensinava Filosofia a rapazes num liceu, nem o irmão de Jacques Delarue, o advogado, nem o amante de Marcelle, nem o amigo de Daniel e Brunet. Era unicamente aquela aposta. Que aposta? Pôs a mão sobre os olhos cansados da luz. Já não

sabia bem. Tinha agora – cada vez mais – longos momentos de exílio. Para compreender a aposta, precisava de estar nos seus dias melhores.

– A bola, se faz favor.

Uma bola de ténis rolou-lhe aos pés, um rapazinho corria atrás dela com a raqueta na mão. Mathieu apanhou

J E A N-P AUL SARTRE

a bola e atirou-a ao rapaz. Decerto que não estava num desses dias. Vegetava naquele calor sufocante, sofria a velha e monótona sensação do quotidiano. Inutilmente repetia as frases que os exaltavam dantes: «Ser livre. Ser a causa de si próprio, poder dizer: sou porque quero; ser o próprio começo.» Eram palavras vazias e pomposas, palavras irritantes de intelectual.

Levantou-se. Levantava-se um funcionário, um funcionário em dificuldades financeiras e que ia encontrar-se com a irmã de um dos seus ex-alunos. Pensou: «Estará tudo acabado? Serei apenas um funcionário?» Esperara tanto tempo. Os últimos anos tinham sido uma vigília. Esperara através de mil e uma preocupações quotidianas. Naturalmente durante esse tempo andara atrás de mulheres, viajara e ganhara a vida. Mas através de tudo isso a sua única preocupação fora manter-se disponível. Para uma acção. Um acto. Um acto livre e reflectido que acarretaria o destino da sua vida e seria o início de uma nova existência. Nunca pudera prender-se definitivamente a um amor, a um prazer, nunca fora realmente infeliz; sempre lhe parecera estar algures, não ter ainda nascido completamente. Esperava. E durante esse tempo, devagar, sub-repticiamente, os anos tinham chegado e tinham-no envolvido. Trinta e quatro anos. «Com vinte e cinco é que eu me devia ter comprometido. Como Brunet. Sim, mas nessa idade não se tem plena consciência do que se faz. Vai-se na onda. Eu não queria ir na onda.» Tinha pensado partir para a Rússia, abandonar os estudos, aprender um ofício. O que o retivera à beira destas rupturas violentas fora a ausência de motivos para fazê-lo. Sem motivos, a decisão teria sido uma asneira. Continuara a esperar.

IDADE DA RAZÃO

Barquinhos à vela giravam no tanque, chicoteados de quando em quando pelo repuxo. Parou para olhar o carrossel náutico.

Pensou: «Já não espero. Ela tem razão. Estou liquidado.

Esvaziei-me, esterilizei-me para ser apenas uma espera. Agora estou vazio. Mas já não espero mais nada.»

Junto do repuxo, um barquinho parecia perdido, inclinava-se, afundava-se lentamente. Todos riam. Um miúdo tentava apanhá-lo com uma vara.

M

athieu olhou para o relógio. «Dez e quarenta, está atrasada.» Não gostava que ela se atrasasse, tinha sempre medo de que se deixasse morrer. Ela esquecia-se de tudo, fugia de si mesma, esquecia-se a cada momento, esquecia-se de comer, esquecia-se de dormir. Um dia, esquecer-se-ia de respirar, e pronto. Dois rapazes pararam junto dele; olharam para uma das mesas com desdém, num desafio.

— Sit down — disse um.

— Eu sit down — respondeu o outro. Riram e sentaram-se. Tinham as mãos bem tratadas, a fisionomia dura e a carne tenra. «Só há chatos por aqui», pensou Mathieu, irritado. Estudantes ou liceais. Jovens machos rodeados de fêmeas e que pareciam insectos brilhantes e obstinados. É engraçada a mocidade, pensou Mathieu por fora, esfu-ziantes, por dentro, não sentem nada. Ivich cheirava a mocidade. Boris também, mas eram excepções. Mártires da

J E A N-P AUL SARTRE

juventude. «Eu não sabia que era jovem, nem Brunet, nem Daniel. Só depois é que dei conta.»

Lembrou-se sem grande prazer que ia acompanhar Ivich a urna exposição de Gauguin. Gostava de lhe mostrar belos quadros, bons filmes, belos objectos, porque ele não era belo e era uma maneira de se desculpar. Ivich não o desculpava. Hoje como das outras vezes olharia os quadros com um ar selvagem e maníaco. Mathieu ficaria a seu lado, feio, importuno, esquecido. No entanto não desejava ser belo; nunca ela estava tão só como diante da beleza. Pensou: «Não sei o que quero dela.» Viu-a nesse mesmo instante. Descia o bulevar ao lado de um rapaz alto de cabeleira crespa e óculos. Ela erguia o rosto para ele e oferecia-lhe um sorriso luminoso. Falavam animadamente. Quando viu Mathieu, os seus olhos apagaram-se; disse um adeus rápido ao companheiro e atravessou a Rua dês Ecoles como uma sonâmbula. Mathieu levantou-se.

— Olá, Ivich!

— Bom dia — disse ela.

Estava com a cara dos dias de festa. Puxara os caracóis louros para a frente, e a franja descia-lhe até aos olhos. No Inverno o vento despenteava-a, descobria-lhe as bochechas gordas e lívidas e a testa curta, a que ela chamava «testa de calmuco». Um rosto largo, pálido, infantil e sensual, como a Lua entre duas nuvens. Agora Mathieu via apenas um falso rosto, estreito e puro, que ela usava por cima do verdadeiro como uma máscara triangular. Os jovens vizinhos de Mathieu voltaram-se para a ver. Pensavam visivelmente: «Boa miúda.» Mathieu contemplou-a com ternura. Ele, só ele, sabia que Ivich era feia.

A IDADE DA RAZÃO

Ela sentou-se, calma e taciturna. Não estava pintada, porque a

pintura lhe estragava a pele.

— E para a senhora? — perguntou o empregado. Ivich sorriu-lhe. Gostava que lhe chamassem senhora. Depois virou-se para Mathieu, indecisa.

— Tome um Pippermint — disse Mathieu —, você gosta disso.

— Gosto disso? — disse divertida. — Então está bem, quero. Mas que é isso? — perguntou quando o empregado se afastou.

— Menta verde.

— Aquela coisa verde e viscosa que bebi no outro dia? Oh!, não quero; isso pega-se na boca. Eu deixo-o tomar decisões, mas não o devia ouvir. Não temos os mesmos gostos.

— Você disse que gostava — atalhou Mathieu, contrariado.

— Sim, mas depois reflecti, lembrei-me do gosto. (Estremeceu.) Nunca mais beberei disso.

— Faz favor! — gritou Mathieu.

— Não, não, deixe-o trazer, é bonito. Não o beberei, pronto. Não estou com sede.

Calou-se. Mathieu não sabia o que dizer. Ivich interessava-se por tão pouca coisa! E ele não tinha vontade de falar.

Marcelle estava ali. Não a via, não se referia a ela, mas estava ali. Ivich sim, via-a, podia chamá-la pelo nome ou tocar-lhe no ombro; mas era inatingível com o seu porte frágil e os belos seios duros. Parecia pintada e envernizada como uma taitiana de Gauguin. Inútil. Dentro em pouco, Sarah telefonaria. O empregado chamaria: «Senhor Delarue.» Mathieu ouviria do outro lado do fio

J E A N-P AUL SARTRE

uma voz sombria: «Ele quer dez mil francos, nem um franco a menos.» Hospital, cirurgia, cheiro a éter, questões de dinheiro. Mathieu fez um esforço e voltou-se para Ivich. Ela fechara os olhos e passava levemente os dedos sobre as pálpebras. Reabriu os olhos.

— Tenho a impressão de que ficam abertos sozinhos. De vez em quando eu fecho-os para que descansem. Estão vermelhos?

— Não.

— É o sol. No Verão doem-me. Em dias como este não devíamos sair senão depois de escurecer. Não sabemos onde nos havemos de enfiar, o sol persegue-nos por toda a parte. E as pessoas ficam com as mãos húmidas.

Mathieu tocou com o dedo, por baixo da mesa, com a palma da mão. Estava seca. Era o outro, o rapaz encaracolado, que tinha as mãos húmidas. Olhava Ivich sem se sentir perturbado; achava-se culpado e liberto ao mesmo tempo por lhe querer menos.

— Aborreceu-a tê-la feito sair tão cedo?

— De qualquer maneira eu não podia ficar no quarto.

— Porquê? — perguntou Mathieu admirado. Ivich encarou-o com

impaciência.

— Com certeza não sabe o que é um «lar de estudantes». Protegem as raparigas de verdade, sobretudo em tempo de exames. E depois a empregada afeiçoou-se a mim, entra a todo o momento no meu quarto, sob qualquer pretexto, acaricia-me os cabelos. Tenho horror a que me toquem. Mathieu mal a ouvia. Sabia que ela não pensava o que dizia. Ivich sacudiu a cabeça, irritada.

A IDADE DA RAZÃO

— Ela gosta de mim porque sou loura. É sempre a mesma coisa. Daqui a três meses vai detestar-me. Há-de dizer que eu sou dissimulada.

— Você é dissimulada — disse Mathieu.

— Sim... — murmurou ela num tom arrastado que fazia pensar nas suas faces lívidas.

— Afinal as pessoas acabam por perceber que esconde a cara e baixa os olhos como uma santa de pau carunchoso.

— Gostaria que soubessem como você é? — acrescentou com certo desprezo. — É verdade que não liga a essas coisas. Quanto a olhar as pessoas de frente, não posso. Os olhos ardem-me logo.

— Você perturbava-me a princípio — disse Mathieu. — Olha-me por cima da testa, à altura dos cabelos. Eu que tenho tanto medo de ficar calvo. Julgava sempre que tivesse reparado num lugar mais ralo e não pudesse tirar de lá os olhos.

— Olho para toda a gente assim.

— Sim, ou então de lado: assim... Lançou-lhe um olhar matreiro e rápido. Ela riu divertida e furiosa.

— Acabe com isso! Não gosto que me imitem.

— Bom, não era com má intenção.

— Não, mas sinto medo quando imita as minhas expressões!

— Compreendo! — disse Mathieu a sorrir.

— Não é o que está a imaginar, não. Mesmo que você fosse o tipo mais bonito deste mundo, teria medo. Acrescentou, num tom de voz diferente:

— Eu gostava que não me doessem tanto os olhos.

JEAN-PAUL SARTRE

— Ouça — disse Mathieu —, vou à farmácia comprar um comprimido. Mas estou à espera de um telefonema, se me chamarem diga ao empregado que volto já.

— Não, não vá — disse ela secamente. — Agradeço, mas não faria nada. É do sol.

Calaram-se. «Estou a ficar abstracto», pensou Mathieu com um prazer estranho. Um prazer crispado. Ivich alisava a saia com as palmas das mãos, erguendo ligeiramente os dedos como se fosse tocar piano. As mãos dela estavam sempre avermelhadas porque tinha má circulação. Geralmente levantava-as e agitava-as de vez em quando para as descongestionar. Não lhe

serviam para pegar em nada, eram dois idoloziinhos gastos nas extremidades dos braços; afluavam as coisas com pequenos gestos inacabados e pareciam menos destinados a segurar do que a modelar. Mathieu olhou as unhas de Ivich, longas e pontiagudas, excessivamente pintadas, quase chinesas. Bastava contemplar aqueles adornos frágeis e incômodos para compreender que Ivich não podia fazer coisa nenhuma com os seus dez dedos. Uma vez caíra-lhe uma unha, ela guardara-a numa caixinha e de vez em quando observava-a com uma mistura de prazer e horror. Mathieu vira-a. Conservara o verniz e assemelhava-se a um besouro morto. «Que será que a preocupa? Nunca esteve tão irritante. Deve ser o exame. A não ser que se chateie de estar comigo. Afinal de contas eu sou adulto.»

— Não começa assim, com certeza, quando se vai ficar cego — disse de repente Ivich com um ar neutro.

— Com certeza que não — respondeu Mathieu, sorrindo. — Bem sabe o que lhe disse o médico em Laon: um bocadinho de conjuntivite.

A IDADE DA RAZÃO

Falava docemente, sorria docemente, sentia-se embebido em doçura. Com Ivich era preciso sorrir sempre, fazer gestos suaves e lentos. «Como Daniel com os gatos.»

— Doem-me tanto os olhos — disse Ivich —, basta uma coisa de nada. (Hesitou.) É no interior dos olhos que me dói. Não é assim que começa aquela loucura de que me falava há dias?

— Ah!, aquela história? Olhe, Ivich, da última vez era o coração, receava ter uma crise cardíaca. Que rapariga estranha, parece que tem necessidade de se atormentar. E de repente declara que é feita de cimento! É preciso escolher. A sua voz deixava um gosto a açúcar na boca.

Ivich olhava para os pés, pensativa.

— Deve estar qualquer coisa para me acontecer.

— Já sei — disse Mathieu —, a sua linha da vida foi interrompida. Mas disse-me que não acredita nisso.

— Não, não acredito... Mas não posso imaginar o meu futuro. Há uma barreira.

Calou-se e Mathieu contemplou-a em silêncio. Sem futuro... De repente sentiu um gosto desagradável na boca e percebeu que estava demasiado preso a Ivich. Era verdade que ela não tinha futuro. Ivich com trinta anos, Ivich com quarenta anos, não fazia sentido. Pensou: «Ela não é eterna.» Quando Mathieu estava só ou quando falava com Daniel, com Marcelle, a vida estendia-se diante dele, clara e monótona: algumas mulheres, algumas viagens, alguns livros. Um longo declive. Mathieu descia-o lentamente, lentamente, às vezes ele próprio achava que não ia muito depressa. De repente, quando via Ivich parecia-

J E A N-P AUL SARTRE

-lhe viver uma catástrofe. Ivich era um pequeno sofrimento voluptuoso e trágico, sem futuro. Ir-se-ia embora, ficaria louca, morreria de uma crise cardíaca ou então seria sequestrada pelos pais em Laon. Mas Mathieu não poderia suportar a vida sem ela. Fez um gesto tímido com a mão; queria pegar no braço de Ivich acima do cotovelo e apertá-lo com toda a força. «Tenho horror a que me toquem.» A mão de Mathieu caiu. Disse muito depressa:

– Tem uma linda blusa, Ivich.

– É feia. – Inclinou a cabeça, empertigada, e sacudiu a blusa, constrangida. Acolhia as homenagens como se fossem ofensas, era como se fizessem dela uma imagem à machadada, grosseira e fascinante, a que tinha receio de se prender. Só podia pensar o que convinha a si própria. Pensava nisso sem palavras, era uma certeza terna, uma carícia. Mathieu olhou com humildade os ombros de Ivich, o pescoço alto e roliço. Ela dizia muitas vezes: «Sinto horror pelas pessoas que não sentem o corpo.» Mathieu sentia o dele, mas era como um embrulho embaraçoso.

– Ainda quer ir ver os Gauguin?

– Gauguin? Quais? Ah!, a exposição de que me falou? Bem, podemos lá ir.

– Não parece ter muita vontade.

– Tenho.

– Se não tem vontade, Ivich, diga.

– Mas tem você.

– Bem sabe que já lá estive. Tenho vontade é de lha mostrar, se isso lhe agrada; mas se não lhe interessa, desisto.

– Pois então preferia ir noutra ocasião.

A IDADE DA RAZÃO

– A exposição acaba amanhã – disse Mathieu, decepcionado.

– Tanto pior – disse Ivich sem energia –, mas há-de haver outra oportunidade. – Acrescentou com calor: – Essas coisas estão sempre a aparecer, não é verdade?

– Ivich! – observou Mathieu com uma amabilidade forçada. – Essa é mesmo sua! Diga que não lhe apetece, mas bem sabe que tão cedo não haverá outra.

– Pois bem – disse ela, gentilmente –, não quero ir hoje por causa do exame. É infernal que nos façam esperar tanto tempo pelo resultado.

– Não é amanhã?

– Justamente.

Acrescentou, roçando a manga de Mathieu com a ponta dos dedos:

– Hoje não deve ligar ao que eu digo. Não estou normal.

Dependo dos outros, é aviltante. Vejo continuamente a imagem de uma folha branca pregada numa parede cinzenta. Eles impõem-nos este pensamento. Quando me levantei hoje de manhã,

senti que já era amanhã. Hoje é um dia perdido, riscado. Roubaram-me este dia e já não me restam muitos mais.

Insistiu em voz baixa e rápida:

– Falhei em Botânica.

– Compreendo – disse Mathieu.

Queria encontrar nas suas recordações uma angústia que lhe permitisse compreender a de Ivich. Talvez na véspera da formatura... Não, não era a mesma coisa. Ele vivia sem correr riscos, sossegadamente. Agora sentia-se frágil, no meio de um mundo ameaçador, mas era através de Ivich.

J E A N-P AUL SARTRE

– Se eu for aprovada – disse Ivich –, vou beber antes da oral. Mathieu não respondeu.

– Só um bocadinho – repetiu Ivich.

– Disse isso em Fevereiro, antes do exame, e foi lindo, com quatro cálices de rum ficou completamente bêbeda.

– Aliás não ficarei aprovada – disse ela de maneira equívoca.

– Está bem, mas se por acaso ficar?

– Claro que não vou beber.

Mathieu não insistiu. Tinha a certeza de que ela apareceria bêbeda à oral. «Eu é que não faria isso, era demasiado prudente.» Estava irritado com Ivich e desgostoso consigo próprio. O empregado trouxe o copo e encheu-o até meio de menta verde.

– Já trago a água e o gelo.

– Obrigada – disse Ivich.

Ela olhava para o copo, e Mathieu olhava-a. Um desejo violento e imperioso invadira-o: ser por um momento aquela consciência perdida e cheia de seu próprio odor, sentir por dentro aqueles braços compridos e finos, sentir, na junção, a pele do antebraço colar-se como um lábio à pele do braço, sentir aquele corpo e todos os pequenos beijos que dava a si próprio sem cessar. «Ser Ivich sem deixar de ser eu.» Ivich tirou o balde das mãos do empregado e pôs um pequeno cubo de gelo no copo.

– Não é para beber, mas fica mais bonito. Pestanejou e sorriu com um ar acriançado.

– É bonito.

Mathieu olhou o copo, irritado. Procurou observar a agitação espessa e desordenada do líquido, a brancura

IDADE DA RAZÃO

turva do gelo. Em vão. Para Ivich era uma pequena volúpia viscosa e verde que a deixava toda melada até à ponta dos dedos. Para ele aquilo não era nada. Nada de nada. Um copo com menta. Podia, pensar o que Ivich sentia, mas ele nunca sentia nada. Para ela as coisas eram presenças abafantes e cúmplices, grandes redemoinhos que a penetravam na carne, mas Mathieu

via-as sempre de longe. Olhou-a e suspirou. Estava atrasado, como de costume. Ivich já não contemplava o copo, parecia triste e puxava nervosamente um caracol dos seus cabelos.

– Queria um cigarro.

Mathieu tirou o maço de Gold Flake do bolso e estendeu-lho.

– Vou-lhe dar lume.

– Obrigada, prefiro acendê-lo eu.

Acendeu o cigarro e tirou algumas baforadas. Aproximou a mão da boca e divertiu-se, com um ar maníaco, a fazer deslizar o fumo pelas palmas das mãos. Explicou, como para si mesma:

– Queria que o fumo parecesse sair da minha mão. Seria engraçado uma mão com neblina...

– Não é possível, o fumo passa demasiado depressa.

– Eu sei, e isso enerva-me, mas não posso parar. Sinto o meu sopro aquecer a mão, passa-lhe pelo meio, dir-se-ia que a corta em duas.

Teve um riso rápido e calou-se. Continuava a soprar na mão, descontente e obstinada. Depois deitou fora o cigarro e sacudiu a cabeça. O perfume dos cabelos chegou às narinas de Mathieu. Era um cheiro a bolo com açúcar bauni-Ihado, porque ela lavava os cabelos com gema de ovo. Mas esse perfume de pastelaria tinha um gosto voluptuoso.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu pôs-se a pensar em Sarah.

– Em que é que está a pensar, Ivich?

Ela ficou um instante de boca aberta, desconcertada, depois retomou o seu ar meditativo e o rosto contraiu--se-lhe.

Mathieu sentia-se cansado de a olhar. Doíam-lhe os olhos.

– Em que é que está a pensar? – repetiu.

– Eu... (Ivich abanou a cabeça.) Está sempre a perguntar-me isso. Nada de especial. Coisas que não se podem dizer, que não se transmitem.

– Sabe-se lá... Diga.

– Bem, eu olhava para aquele homem que vem ali, por exemplo. Que quer que lhe diga? Que é gordo, que enxuga a testa com um lenço, que traz uma gravata... É estranho que você me obrigue a contar estas coisas – disse de repente, envergonhada e irritada –, não vale a pena dizê-las.

– Para mini, sim. Se eu pudesse desejar qualquer coisa, desejaria que fosse obrigada a pensar alto. Ivich sorriu sem querer

– É um vício – disse –, a palavra não foi feita para isso.

– E engraçado esse respeito selvagem pela palavra. Parece crer que ela só foi feita para anunciar mortes, casamentos ou dizer missa. Aliás, você não olhava para ninguém, Ivich, olhava para a sua mão e a seguir olhou para o pé. E, além disso, sei no que estava a pensar.

– Então porque é que pergunta? Não é preciso ser muito esperto para adivinhar. Pensava no exame.

– Está com medo de reprovar, não é?

IDADE DA RAZÃO

– Naturalmente. Estou com medo. Ou melhor, não estou com medo. Sei que vou reprovar.

Mathieu sentiu novamente um gosto de catástrofe na boca. «Se ela reprovar, nunca mais a verei.» E ela ia reprovar de certeza. Era evidente.

– Não quero voltar para Laon – disse Ivich com desespero. – Se ficar reprovada, não me deixarão voltar. Disseram-me que era a minha última oportunidade.

Pôs-se a mexer nos cabelos.

– Se tivesse coragem – disse com hesitação.

– Que faria? – perguntou Mathieu inquieto.

– Qualquer coisa. Tudo menos voltar para lá. Não quero voltar, ficar lá a vida inteira.

– Mas disse que seu pai talvez vendesse a serração daqui a um ou dois anos e que viriam todos para Paris.

– Paciência! São todos assim – disse Ivich com um olhar furioso. – Queria ver se fosse consigo! Dois anos naquela cave, ter paciência durante dois anos! Não vê que são dois anos que me roubam? Tenho só uma vida – disse com raiva. – Ao ouvi-lo falar, parece que se julga eterno. Um ano perdido, na sua opinião, substitui-se bem. – As lágrimas vieram-lhe aos olhos. – Não, não se substitui. É a minha mocidade que se escoará gota a gota. Quero viver já, não comecei ainda e não posso esperar. Já estou velha, tenho vinte e um anos.

– Ivich, por favor, faz-me medo. Tente ao menos uma vez dizer com clareza o resultado dos seus trabalhos práticos. Tão depressa parece satisfeita como desesperada.

– Falhei em tudo – disse Ivich, sombria.

– Pensei que em Física tivesse tido êxito.

J E A N-P AUL SARTRE

– Ah!, a Física – atalhou Ivich com ironia. – E em Química foi lamentável. Não consigo enfiar as fórmulas na cabeça. É tão cansativo!

– Mas então porque é que escolheu isso?

– O quê?

– O P.C.B.

– Queria sair de Laon – disse ela, obstinada.

Mathieu fez um gesto de impotência. Calaram-se. Uma mulher saiu do café e passou devagar diante deles. Era bela, com um nariz minúsculo num rosto liso, parecia procurar alguém. Ivich devia ter sentido logo o perfume. Ergueu lentamente a cabeça, melancólica, mas, quando a viu, a sua fisionomia transformou-se.

— Que criatura soberba — disse em voz baixa e profunda. Mathieu não gostou daquela voz.

A mulher imobilizou-se pestanejando ao sol. Teria talvez trinta e cinco anos, viam-se-lhe as pernas compridas, à transparência, através do tecido leve do vestido. Mas Mathieu não tinha vontade de as olhar. Olhava para Ivich. Esta ficara quase feia, apertava as mãos com força. Dissera uma vez a Mathieu: «Tenho vontade de morder os narizes pequenos.» Mathieu inclinou-se ligeiramente e viu-a de perfil: a sua expressão era cruel, e ele pensou que ela tinha vontade de morder.

— Ivich — disse Mathieu, docemente. Ela não respondeu. Mathieu sabia que ela não podia responder. Já não existia para ela. Ela estava só.

— Ivich!

Era nesses momentos que mais lhe queria, quando aquele corpinho encantador e quase gentil era tomado por uma força dolorosa, por um amor ardente e perturbado

A IDADE DA RAZÃO

desfavorecido pela beleza. Pensou: «Não sou bonito», e sentiu-se também sozinho.

A mulher foi-se embora. Ivich seguiu-a com o olhar e murmurou raivosamente:

— Há momentos em que eu gostaria de ser homem. Teve um risinho seco, e Mathieu olhou-a tristemente.

— Chamam o Senhor Delarue ao telefone — gritou o empregado.

— Sou eu — disse Mathieu. Levantou-se.

— Desculpe, é Sarah Gomez.

Ivich sorriu-lhe com frieza. Ele entrou no café e desceu a escada.

— Senhor Delarue? Primeira cabina. Mathieu pegou no telefone, a porta da cabina não se fechava.

— Está, é a Sarah?

— Tudo corre bem — disse a voz nasalada de Sarah.

— Ah! Fico muito satisfeito.

— Mas é preciso andar depressa. Ele parte domingo para os Estados Unidos. Quer fazer a coisa depois de amanhã para a poder observar durante os primeiros dias.

— Bem... vou avisar Marcelle hoje mesmo, só que a coisa me apanha desprevenido, tenho de arranjar o dinheiro. Quanto é que ele quer?

— Ah!, lamento imenso, mas quer quatro mil a pronto. Insisti, juro, disse-lhe que você estava atrapalhado, mas não quis saber. É um estupor de um judeu — acrescentou, a rir.

Sarah era muito bondosa, mas quando era prestável tornava-se brutal e activa, como uma irmã de caridade. Mathieu afastara um pouco o telefone, pensava: «Quatro

J E A N-P AUL SARTRE

mil francos», e ouvia o riso de Sarah, ecoar no auscultador, era um pesadelo.

— Dentro de dois dias? Bem, vou tratar disso. Obrigado, Sarah, é um anjo. Está em casa à noite, antes do jantar?

— Todo o dia.

— Bom. Passarei por lá para tratar ainda de mais umas coisas.

— Até logo à noite. Mathieu saiu da cabina.

— Uma ficha para o telefone — pediu. — Não, não vale a pena. Pôs vinte cêntimos na bandeja e subiu devagar a escada. Não valia a pena telefonar a Marcelle antes de resolver o assunto do dinheiro. «Irei ter com Daniel ao meio-dia.» Sentou-se perto de Ivich e olhou-a com ternura.

— A dor de cabeça passou-me — disse ela, amavelmente.

— Ainda bem — disse Mathieu. Sentia o coração amargurado. Ivich olhou-o de lado através das suas longas pestanas. Tinha um sorriso confuso e provocante.

— Poderíamos... poderíamos ir ver os Gauguin.

— Se quiser — disse Mathieu, sem surpresa. Levantaram-se e Mathieu reparou que o copo de Ivich estava vazio.

— Táxi — gritou.

— Esse não — disse Ivich —, é descapotável, o vento na cara é incomodativo.

— Não, não — disse Mathieu ao motorista —, não era consigo.

IDADE DA RAZÃO

— Mande parar aquele — pediu Ivich —, veja como é bonito, parece um coche e é fechado.

O táxi parou, e Ivich subiu. «Uma vez que lhe vou falar», pensou Mathieu, «pedirei mais mil francos a Daniel, para dar até ao fim do mês.»

— Galeria das Belas-Artes. Faubourg Saint-Honoré.

Sentou-se, silencioso, junto de Ivich. Estavam ambos aborrecidos.

Mathieu viu entre os seus pés três cigarros de ponta dourada, meio fumados.

— Esteve aqui alguém que ia nervoso, neste táxi.

— Porquê?

Mathieu apontou os cigarros.

— Uma mulher — disse Ivich —, há vestígios de bâton.

Sorriram e calaram-se. Mathieu disse:

— Uma vez achei cem francos num táxi.

— Deve ter ficado contente.

— Oh! Dei-os ao motorista.

— Pois eu tê-los-ia guardado. Porque é que fez isso?

— Não sei.

O táxi atravessou a Praça St.-Michel; Mathieu ia para dizer: «Olhe o Sena, como está verde!» Mas não disse nada. Foi Ivich

quem falou de repente:

– Boris pensava que íamos ao Sumatra, os três, hoje à noite. Eu gostaria...

Voltara a cabeça e olhava os cabelos de Mathieu avançando a boca com ternura. Ivich não era muito coqueta, mas de vez em quando tinha uma expressão terna pelo prazer de sentir o rosto pesado e doce como um fruto. Mathieu achou-a inconveniente e irritante.

J E A N-P AUL SARTRE

– Ficarei muito contente em ver Boris e de estar com vocês – disse –, o que me desagrada um bocado é Lola. Ela não pode comigo.

– Que é que isso tem?

Fez-se um silêncio. Era como se eles tivessem imaginado, ao mesmo tempo, que eram um homem e uma mulher fechados num táxi. «Não», disse para si próprio, aborrecido. Ivich continuou:

– Não acho que valha a pena incomodarem-se por causa de Lola. É bonita, canta bem, e mais nada.

– Eu acho-a simpática.

– Naturalmente. É a sua moral. Quer sempre ser perfeito. Desde que as pessoas o detestem, esforça-se logo por lhes descobrir qualidades. Eu não a acho simpática.

– Ela é gentil consigo.

– Não pode fazer outra coisa. Mas não gosto dela, é muito teatral?

– Teatral? – perguntou Mathieu, erguendo as sobrancelhas. – Nunca reparei nisso.

– É engraçado que não tenha reparado; dá profundos suspiros para que pensem que está desesperada e encomenda bons petiscos!

Acrescentou com uma maldade dissimulada:

– Sempre pensei que as pessoas desesperadas não se incomodavam com a morte; fico sempre admirada quando a vejo fazer as contas das despesas e tentar economizar.

– Isso não quer dizer que ela não se sinta desesperada. E assim que fazem as pessoas que envelhecem; quando estão desgostosas consigo próprias e com a vida, pensam no dinheiro e tratam-se bem.

A IDADE DA RAZÃO

– Pois é, nunca se deveria envelhecer – disse Ivich, secamente.

Olhou-a, perturbado, e apressou-se a acrescentar:

– Tem razão, não é nada agradável envelhecer.

– Oh!, você não tem idade – disse Ivich –, parece-me que foi sempre assim, tem a juventude de um mineral. Às vezes tento imaginar como você era, em criança, mas não consigo.

– Tinha caracóis – informou Mathieu.

— Pois eu imagino-o tal como é hoje, mas um pouco mais pequeno.

Desta vez, Ivich não devia saber que tinha um ar terno. Mathieu quis falar, mas sentia um estranho nó na garganta e estava fora de si. Tinha deixado para trás Marcelle, Sarah, os intermináveis corredores de hospital por onde andava desde manhã, já não estava em parte alguma, era livre. Aquele dia de Verão abatia-se nele como uma massa densa e quente, sentia vontade de se abandonar inteiramente. Ainda durante um segundo, pareceu-lhe que ficava suspenso no vácuo com uma intolerável impressão de liberdade, e depois, bruscamente, estendeu o braço, agarrou Ivich pêlos ombros e puxou-a para si. Ivich não resistiu, mas ficou dura, rígida, e deixou-se cair como se tivesse perdido o equilíbrio. Não disse nada: ficou com uma expressão neutra.

O táxi meteu-se pela Rua de Rivoli. As arcadas do Louvre estendiam-se pesadamente ao longo dos vidros, como se fossem pombas. Estava calor, e Mathieu sentia um corpo quente junto do seu. Através do vidro da frente via as árvores e uma bandeira tricolor na ponta de um mastro. Lembrou-se do gesto de um tipo que vira uma vez na Rua

J E A N-P AUL SARTRE

Mouffetard. Um tipo bastante bem vestido, de rosto cinzento. Aproximara-se de uma mercearia, olhara demoradamente uma fatia de carne fria que estava num prato sobre o balcão. Depois estendera a mão e pegara na carne. Parecia achar a coisa natural e também se devia ter sentido livre. O dono gritou; um polícia levou o tipo, que parecia muito admirado. Ivich continuava sem dizer nada.

«Está a julgar-me», pensou Mathieu, irritado. Inclinou-se. Para a castigar aflorou com os lábios uma boca fria e fechada. Insistia. Ivich calava-se. Ao levantar a cabeça, viu-lhe os olhos, e a sua raivosa alegria esvaiu-se. Pensou: «Um homem casado a conquistar uma rapariguinha num táxi», e o braço recaiu-lhe inerte. O corpo de Ivich voltou, como uma mola, à posição vertical. «Pronto, é irremediável.» Encolheu-se. Desejara desaparecer. Um polícia fez sinal para parar e o táxi deteve-se. Mathieu olhava em frente, mas não via as árvores, olhava para o seu amor.

Era amor. Agora era amor. Mathieu pensou: «Que é que eu fiz?» Cinco minutos antes aquele amor não existia; havia entre ambos um sentimento raro e precioso, sem nome, que não se exprimia por gestos. E ele fizera um gesto, o único que não devia ter feito, aliás não o fizera propositadamente, fora espontâneo. Um gesto e aquele amor aparecera perante Mathieu como um objecto importuno e já vulgar. Ivich ia pensar que ele a amava como às outras mulheres que tinha amado. «Que pensará ela?»

Estava a seu lado, rígida e silenciosa, e entre eles havia o gesto, «tenho horror a que me toquem», o gesto desajeitado e terno, que tinha já a obstinação impalpável das coisas passadas. «Está aborrecida, despreza-me e pensa que sou como os outros.» Não era o que eu queria dela,

IDADE DA RAZÃO

pensou com desespero. Mas já não conseguia lembrar-se do que queria antes. Era apenas o amor, com os seus desejos simples e as suas condutas vulgares, e Mathieu é que o fizera nascer com inteira liberdade. «Não é verdade», pensou, «não a desejo, nunca a desejei». Mas já sabia que ia desejá-la. Acabava sempre assim. Olhar--lhe-ei para as pernas, para os seios, e um dia... Viu de repente Marcelle estendida na cama, nua, de olhos fechados. Odiava Marcelle.

O táxi parou. Ivich abriu a porta e desceu. Mathieu não a seguiu imediatamente. Contemplava com espanto aquele amor completamente novo, e já velho, aquele amor de homem casado, envergonhado e dissimulado, humilhante para ela, humilhado de antemão, aceitava-o já como uma fatalidade. Desceu finalmente, pagou e juntou-se a Ivich, que o esperava à entrada. Se ao menos ela pudesse esquecer. Deitou-lhe um olhar furtivo e achou que ela tinha uma expressão dura. «Na melhor das hipóteses», pensou, «alguma coisa deve ter acabado entre nós.» Mas não tinha vontade de deixar de a amar. Entraram na exposição sem trocar uma palavra.

«O

arcanjo!» Marcelle bocejou, soergueu-se, sacudiu a cabeça, e o seu primeiro pensamento foi: «O arcanjo vem esta noite.»

Gostava daquelas visitas misteriosas, mas agora pensava nelas sem prazer. Havia uma repulsa no ar, à sua volta, uma repulsa de meio-dia. Um calor enorme enchia o quarto, um calor que viera de fora, que deixara a luminosidade nas pregas da cortina e jazia ali, estagnado, inerte e sinistro como um destino. «Se ele soubesse, é tão puro, como me acharia repugnante.» Sentou-se à beira da cama, como na véspera, quando Mathieu se deitara nu ao lado dela, olhava os tornozelos com um vago descontentamento, e a noite da véspera continuava ainda ali, impalpável, com a sua luz morta e rosada, como um vago perfume... «Não pude, não lhe pude dizer.» Ele teria respondido. «Bom, havemos de nos arranjar», com um ar alegre e bem-disposto, de quem vai tomar um medicamento. Sabia que não teria podido

J E A N-P AUL SARTRE

suportar aquela expressão e que a coisa lhe parara na garganta. Pensou: «Meio-dia.» O tecto estava cinzento como uma madrugada, mas o calor era de meio-dia. Marcelle deitava-se tarde e não conhecia nunca as manhãs, parecia--lhe que a vida

parara ao meio-dia, que era um eterno meio-dia, que caía largado sobre as coisas, mole, chuvoso, sem esperança, e inútil! Lá fora era o dia dos vestidos claros. Mathieu caminhava lá fora na poeira viva e alegre desse dia que se iniciara sem ela e já tinha um passado. «Ele pensa em mim, anda a tratar de tudo», pensou, sem ternura. Sentia-se irritada porque imaginava uma robusta piedade passeando ao sol, uma piedade activa e desajeitada de homem saudável. Sentia-se mole e vencida, ainda ensonada: um capacete de aço na cabeça, um gosto de mata-borrão na boca, uma sensação morna nas ancas e nas axilas, nas pontas dos pêlos negros, gotas de frio. Tinha vontade de vomitar, mas dominava-se. O dia ainda não tinha começado e já estava contra Marcelle, num equilíbrio instável, e o mínimo gesto fá-lo-ia ruir como uma avalanche. Teve um sorriso amargo. «A sua liberdade.» Quando se acorda de manhã com má-disposição e se sabe que se têm pela frente quinze horas para matar antes de se tornar a deitar, que adianta ser livre? «Não ajuda a viver, a liberdade.» Plumas delicadas e embebidas em aloés acariciavam-lhe a garganta, e logo uma repugnância por tudo, como uma bola sobre a língua, franzia-lhe os lábios. «E tenho sorte, dizem que há pessoas que vomitam durante o dia todo, a partir do segundo mês; eu só vomito de manhã, depois fico cansada, mas aguento. E a minha mãe conheceu mulheres que não podiam suportar o cheiro a fumo; não faltaria mais nada.» Levantou-se bruscamente

A IDADE DA RAZÃO

e correu para o lavatório. Vomitou uma água suja, espumante, como uma clara de ovo ligeiramente batida. Marcelle apoiou-se no lavatório e olhou para o líquido espumoso; parecia-se mais com esperma. Sorriu, maldosa, e murmurou: «Recordação de amor.» Depois fez-se um grande silêncio no seu cérebro, e o dia começou. Já não pensava em nada, passou a mão pelos cabelos e esperou. De manhã vomitou duas vezes. E de repente recordou o rosto de Mathieu, a sua expressão ingénua e convencida, quando dizia: «Faz-se um aborto, não?», e um clarão de ódio atravessou-a.

Acontecia. Pensou primeiro na manteiga, e sentiu nojo, parecia-lhe que mastigava um pedaço de manteiga amarela e rançosa, depois sentiu uma espécie de riso no fundo da garganta e inclinou-se sobre o lavatório. Uma aguadilha saía-lhe da boca, e teve de tossir para se livrar dela. Não sentia repugnância. No entanto, enojava-se facilmente consigo mesma. No último Inverno, quando tivera diarreia, não queria que Mathieu lhe tocasse, era como se sentisse um odor permanente. Olhou a baba que escorria devagar pelo buraco do lavatório, deixando traços viscosos e brilhante como lesmas. Disse a meia-voz: «Tem graça!» Não sentia repugnância. Era a

vida, uma coisa talvez como o desabrochar da Primavera, não era mais repugnante do que a goma ruiva e odorífera dos rebentos das árvores. «Não é isto que é repugnante.» Deixou correr um pouco de água para lavar a bacia, tirou a camisa com gestos lentos. Pensou: «Se fosse um animal, deixar-me-iam sossegada.» Podia entregar-se àquela languidez viva, afundar-se nela como no seio de uma grande fadiga feliz. Não era um animal. «Aborta-se?» Desde a véspera que se sentia perseguida.

J E A N-P AUL SARTRE

O espelho devolvia-lhe uma imagem cercada de luzes violáceas. Aproximou-se. Não olhou para os ombros nem para os seios. Não gostava do seu corpo. Mirou o ventre, a sua ampla bacia fecundada. Há sete anos — Mathieu tinha passado a noite com ela pela primeira vez —, ela aproximara-se do espelho com o mesmo espanto hesitante. «Sempre é verdade que me podem amar!» E contemplava a carne lisa e sedosa, quase um tecido, e o seu corpo era apenas uma superfície feita para reflectir os jogos estéreis de luz e tremer sob as carícias como a água a ondular ao vento. Hoje já não era a mesma carne. Olhava para a barriga e descobria, perante a abundância pacífica das banhas, uma impressão semelhante à que sentia no Luxemburgo, em pequena, diante dos seios das mulheres que amamentavam: além do medo e do descontentamento, uma espécie de esperança. Pensou: «É aqui. Nesta barriga.» Uma bolinha de sangue esforça-se por viver, com uma ingénua precipitação, urna bolinha de sangue estúpida, que nem sequer é ainda um animal e que vão raspar com a ponta de um bisturi. Há outras, neste momento, que olham para a barriga e que também pensam: «É aqui.» Mas essas estão orgulhosas. Encolhem os ombros. Aquele corpo que desabrochava absurdamente era feito para a maternidade. Mas os homens tinham resolvido o contrário. Iria a casa da velha. Bastava imaginar que era um fibroma. Aliás, neste momento, não passa de um fibroma. Iria a casa da velha, levantaria as pernas e a velha far-lhe-ia uma raspa-gem com um instrumento. E não se falaria mais nisso, seria apenas uma recordação desagradável, toda a gente tem disso na vida. Voltaria para o seu quarto cor-de-rosa, continuaria a ler, a sofrer dos intestinos e Mathieu viria,

IDADE DA RAZÃO

como de costume, quatro noites por semana e tratá-la-ia, durante algum tempo ainda, com uma delicadeza terna, como uma jovem mãe, e quando a amasse redobraría de precauções. E Daniel, o arcanjo. Daniel viria também de vez em quando... Surpreendeu os seus olhos no espelho e voltou-se bruscamente. Não queria odiar Mathieu. Pensou: «Tenho de me arranjar.» Não se sentia com coragem. Tornou a sentar-se na cama, pousou

docemente a mão na barriga, um pouco acima dos pêlos negros, apertou devagar e pensou com certa ternura. «E aqui.» Mas o ódio não se esvaiu. Disse: «Não quero odiá-lo. Está no seu direito, sempre dissemos que em caso de acidente... Não podia saber, a culpa é minha, nunca lhe disse nada.» Julgou por momentos que se ia acalmar, o que mais receava era ter de o desprezar. Mas logo a seguir sobressaltou-se. «Como lhe poderia ter dito? Nunca me perguntou nada.» Evidentemente, tinham combinado de uma vez para sempre que diriam tudo um ao outro, mas isso era cómodo, principalmente, para ele. Ele gostava de falar de si, de expor os seus pequenos casos de consciência, as suas delicadezas morais. Quanto a Marcelle, tinha confiança nela. Por preguiça. Não se atormentava; pensava: «Se ela tiver algo, dir-mo-á.» Mas ela não podia falar; não conseguia. «No entanto, devia saber que não posso falar de mim, que não gosto de mim o suficiente para isso.» Só Daniel sabia fazê-la interessar-se por si própria. Tinha uma maneira especial de a interrogar, quando a olhava carinhosamente. Por outro lado, tinham um segredo em comum. Daniel era tão misterioso. Ele via-a às escondidas, e Mathieu ignorava aquela intimidade. Não faziam nada de mal, era quase uma brincadeira, mas a cumplicidade criava entre

J E A N-P AUL SARTRE

ambos um laço ténue e encantador. Marcelle não achava desagradável ter um pouco da sua vida pessoal, algo que lhe pertencesse de facto e que não fosse obrigada a repartir. «Ele que fizesse como Daniel», pensou. «Porque é que só Daniel me sabe fazer falar? Se me tivesse ajudado um bocadinho...» Durante todo o dia da véspera tinha sentido um nó na garganta. Gostaria de lhe ter dito: «E se o conservássemos?» Ah!, se ele tivesse hesitado um segundo, ter-lho-ia dito! Mas ele dissera com o seu ar ingénuo: «Aborta-se?» E ela não conseguira falar. «Ele estava inquieto quando saiu. Não quer que essa velha me faça mal. Ah!, isso sim, vai andar à procura de direcções, vai andar ocupa-díssimo, agora que não tem aulas. E isso é melhor para ele do que arrastar-se por aí com aquela fulana. Está aborrecido como alguém que partiu um vaso. Mas no fundo tem a consciência tranquila... Deve ter prometido a si próprio encher-me de amor...» Riu. «Pois é. Mas tem de andar depressa. Dentro em breve ultrapassarei a idade do amor.» Crispou as mãos no lençol. Estava apavorada. «Se me puser a odiá-lo, que me restará? Teria, ao menos, a certeza de desejar um filho?» Via de longe, no espelho, uma massa sombria e curvada: era um corpo de sultana estéril. Teria ao menos sobrevivido? «Estou podre.» Iria a casa dessa velha. Às escondidas, à noite. E a velha passar-lhe-ia as mãos pêlos cabelos, como em Andrée, e chamar-lhe-ia: «Minha gatinha», com

um ar de cumplicidade imunda. «Quando não se é casada, uma gravidez é tão sórdida como uma blenorragia. Estou com uma doença venérea, é o que tenho de dizer a mim própria.»

Mas não pôde deixar de passar docemente a mão pela barriga. Pensou: «É aqui.» É aqui que vive uma coisa, infe-

DADE DA RAZÃO

liz como ela própria. Uma vida absurda e supérflua como a dela... Pensou de repente com paixão: «Seria meu. Mesmo que fosse idiota, disforme, seria meu!» Mas aquele desejo secreto, aquela obscura afirmação eram tão solitários, tão inconfessáveis, era preciso escondê-los de tanta gente, que se sentiu repentinamente culpada e teve horror de si própria.

VI

v

ia-se por cima da porta o emblema da República e as bandeiras tricolores, o que dava logo o tom. A seguir entrava-se nos grandes salões desertos e mergulhava-se numa luz académica que saía de um vitral. Era uma luz dourada que dava nos olhos e se fundia em tons de cinzento. Paredes claras, tapeçarias de veludo bege. Mathieu pensou: «O espírito francês.» Um banho de espírito francês, por toda a parte, nos cabelos de Ivich, mas mãos de Mathieu. Era aquele sol expurgado, e o silêncio oficial dos salões. Mathieu sentiu-se acabrunhado por uma quantidade de responsabilidades cívicas. Tinha de falar baixo, não tocar nos objectos expostos, fazer uso do espírito crítico com moderação e firmeza, de nunca se esquecer da mais francesa das virtudes, o bom senso. Havia muitas manchas nas paredes: os quadros. Mas Mathieu já não tinha vontade de os contemplar. Apesar disso arrastou Ivich e mostrou-lhe, sem falar,

J E A N-P AUL SARTRE

uma paisagem bretã com um calvário, um Cristo na cruz, um ramo de flores, duas taitianas de joelhos na areia, um grupo de cavaleiros maoris l. Ivich não dizia nada, e Mathieu perguntava a si próprio o que pensava ela de tudo aquilo.

Tentava interessar-se pelos quadros, mas em vão. «Os quadros não atraem», pensava irritado, «apresentam-se. Depende de mim que existam ou não. Sou livre perante eles. Demasiado livre.» Isso criara-lhe uma responsabilidade suplementar e sentia-se culpado.

— Isto é Gauguin — disse.

Era uma pequena tela quadrada com uma etiqueta, auto-retrato: Gauguin muito pálido e penteado, com um queixo enorme, uma expressão de inteligência fácil, e uma arrogância triste de criança. Ivich não respondeu, e Mathieu deitou-lhe um olhar furtivo. Viu apenas os cabelos sem cor pelo falso brilho da luz. Na semana anterior, ao olhar aquele retrato pela primeira

vez, Mathieu tinha-o achado belo. Agora, sentia-se seco. Nem sequer via o quadro. Mathieu estava sobressaltado com a realidade, com a verdade, transido pelo espírito da Terceira República. Via tudo o que era real, tudo o que aquela luz clássica podia clarear, as paredes, as telas nas molduras, as cores pastosas sobre as telas. Não os quadros. Os quadros tinham-se apagado e parecia monstruoso que no fundo de todo aquele bom senso houvesse gente capaz de pintar, de expor nas telas objectos inexistentes.

Entrou um homem e uma mulher. O homem era alto e rosado. Tinha uns olhos redondos e cabelos brancos. A mulher era do tipo gazela e devia ter uns quarenta anos.

1 Indígenas da Nova Zelândia. (N. da R.)

IDADE DA RAZÃO

Mal entraram, mostraram-se à vontade. Devia ser a força do hábito, havia urna relação visível entre o seu aspecto de juventude e a qualidade da luz. Certamente a luz das exposições nacionais era a que lhes ia melhor. Mathieu mostrou a Ivich uma grande e sombria mancha de bolor na parede do fundo.

— Também é dele.

Gauguin, nu até à cintura, num céu tempestuoso, fixava neles o olhar duro e falso dos alucinados. A solidão e o orgulho tinham-lhe devorado o rosto. O corpo tinha-se tornado num fruto grande e mole dos trópicos. Perdera a dignidade — aquela dignidade humana que Mathieu ainda conservava sem saber o que fazer dela —, mas mantinha o orgulho. Por trás dele havia presenças obscuras, demoníacas formas negras. Da primeira vez que vira aquela carne obscena e terrível, Mathieu tinha-se comovido. Mas estava só. Agora, tinha ao seu lado um corpinho rancoroso, e Mathieu sentia vergonha de si próprio. Era de mais, uma grande imundície na parede.

O homem e a mulher aproximaram-se, foram colocar-se com desembaraço diante da tela. Ivich teve de se pôr de lado porque impediam que fosse vista. O homem inclinou-se para trás e olhou a tela com uma severidade depreciativa. Era uma competência. Condecorada.

— Tche, tche, tche — murmurou meneando a cabeça. — Não gosto nada disto! Palavra de honra, fazia-se passar por Cristo! E aquele anjo ali, atrás dele, isto não é a sério.

A mulher pôs-se a rir.

— É verdade — disse com uma voz aflautada —, esse anjo é literário como tudo!

J E A N-P AUL SARTRE

— Não gosto de Gauguin quando pensa — disse o homem, com profundidade. — O verdadeiro Gauguin é o Gauguin que decora. Contemplava Gauguin com os seus olhos redondinhos, seco e

elegante no seu fato distinto de flanela cinzenta diante do enorme corpo nu. Mathieu ouviu um soluçar estranho e voltou-se. Ivich tivera um ataque de riso e olhava-o com desespero mordendo os lábios. «Ela já não está zangada», pensou Mathieu com alegria. Agarrou-lhe no braço e conduziu-a até uma poltrona de couro no meio da sala. Ivich deixou-se cair na poltrona às gargalhadas. Os cabelos caíam-lhe para a cara.

— É formidável — disse em voz alta. — Como é que ele dizia? Não gosto de Gauguin quando pensa. E a mulherzinha. Estão bem um para o outro!

O homem e a mulher mantinham-se impassíveis. Pareciam consultar-se sobre a atitude que deviam tomar.

— Há outros quadros na sala — disse Mathieu timidamente. Ivich parou de rir.

— Não — disse melancólica —, agora já não é a mesma coisa. Há pessoas...

— Quer ir-se embora?

— Preferia. Estes quadros fizeram-me outra vez dor de cabeça. Gostaria de passear ao ar livre.

Levantou-se. Mathieu seguiu-a deitando uma olhadela de pesar para o grande quadro da parede à esquerda. Desejaria ter-lho mostrado. Duas mulheres caminhavam descalças num capim cor-de-rosa. Uma delas tinha um capuz. Era feiticeira. A outra estendia o braço com uma tranquilidade profética. Não tinham uma expressão completamente

IDADE DA RAZÃO

viva. Parecia que tinham sido surpreendidas quando se metamorfoseavam em coisas.

Lá fora, a rua ardia. Mathieu teve a impressão de atravessar uma fogueira.

— Ivich — murmurou, sem querer.

Ivich fez uma careta e levou a mão aos olhos.

— É como se me picassem os olhos com alfinetes. Oh! — disse furiosa —, detesto o Verão.

Deram alguns passos. Ivich titubeava ligeiramente e continuava a tapar os olhos.

— Cuidado com o passeio — disse Mathieu. Ivich desviou as mãos e Mathieu viu-lhe os olhos pálidos e franzidos. Atravessaram a rua em silêncio.

— Isto não devia ser público — disse Ivich de repente.

— Refere-se às exposições?

— Refiro-me.

— Se não fosse público — tentava retomar o tom de alegre familiaridade que lhe era habitual —, como havíamos de fazer para lá ir?

— Não íamos — disse Ivich secamente.

Calaram-se. Mathieu pensou: «Continua aborrecida comigo.» E de repente foi invadido por uma certeza insuportável. «Ela quer acabar com tudo. Não pensa noutra coisa. Deve estar à procura de uma frase cortês de despedida. Quando a encontrar, deixa-me. Mas eu não quero que ela me deixe», pensou com angústia.

— Não tem nada de especial para fazer? — perguntou.

— Quando?

— Agora.

— Não nada.

J E A N-P A U L SARTRE

— Visto que quer passear, pensei... aborrecia-se de ir comigo até casa do Daniel na Rua Montmartre? Podíamos separar-nos à porta e deixava-me pagar-lhe o táxi para voltar ao Lar.

— Se quiser. Mas não volto para o Lar, vou ter com Boris.

«Ela fica.» O que não provava que lhe tivesse perdoado. Ivich não gostava de deixar os lugares e as pessoas, ainda que os odiasse, porque o futuro a apavorava. Abandonava-se com uma indolência mal-humorada às situações mais desagradáveis e acabava por encontrar nelas uma espécie de descanso. Apesar de tudo, Mathieu estava contente. Enquanto estivesse com ele, impedia-a de pensar. Se falasse continuamente, se se impusesse, podia atrasar um pouco a eclosão dos pensamentos coléricos e desprezíveis que lhe iam nascer. Era preciso falar, imediatamente, de qualquer coisa. Mas Mathieu não encontrava nada para dizer. Acabou por perguntar, desajeitadamente:

— Apesar de tudo gostou de ver os quadros? Ivich encolheu os ombros.

— Naturalmente.

Mathieu teve vontade de limpar a testa, mas não se atreveu a fazê-lo. «Daqui a uma hora ficará livre e há-de julgar-me sem apelo, não me poderei defender. Não é possível deixá-la partir assim, tenho de lhe explicar.»

Voltou-se para ela, mas viu-lhe um olhar desvairado, e as palavras não lhe saíram.

— Acha que ele era doido? — perguntou bruscamente Ivich.

A IDADE DA RAZÃO

— Gauguin? Não sei. É por causa do retraio que pergunta isso?

— Por causa dos olhos. E havia também aquelas formas negras atrás dele que pareciam conspirar. Acrescentou com pesar:

— Era belo.

— Aí está uma ideia que não me teria surgido — disse Mathieu com surpresa.

Ivich tinha uma maneira de falar dos mortos ilustres que o chocava um bocado: entre os grandes pintores e os quadros não estabelecia qualquer relação. Os quadros eram coisas, coisas

belas e sensuais que se deviam possuir. Parecia-lhe que existiam desde sempre. Os pintores eram homens como os outros, não os apreciava e não os respeitava. Perguntava se tinham sido simpáticos, graciosos, se tinham tido amantes. Um dia, Mathieu perguntou-lhe se gostava das telas de Toulouse Lautrec, e ela respondeu: «Que horror, ele era tão feio!» Mathieu sentiu-se pessoalmente magoado.

— Sim, era belo — disse Ivich com convicção.

Mathieu encolheu os ombros. Os estudantes da Sorbona, insignificantes e frescos como raparigas, Ivich podia-os devorar com os olhos à vontade. E até Mathieu a tinha achado encantadora uma vez em que ela olhara demoradamente um pupilo do orfanato acompanhado de duas religiosas e dissera com uma espécie de gravidade irrequieta: «Tenho a impressão de que me estou a tornar pederasta.» As mulheres também as podia achar belas. Mas não Gauguin. Não aquele homem maduro que fizera quadros de que ela gostava.

— Eu não o acho simpático.

Ivich fez uma cara de desprezo e calou-se.

J E A N-P AUL SARTRE

— Que foi, Ivich? — disse Mathieu com vivacidade. — Censura-me porque não o acho simpático?

— Não, mas pergunto a mim própria porque é que disse isso.

— Disse por dizer. Porque é a minha impressão. O seu ar de orgulho dá-lhe um olhar de peixe morto.

Ivich desatou a puxar um caracol dos seus cabelos. Adquirira uma expressão de obstinação insípida.

— Tem um ar nobre — disse num tom neutro.

— Sim — disse Mathieu no mesmo tom —, uma certa arrogância, se é isso que quer dizer.

— Naturalmente — disse Ivich a rir.

— Porque é que disse naturalmente?

— Porque tinha a certeza de que ia chamar a isso arrogância.

Mathieu disse, carinhosamente:

— Eu não queria dizer mal dele; bem sabe que aprecio as pessoas que são orgulhosas.

Houve um longo silêncio. Depois Ivich disse abruptamente com um ar estúpido e fechado:

— Os Franceses não gostam do que é nobre.

Ivich falava de bom grado do temperamento francês quando se encolerizava, e sempre com aquela expressão estúpida.

Acrescentou, conciliadora:

— Aliás, compreendo isso muito bem. De fora, isso deve parecer tão exagerado!

Mathieu não respondeu. O pai de Ivich era nobre. Sem a revolução de 1917, Ivich teria sido educada em Moscovo, no colégio das raparigas nobres. Era apresentada na Corte, casava

com um oficial da guarda, alto e belo, de testa curta, de olhar mortiço. O Sr. Serguine

A IDADE DA RAZÃO

era agora proprietário de uma serração mecânica em Laon. Ivich estava em Paris, passeava com Mathieu, um burguês de nacionalidade francesa que não gostava da nobreza.

— Foi esse Gauguin que fugiu? — perguntou de repente Ivich.

— Foi — disse Mathieu com solicitude. — Quer que lhe conte a história?

— Parece-me que a conheço: era casado, tinha filhos, não é isso?

— É! Trabalhava num banco e ao domingo ia para o campo com o cavalete e uma caixa de tintas. Era o que chamamos um «pintor de domingo».

— Pintor de domingo?

— Sim. A princípio era isso. Um amador que esborrata telas ao domingo, da mesma maneira que se pesca à linha. Era saudável; compreende porque se pintam paisagens no campo, respirando o ar puro.

Ivich pôs-se a rir, mas não com a expressão que Mathieu esperava.

— Acha engraçado que ele tenha começado como um pintor de domingo? — perguntou Mathieu com inquietação.

— Não era nele que eu pensava.

— Então no que é que pensava?

— Estava a pensar se também se podia falar em escritores de domingo?

Escritores de domingo! Pequenos-burgueses que escreviam anualmente uma novela, ou cinco ou seis poemas, para realizarem o seu ideal na vida. Por higiene. Mathieu estremeceu.

J E A N-P AUL SARTRE

— Refere-se a mim? — indagou a rir. — Bem viu que isso leva às maiores loucuras. Quem sabe lá se um belo dia não partirei para o Taiti?

Ivich voltou-se para ele, olhou-o de frente. Tinha um ar mau e amedrontado; assustava-se com a sua própria ousadia.

— Isso surpreender-me-ia muito — disse com voz glacial.

— Porque não? Talvez não para o Taiti; mas para Nova Iorque. Gostaria de ir para a América! Ivich puxava os caracóis com violência.

— Sim — disse —, em missão... com outros professores. Mathieu olhou-a em silêncio, e ela continuou:

— Talvez me engane... Estou a vê-lo a fazer conferências para estudantes americanos numa universidade, mas não no convés de um navio de emigrantes. Talvez por ser francês.

— Acha que preciso de cabinas de luxo? — perguntou ele,

corando.

— Não — respondeu secamente Ivich —, de segunda classe. Ele sentiu dificuldade em engolir a saliva. «Gostaria de a ver num convés de um navio com os emigrantes», pensou, «morreria.» — Enfim — concluiu —, de qualquer maneira, acho estranho vê-la decidir sobre a minha possibilidade de partir. Aliás, está enganada. Tive muitas vezes vontade disso, antigamente. Não o fiz porque era absurdo. Esta história é ainda mais cómica porque veio a propósito de Gauguin, que foi precisamente um funcionário até aos quarenta anos.

IDADE DA RAZÃO

Ivich desatou a rir ironicamente.

— Não é verdade? — indagou Mathieu.

— É... visto que o disse. Em todo o caso basta olhá-lo na tela para...

— Para quê?

— Para ver que não deve haver muitos funcionários daquela espécie. Ele parecia... perdido.

Mathieu lembrou-se do rosto pesado e do queixo enorme. Gauguin tinha perdido a dignidade humana, tinha aceitado perdê-la...

— Estou a ver — disse. — Na grande tela do fundo? Estava muito doente naquela altura. Ivich sorriu com desprezo.

— Estou a falar do quadro em que ele é ainda jovem: parece capaz de tudo.

Olhou indefinidamente; com uma expressão ligeiramente desvairada, e Mathieu sentiu pela segunda vez ciúme.

— Evidentemente! Se é isso que quer dizer, não sou um homem perdido.

— Ah, não! — disse Ivich.

— Aliás, não vejo porque é que isso havia de ser uma qualidade

— disse ele —, ou então não estou a perceber o que quer dizer.

— Bem, não se fala mais nisso.

— Claro. E sempre assim. Faz censuras veladas e, depois, recusa-se a dar explicações. É demasiado cómodo.

— Não censuro ninguém — disse ela com indiferença.

Mathieu parou e olhou-a. Ivich parou também, de má vontade. Apoiava-se ora num pé ora noutro e evitava o olhar de Mathieu.

— Ivich! Vai dizer-me o que é que está a magicar.

J E A N-P A U L SARTRE

— O quê?

— Nessa história de homem «perdido».

— Ainda estamos a falar disso?

— É estúpido, mas quero saber o que pensa exactamente sobre isso.

Ivich recomeçou a puxar os cabelos. Era exasperante.

— Nada... nada. Foi uma palavra que me veio à cabeça.

Calou-se. Tinha ar de querer dizer qualquer coisa. De vez em

quando abria a boca, e Mathieu imaginava que ela ia falar. Mas não saía nada. De repente disse:

– Tanto se me dá que seja assim ou assado.

Enrolava um caracol no dedo e puxava-o como se o quisesse arrancar. Acrescentou rapidamente, olhando para a ponta da sapatos:

– Você já está instalado e não mudaria por nada deste mundo.

– Ah!, era isso – disse Mathieu. – Quem é que lhe disse isso?

– É uma impressão, a impressão de que você já tem a vida organizada e com ideias sobre tudo. Estende as mãos para as coisas quando julga que estão ao seu alcance, mas não dá um passo para as apanhar.

– Quem é que lhe disse isso? – repetiu Mathieu. Não conseguia dizer outra coisa. Pensava que ela tinha razão.

– Julgo – disse Ivich com lassidão. – Julgo que não se quer arriscar, que é demasiado inteligente para isso. Acrescentou com uma expressão falsa:

– Mas como me diz o contrário...

Mathieu pensou de repente em Marcelle e teve vergonha.

– Não – disse em voz baixa –, sou assim mesmo, como imagina.

A IDADE DA RAZÃO

– Ah! – disse Ivich triunfante.

– Acha isso desprezível?

– Pelo contrário – respondeu Ivich, com indulgência. – Acho muito melhor assim. Com Gauguin, a vida devia ser impossível. Acrescentou, sem que se percebesse a mais pequena ironia na sua voz:

– Consigo sentimo-nos em segurança, não há que recear imprevistos.

– Com efeito – atalhou Mathieu secamente. – Se quer dizer que não tenho caprichos... Poderia tê-los, como qualquer outro, mas não acho bem.

– Eu sei... tudo o que faz é... tão metódico... Mathieu sentiu-se empalidecer.

– A que propósito diz isso, Ivich?

– A propósito de tudo – disse ela com ar vago.

– Não, deve estar a pensar nalguma coisa de especial. Ela murmurou, sem o olhar:

– Todas as semanas chegava com a Semaine à Paris, estabelecia um programa...

– Ivich! – disse Mathieu, indignado. – Era para si!

– Eu sei – respondeu Ivich com delicadeza –, estou--Ihe muito grata.

Mathieu estava mais surpreendido do que chocado.

– Não compreendo, Ivich. Não gostava de ir a concertos e exposições?

– Gostava.

– Como diz isso sem convicção!

– Gostava realmente muito... Mas tenho horror – disse com uma violência repentina – que me imponham obrigações para com as coisas de que gosto.

J E A N-P AUL SARTRE

– Ah!... não gostava disso – repetiu Mathieu.

Levantou a cabeça e alisou os cabelos para trás, descobrindo o rosto largo e pálido; os olhos brilhavam-lhe. Mathieu estava aterrado. Olhava os lábios finos e moles de Ivich e perguntava a si próprio como os tinha podido beijar.

– Devia ter dito – continuou desolado. – Nunca a teria forçado...

Levara-a aos concertos, às exposições, explicara-lhe os quadros, e durante todo aquele tempo ela odiava-o.

– Que me importam os quadros – disse Ivich sem o ouvir –, se não os posso ter. Todas as vezes, mal me podia conter de raiva e vontade de os levar, e nem sequer lhes podia tocar. E sentia-o a meu lado, tranquilo e reverente. Você ia a essas exposições como se fosse à missa.

Calaram-se. Ivich conservava a sua expressão dura. Mathieu sentiu de repente um nó na garganta.

– Ivich! Peco-lhe desculpa do que se passou esta manhã.

– Esta manhã? Nunca mais pensei nisso. Pensava em Gauguin.

– Não voltará a acontecer. Aliás, nem sei como aconteceu.

Falava por descargo de consciência. Sabia que a sua causa estava perdida. Ivich não respondeu, e Mathieu continuou com esforço:

– Há também os museus, os concertos... Se soubesse como lamento. Pensamos agradar às pessoas... Mas você nunca dizia nada.

Imaginava que ia parar a cada palavra. Mas vinha-lhe outra do fundo da garganta, erguia-lhe a língua e saía. Falava com repugnância, aos arranques. Acrescentou:

IDADE DA RAZÃO

– Vou tentar mudar.

«Sou repugnante», pensou. Uma cólera desesperada ardia-lhe no rosto. Ivich sacudiu a cabeça.

– Não se pode mudar – disse.

Adoptara um tom de bom senso, e Mathieu detestou-a francamente. Caminharam lado a lado, silenciosos. Estavam inundados de luz e odiavam-se. Mas ao mesmo tempo, Mathieu via-se com os olhos de Ivich e sentia horror por si próprio. Ela levou a mão à testa e apertou as fontes com os dedos.

– Ainda é longe?

– Um quarto de hora. Está cansada?

– Muito. Desculpe. Foram os quadros. (Bateu o pé e olhou Mathieu com desespero.) Já os confunde, baralham-se-me na

cabeça. E sempre a mesma coisa.

— Quer ir-se embora? (Mathieu estava quase aliviado.)

— Acho que é melhor.

Mathieu chamou um táxi. Agora, tinha pressa de ficar sozinho.

— Até logo — disse Ivich sem o olhar. Mathieu pensou: «E o Sumatra? Deverei lá ir apesar de tudo?»

Mas não tinha vontade de a tornar a ver.

— Até logo — disse ela.

O táxi afastou-se, e durante alguns instantes Mathieu acompanhou-o, angustiado, com o olhar. Depois uma porta bateu dentro dele, trancou-se, e pôs-se a pensar em Marcelle.

vn

N

u até à cintura, Daniel barbeava-se diante do espelho do armário. «Hoje de manhã, ao meio-dia, tudo estará acabado.» Não era um simples projecto. A coisa já lá estava, à luz da lâmpada eléctrica, no ruído leve da navalha. Não se podia tentar afastá-la, nem mesmo aproximá-la para que acabasse mais depressa. Era preciso vivê-la, simplesmente. Tinham acabado de dar as dez horas, mas o meio-dia já estava no quarto, fixo e redondo, como um olho. Para além disso, nada a não ser uma tarde vaga que se retorcia como um verme. Doíam--Ihe os olhos porque havia dormido muito mal e tinha uma espinha sob o lábio, uma manchazinha vermelha com um ponto branco. Agora era assim, cada vez que bebia. Daniel apurou o ouvido: «Não, eram os ruídos da rua.» Olhou a espinha vermelha e febril. Tinha também aquelas olheiras roxas e pensou: «Estou a dar cabo de mim.» Tomava cuidado ao passar com a navalha à volta da espi-
J E A N-P AUL SARTRE

nhã, de maneira a não se cortar. Ficaria um pequeno tufo de pêlos pretos, paciência. Daniel tinha medo dos arranhões. Ao mesmo tempo escutava. A porta do quarto de dormir estava entreaberta para ouvir melhor. Dizia para si mesmo: «Desta vez não me escapa.»

Foi como um leve roçar, quase imperceptível. Daniel saltou com a navalha na mão. Abriu bruscamente a porta da entrada. Tarde de mais, a criança tinha-o pressentido e fugira. Devia ter-se escondido na reentrância de um dos patamares e aguardava, com o coração aos saltos, sustendo a respiração. Daniel descobriu no capacho a seus pés um ramo de cravos: «Fêmea imunda», disse em voz alta. Era a filha da porteira, tinha a certeza. Bastava ver aqueles olhos de peixe frito quando lhe dizia bom dia. Aquilo já durava há quinze dias. Todas as manhãs, ao voltar da escola, colocava flores diante da porta de Daniel. Com um pontapé atirou os cravos escada abaixo. «Tenho de ficar à espreita no vestíbulo uma manhã inteira. Só assim a conseguirei apanhar.» Apareceria, nu da cintura para cima, e

lançar-lhe-ia um olhar severo. Pensou: «Ela gosta da minha cara. Da cara e dos ombros, porque tem imaginação. Ficará chocada quando vir que tenho pêlos no peito.» Tornou para o quarto e voltou a barbear-se. Via no espelho o rosto moreno e nobre, de faces azuladas. Pensou com uma espécie de mal-estar: «E isso que a excita. Um rosto de arcanjo.» Marcelle alcunhara-o de querido arcanjo» e agora tinha de suportar os olhares daquela femeazinha, em plena puberdade. «Imundas», pensou Daniel, irritado. Inclinou-se ligeiramente e com um golpe hábil de navalha decapitou a espinha. Não seria má ideia desfigurar este rosto de que elas tanto gostavam. «Um rosto escalavrado

IDADE DA RAZÃO

não deixa de ser um rosto, sempre significa alguma coisa; ainda me aborreceria mais depressa.» Aproximou-se do espelho e contemplou-se sem prazer. Disse: «Aliás, gosto de ser belo.» Parecia cansado. Beliscou as ancas. Tinha de perder um quilo. Sete uísques na véspera, à noite, sozinho no Johnny's. Não se decidira a voltar para casa antes das três horas porque era terrível pôr a cabeça no travesseiro e deixar-se afundar nas trevas imaginando que ia haver um amanhã. Daniel pensou nos cães de Constantinopla, tinham--nos encurralado numa rua, fechado em sacos e abandonado numa ilha deserta. Comeram-se uns aos outros. O vento do mar alto trazia por vezes os uivos deles aos ouvidos dos marinheiros. Não eram cães que deviam lá ter posto. Daniel não gostava dos cães. Enfiou uma camisa de seda creme e umas calças de flanela cinzenta; escolheu com atenção a gravata: a verde às listas porque estava abatido. Depois abriu a janela, e a manhã entrou no quarto; uma manhã pesada, abafada, predestinada. Durante um segundo, Daniel deixou-se flutuar no calor estagnante, depois olhou em volta. Gostava do seu quarto porque era impessoal e não o atraía. Dir-se-ia um quarto de hotel. Quatro paredes nuas, duas poltronas, uma cadeira, uma mesa, um armário, uma cama. Daniel não tinha recordações. Viu o grande cesto de vime, aberto no meio do compartimento, e desviou os olhos. Era hoje. O relógio de Daniel marcava dez horas e vinte e cinco. Entreabriu a porta da cozinha e assobiou. «Cipião» apareceu primeiro. Era branco e ruivo, com uma barbinha. Olhou duramente Daniel e bocejou com ferocidade, espreguiçando-se. Daniel ajoelhou-se e, com ternura, pôs-se a acariciar-lhe o focinho. O gato, de olhos semicerrados,

J E A N - P A U L SARTRE

dava-lhe pequeninas patadas na manga. A seguir, Daniel pegou-lhe pelo pescoço e meteu-o no cesto. «Cipião» ficou lá sem se mexer, eufórico, beatificado. «Malvina» veio a seguir. Daniel gostava menos dela porque era comediante e servil. Logo

que percebeu que ele a estava a ver, pôs-se a ronronar e a fazer gracinhas. Coçava a cabeça contra o batente da porta. Daniel roçou-lhe o dedo pelo pescoço rechonchudo; virou-se de costas então, estendeu as patas e ele fez-lhe cócegas nas tetas escondidas sob o pêlo negro. «Ah», disse com uma voz cantante de comediante, «ah, ah!» Ela enrolava-se de um lado para o outro com movimentos graciosos de cabeça. «Espera um pouco», pensou ele, «espera um pouco, até ao meio-dia.» Pegou--lhe pelas patas e pô-la ao lado de «Cipião». Pareceu espantada, mas encolheu-se e depois resolveu ronronar. — «Popeia», «Popeia» — chamou Daniel. «Popeia» nunca vinha quando a chamavam. Daniel teve de ir buscá-la à cozinha. Quando ela o viu, pulou para o fogão a gás, assanhando-se. Era uma gata de telhado, com uma grande cicatriz no flanco direito. Daniel tinha-a encontrado no Luxemburgo, numa noite de Inverno, pouco antes do encerramento do jardim, e trouxera-a. Era voluntariosa e má, mordida muitas vezes «Malvina». Daniel gostava dela. Tomou-a nos braços e ela esticava a cabeça para trás, baixando as orelhas e curvando-se toda. Parecia escandalizada. Passou-lhe o dedo no focinho e ela mordeu-o com raiva e divertida ao mesmo tempo. Então beliscou-lhe o pescoço e ela ergueu uma cabecinha obstinada. Não ronronava («Popeia» nunca ronronava), mas olhou-o bem de frente, e Daniel pensou, como de costume: «É raro um gato olhar-nos de frente.» Mas sentiu que uma intolerável

A IDADE DA RAZÃO

angústia o invadia e teve de desviar o olhar. «Bom, bom, bom, minha rainha», e sorriu-lhe sem a olhar. Os outros dois tinham ficado um ao lado do outro, estúpidos, ronronando. Dir-se-ia um canto de cigarras. Daniel contemplou-os com um alívio maldoso: «Um bom guisado.» Pensava nas tetas rosadas de «Malvina». Mas para fazer «Popeia» entrar no cesto foi um castigo. Teve de a empurrar pelo rabo, e ela voltou-se raivosa e deu-lhe uma unhada. «Ah!, é assim?» Agarrou-a pela nuca e pelos rins e enfiou-a à força; o vime gemeu sob as garras de «Popeia». A gata teve um momento de estupor e Daniel aproveitou-o para baixar a tampa e fechá-la. «Uf!» A mão ardia-lhe um pouco, uma dorzinha seca, como se fossem cócegas. Levantou-se e olhou para o cesto com uma satisfação irónica. «Presos.» Nas costas da mão havia três arranhões e no seu íntimo havia também uma comichão estranha que ameaçava envenená-lo. Agarrou no novelo de fio e guardou-o no bolso das calças.

Hesitou. «É longe; vou ter calor.» Queria vestir o casaco de flanela, mas não tinha o hábito de ceder facilmente aos próprios desejos e, depois, seria cómico andar ao sol, corado e a suar com aquele fardo nos braços. Cómico e um bocado

ridículo. Sorriu e escolheu o casaco de tweed arroxado que já não podia suportar desde Maio. Pegou no cesto pela asa e pensou: «Como são pesados estes infelizes animais.» Imaginava a sua posição humilhante e grotesca, o seu terror raivoso. «Era isto que eu gostava tanto de fazer!» Bastara-lhe fechar os três ídolos dentro de um cesto de vime e tinham voltado a ser gatos apenas, simplesmente gatos, pequenos mamíferos vaidosos e estúpidos e que morriam de medo – nada de extraordinário. «Gatos,

JEAN-PAUL SARTRE

apenas gatos.» Riu-se. Tinha a impressão de que estava a pregar uma boa partida a alguém. Quando atravessou a porta de entrada, teve uma espécie de enjoo, mas passou-lhe logo. Na escada já se sentia indiferente e seco, insípido, uma insipidez de carne crua. A porteira estava à porta da rua e sorriu-lhe. Gostava de Daniel, porque ele era muito cerimonioso e bem-educado!

– Levantou-se muito cedo, Sr. Sereno.

– Receava que estivesse doente, minha senhora – respondeu Daniel respeitosamente. – Voltei tarde ontem à noite e vi luz por baixo da sua porta.

– Veja lá – disse a porteira a rir –, estava tão exausta que adormeci sem apagar a luz. De repente ouvi a campainha. «Ah!», pensei, «aí está o Sr. Sereno» (era o único inquilino que faltava entrar). Apaguei-a logo a seguir. Eram três horas mais ou menos, não?

– Mais ou menos.

– Que cesto tão grande!

– São os meus gatos.

– Estão doentes? Coitadinhos!

– Não, vou levá-los para a casa da minha irmã em Meudon. O veterinário acha que precisam de ar. Acrescentou, gravemente:

– Sabe que os gatos podem ficar tuberculosos?

– Tuberculosos? – disse a porteira, assustada. – Ah!, trate bem deles. Mas o seu apartamento vai ficar vazio. Eu já me tinha habituado a vê-los, tão bonitos, quando ia lá acima arrumar. O senhor deve estar muito aborrecido.

– Muito, Senhora Dupuy – disse Daniel. Sorriu gravemente e deixou-a. «Velha toupeira, traiu-se. Devia tratá-los mal na minha ausência: bem a proibi de lhes

IDADE DA RAZÃO

tocar; faria melhor se vigiasse a filha.» Atravessou o portão, e a luz ofuscou-o, aquela horrível luz quente e aguda.

Fazia--Ihe mal aos olhos, corno tinha previsto. Quando se bebe na véspera, não há nada como uma manhã de bruma. Não via nada, nadava na luz, com uma garra de ferro a apertar-lhe o crânio. De repente viu a própria sombra grotesca e disforme, com a

sombra da prisão de vime que lhe balançava no braço. Daniel sorriu, era muito alto. Empertigou-se, mas a sombra permaneceu atarracada e disforme, dir-se-ia um chimpanzé. «Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Não, nada de táxi, tenho tempo. Serei Mr. Hyde até à paragem do 72.» O 72 levá-lo-ia a Charenton. A um quilómetro dali, Daniel conhecia um sítio solitário ao pé do Sena. «Não vou desmaiar assim sem mais nem menos», disse, «não faltava mais nada.» A água do Sena era particularmente escura e suja naquele lugar, com manchas esverdeadas de óleo por causa das fábricas de Vitry. Daniel contemplou-se a si próprio com nojo. Sentia-se interiormente tão bom, tão tranquilo, que isso não lhe parecia natural. Pensou: «O homem é assim», com uma espécie de prazer. Era rígido, fechado e no fundo havia uma pobre vítima que pedia clemência. «É estranho que se possa odiar a si mesmo como se fora outra pessoa!» Mas não era verdade; por mais que fizesse, só havia um Daniel. Quando se desprezava, tinha a impressão de se destacar de si mesmo, de planar como um juiz abstracto acima de um formigar impuro, e bruscamente aquilo apanhava-o e sentia-se mergulhar em si próprio. «Merda!», pensou, «vou beber um copo.» Tinha de fazer apenas um pequeno desvio e ficaria no Championnet, Rua Tailliedouce. Quando empurrou a porta, o bar estava vazio. O empregado limpava as mesas de madeira avermelhada em

J E A N-P AUL SARTRE

forma de tonel. A obscuridade era agradável. O silêncio repousante. «Que violenta dor de cabeça!» Pousou o cesto, depois sentou-se num banco do bar.

— Vai com certeza querer um uísque bem doseado — afirmou o barman.

— Não — disse secamente Daniel. «Que fossem passear com aquela mania de catalogar os indivíduos, como guarda-chuvas ou máquinas de costura. Eu não sou... nunca se é nada. Mas definem as pessoas num instante. Este dá boas gorjetas, aquele tem sempre uma boa para contar, eu gosto de uísques bem doseados...» —, um gin-fizz!

O barman serviu-o, sem fazer objecções. Devia estar magoado. «Tanto melhor. Nunca mais porei os pés neste buraco, são demasiados familiares. Aliás, o gin-fizz sabe a limonada purgativa. Espalhava-se em poeira ácida sobre a língua e acabava num gosto de aço. Isto não me faz nada.»

— Um vodka com pimenta num balão — pediu.

Bebeu o vodka e ficou um momento a sonhar, com um fogo de artifício na boca. Pensava: «Isto nunca mais acaba.» Mas eram pensamentos superficiais, como sempre, cheques sem cobertura. «Que é que nunca mais acaba?» Ouviu-se um miado e um ruído de garras a raspar. O barman assustou-se.

— São gatos — disse Daniel, secamente.

Desceu do banco, pôs vinte francos na mesa e pegou no cesto. Ao levantá-lo, viu no chão uma manchazinha vermelha. Sangue. «Que estarão fazendo aqui dentro?», pensou, angustiado. Mas não tinha vontade de levantar a tampa. Agora só havia na prisão um pavor maciço e indefinido; se abrisse, o terror transformar-se-ia em gatos, 1

DADE DA RAZÃO

e Daniel não poderia suportar isso. «Ah!, não o suportaria. E se eu levantasse a tampa?» Mas Daniel já tinha saído, e a cegueira recomeçava, uma cegueira lúcida e húmida: os olhos ardiam-lhe como fogo, e de repente apercebeu-se de que via casas, a cem passos, na frente, claras e leves como fumo. No fim da rua havia um muro azul. «É sinistro ver com clareza», pensou Daniel. Assim é que imaginava o Inferno: um olhar penetrante que atravessaria tudo, iria até ao fim do mundo – até ao fim de si próprio. O cesto mexeu-se sozinho no seu braço; arranhavam-se lá dentro. Aquele terror que sentia tão próximo da mão, não sabia se lhe causava prazer ou mal-estar. Aliás, tanto lhe fazia. «Há no entanto qualquer coisa que os sossega: o meu cheiro.» Daniel pensou: «Para eles sou um cheiro. Paciência.» Dentro em breve, Daniel já não teria aquele cheiro familiar, deambularia sem cheiro, sozinho entre os homens que não têm sentidos suficientemente apurados para essa percepção. Sem cheiro e sem sombra, sem passado, nada mais do que um invisível arrancar de si próprio para o futuro. Daniel reparou que estava a alguns passos à frente do seu corpo, perto do lampião e que se olhava e se via chegar, coxeando ligeiramente por causa do peso que levava, a suar. Via-se chegar e era apenas um simples olhar. Mas a montra de uma tinturaria reflectiu-lhe a imagem, e a ilusão dissipou-se. Daniel, ele próprio, encheu-se de uma água lodosa e insossa. A água do Sena, insossa e lodosa, vai encher o cesto e eles vão ferir-se com as garras. Foi invadido por um imenso nojo, pensou: «E um acto gratuito.» Parou, pôs o cesto no chão. Chatear-se através do mal feito aos outros. Nunca se pode ser directamente atingido. Pensou novamente em Constantinopla: fechavam as mulheres

J E A N-P AUL SARTRE

infiéis dentro de sacos com gatos hidrófobos e atiravam--nos ao Bósforo. Tonéis, sacos de couro, prisões de vime: prisões. «Há piores.» Encolheu os ombros. Mais cheques sem cobertura. Não queria armar em trágico, estava farto. Quando se arma em trágico, é porque se leva tudo a sério. E nunca, nunca Daniel levava as coisas a sério. O autocarro surgiu de repente. Daniel fez sinal e subiu para a primeira classe. – Até ao fim da linha. ; – Seis bilhetes – disse o cobrador. «A água do Sena vai enlouquecê-los.» A água cor de café com

leite com reflexos roxos. Uma mulher sentou-se diante dele, digna e rígida. Ao lado, uma menina. A menina olhou para o cesto com curiosidade: «Mosquinha imunda», pensou Daniel. O cesto miou, e Daniel estremeceu como se tivesse sido surpreendido em flagrante delito de assassinio.

– Que é? – perguntou a menina, com uma vozinha clara.

– Tchiu – disse a mãe –, deixa o senhor sossegado.

– São gatos – disse Daniel.

– São seus? – indagou a menina.

– São.

– Porque é que os carrega num cesto?

– Porque estão doentes – disse Daniel, docemente.

– Posso vê-los?

– Jeannine – disse a mãe –, estás a abusar.

– Não posso mostrá-los, a doença tornou-os maus. A menina falou com uma voz convincente e encantadora. x

– Comigo não serão maus... os gatos.

A IDADE DA RAZÃO

– Achas que sim? Escuta, querida – disse Daniel em voz baixa e rapidamente –, eu vou afogar estes gatos. E sabes porquê?

Porque ainda hoje de manhã eles arranharam horivelmente o rosto de uma linda menina como tu, que me veio trazer flores. Vai ser preciso arranjar um olho de vidro para ela.

– Oh! – disse a menina, espantada. Olhou momentaneamente, cheia de terror, para o cesto e foi esconder-se nas saias da mãe.

– Estás a ver – disse a senhora, deitando um olhar indignado sobre Daniel. – Estás a ver! Bem te disse que estivesse sossegada, que não falasses à toa. Não é nada, querida, o senhor estava a brincar.

Daniel olhou-a tranquilamente. «Ela odeia-me», pensou, satisfeito. Via desfilarem pelos vidros as casas cinzentas, sabia que a mulher o estava a olhar. «Uma mãe indignada! Está à procura do que poderá odiar em mim. Não é o meu rosto.»

Ninguém detestava o rosto de Daniel. «Nem a minha roupa, que é nova e macia. Talvez as mãos.» As mãos eram curtas e fortes, ligeiramente gordas, com pêlos negros sobre as falanges.

Pô-las sobre os joelhos: «Olhe! olhe!» Mas a mulher desistira. Tinha os olhos fixos em frente, com um ar indefinido.

Descansava. Daniel contemplou-a com uma espécie de avidez. Como faziam essas pessoas assim, quando descansavam? Aquela deixara-se cair com todo o seu peso dentro de si mesma e fundia-se. Nada havia naquela cabeça que se assemelhasse a uma fuga desesperada diante de si, nem curiosidade, nem ódio, nenhum movimento, nem mesmo uma ligeira ondulação. Somente a massa espessa do sono. Acordou de repente, e uma expressão animada veio pousar-lhe no rosto.

J E A N-P AUL SARTRE

— É aqui, é aqui — disse. — Vem, como és irritante e demorada! Pegou na mão da filha e arrastou-a. Antes de descer, a menina voltou-se e deitou um olhar de terror para o cesto. O autocarro partiu e mais adiante parou. Algumas pessoas passaram a rir diante de Daniel.

— Término — gritou o cobrador.

Daniel sobressaltou-se. O carro estava vazio. Levantou-se e desceu. Era uma praça movimentada e cheia de bares. Formara-se um grupo de operários em volta de uma carrocinha, as mulheres olharam-no surpreendidas. Daniel apressou o passo e voltou numa rua suja que conduzia ao Sena. De ambos os lados havia tonéis e entrepostos. O cesto desatara a miar ininterruptamente e Daniel quase corria. Carregava um balde furado de que a água se escapava gota a gota. Cada miado era uma gota. O balde era pesado. Daniel mudava de mão e limpava o suor da testa. «É preciso não pensar nos gatos. Ah!, não queres pensar nos gatos? Pois bem, è preciso que penses. Seria cómodo de mais!» Daniel reviu os olhos dourados de «Popeia» e pensou muito depressa noutras coisas, ganhara dez mil francos na Bolsa, dois dias antes; pensou em Marcelle, devia vê-la nessa noite, era o seu dia. «Arcanjo!» Daniel riu de troça: desprezava profundamente Marcelle. Eles não têm coragem de confessar que não se amam. Se Mathieu visse as coisas como são, teria de tomar uma resolução. Mas não quer. Não quer perder-se. «Ele é normal...», pensou com ironia. Os gatos miaram como se tivessem sido escaldados, e Daniel sentiu que perdia a cabeça. Colocou o cesto no chão e deu-lhe um violento pontapé. Ouviu-se um grande barulho lá dentro e a seguir os gatos deixaram de se ouvir.

IDADE DA RAZÃO

Daniel ficou um momento imóvel com um estranho estremecimento atrás das orelhas. Operários saíram de um entreposto, e Daniel recomeçou a andar. Era ali. Desceu por uma escada de pedra até à beira do rio, sentou-se no chão junto a uma argola de ferro, entre um barril de alcatrão e um monte de paralelepípedos. O Sena estava amarelo sob o céu azul. Barcaças negras carregadas de tonéis estavam atracadas ao cais na outra margem. Daniel estava sentado ao sol e doíam-lhe as têmporas. Olhou para a água ondulosa e inchada de fluorescências opalinas. Depois tirou do bolso o novelo, e com o canivete cortou um pedaço de fio. Sem se levantar, pegou com a mão esquerda numa pedra, amarrou uma das pontas do fio à asa do cesto, enrolou o resto na pedra, deu vários nós e tornou a pôr a pedra no chão. Que estranha engrenagem! Daniel calculou que teria de pegar no cesto com a mão direita e na pedra com a esquerda. Largaria tudo ao mesmo tempo. O cesto flutuaria talvez durante uns

décimos de segundo e a seguir uma força brutal arrastá-lo-ia para o fundo. Daniel pensou que estava com calor, amaldiçoou o pesado casaco, mas não quis tirá-lo. Dentro dele qualquer coisa palpitava que pedia clemência, e Daniel, duro e seco, deu com ele a gemer. Quando não se tem coragem de se matar de uma só vez, tem de se fazer aos bocados. Ia aproximar-se da água e dizer: «Adeus ao que mais amo no mundo...» Ergueu-se levemente sobre as mãos e olhou em volta: à direita a margem estava deserta, à esquerda, lá longe, um pescador recortado a preto na luz. Os remoinhos propagar-se-iam por baixo da água até à isca. Vai pensar que é um peixe... Riu e tirou o lenço para enxugar o suor da testa. Os ponteiros do seu relógio marcavam onze e vinte e cinco.

J E A N - P A U L SARTRE

«Às onze e trinta.» Era preciso prolongar aquele momento extraordinário. Daniel desdobrava-se. Sentia-se perdido numa nuvem vermelha, sob um céu de chumbo. Pensou com orgulho em Mathieu: «Eu é que sou livre», disse. Mas era um orgulho impessoal, pois Daniel já não era ninguém. Às onze horas e vinte e nove levantou-se; sentia-se fraco e teve de se apoiar ao barril. Manchou o casaco de tweed e ficou a olhar a mancha escura. De repente sentiu que estava sozinho. Que era apenas um solitário. Um covarde. Um tipo que gostava dos seus gatos e que não os queria deitar à água. Pegou no canivete, baixou-se e cortou o fio. Em silêncio: mesmo dentro dele havia silêncio, tinha demasiada vergonha para falar diante de si. Pegou no cesto e voltou a subir a escada. Era como se passasse, voltando a cara, perto de alguém que o desprezasse. Dentro dele continuava o deserto, o silêncio. Quando chegou ao último degrau atreveu-se a dizer a si próprio as primeiras palavras: «Que seria aquela gota de sangue?» Mas não ousou abrir o cesto. Pôs-se a caminhar, coxeando. «Sou eu. Sou eu. O imundo.» Mas no fundo dele havia um estranho sorriso: porque tinha salvado «Popeia».

— Táxi — gritou. O táxi parou. — Rua Montmar-tre, 22 — disse Daniel. — Quer ter a bondade de pôr este cesto aí à frente? Deixou-se embalar pelo movimento do táxi. Não chegava sequer a desprezar-se. Depois a vergonha voltou mais forte e começou a ver-se: era intolerável. «Nem de uma vez só nem aos poucos», pensou amargamente. Quando tirou a carteira para pagar, constatou sem alegria que estava cheia de dinheiro. «Ganhar dinheiro, sim. Isto posso eu fazer.»

IDADE DA RAZÃO

— De volta, Sr. Sereno? — disse a porteira. — Há justamente alguém que acaba de subir. Um amigo seu, aquele de ombros largos. Disse-lhe que o senhor não estava. «Não está», foi o que ele me respondeu, «pois então vou deixar-lhe um bilhete

debaixo da porta.»

Ela olhou o cesto e exclamou:

— Mas o senhor trouxe-os de volta!

— Que quer, minha senhora — disse Daniel —, talvez seja condenável, mas não pude separar-me deles.

«E Mathieu», pensou, subindo a escada. «Vem a boa hora o desgraçado.» Sentia-se contente por odiar outra pessoa.

Encontrou Mathieu no patamar do terceiro.

— Olá! — disse Mathieu. — Já não esperava ver-te.

— Fui levar os meus gatos a passear — disse Daniel.

Espantava-se por sentir em si um certo entusiasmo. — Sobes comigo?

— Sim, quero pedir-te um pequeno favor.

Daniel deu-lhe uma olhadela e reparou que estava com uma cara terrosa. «Parece estar em dificuldade», pensou. Tinha vontade de o ajudar. Subiram. Daniel pôs a chave na fechadura e empurrou a porta.

— Entra — disse. Tocou-lhe de leve no ombro e retirou imediatamente a mão. Mathieu entrou no quarto de Daniel e sentou-se numa poltrona.

— Não compreendi nada das histórias da porteira. Disse-me que foste levar os gatos à casa da tua irmã. Reconciliaste-te com a tua irmã?

Qualquer coisa arrefeceu subitamente em Daniel. «Que diria se soubesse de onde venho?» Fixou sem simpatia os olhos sérios e penetrantes do amigo: «É normal, ele é normal.» Sentia-se separado dele por um abismo. Riu.

J E A N-P A U L SARTRE

— Ah! sim, à casa da minha irmã, uma inocente mentira — disse. Sabia que Mathieu não insistiria. Mathieu tinha o hábito irritante de tratar Daniel como um mitó-mano e pretendia não indagar os motivos que induziam Daniel a mentir. Efectivamente olhou para o cesto com certa curiosidade e calou-se.

— Dás licença?

Daniel só tinha um desejo. Abrir o cesto o mais depressa possível: «Que seria aquela gota de sangue?» Ajoelhou-se, pensando: «Vão saltar-me em cima.» E avançou o rosto de maneira a ficar inteiramente ao alcance dos gatos. Pensava em abrir o fecho. Um bom aborrecimento não lhe faria mal.

Perderia, durante algum tempo, o seu optimismo, o seu ar de equilíbrio. «Popeia» fugiu do cesto assanhada e correu para a cozinha. «Cipião» saiu por sua vez; conservava a sua dignidade, mas não parecia muito confiante. Dirigiu-se com passos medidos até ao armário, olhou em volta com uma expressão matreira e escondeu-se debaixo da cama. «Mal-vina» não se mexia. «Está ferida», pensou Daniel. Jazia no fundo do cesto, aniquilada. Daniel pôs-lhe o dedo debaixo do queixo e

levantou-lhe a cabeça. Recebera uma unhada nas narinas e tinha o olho esquerdo fechado, porém já não sangrava. Sobre o focinho havia uma crosta escura e em torno da crosta os pêlos estavam duros e viscosos.

— Que foi? — perguntou Mathieu. Tinha-se levantado e olhava para a gata, atentamente.

«Acha-me ridículo», pensou Daniel, «porque me preocupo com uma gata. Se fosse um miúdo, acharia natural.»

— «Malvina» foi ferida — explicou. — Foi certamente «Popeia». É insuportável. Desculpa, é só um momento, para o curativo.

IDADE DA RAZÃO

Foi buscar uma garrafa de arnica e um pacote de algodão ao armário. Mathieu acompanhou-o com o olhar, sem dizer palavra, depois passou a mão pela testa com um ar de velho. Daniel pôs-se a lavar o focinho de «Malvina». A gata debatia-se fracamente.

— Sê bonita — dizia Daniel —, sê boazinha, vamos. Pronto. Pensava que assim afastava terrivelmente Mathieu e que isso lhe dava alento. Mas, quando levantou a cabeça, viu que Mathieu olhava sem ver, com um olhar duro.

— Desculpa, meu caro — disse Daniel com a sua melhor voz —, só um minuto. Tinha de tratar daquele animal, bem sabes, infecta facilmente. Não te estou a aborrecer muito? — acrescentou com um sorriso amável.

Mathieu estremeceu, mas logo desatou a rir.

— Ora, ora, não me faças esses olhos de veludo!

«Olhos de veludo!» A superioridade de Mathieu era odiosa.

«Pensa que me conhece. Fala das minhas mentiras, dos meus olhos de veludo. Não me conhece nada, mas diverte-se em pôr uma etiqueta como se eu fosse uma coisa.»

Riu, com cordialidade, e enxugou cuidadosamente a cabeça de «Malvina». A gata cerrava os olhos, parecia em êxtase, mas Daniel sabia que ela sofria. Deu-lhe uma palmadinha no dorso.

— Pronto — disse levantando-se —, amanhã estarás boa. Mas a outra deu-lhe uma bela unhada, sabes?

— «Popeia»? É uma peste — disse Mathieu distraído. E bruscamente:

— Marcelle está grávida.

— Grávida?!

J E A N-P AUL SARTRE

A surpresa de Daniel foi curta, mas teve de lutar contra uma grande vontade de rir. Então era isso! É verdade: «Urina sangue todos os meses lunares e é fértil como uma raia ainda por cima!» Pensou com repugnância que ia vê-la naquela noite. «Não sei se terei coragem de lhe tocar na mão.»

— Estou muito chateado — disse Mathieu com uma expressão objectiva.

Daniel encarou-o e observou sóbrio:

— Compreendo.

Depois apressou-se em voltar-lhe as costas, com o pretexto de guardar a garrafa de arnica no armário. Tinha medo de rir. Pôs-se a pensar na morte da mãe, dava sempre resultado nessas ocasiões. E a coisa restringiu-se a dois ou três soluços convulsivos. Mathieu continuava a falar gravemente:

— O pior é que isso a humilha. Não a viste muitas vezes, sabes, mas é uma espécie de valquíria. Uma valquíria fechada num quarto — acrescentou sem maldade. — Para ela é uma diminuição terrível.

— Sim — disse Daniel com solicitude. — E para ti não é nada agradável. Podes dizer o que quiseses, ela deve inspirar-te horror agora. Em mim, isso mataria o amor.

— Eu já não lhe tenho amor — disse Mathieu.

— Não?

Daniel estava profundamente surpreendido e divertido. «Há desporto esta noite», pensou. Perguntou:

— Já lho disseste?

— Não, evidentemente.

— Porquê evidentemente? Terás de lho dizer um dia. Vais...

— Não, não quero deixá-la. \

— Então? ^

A IDADE DA RAZÃO

Daniel divertia-se muito. Tinha agora pressa em ver Marcelle.

— Então nada. Pior para mim. Não é culpa dela que eu já não a ame.

— A culpa é tua?

— É.

— E vais continuar a vê-la às escondidas e a...

— Que tem isso?

— Pois se continuares muito tempo com esse jogo, acabarás por detestá-la.

Mathieu parecia obstinado.

— Não quero que ela se aborreça...

— Preferes sacrificar-te — disse Daniel com indiferença.

Quando Mathieu armava em quaker, odiava-o.

— Que é que eu sacrifico? Irei ao liceu, verei Marcelle, escreverei um conto de dois em dois anos. É exactamente o que faço!

Acrescentou com uma amargura a que Daniel não estava habituado:

— Sou um escritor de domingo. Aliás, eu quero-lhe bem e ficaria aborrecido se não a voltasse a ver. Só que é mais ou menos como uma amizade familiar.

Houve um silêncio. Daniel sentou-se na poltrona, em frente Mathieu.

— Mas é preciso que tu me ajudes — disse Mathieu. — Tenho uma direcção, mas não tenho dinheiro. Empresta-me cinco mil francos.

— Cinco mil francos — disse Daniel indeciso. Bastava-lhe abrir a carteira recheada, tirar de dentro as cinco notas. Mathieu fizera-lhe muitas vezes favores antigamente.

J E A N-P AUL SARTRE

— Eu dar-te-ei metade no fim do mês — disse Mathieu. — E a outra metade a 14 de Julho, quando receber os meus vencimentos de Agosto e Setembro.

Daniel olhou o rosto terroso de Mathieu e pensou: «Este tipo está realmente aborrecido.» Depois pensou nos gatos e sentiu-se sem piedade, inflexível.

— Cinco mil francos! — disse com voz desolada —, mas não os tenho, acredita, isso chateia-me muitíssimo...

— Disseste-me há dias que ias fazer um bom negócio.

— Pois, meu caro, o bom negócio foi um malogro. Bem sabes o que é a Bolsa. Aliás, é simples, estou cheio de dívidas.

Não pusera muita convicção na voz, porque não desejava convencer. Mas quando viu que Mathieu não o acreditava, ficou colérico: «Que vá à merda! Acha-se profundo, imagina que lê em mim. Porque é que havia de ajudá-lo? Que vá procurar os que são como ele.» O que lhe parecia insuportável era aquele ar normal e sério que Mathieu nunca perdia, mesmo na aflição.

— Bem — disse Mathieu aparentando bom humor —, então não podes realmente?

Daniel pensou: «É preciso que tenha muita necessidade para insistir assim.»

— Realmente, meu caro. Sinto muito.

Perturbava-se com a perturbação de Mathieu, mas isso não lhe era desagradável. Era como se tivesse virado uma unha. Daniel gostava das situações falsas.

— Tens uma necessidade urgente? — indagou, com solicitude. — Não poderás dirigir-te a um outro?

— Gostaria de evitar falar com Jacques.

— E verdade — disse Daniel um pouco decepcionado. — Tens o teu irmão. Portanto não há perigo.

A IDADE DA RAZÃO

Mathieu mostrou-se desanimado.

— Nisso estás enganado. Meteu na cabeça que não me devia emprestar mais nada, porque me fazia um mau serviço. «Na tua idade», disse-me, «deverias ser independente.»

— Oh!, mas num caso destes ele vai certamente emprestar-te — disse Daniel, conciliador. Deitou fora a ponta da língua e pôs-se a lambar devagar o lábio superior. Soubera encontrar logo o tom optimista, superficial, quase alegre que enfurece

os outros.

Mathieu tinha corado.

— Exactamente neste caso é que não lhe posso pedir.

— É verdade — afirmou Daniel. Reflectiu um instante: — De qualquer maneira, ainda há as associações, aqueles que emprestam aos funcionários. A maior parte das vezes, dá-se com usurários. Mas que importam afinal os juros, se tens o dinheiro?

Mathieu pareceu interessado, e Daniel pensou, aborrecido, que o tinha acalmado.

— Que espécie de gente é essa? Emprresta logo o dinheiro?

— Não — disse Daniel com vivacidade. — Demora cerca de quinze dias. É preciso um inquérito.

Mathieu calou-se. Meditava. Daniel sentiu repentinamente um pequeno choque mole. «Malvina» saltara-lhe para os joelhos e instalava-se a ronronar. «Não me tem rancor», pensou com nojo. Pôs-se a acariciá-la negligentemente. Os animais e os homens não chegavam a odiá-lo. Por causa da sua inércia bonacheirona ou talvez do seu rosto. Mathieu absorvera-se em pequenos cálculos miseráveis. Também não tinha rancor. Daniel inclinou-se sobre «Malvina» e coçou-lhe o crânio. A mão tremia-lhe.

J E A N-P AUL SARTRE

— No fundo — disse, sem olhar Mathieu —, estou quase contente de não ter dinheiro. Tu queres ser livre, é uma oportunidade para um acto de liberdade.

— Um acto de liberdade? — Mathieu parecia não entender. Daniel levantou a cabeça.

— Sim, casar com Marcelle.

Mathieu encarou-o, franzindo as sobrancelhas. Estaria Daniel a troçar dele? Daniel sustentou o olhar com um ar de gravidade modesta.

— Estás doido? — perguntou Mathieu.

— Porquê? Uma simples palavra e mudas toda a tua vida. Isso não acontece todos os dias.

Mathieu pôs-se a rir. «Ele prefere rir», pensou Daniel, aborrecido.

— Não me tentarás — disse Mathieu. — Sobretudo neste momento.

— Bem... precisamente — continuou Daniel, com o mesmo tom fútil —, deve ser muito divertido fazer, propositadamente, o contrário do que se quer. Sentimo-nos outro.

— Que outro? — disse Mathieu. — Queres que eu arranje três filhos pelo prazer de me sentir outro quando os levar ao Luxemburgo? Se eu fosse um tipo acabado, é possível que isso me mudasse muito...

«Nem por isso», pensou Daniel, e acrescentou:

— No fundo, não deve ser desagradável um tipo sentir-se

conformado, mas até à medula, enterrado. Um sujeito casado, com três filhos! Como isso deve acalmar!

— Com efeito — disse Mathieu. — Tipos assim encontram-se todos os dias. Os pais dos alunos, que me vêm procurar. Quatro filhos, cornudos, membros das associações dos pais dos alunos. Parecem calmos. Benignos até.

A IDADE DA RAZÃO

— Têm também uma espécie de alegria — disse Daniel. — Dão-me vertigens. E a ti, isso não te tenta, realmente? Vejo-te muito bem, casado; serias como eles, gordo, bem tratado, com um trocadilho sempre à disposição e olhos de celulóide. Eu acho que não detestaria.

— Pareces bem tu — disse Mathieu, sem se comover. — Mas eu prefiro pedir os cinco mil francos ao meu irmão. Levantou-se. Daniel pôs «Malvina» no chão e levantou-se também. «Ele sabe que tenho dinheiro e não me odeia; mas que é preciso fazer para que me odeiem?»

A carteira estava ali. Bastava a Daniel pôr a mão no bolso. Diria: «Aqui está, meu caro, quis chatear-te um bocado, para me rir.» Mas teve medo de se desprezar.

— Lamento — disse hesitante —, se achar um meio, escrevo-te. Acompanhara Mathieu até à porta de entrada.

— Não te incomodes — disse Mathieu —, eu cá me arranjarei. Fechou a porta. Quando Daniel ouviu o passo de Mathieu na escada pensou: «É irreparável.» E sentiu a respiração entrecortada. Mas passou-lhe. Nem sequer um momento ele deixou de ser ponderado, de perfeito acordo consigo mesmo. «Está aborrecido, mas isso fica-lhe por fora. Dentro está à vontade.» Foi olhar o seu belo rosto no espelho e pensou: «Ainda valia uns mil se ele fosse obrigado a casar com Marcelle.»

vm

E

stava acordada há muito tempo. Devia estar preocupada. Era preciso confortá-la, tranquilizá-la, dizer-lhe que não iria lá em nenhuma das hipóteses. Mathieu lembrou-se com ternura do pobre rosto atormentado da véspera, e ela pareceu-lhe repentinamente de uma fragilidade pungente. «Preciso de lhe telefonar...» Mas resolveu passar primeiro pela casa de Jacques. «Assim, talvez possa ter uma boa notícia para lhe dar.» Pensava com irritação na atitude que Jacques ia tomar. Uma expressão divertida e sabida, para além da censura e da indulgência, com a cabeça de lado e os olhos semicerrados: «Como? Mais dinheiro ainda!» Mathieu sentia arrepios. Atravessou a rua e pensou em Daniel. Não lhe tinha rancor. Ninguém tinha rancor a Daniel. Mas sim a Jacques. Parou diante de um edifício atarracado da Rua Réaumur e leu, irritado, como

lhe acontecia sempre: Jacques Delarue, tabelião, segundo andar. Tabelião! Entrou, subiu no elevador. «Espero que Odette não esteja», pensou.

J E A N-P AUL SARTRE

Estava. Mathieu viu-a através da porta envidraçada da sala de estar. Estava sentada num sofá, elegante, alta e limpa até à insignificância. Lia. Jacques dizia de bom grado: «Odette é uma das poucas mulheres de Paris que tem tempo para ler.»

— O Sr. Mathieu quer falar com a senhora? — perguntou Rosa.

— Sim, quero dizer-lhe bom dia, mas previna meu irmão de que irei vê-lo ao escritório dentro de alguns minutos.

Empurrou a porta. Odette ergueu o belo rosto ingrato e pintado.

— Bom dia, Thieu — disse, contente. — É para mim a visita que veio fazer?

— Para si?

Ele contemplava com uma simpatia descontente aquela fronte alta e calma e aqueles olhos verdes. Era bela sem dúvida, mas de uma beleza que parecia desaparecer com o olhar. Habitado a rostos como o de Lola, cujo sentido se impunha logo, brutalmente, Mathieu tentara imensas vezes reter em conjunto aqueles traços escorregadios, mas escapavam-se, o conjunto desfazia-se a todo o momento, e o rosto de Odette guardava o seu decepcionante mistério burguês.

— Gostaria de lhe fazer uma visita — disse —, mas tenho de ver Jacques, preciso de pedir-lhe um favor.

— Não tenha tanta pressa — disse Odette. — Jacques não vai fugir. Sente-se.

Arranjou-lhe um lugar ao lado dela.

— Cuidado — acrescentou sorrindo. — Um destes dias vou zangar-me. Esquece-se de mim. Tenho direito a uma visita pessoal. Prometeu-ma. /

A IDADE DA RAZÃO

— Você é que prometeu receber-me um destes dias.

— Como é delicado — disse ela, a sorrir —, não deve ter a consciência tranquila.

Mathieu sentou-se. Gostava de Odette, mas nunca sabia o que lhe devia dizer.

— Como vai, Odette?

Pôs certo calor na voz para dissimular a vulgai idade da pergunta.

— Muito bem. Sabe onde estive esta manhã? Em Saint-Germain, com o carro, para ver Françoise. Isso encantou-me.

— E Jacques?

— Muito trabalho, ultimamente. Quase não o vejo. Porém, a sua saúde é extraordinária. Como sempre.

Mathieu sentiu bruscamente um profundo desprazer. «Ela

pertence a Jacques», pensou. Contemplava com mal--estar o braço moreno e fino que saía de um vestido muito simples, apertado na cintura por um cordão vermelho, quase um vestido de rapariguinha. O braço, o vestido, o corpo por baixo do vestido, tudo pertencia a Jacques, como os móveis, a secretária de mogno, o sofá. Essa mulher discreta e pudica cheirava a posse. Houve um silêncio e em seguida Mathieu voltou à voz quente e ligeiramente nasal que conservava para Odette.

— Tem um vestido muito bonito — disse.

— Oh!, escute — disse Odette com um riso indignado —, deixe o vestido sossegado. Todas as vezes que me vê, fala-me dos meus vestidos. Deixe isso e diga-me antes o que fez esta semana. Mathieu riu. Sentia-se agora bem-disposto.

J E A N-P AUL SARTRE

— Pois é justamente a propósito desse vestido que quero falar.

— Meu Deus, que é que será?

— Estou a pensar se não deveria usar brincos quando o veste.

— Brincos?

Odette olhou-o de um modo singular.

— Acha vulgar? — indagou Mathieu.

— Não. Mas tornam o rosto indiscreto. — E acrescentou, sem transição, numa risada: — Você estaria por certo muito mais à vontade comigo se eu usasse brincos.

— Porquê? Não creio — disse Mathieu vagamente.

Estava surpreendido, pensava: «Realmente não é nada parva.»

Mas a inteligência de Odette era corno a sua beleza. Tinha qualquer coisa de vago.

Houve um silêncio. Mathieu já não sabia o que dizer. No entanto não tinha vontade de sair. Gozava urna espécie de calma. Odette disse-lhe gentilmente:

— Não devo retê-lo mais. Vá ver Jacques. Parece preocupado.

Mathieu levantou-se. Pensou que ia pedir dinheiro a Jacques e sentiu um formigar na ponta dos dedos.

— Até logo, Odette — disse afectuosamente. — Não, não se levante. Voltarei para me despedir.

«Até que ponto será uma vítima?», indagava, batendo à porta de Jacques. «Com este género de mulheres, nunca se sabe.»

— Entra — disse Jacques.

Levantou-se, atento e muito empertigado, e avançou para Mathieu. /

A IDADE DA RAZÃO

— Bom dia, meu velho — disse com entusiasmo. — Como vais tu?

Parecia muito mais jovem do que Mathieu, embora fosse mais velho. Mathieu achava que ele estava a engordar na cintura. No entanto devia usar cinta.

— Bom dia — disse Mathieu, com um sorriso afável.

Sentia-se em falta. Há vinte anos que se sentia em falta quando via o irmão ou pensava nele.

— Então, Mathieu, que bons ventos te trazem? Mathieu fez um gesto de aborrecimento.

— Há alguma novidade? — indagou Jacques. — Senta-te. Um uísque?

— Vá lá — disse Mathieu. Sentou-se com um nó na garganta.

Pensava: «Bebo o uísque e vou-me embora sem dizer nada.» Mas já era tarde. Jacques sabia muito bem o que ele queria e pensaria: «Não teve coragem de dar a facada.» Jacques permanecia de pé. Pegou na garrafa e encheu dois copos.

— É a última garrafa — disse —, mas não comprarei outra antes do Outono. Digam o que quiserem, um bom gin-fizz é bem melhor com calor, não achas?

Mathieu não respondeu. Olhava sem doçura aquele rosto rosado e fresco de rapaz. Jacques sorria inocentemente, toda a sua pessoa transparecia inocência, mas os olhos eram duros. «Faz de inocente», pensou Mathieu com raiva. «Sabe muito bem porque vim e está a fazer-se desentendido.»

Disse ríspidamente:

— Não te iludes por certo, sabes que vim pedir-te dinheiro.

J E A N-P AUL SARTRE

Agora já não podia recuar. O irmão arqueava as sobrançelas com um ar de profunda surpresa. «Não me perdoará nada», pensou Mathieu irritado.

— Não, não imaginava isso, por que motivo o suspeitaria?

Queres insinuar que é esse o único fim das tuas visitas?

Sentou-se, sempre muito correcto, cruzou as pernas com certa moleza como para compensar a rigidez do busto. Vestia um magnífico fato desportivo de casimira inglesa.

— Não quero insinuar coisa alguma — disse Mathieu. Pestanejou e acrescentou apertando com força o corpo: — Mas preciso de quatro mil francos de hoje para amanhã.

«Vai dizer não. Que recuse depressa para que eu possa ir-me embora!» Mas Jacques não se apressava. Era advogado, tinha tempo.

— Quatro mil — disse, meneando a cabeça como um conhecedor.

Estendeu as pernas e olhou os sapatos com satisfação.

— Divertes-me, Thieu, divertes-me e instruis-me. Oh!, não leves a mal o que estou a dizer — atalhou diante de um gesto de Mathieu. — Não quero criticar, não quero censurar a tua conduta, mas afinal eu reflecto, interrogo-me, vejo tudo de cima, como um «filósofo», diria eu, se não estivesse a falar com um filósofo. Sabes, quando penso em ti, fico mais convencido ainda de que não se deve ser um homem de princípios. Tu estás cheio de princípios, mas não te submetes a eles. Em teoria não há ninguém mais independente. Isso é

muito bom. Estás acima das classes. Mas eu pergunto: que aconteceria se eu não existisse? Note-se que, para mini, eu não tenho princípios, é até uma felicidade poder ajudar-te de vez em quando.

A IDADE DA RAZÃO

Mas parece-me que com as tuas ideias eu faria questão de não dever nada a um horroroso burguês. Porque eu sou um horroroso burguês – acrescentou, rindo alegremente. Continuou sem deixar de rir:

– E há pior: tu, que cospes na família, aproveitas-te do parentesco para me cravar. Sim, porque afinal não virias ter comigo se eu não fosse teu irmão.

Tomou um ar de sincero interesse:

– No fundo, bem no fundo, isso não te aborrece um pouco?

– Que posso fazer? – disse Mathieu, rindo igualmente.

Não ia travar uma discussão de ideias. Essas discussões acabavam sempre mal com Jacques. Mathieu perdia imediatamente o sangue-frio.

– Com efeito – disse Jacques secamente. – Mas não crês que com um pouco de organização...? É contrário às tuas ideias, sem dúvida. Não quero dizer que sejas culpado, vê bem. Para mini a culpa é dos teus princípios.

– Sabes – afirmou Mathieu para dizer alguma coisa –, não ter princípios é ainda um princípio...

– Um mínimo! – disse Jacques.

«Agora», pensou Mathieu, «ele vai dá-las.» Mas olhou o rosto cheio do irmão, a sua fisionomia aberta mas obstinada e pensou inquieto: «Parece difícil.» Felizmente Jacques retomara a palavra.

– Quatro mil – repetiu. – Uma necessidade súbita? Porque enfim na semana passada quando vieste aqui... pedir-me um pequeno favor, não se tratava disso.

– Efectivamente – disse Mathieu –, eu... isto foi ontem.

J E A N-P AUL SARTRE

Pensou rapidamente em Marcelle, lembrou-se dela sinistra e nua no quarto cor-de-rosa e acrescentou num tom angustiado que o surpreendeu a si próprio:

– Jacques, preciso do dinheiro.

Jacques encarou-o com curiosidade e Mathieu mordeu os lábios. Os dois irmãos não tinham por hábito exprimir assim com tanta vivacidade os seus sentimentos.

– A esse ponto? É estranho... Habitualmente pedes dinheiro porque não sabes ou não queres organizar a tua vida, mas nunca teria imaginado... Naturalmente não te pergunto nada – acrescentou com uma expressão ligeiramente interrogativa.

Mathieu hesitava. «Digo que é para os meus impostos? Não. Ele sabe que os paguei em Maio.»

— Marcelle está grávida — disse bruscamente.
Sentiu que corava e encolheu os ombros. Porquê, afinal? Porquê aquela vergonha súbita? Olhou o irmão de frente, com olhos agressivos. Jacques pareceu interessar-se.
— Vocês queriam um filho? Fingia não compreender.
— Não — disse Mathieu, num tom ríspido. — Foi um acidente.
— Também me admirava — disse Jacques —, mas afinal podias ter desejado levar até ao fim as tuas experiências à margem da ordem estabelecida.
— Sim, mas não é nada disso.
Houve um silêncio, e Jacques perguntou, muito à vontade.
— E quando é o casamento?
Mathieu corou de cólera. Como sempre, Jacques recusava-se a encarar honestamente o problema, girava obstinadamente à volta dele, e durante esse tempo o seu espírito procurava um ninho de águia de onde pudesse fixar um olhar agudo sobre a conduta dos outros. O que quer que se dissesse ou fizesse, o primeiro impulso dele era elevar-se acima do debate. Não sabia ver senão de cima, tinha a paixão dos ninhos de águia...
— Tomámos a decisão de fazê-la abortar — disse Mathieu com brutalidade. Jacques não pestanejou.
— Já encontraste um médico? — indagou em tom neutro.
— Já.
— Um médico seguro? Segundo o que me disseste, a saúde dessa mulher é delicada.
— Tenho amigos que mo garantiram.
— Sim — disse Jacques —, sim, evidentemente. Fechou os olhos um instante, abriu-os e juntou as mãos pelas pontas dos dedos.
— Em suma — disse —, se compreendo exactamente, o que acontece é o seguinte: acabas de saber que a tua amiga está grávida. Não queres casar por questões de princípios, mas consideras-te ligado a ela por obrigações tão estritas como as do casamento. Não querendo nem casar nem manchar a sua reputação, resolveste fazê-la abortar nas melhores condições possíveis. Os teus amigos recomendaram-te um médico de confiança, o qual exige quatro mil francos. Tens de arranjar o dinheiro. Não é isso?
— Exactamente! — disse Mathieu.
— E porque precisas do dinheiro de hoje para amanhã?
— O médico parte para a América dentro de oito dias.
— Bom — disse Jacques. — Compreendo.
J E A N-P AUL SARTRE
Ergueu as mãos à altura dos olhos e encarou-as com o ar preciso de quem vai tirar conclusões do que acaba de dizer. Mas Mathieu não se iludiu. Um advogado não tira conclusões

assim tão depressa. Jacques abaixara as mãos e pousara-as nos joelhos. Afundara-se na poltrona e os olhos já não lhe brilhavam. Disse com voz mole:

— São muito severos neste momento na repressão ao aborto.

— Eu sei — disse Mathieu —, de vez em quando ficam severos.

Põem na cadeia uns pobres diabos sem protecção, mas os grandes especialistas nunca são atingidos.

— Queres dizer com isso que há uma injustiça. Sou da mesma opinião. Mas não desaprovo inteiramente os resultados. Pela própria força das circunstâncias, pobres diabos são ervanários ou «fazedores de anjos», que liquidam uma mulher com os seus instrumentos sujos. As rugas estabelecem uma selecção. Já é alguma coisa.

— Enfim... — disse Mathieu, já irritado. — Venho pedir quatro mil francos.

— E... — atalhou Jacques — tens a certeza de que o aborto está de acordo com os teus princípios?

— Porque não?

— Não sei, tu é que deves saber. És pacifista por respeito à vida humana, e vais destruir uma vida.

— Estou decidido. Aliás eu sou pacifista, mas não respeito a vida humana. Estás a fazer confusão.

— Ah! Pensei... — disse Jacques.

Olhava Mathieu com uma serenidade divertida.

— Eis que te enfiás na pele de um infanticida. Não te fica bem a fantasia, Mathieu.

A IDADE DA RAZÃO

«Tem medo que me apanhem», pensou Mathieu, «não me dará um franco.» Teria de lhe dizer: «Se pagares não correrás nenhum risco, irei ver um médico hábil e que não figura nas listas da Polícia. Se recusares terei de mandar Marcelle a um charlatão e já não garanto nada, porque a Polícia os conhece a todos e pode de um momento para outro deitar-lhes a mão.» Mas tais argumentos eram directos de mais para terem influência sobre Jacques. Mathieu disse simplesmente:

— Um aborto não é um infanticídio. Jacques pegou num cigarro e acendeu-o.

— Sim — disse com displicência. — Um aborto não é um infanticídio, é um assassinio «metafísico». Acrescentou com seriedade:

— Meu pobre Mathieu, não tenho objecções contra o assassinio metafísico, como não tenho contra outros crimes perfeitos. Mas que tu cometas um assassinio metafísico, tu, assim como tu és... (estalou a língua como numa censura) isso não, seria falso...

Acabou, Jacques recusava. Mathieu ia poder sair. Limpou a voz e perguntou por descargo de consciência:

— Então não me ajudas?

— Vê lá se me percebes — disse Jacques. — Não recuso ajudar-te. Mas seria realmente ajudar? Estou persuadido, de resto, que encontrarás com facilidade o dinheiro. Levantou-se subitamente como se tivesse tomado uma decisão e pousou amistosamente a mão sobre o ombro do irmão.
— Escuta, Thieu — disse com calor —, vamos dizer que recusei. Não quero ajudar-te a mentir a ti mesmo. Mas vou propor-te outra coisa.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu, que já se levantara, tornou a sentar-se, e a sua velha cólera fraternal invadiu-o. Aquela suave e decidida pressão sobre o ombro era-lhe intolerável. Inclinou a cabeça para trás e viu o rosto diminuído de Jacques.

— Mentir a mini mesmo? Ora, Jacques, diz antes que não te queres meter num negócio de aborto, que não aprovas isso, que não tens dinheiro, estás no teu direito e não te guardarei rancor. Mas para que falar em mentira? Não há mentira nenhuma. Não quero um filho, aparece-me um, suprimo-o, eis tudo. Jacques retirou a mão, deu alguns passos, reflectiu. «Vai fazer-me um discurso», pensou Mathieu, «eu não devia ter aceitado a discussão.»

— Mathieu — disse Jacques, com clareza —, conheço-te melhor do que pensas e agora estou assustado. Há muito que receava algo semelhante. Essa criança que vai nascer é o resultado lógico de uma situação em que te meteste voluntariamente e queres suprimi-la porque não desejas arcar com as consequências dos teus actos. Queres que te diga a verdade? Não mentes a ti próprio neste mesmo instante, mas é a tua vida inteira que se constrói sobre uma mentira.

— Não faças cerimónia — disse Mathieu —, esclarece-me acerca do que escondo a mim próprio. — Sorria.

— O que escondes — disse Jacques — é que és um burguês envergonhado. Eu voltei à burguesia depois de inúmeros erros, fiz um casamento de conveniência, mas tu és burguês por gosto, por temperamento, e é o teu temperamento que te empurra para o casamento. Porque tu estás casado, Mathieu — disse ele com força.

— Primeira novidade — disse Mathieu.

DADE DA RAZÃO

— Sim, estás casado, mas pretendes o contrário por causa das tuas teorias. Adquiriste hábitos com essa mulher. Quatro vezes por semana vais tranquilamente encontrá-la e passas a noite com ela. E isso dura há sete anos. Não tens outras aventuras. Tu estima-la, sentes que tens obrigações para com ela, não a queres abandonar. Estou certo de que não procuras unicamente o prazer; por maior que tenha sido, deve ter-se embotado. Na

realidade, deves sentar-te à noite junto dela e contar longamente os acontecimentos do dia, pedir conselhos nos momentos difíceis.

— Evidentemente — disse Mathieu, encolhendo os ombros.

— Pois bem, podes dizer-me em que difere isso do casamento? O facto de não morarem juntos?

— A abstenção da coabitação — disse Mathieu, ironicamente. — Uma coisa sem importância.

— Imagino muito bem que para ti essa abstenção não deve ser um grande sacrifício.

«Nunca dissera tanto», pensou Mathieu, «é um desafio.» Devia sair e bater com a porta. Mas Mathieu sabia que ficaria até ao fim. Sentia um desejo combativo e maldoso de conhecer a opinião do irmão.

— Para mim — disse —, porque é que dizes que não deve ser um sacrifício para mim?

— Porque com isso ganhas comodidade, uma aparência de liberdade. Tens todas as vantagens do casamento e aproveitas os princípios para recusar os inconvenientes. Recusas regularizar a situação, o que é muito fácil e cómodo, pois se alguém sofre não és tu.

— Marcelle partilha as minhas ideias acerca do casamento/— disse Mathieu, arrogante. Ouvia-se a pronunciar

J E A N-P AUL SARTRE

nitidamente cada palavra e achava-se profundamente desagradável.

— Oh! — disse Jacques —, se não as tivesse, o orgulho impedia-a de confessá-lo. Sabes o que não compreendo? Tu, que estás sempre pronto a indignar-te com uma injustiça, humilhas essa mulher há anos, pelo simples prazer de afirmar que estás de acordo com os teus princípios. Se realmente subordinasses a tua vida às tuas ideias! Mas repito-te, estás casado, tens um apartamento agradável, recebes bons vencimentos em dia certo, não tens nenhuma inquietação quanto ao futuro, porque o Estado te garante uma reforma. E gostas dessa vida calma, regrada, uma vida de funcionário.

— Escuta — disse Mathieu —, há um mal-entendido entre nós; pouco me importa ser ou não burguês. O que eu quero, apenas... (acabou a frase entre os dentes) é conservar a minha liberdade.

— Eu imaginava — disse Jacques — que a liberdade consistia em olhar de frente as situações em que a pessoa se meteu voluntariamente e aceitar as responsabilidades. Não é certamente a tua opinião: condenas a sociedade capitalista e, no entanto, és funcionário dessa sociedade. Proclamas uma simpatia de princípio pelos comunistas, mas tens cuidado em não te comprometer. Nunca votaste. Desprezas a classe burguesa

e, no entanto, és um burguês, filho e irmão de burgueses e vives como um burguês.

Mathieu fez um gesto, mas Jacques não deixou que o interrompesse.

— Estás, no entanto, na idade da razão, meu caro Mathieu — disse com uma piedade reprimida. — Mas isso também o escondes, queres parecer mais novo. Aliás...

IDADE DA RAZÃO

talvez seja injusto. Talvez não tenhas ainda a idade da razão, é uma idade moral, a que cheguei antes de ti.

«Pronto», pensou Mathieu, «vai-me falar da sua juventude.»

Jacques era muito orgulhoso da sua juventude; era a sua garantia, permitia-lhe defender o partido da ordem em boa consciência. Durante cinco anos imitara afincada-mente as loucuras em voga, fora surrealista, tivera algumas aventuras lisonjeiras e chegara mesmo a respirar por vezes, antes do amor, um lenço embebido em éter. Um belo dia acertara o passo. Odette trazia-lhe seiscentos mil francos de dote. Ele escrevera a Mathieu: «É preciso ter a coragem de fazer como toda a gente para não ser como ninguém.» E comprara um cartório.

— Não censuro a tua juventude — disse. — Pelo contrário.

Tiveste a sorte de evitar alguns maus passos. Mas também não lamento a minha. No fundo, herdámos ambos os instintos daquele pirata que foi nosso avô. Só que eu liquidei-os a todos e tu afasta-los aos bocadinhos. Tens ainda de atingir o fundo. Acho que a princípio não eras muito menos pirata do que eu. É o que te perde. A tua vida não passa de um perpétuo compromisso entre o gosto da revolta e da anarquia, embora modesto, e as tuas tendências profundas que te empurram para a ordem, a saúde moral, a rotina quase. O resultado? Ficaste um velho estudante irresponsável. Mas, meu caro, olha bem para mini. Tens 34 anos, os teus cabelos já estão grisalhos — não tanto como os meus, é certo —, já nada tens de rapazinho, não te faz bem a vida boémia. Aliás, o que é isso, a boémia? Era muito divertido há cem anos, agora... um punhado de desajustados sem perigo para ninguém e que perderam o comboio, simplesmente.

Estás na idade

J E A N-P AUL SARTRE

da razão, Mathieu, estás ou deverias estar — repetiu dis-traidamente.

— Ora — disse Mathieu —, a idade da razão é a idade da resignação. Não me interessa, acredita.

Mas Jacques não o escutava. O olhar tornou-se-lhe límpido e alegre e acrescentou:

— Escuta. Como te disse, vou fazer uma proposta. Se recusares, não te será difícil encontrar os quatro mil francos, não tenho

remorsos. Ponho dez mil francos à tua disposição se casares com a tua amiga.

Mathieu previra o golpe. De qualquer maneira aquilo fornecia-lhe uma saída digna, que não o desonraria.

— Agradeço, Jacques — disse levantando-se. — És realmente muito bom, mas não serve. Não quero dizer que estejas inteiramente errado, mas se tiver de me casar um dia, será quando sentir vontade de o fazer; agora, seria uma cabeçada estúpida para sair de uma complicação.

Jacques levantou-se igualmente.

— Reflecte. Não há pressa. A tua mulher será muito bem recebida aqui; não preciso de o dizer. Confio na tua escolha, e Odette sentir-se-á feliz em tratá-la como amiga. Aliás, a minha mulher ignora por completo a tua vida íntima.

— Já reflecti — disse Mathieu.

— Como queiras — observou Jacques, cordialmente. «Terá ficado muito aborrecido?», pensou. E acrescentou: — Quando apareces?

— Venho almoçar no domingo — disse Mathieu. — Adeus.

— Adeus — disse Jacques. — E... sabes, se voltares atrás, a minha proposta mantém-se de pé!

IDADE DA RAZÃO

Mathieu sorriu e saiu sem responder. Desceu a escada a correr.

«Até que enfim! Até que enfim!» Não estava alegre, mas tinha vontade de cantar. Agora Jacques devia estar sentado à

escrivania, de olhar absorto, com um sorriso triste e grave:

«Este rapaz inquieta-me, no entanto está na idade da razão...»

Ou talvez tivesse ido ver Odette. «Mathieu inquieta-me. Não posso dizer-te porquê. Mas não é sensato.» Que diria ela?

Desempenharia o papel de esposa reflectida ou limitar-se-ia a aprovar discretamente sem tirar o nariz de cima do livro?

«Diabo! », pensou Mathieu, «esqueci-me de dizer adeus a Odette.» Teve remorsos; estava com predisposição para o

remorso. «Será verdade, será que mantenho Marcelle numa posição humilhante?» Lembrou-se das violentas observações de

Marcelle contra o casamento. «Eu quis casar-me, de resto, uma vez... Há cinco anos.» Marcelle rira-se dele. «Terei um

complexo de inferioridade em relação a meu irmão?» Não, não

era isso. Por maior que fosse o seu sentimento de culpa,

Mathieu nunca deixara de pensar com razão perante Jacques.

«Sim», pensou. «Mas eu gosto deste tipo. Quando não me envergonho diante dele, sinto vergonha por ele. Ah!, a família

é como a varíola: tem-se em criança e fica marcada para o

resto da vida.» Havia um bar na esquina da Rua Montorgueil.

Entrou, pediu uma ficha. A cabina telefónica era num recanto sombrio. Sentia-se angustiado ao pegar no telefone.

— Está, está, Marcelle?

Marcelle tinha o telefone no quarto.

– És tu?
– Sim.
– Então?
J E A N-P AUL SARTRE
– A velha, é impossível.
– Hum – murmurou Marcelle, com uma dúvida na voz.
– Juro. Estava quase bêbada, e fede no apartamento dela, é húmido. E as mãos, se visses! E depois, é um animal.
– Então?
– Tenho alguém em vista. Indicado por Sarah. Alguém excelente.
– Ah! – disse Marcelle com indiferença. E acrescentou: – Quanto?
– Quatro mil.
– Quanto? – repetiu Marcelle, incrédula.
– Quatro mil.
– Mas não é possível, bem sabes. Terei de ir...
– Não, não vais! Peço emprestado.
– A quem? A Jacques?
– Venho de lá. Recusa-se a emprestar.
– Daniel.
– Também se recusa, o estupor! Vi-o esta manhã, tenho a certeza de que estava cheio de «massa».
– Mas não lhe disseste que era... para isto? – perguntou Marcelle, com vivacidade.
– Não.
– E que é que vais fazer agora?
– Não sei. – Sentiu que a voz lhe carecia de firmeza e acrescentou com força. – Não te incomodes. Temos quarenta e oito horas. Hei-de arranjar. Que diabo, quatro mil francos não é um absurdo, é coisa que se consegue.
– Então arranja – disse Marcelle num tom estranho. – Arranja.
A IDADE DA RAZÃO
– Eu telefono. – Sempre te vejo amanhã à noite?
– Sim.
– E tu estás bem?
– Estou.
– Não estás lá muito...
– Estou – disse Marcelle com a voz seca. – Estou angustiada. – E acrescentou docemente: – Enfim, faz o que achares melhor, querido.
– Levo os quatro mil francos amanhã à noite. Hesitou e disse com esforço:
– Amo-te.
Marcelle cortou a ligação sem responder.
Mathieu saiu da cabina. Ao atravessar o café, ouviu a voz seca de Marcelle. «Estou angustiada.» Está magoada comigo. Mas faço o que posso. «Humilhada»... Humilhá--la-ei? E se... Parou à

beira do passeio. Se ela quisesse o filho? Então tudo ia por água abaixo, bastava pensar nisso um só instante e tudo tomava outro sentido, e ele próprio se transformava da cabeça aos pés, não deixava de mentir a si próprio, era um estúpido. Felizmente não era verdade, não podia ser verdade, ouvira-a muitas vezes rir das amigas casadas quando estavam grávidas: «Vasos sagrados», dizia, «rebentam de orgulho porque vão dar à luz...» Quando se diz isso, não se tem o direito de mudar de opinião sem mais nem menos, seria um abuso de confiança. E Marcelle é incapaz de um abuso de confiança, ela tê-lo-ia dito, porque não o havia de ter dito? Nós nos dizemos tudo. Oh! basta, basta! Estava cansado de girar em volta de toda aquela história, Marcelle, Ivich, dinheiro, dinheiro, Ivich, Marcelle. Farei o que for preciso, mas não quero pensar nisso, pelo amor de Deus, quero pensar noutra coisa.

J E A N-P AUL SARTRE

Pensou em Brunet. Mas era mais triste ainda. Uma amizade morta. Sentia-se nervoso e triste porque ia voltar a vê-lo. Deu com um vendedor de jornais. — Paris-Midi, se faz favor. Não havia. Pegou num jornal ao acaso: Excelsior. Deu o dinheiro e continuou. O Excelsior não era um jornal agressivo, era papel gorduroso, triste e aveludado como tapioca. Nem chegava a meter raiva, tirava simplesmente o gosto de viver enquanto era lido. Mathieu leu: «Bombardeio aéreo de Valência.» Ergueu a cabeça vagamente irritado. A Rua Réaumur era de cobre sujo. Duas horas. A hora do dia em que o calor era mais sinistro, e o calor torcia-se e chiava no meio da rua como uma faísca eléctrica. «Quarenta aviões sobrevoam durante uma hora o centro da cidade e deixam cair cento e cinquenta bombas. Ignora-se o número exacto de mortos e feridos.» Passou os olhos sobre o título e leu o terrível texto, apertado, em itálico, que parecia denso e bem documentado: «Do nosso enviado especial.» Citavam-se cifras. Mathieu virou a página. Já não lhe apetecia saber mais nada. Um discurso de Flandin em Bar-le-Duc. A França ao abrigo atrás da Linha Maginot... Stokovski declara que não casará com Greta Garbo. Novas informações sobre o caso Weidman. A visita do rei da Inglaterra; quando Paris aguarda o seu Príncipe Encantado. Todos os franceses... Mathieu sobressaltou-se e pensou: «Todos os franceses são uns canalhas», escrevera Gomez, de Madrid, uma vez. Fechou o jornal e pôs-se a ler na primeira página a reportagem do enviado especial. Já se contavam cinquenta mortos e trezentos feridos; havia mais porém, havia seguramente cadáveres sob os escombros. Nem aviões nem defesa antiaérea. Mathieu sentiu-se vaga-

IDADE DA RAZÃO

mente culpado. Cinquenta mortos e trezentos feridos, que

significa isto exactamente? Um hospital cheio? Um grave acidente de comboio? Cinquenta mortos. Milhares de leitores teriam lido o jornal com ódio na garganta, cerrando os punhos e murmurando: «Estupores, bandidos!» Mathieu cerrou os punhos e murmurou: «Bandidos!» e sentiu-se mais culpado ainda. Se ao menos tivesse descoberto em si uma emoção qualquer, pequena que fosse, bem viva e modesta, consciente dos seus limites... Mas não: sentia-se vazio. À sua frente havia uma grande cólera, uma cólera desesperada, via-a, podia tocar-lhe. Só que era inerte, esperava para viver, para rebentar, para sofrer, que ele lhe desse o próprio corpo. Era a cólera dos outros. «Bandidos!» Cerrara os punhos, andava a passos largos, mas a coisa não vinha, a cólera ficava de fora. Estive em Valência, vi a Fiesta em 34 e uma grande tourada com Ortega e El Estu-diante. O seu pensamento fazia círculos em cima da cidade, procurando uma igreja, uma rua, a fachada de uma casa, qualquer coisa de que pudesse dizer: «Eu vi aquilo, destruíram-no, não existe já. Pronto!» O pensamento desceu-lhe sobre uma rua escura, esmagada por enormes monumentos. Eu vi aquilo, passeava de manhã, sufocava numa sombra ardente, o céu flamejava muito alto acima das cabeças. Pronto! As bombas caíram naquela rua, sobre os monumentos cinzentos, a rua alargou-se desmedidamente, entra agora até o fundo das casas, já não há sombra na rua, o céu em fusão caiu em cima dela e o sol dardeja sobre os escombros. Alguma coisa se dispunha a nascer, uma tímida aurora de cólera. Pronto! Mas aquilo esvaziou-se, esbateu-se, ele sentia-se vazio, andava normalmente com a decência de um tipo que acompanha um enterro em Paris, não em Valência,

J E A N-P AUL SARTRE

em Paris, possuído por um fantasma de cólera. Os vidros brilhavam, os automóveis deslizavam pela rua, ele caminhava no meio de homenzinhos vestidos de claro, de franceses que não olhavam para o céu, que não tinham medo do céu. No entanto, aquilo é real, algures sob o mesmo sol, é real, os automóveis passaram, os vidros partiram-se, mulheres estupefactas, mudas, acocoraram-se com ares de galinhas mortas junto dos verdadeiros cadáveres, e erguem a cabeça de quando em quando, contemplam o céu venenoso, os Franceses são todos uns estupores. Mathieu estava com calor, era um calor real. Passou o lenço pela fronte e pensou: «Não se pode sofrer pelo que se quer.» Lá havia uma coisa formidável e trágica a pedir que se sofresse por ela... «Não posso, não estou lá, estou em Paris, no meio de minhas presenças, Jacques atrás da secretária dizendo não, Daniel troçando, Marcelle no quarto cor-de-rosa, Ivich que eu beijei esta manhã. As presenças reais, nojentas por serem tão verdadeiras. Cada um no seu mundo, o meu é um

hospital com Marcelle grávida, e o judeu a pedir quatro mil francos. Há outros mundos. Gomez. Esse estava lá. Partiu. Destino. E o tipo de ontem. Não partiu. Deve andar por aí, como eu. Só que ele, se der com um jornal e ler «Bombardeamento em Valência», não terá de fazer esforços para sofrer, sofrerá lá, na cidade em ruínas. «Por que razão estou eu neste mundo de gritaria, de instrumentos cirúrgicos, de carícias nos táxis, neste mundo sem Espanha? Por que razão não tive vontade de lutar? Poderia escolher outro mundo? Sou ainda livre? Posso ir aonde quero, não encontro resistência, mas é pior, estou numa gaiola sem grades, separado de Espanha por... por nada e no entanto esse outro mundo é intransponível.»

Olhou a última página do

A IDADE DA RAZÃO

Excelsior: fotografia do enviado especial. Corpos estendidos sobre o passeio, junto de um muro. No meio da rua uma mulher gorda, de costas, de saias repuxadas até às coxas. Sem cabeça. Mathieu dobrou o jornal e atirou-o para a valeta.

Boris espreitava-o à porta do prédio. Ao ver Mathieu, tomou um ar afectado. Era o seu ar de louco.

— Acabo de tocar à sua porta — disse —, mas creio que não estava.

— Tem a certeza? — respondeu Mathieu no mesmo tom.

— Não absoluta, mas o que lhe posso dizer é que não abriu.

Mathieu olhou-o hesitante. Eram duas horas e Brunet só chegaria dentro de meia hora.

— Suba comigo — disse. — Vamos tirar isso a limpo. Subiram. Na escada, Boris disse na sua voz natural:

— Então continua de pé o Sumatra, hoje à noite? Mathieu virou-se e fingiu procurar as chaves no bolso.

— Não sei se irei — disse. — Pensei... Lola talvez prefira estar sozinha consigo.

— Sim, é evidente — disse Boris —, mas que importa? Ela é educada. E depois de maneira nenhuma ficaríamos sós. Haverá Ivich.

— Viu Ivich? — perguntou Mathieu abrindo a porta.

— Deixei-a agora.

— Entre.

Boris entrou à frente de Mathieu e dirigiu-se com uma familiaridade desenvolta para a secretária. Mathieu olhou sem afeição as costas magras. «Viu-a», pensava.

J E A N-P AUL SARTRE

— Vem ou não vem? — perguntou Boris. Voltara-se e olhava para Mathieu com um sorriso zombeteiro e terno.

— Ivich... não lhe disse nada para esta noite? — perguntou Mathieu.

— Para esta noite?

– Sim. Queria saber se ela ia. Pareceu-me preocupada com o exame.

– Ela quer ir – afirmou Boris. – Disse-me que seria divertido encontrarmo-nos os quatro.

– Os quatro? Ela falou nos quatro?

– Pois então – disse Boris ingenuamente –, também há Lola.

– Então ela espera que eu vá?

– Naturalmente – disse Boris, admirado.

Houve um silêncio. Boris inclinara-se sobre o parapeito da janela e olhava a rua. Mathieu aproximou-se e deu-lhe uma palmada nas costas.

– Gosto da sua rua – disse Boris –, mas ao fim de algum tempo deve chatear. Não sei porque mora num apartamento.

– Porquê?

– Não sei. Livre como você é, deveria vender os móveis e viver no hotel. Está a perceber? Um mês num quarto em Montmartre, um mês no Faubourg du Temple, um mês Rua Mouffetard...

– Ora – disse Mathieu, irritado –, isso não tem importância...

– Pois é – disse Boris, depois de um longo momento –, não tem mesmo nenhuma. Estão a tocar – acrescentou, contrariado.

A IDADE DA RAZÃO

Mathieu foi abrir. Era Brunet.

– Olá! – disse Mathieu. – Vens adiantado.

– Pois venho. Isso aborrece-te?

– Não, absolutamente nada.

– Quem é? – indagou Brunet.

– Boris Serguine.

– Ah, o famoso discípulo? Não o conheço.

Boris inclinou-se com frieza e recuou até ao fundo do quarto. Mathieu colocara-se, com os braços pendentes, diante de Brunet.

– Detesta que o considerem meu discípulo.

– Bem – disse Brunet com indiferença. Fazia um cigarro, sólido e despreocupado perante o olhar rancoroso de Boris.

– Senta-te na poltrona – disse Mathieu. Brunet sentou-se na cadeira.

– Não – disse sorrindo –, as tuas poltronas corrompem...

Acrescentou:

– Então, velho traidor, é preciso vir até aqui ao teu quarto para te encontrar.

– Não é culpa minha. Procurei-te mais de uma vez, mas não consegui encontrar-te.

– É verdade – disse Brunet. – Eu tornei-me numa espécie de caixeiro-viajante. Dão-me tanto trabalho, que há dias em que eu próprio tenho dificuldade em me encontrar.

Continuou com simpatia:

– E quando te vejo que me encontro melhor, parece-me que

fiquei depositado em tua casa. Mathieu sorriu, agradecido.

J E A N-P AUL SARTRE

— Pensei muitas vezes que nos devíamos ver mais. Creio que envelhecíamos menos depressa se nos pudéssemos encontrar de vez em quando os três juntos.

Brunet olhou-o com surpresa.

— Os três?

— Então? Tu, eu, Daniel.

— É verdade — disse Brunet, atônito. — Daniel! Mas ainda existe esse camarada? Ainda o vês de vez em quando, não é verdade?

A alegria de Mathieu desapareceu. Quando Brunet encontrava Portal ou Bourrelier devia dizer com aquele mesmo tom aborrecido: «Mathieu? É professor no Liceu Buffon, ainda o vejo de vez em quando.»

— Ainda o vejo, sim. Imagina tu! — disse ele, com amargura.

Fez-se silêncio. Brunet pousara as mãos sobre os joelhos. Estava ali, pesado e maciço, sentado numa cadeira de Mathieu, inclinava a cabeça obstinadamente para a chama do fósforo, o quarto enchia-se com a sua presença, com o fumo do cigarro, com os seus gestos lentos. Mathieu olhava as grandes mãos de camponês do amigo. Pensou: «Ele veio.» Sentiu que a confiança e a alegria tentavam timidamente renascer-lhe no coração.

— E fora disso, que tens feito? Mathieu sentiu-se embaraçado. Na verdade não fazia nada.

— Nada — disse.

— Catorze horas de curso por semana e uma viagem ao estrangeiro durante as férias... não é?

— Isso mesmo — confirmou Mathieu rindo. Evitou olhar para Boris.

IDADE DA RAZÃO

— E teu irmão? Continua Croix-de-Feu?

— Não — disse Mathieu. — Os Croix-de-Feu não são muito dinâmicos.

— É caça para Doriot — disse Brunet.

— É o que se diz. A propósito, acabo de me aborrecer com ele — acrescentou Mathieu sem reflectir.

Brunet deitou-lhe um olhar rápido e penetrante.

— Porquê?

— Sempre a mesma coisa. Peco-lhe um favor e responde-me com um sermão.

— E então ataca-lo. É estranho — disse Brunet com ironia. — E esperas ainda vir a mudá-lo?

— Claro que não — respondeu Mathieu, irritado.

Calaram-se um instante e Mathieu pensou tristemente: «Se ao menos Boris tivesse a boa ideia de se ir embora.» Mas não parecia sequer pensar nessa solução; manti-nha-se no seu

canto, todo arrepiado, parecia um cão de caça doente. Brunet sentara-se a cavalo na cadeira e olhava igualmente Boris com um olhar pesado. «Ele gostaria que Boris se fosse embora», pensou Mathieu, com satisfação. Pôs-se então a olhar fixamente o rapaz; talvez compreendesse, sob o fogo conjugado dos olhares. Boris não se mexia. Brunet pigarreou:

– Continua a estudar Filosofia, jovem? Boris disse que sim com a cabeça.

– Em que ponto é que está?

– Termino agora a minha licenciatura – disse Boris com rapidez.

– A licenciatura – atalhou Brunet com uma expressão absorta. – A licenciatura, ainda bem...

Acrescentou bonacheirão: – " ^

J E A N-P AUL SARTRE

– Vai ficar a odiar-me se eu lhe raptar Mathieu por uns momentos? Você tem a sorte de o ver diariamente e eu... Vamos dar uma volta, Mathieu?

Boris adiantou-se, duro:

– Já percebi – disse. – Fique, fique, sou eu que me vou embora.

Inclinou-se ligeiramente. Estava ofendido. Mathieu acompanhou-o até à porta e perguntou com entusiasmo:

– Até logo à noite, não é verdade? Estou lá às onze.

Boris sorriu, magoado.

– Até logo à noite.

Mathieu fechou a porta e voltou-se para Brunet.

– Então? – disse esfregando as mãos. – Despachaste-o.

Riram. Brunet perguntou:

– Talvez tenha ido longe de mais. Não te aborreces com isso?

– Pelo contrário – disse Mathieu rindo. – Ele está acostumado e depois estou contente por te ver a sós. Brunet observou com voz calma:

– Eu estava com pressa porque tenho apenas um quarto de hora. Mathieu parou subitamente de rir.

– Um quarto de hora! Eu sei, eu sei – acrescentou vivamente. – Não dispões de muito tempo. Já foi muito amável da tua parte teres vindo.

– Na verdade, tinha o dia inteiro ocupado. Mas hoje de manhã quando vi a tua cara, pensei: preciso de falar com ele.

– Tinha má cara?

A IDADE DA RAZÃO

– Sim, meu caro. Demasiado amarela, inchada, com tiques nas pálpebras e no canto dos lábios. Acrescentou, afectuosamente:

– Disse a mini mesmo: não quero que mo deitem abaixo.

Mathieu tossiu.

– Nunca imaginei que tivesse uma cabeça tão expressiva...

Dormi mal, sem dúvida – insistiu, desconcertado. – Ando aborrecido, sim. Como toda a gente, aliás. Simples aborrecimentos de dinheiro.

Brunet não parecia convencido.

– Tanto melhor – disse. – Se é apenas isso, dá-se um jeito. Mas tinhas, creio, a cara de um tipo que acaba de perceber que viveu de ideias que não dão nada.

– Ora, as ideias... – disse Mathieu, com um gesto vago. Olhava Brunet com uma gratidão humilde e pensava: «Foi por isso que ele veio. Tem o dia inteiro tomado, uma porção de encontros importantes e preocupou-se em vir dar-me o seu apoio moral.» Apesar de tudo, era melhor se Brunet tivesse vindo pelo simples prazer de o ver.

– Escuta – disse Brunet –, não vamos complicar as coisas. Vou fazer-te uma proposta: queres entrar para o partido? Se aceitares, levo-te comigo e em vinte minutos estará tudo terminado.

Mathieu estremeceu.

– Para o partido?... Comunista? Brunet pôs-se a rir. As pálpebras dobravam-se-lhe em preguinhas e mostrava os dentes ofuscantes de brancura.

– Não querias que eu te levasse para o partido de La Rocque? Fez-se silêncio.

J E A N-P AUL SARTRE

– Brunet – perguntou suavemente Mathieu –, porque queres que eu me torne comunista? Para meu bem ou para o bem do partido?

– Para teu bem – respondeu Brunet. – Não precisas de ficar desconfiado. Não sou sargento recrutador do P.C.E. depois vejamos: o partido não precisa de ti. Tu representas apenas um pequeno capital de inteligência, e isso de intelectuais temos até para vender. Mas tu, tu tens necessidade do partido.

– É para meu bem – repetiu Mathieu. – Para meu bem... Escuta – acrescentou subitamente –, não esperava essa tua... essa proposta, não pensei... Mas desejava que me disseses o que pensas exactamente. Sabes, vivo cercado de miúdos que só se preocupam com eles próprios e me admiram por princípio. Nunca ninguém fala de mim. Eu próprio tenho dificuldade em me encontrar, às vezes. Então? Achas que eu tenho necessidade de entrar na luta, de tomar posição?

– Sim – disse Brunet com força. – Tens essa necessidade. Não sentes que a tens?

Mathieu sorriu tristemente. Pensava na Espanha.

– Seguiu o teu caminho – disse Brunet. – És filho de burgueses, não podes vir a nós assim sem mais nem menos, tens de te libertar. Agora já o conseguiste. És livre. Mas para que te serve a liberdade, senão para tomar uma posição? Levaste trinta e cinco anos na limpeza, e o resultado dela é o vácuo.

És um corpo estranho, sabes? – continuou com um sorriso amigo. – Vives no ar, cortaste os laços burgueses e não te ligaste ao proletariado, flutuas, és um abstracto, um ausente. Não deve ser muito agradável todos os dias...

IDADE DA RAZÃO

– Não – disse Mathieu –, nem sempre é divertido. Aproximou-se de Brunet e abanou-o pelos ombros com força. Gostava imensamente dele.

– Meu caro aliciador de recrutas – disse –, minha cara puta velha, gosto que digas tudo isso.

Brunet sorriu distraído. Seguiu a sua ideia. Disse:

– Renunciaste a tudo para ser livre. Dá mais um passo, renuncia à própria liberdade. E tudo te será devolvido.

– Falas como um abade – disse Mathieu a rir. – A sério, meu caro, não seria um sacrifício. Bem sei que tudo me seria devolvido, carne, sangue, verdadeiras paixões. Escuta, Brunet, acabei por perder o sentido da realidade, nada mais se me afigura inteiramente verdadeiro^

Brunet não respondeu. Meditava. Tinha um rosto pesado, cor de tijolo, de traços caídos, pestanas ruivas, muito claras e compridas. Assemelhava-se a um prussiano. Sempre que o via, Mathieu sentia uma espécie de curiosidade inquieta nas narinas, fungava docemente, certo de perceber de repente um odor forte de animal. Mas Brunet não tinha cheiro.

– És bem real – disse Mathieu. – Tudo aquilo que tocas parece real. Desde que entraste no meu quarto ele parece verdadeiro e enoja-me.

Arescentou subitamente:

– És um homem.

– Um homem? – indagou Brunet, surpreendido. – O contrário seria inquietante. Que é que queres dizer com isso?

– Nada a não ser que escolheste ser um homem. Um homem de músculos fortes e elásticos, que pensava por meio de curtas e severas verdades, um homem

J E A N-P AUL SARTRE

recto, sóbrio, seguro de si, terreno refractário às angélicas tentações da arte, da psicologia, da política, um homem inteiriço, um homem apenas. E Mathieu ali estava, diante dele, indeciso, precocemente envelhecido, desajeitado, assediado por todas as vertigens do inumano. E pensava: «Eu não pareço um homem.» Brunet levantou-se.

– Pois faz como eu – disse. – Quem to impede de fazer? Ou imaginas que poderás viver a vida inteira entre parênteses? Mathieu olhou-o hesitante.

– Evidentemente, evidentemente. E se escolher, escolherei ficar com vocês, não há outra escolha.

– Não há outra – repetiu Brunet. Esperou um pouco e perguntou:

– Então?

– Deixa-me tomar fôlego – disse Mathieu.

– Respira, respira, mas apressa-te. Amanhã serás demasiado velho, terás os teus pequenos hábitos, serás o escravo da tua liberdade. E talvez o mundo esteja também demasiado velho.

– Não compreendo – disse Mathieu. Brunet olhou-o e observou rapidamente:

– Vamos ter a guerra em Setembro.

– Estás a brincar?

– Podes acreditar. Os Ingleses sabem disso, o Governo francês está prevenido. Na segunda quinzena de Setembro os Alemães invadem a Checoslováquia.

– Essas informações... – disse Mathieu, contrariado.

– Mas então não compreendes nada? – perguntou Brunet, irritado. E acrescentou docemente, voltando a si:

A IDADE DA RAZÃO

– E verdade que se compreendesses não haveria necessidade de pontos nos ii. Escuta. Tu és mobilizável, como eu. Vamos admitir que partes nesse estado de espírito, arriscas-te e rebentas como uma bolha. Sonhaste durante trinta e cinco anos, e um belo dia uma granada faz explodir os teus sonhos. Morres sem acordar. Foste um funcionário abstracto, serás um herói irrisório e cairás sem ter compreendido nada, a fim de que Schneider conserve os seus interesses nas fábricas Skoda.

– E tu? – perguntou Mathieu. E acrescentou a sorrir: – Não acredito que o marxismo preserve das balas.

– Também não acredito – disse Brunet. – Sabes para onde me vão mandar? Para a frente da Linha Maginot; para dar cabo da saúde não há melhor.

– Então?

– Não é a mesma coisa. E um risco assumido. Agora nada já pode tirar o sentido da minha vida, já nada a pode impedir de ser um destino. – Acrescentou com vivacidade: – Como a de todos os camaradas, aliás.

Dir-se-ia que tinha medo de pecar por orgulho.

Mathieu não respondeu. Foi encostar-se à janela. Meditava.

«Disse bem.» Brunet tinha razão. A sua vida era um destino. A idade, a classe, a época, tudo lhe fora devolvido, ele escolhera a arma que lhe feriria as têmporas, a granada alemã que lhe perfuraria as vísceras. Comprometera-se, renunciara à liberdade, era apenas um soldado. E tudo lhe fora devolvido, inclusive a liberdade. «É mais livre do que eu. Está de acordo consigo próprio e com o partido.» E ali estava ele, em carne e osso, real, com um gosto real de fumo na boca, as cores e formas com que se enchiam os seus olhos eram mais verdadeiras, mais

densas do que as que Mathieu podia ver, e no entanto, nesse mesmo momento, espalhava-se pela terra toda, lutando, sofrendo com os proletários de todos os países. «Nesta hora, neste instante, há tipos que se matam nos arredores de Madrid, há judeus-austriacos que agonizam nos campos de concentração, há chineses nos escombros de Naquim e eu aqui, fresquinho, livre, dentro de um quarto de hora ponho o chapéu e vou passear no Luxemburgo.» Voltou-se para Brunet e encarou-o com amargura. «Sou um irresponsável», pensou.

— Bombardearam Valência — disse subitamente.

— Já sei — atalhou Brunet. — Não havia um só canhão de defesa antiaérea em toda a cidade. Atiraram as bombas no mercado.

Não cerrou os punhos, não abandonou o tom sereno, a sua maneira de dizer sonhadora, e no entanto era ele o bombardeado, eram os seus irmãos e irmãs, os seus filhos, os mortos. Mathieu foi sentar-se na poltrona. «As tuas poltronas corrompem.» Ergueu-se com vivacidade e sentou-se na ponta da mesa.

— Então? — disse Brunet. Parecia estar a espiá-lo.

— Tens sorte — disse Mathieu.

— Sorte de ser comunista?

— Sim.

— Essa é boa! Isso escolhe-se, meu caro.

— Eu sei. Tens sorte de ter podido escolher. O rosto de Brunet endureceu-se um pouco.

— Queres dizer que não vais ter essa sorte? Pronto. Era preciso responder. Sim ou não. Entrar para o partido, dar um sentido à vida, escolher ser um

A IDADE DA RAZÃO

homem, agir, acreditar. Seria a salvação. Brunet não despregava os olhos dele.

— Recusas?

— Recuso — disse Mathieu, desesperado. — Recuso. Pensava:

«Veio oferecer-me o que tem de melhor!» Acrescentou:

— Não é coisa definitiva. Mais tarde... Brunet encolheu os ombros.

— Mais tarde? Se estás à espera de uma revelação interior para escolher, arriscas-te a esperar muito. Pensas que eu estava convencido quando entrei para o partido? A convicção forma-se...

Mathieu sorriu tristemente.

— Eu sei. Põe-te de joelhos e terás fé. Talvez tenhas razão. Mas eu, eu quero acreditar primeiro.

— Naturalmente — disse Brunet com impaciência. — Vocês são todos iguais, vocês os intelectuais. Tudo se desmorona, as espingardas vão disparar sozinhas e vocês, serenos, reivindicam o direito de ser convencidos. Ah!, se ao menos

pudesses ver com os meus olhos, compreenderias que não se pode perder tempo.

— E então? Sim, o tempo passa, e daí?

Brunet deu uma palmada de indignação na coxa.

— Muito bem! Finges lamentar o teu cepticismo, mas não te desfazes dele. É teu conforto moral. Quando o atacam, agarras-te a ele avidamente, como o teu irmão se agarra ao dinheiro.

Mathieu indagou docemente.

— Achas que pareço agarrar-me a alguma coisa, neste momento.

— Não quero dizer...

J E A N-P AUL SARTRE

Fez-se silêncio. Brunet parecia mais calmo. «Se ele pudesse compreender-me», pensou Mathieu. Fez um esforço: convencer Brunet era o único meio que lhe restava para se convencer a si próprio.

— Não tenho nada a defender; não me orgulho da minha vida e não tenho um tostão. A minha liberdade? Pesa-me. Há anos que sou livre para nada. Desejo ardentemente trocá-la por uma convicção. De boa vontade trabalharia com vocês, isso afastar-me-ia de mim próprio e tenho necessidade de me esquecer um pouco. E depois, penso como tu que não se é homem enquanto não se encontra uma coisa pela qual se está disposto a morrer.

Brunet levantara a cabeça.

— Então? — indagou quase alegremente.

— Apesar de tudo, não posso comprometer-me, não tenho razões suficientes para isso. Revolto-me, como vocês, contra a mesma espécie de indivíduos, contra as mesmas coisas, mas não é o bastante. Não é culpa minha. Mentia se dissesse que me sentia satisfeito em desfilar de punho erguido ao som da Internacional.

Brunet tomou o seu ar mais fechado, mais camponês, parecia uma torre. Mathieu olhou-o com desespero.

— Estás a compreender-me, Brunet? Diz lá, estás a compreender-me?

— Não sei se te compreendo muito bem — disse Brunet —, mas como quer que seja, não precisas de justificar-te. Ninguém te acusa. Reservas-te para uma melhor oportunidade, estás no teu direito. Espero que essa oportunidade se apresente o mais depressa possível.

— Eu também o espero. Brunet olhou-o com curiosidade.

A IDADE DA RAZÃO

— Tens a certeza de que o desejas?

— Tenho.

— Tens? Tanto melhor. Mas receio que não apareça tão cedo.

— Também já pensei nisso — disse Mathieu. — Já pensei que

nunca mais viria, ou viria demasiado tarde. Talvez não haja oportunidade.

— E então?

— Nesse caso serei um desgraçado. E tudo. Brunet levantou-se.

— Pois é... — disse. — Pois é... Não faz mal, apesar de tudo estou contente por te ter visto. Mathieu também se levantou.

— Não vais... sair assim. Ainda tens um minuto? Brunet olhou o relógio.

— Já estou atrasado.

Calaram-se. Brunet esperava delicadamente. «Não pode sair pode sair assim, tenho de lhe falar», pensou Mathieu. Mas não tinha nada para lhe dizer.

— Não me deves querer mal — disse precipitadamente.

— Mas não te quero mal — disse Brunet. — Não és obrigado a pensar como eu.

— Não é verdade — disse Mathieu, desolado. — Eu conheço-vos bem; acham que se deve pensar como vocês, a não ser que se seja sacana. Tu achas-me uma sacana, mas não queres dizê-lo porque julgas o caso perdido.

Brunet sorriu levemente.

— Não te considero um sacana — disse. — Acho apenas que estás menos libertado da tua classe do que eu imaginava.

J E A N-P AUL SARTRE

Enquanto falava, aproximara-se da porta. Mathieu disse-lhe:

— Não podes imaginar o que me comoveu teres vindo oferecer-me a tua ajuda, só porque eu tinha má cara, esta manhã. Tens razão, preciso de ajuda. Mas é do teu apoio pessoal que eu preciso... não do de Karl Marx. Desejaria ver-te sempre e falar contigo, é possível?

Brunet desviou os olhos.

— Também o desejaria — disse —, mas não tenho muito tempo. Mathieu pensava: «Evidentemente. Teve pena de mim de manhã, mas decepcionei-o. Voltamos a ser estranhos um para o outro. Não tenho nenhum direito sobre o seu tempo.» Disse, sem querer:

— Brunet, ainda te lembras? Foste tu o meu melhor amigo.

Brunet brincava com o fecho da porta.

— Porque teria vindo se não me lembrasse? Se tivesses aceitado, poderíamos trabalhar juntos.

Calaram-se. Mathieu pensou: «Está com pressa. Doido por se ir embora.» Brunet acrescentou sem o olhar:

— Ainda gosto muito de ti. Do teu focinho, das tuas mãos, da tua voz. E depois há as recordações. Mas isso não modifica a coisa. Os meus únicos amigos agora são os camaradas do partido. Com esses eu tenho um mundo em comum.

— E achas que não temos mais nada em comum?

Brunet ergueu os ombros sem responder. Bastava uma palavra,

uma só, e tudo seria devolvido a Mathieu, a amizade de Brunet, razões de viver. Era tentador como o sono. Mathieu endireitou-se repentinamente.

A IDADE DA RAZÃO

— Não quero demorar-te — disse. — Vem visitar-me quando tiveres tempo.

— Certamente — disse Brunet. — E tu, se mudares de opinião, manda-me um recado.

— Certamente — disse Mathieu.

Brunet abriu a porta. Sorriu para Mathieu e foi-se embora.

Mathieu pensou: «Era o meu melhor amigo.»

Partiu. Ia pelas ruas gíngando um pouco como um marinheiro, e as ruas uma por uma tornavam-se reais. Mas a realidade do quarto desaparecera com ele. Mathieu olhou a poltrona verde, corruptora, as cadeiras, as cortinas verdes e pensou: «Já não se sentará nas minhas cadeiras, já não olhará para as minhas cortinas, já não fumará aqui os seus cigarros.» O quarto era agora apenas uma mancha de luz verde que tremia quando passavam os carros. Mathieu chegou-se à janela e encostou-se ao parapeito. Pensava: «Eu não podia aceitar», e o quarto atrás dele era uma água tranquila, e apenas a cabeça lhe saía da água, o quarto corruptor estava atrás dele, e ele mantinha a cabeça fora da água e olhava a rua pensando: «É verdade? É verdade que não podia aceitar?» Uma menina ao longe saltava à corda, a corda erguia-a acima da cabeça como uma alça e chicoteava o solo sob os pés. Uma tarde de Verão; a luz estava pousada na rua e nos telhados, igual, fixa, fria, como uma verdade eterna. «Será verdade que não sou um sacana?» A poltrona é verde, a corda parece uma alça, isso é indiscutível. Mas em relação às pessoas, pode-se sempre discutir, tudo o que fazem pode ser explicado, por cima ou por baixo, como se desejar. «Recusei porque quero continuar livre. É o que posso dizer. Mas posso dizer também: tive medo, prefiro a minha cortina verde, prefiro tomar ar,

J E A N-P AUL SARTRE

à tarde, na minha varanda e não queria que isso mudasse.

Agrada-me indignar-me contra o capitalismo, mas não desejo que o suprimam, porque já não teria motivos de indignação.

Agrada-me sentir-me desdenhoso e solitário, agrada-me dizer não, sempre não, e teria medo que se construísse um mundo viável porque teria de dizer sim e fazer como os outros. Por cima ou por baixo: quem havia de decidir? Brunet já decidiu. Acha que sou um filho da puta. Jacques também. Daniel também. Todos decidiram que sou um sacana. Este pobre Mathieu está perdido, é um sacana. Que posso eu fazer contra todos? Tenho de decidir, julgar, mas decidir o quê?» Quando disse não, pouco antes, acreditava estar a ser sincero, um entusiasmo

amargo nascera no seu coração. Mas quem poderia conservar nesta luz a mesma parcela de entusiasmo? Era uma luz de fim de esperança, eternizava tudo aquilo em que tocava. A menina saltava à corda eternamente, a corda erguia-se eternamente acima da cabeça dela e eternamente fustigava o chão a seus pés. E Mathieu contemplá-la-ia eternamente. Para quê saltar à corda? Para quê? Para quê? Para quê resolver ser livre? Sob aquela mesma luz, em Madrid e em Valência, havia homens, às janelas, que olhavam as ruas desertas e eternas, e diziam: «Para quê? Para quê continuar a lutar?» Mathieu voltou-se para dentro do quarto, mas a luz seguiu-o. «A minha poltrona, os meus móveis.» Em cima da mesa havia um pesa-papéis em forma de caranguejo. Mathieu pegou-lhe por cima como se estivesse vivo. «O meu pesa-papéis. Para quê? Para quê?» Deixou cair o caranguejo sobre a mesa e declarou: «Sou um tipo lixado.»

IX

E

ram seis horas. Ao sair do escritório, Daniel olhara para o espelho do vestíbulo e pensara: «Vai recomeçar», e teve medo. Entrou pela Rua Réaumur. Era fácil esconder-se ali, não passava de um saguão aberto, uma sala de espera de um tribunal. A tarde esvaziava os edifícios comerciais. Isso permitia, pelo menos, fugir à tentação de imaginar intimidades atrás das vidraças escuras das janelas. Livre, o olhar de Daniel deslizava por entre aquelas falésias abertas até ao céu rosado e corrupto que elas fechavam no horizonte. Não era muito cómodo esconder-se. Mesmo na Rua Réaumur era muito notado. As mulheres pintadas que saíam das lojas deitavam-lhe olhares provocantes e ele sentia o próprio corpo: «Putas», disse entre dentes. Tinha medo de lhes respirar o cheiro. Por mais que se lave, a mulher cheira sempre. Felizmente eram raras. Não era uma rua para mulheres e os homens não se preocupavam

J E A N-P AUL SARTRE

com ele. Liam os jornais ou limpavam com uma expressão de cansaço as lentes dos óculos, ou sorriam no vazio com espanto. Era uma verdadeira multidão, embora não densa, e caminhava devagar. Um pesado destino de multidão parecia esmagá-lo. Daniel seguiu a passo lento o desfile. Apropriando-se do sorriso vago dos homens, do mesmo destino vago e ameaçador, perdeu-se. Nada mais lhe ficou senão um ruído surdo de avalanche; era agora uma praia de luz esquecida. «Vou chegar cedo de mais a casa de Marcelle, tenho tempo de andar um bocado.»

Empertigou-se novamente, desconfiado. Voltara a encontrar-se. Nunca se perdia por muito tempo. «Posso andar um pouco.» Isso queria dizer: «Vou dar uma volta pela quermesse», pois Daniel

já não era capaz de se iludir. Aliás, para quê? Queria ir à quermesse? Pois iria. Iria porque não tinha a menor vontade de deixar de o fazer. De manhã, os gatos, a visita de Mathieu, depois quatro horas de trabalho odioso; à noite, Marcelle, era inevitável, podia perfeitamente desejar uma ligeira compensação.

Marcelle era um charco. Deixava-se doutrinar durante horas, dizia sempre sim, sim, e as ideias amontoavam-se--Ihe na cabeça, ela só existia aparentemente. Valia a pena divertir-se um bocado com os imbecis, dar-lhes corda, erguê-los no ar, enormes e leves como elefantes de borracha, puxar a corda e voltá-los; flutuavam a baixa altura, aturdidos, estupefactos, dançam a cada sacudidela do fio com saltos desajeitados. Mas é preciso mudar constan-temente de imbecis, senão é a náusea. E depois, agora Marcelle estava podre. O quarto dela estava irrespirável. Mesmo em tempos normais não podia deixar de fungar, quando lá entrava. Não cheirava a nada, mas tinha-se sem-

DADE DA RAZÃO

pré uma inquietação no fundo dos brônquios. Às vezes provocava asma. «Vou até à quermesse.» Não precisava de se desculpar tanto, de resto, não era mal nenhum: queria observar a táctica dos maricas no engate. A quermesse do Bulevar Sébastopol era célebre no género, aí é que o inspector de finanças Durat descobrira a puta que o tinha matado. Os malandros que se distraíam diante dos caça--níqueis à espera de freguês eram muito mais divertidos que os seus colegas de Montparnasse; eram vadios ocasionais, brutais e canalhas, de voz rouca, dissimulados, que procuravam apenas ganhar dez francos e um jantar. Quanto aos michês, era de morrer a rir, ternos, sedosos, vozes de mel, como borboletas, humildes e de olhar ligeiramente alucinado. Daniel não suportava a humildade deles, tinham sempre um ar de se confessar culpados. Sentia desejo de lhes bater. Um homem que se condena a si próprio tem sempre vontade de dar pancada para se liquidar de vez, para partir em mil pedaços o pouco de dignidade que ainda lhe resta. Habitualmente encostava-se a uma coluna, e encarava-os fixamente enquanto batiam as asas sob os olhares maldosos e escarnecedores dos jovens amantes. Os michês tomavam-no por protector de um dos meninos, e ele estragava-lhes todo o prazer.

Daniel ficou subitamente apressado e esticou o passo: «Vamos rir.» Tinha a garganta seca, o ar seco queimava em volta dele. Não via nada, havia uma mancha na frente dos seus olhos, a lembrança de uma luz espessa, cor de gema de ovo, que o repelia e atraía ao mesmo tempo, essa luz ignóbil que flutuava entre os muros baixos como um cheiro a cave. A Rua Réaumur

esvaiu-se, só tinha diante dele uma distância com obstáculos, as pessoas. Parecia um

J E A N-P AUL SARTRE

pesadelo. Mas nos verdadeiros pesadelos, Daniel nunca atingia o fim da rua. Entrou no Bulevar Sébastopol, calcinado pelo sol claro, e diminuiu o passo. Quermesse; viu a tabuleta, verificou se os rostos lhe eram desconhecidos e entrou.

Era uma trincheira empoeirada com muros caiados de castanho de uma fealdade severa e cheiro de um depósito de mercadorias.

Daniel mergulhou na luz amarela, que parecia mais triste ainda e mais cremosa que de costume, pois a claridade do dia amontoava-a no fundo da sala. Para Daniel era uma luz de enjoo, lembrava-lhe certa noite que passara doente a bordo do navio de Palermo. Na sala das máquinas, deserta, havia uma bruma amarelada semelhante; sonhava com ela às vezes e acordava sobressaltado, feliz por voltar às trevas. As horas que passava na quermesse pareciam-lhe ritmadas pelo martelar surdo das bielas.

Ao longo das paredes tinham posto umas caixas grosseiras sobre quatro pés: eram os jogos. Daniel conhecia-os a todos: os jogadores de futebol, vinte e duas figurinhas de madeira pintada espetadas em ganchos de ferro; sete jogadores de pólo; o automóvel de lata que se tinha de empurrar sobre uma estrada de pano, por entre casas e campos; os cinco gatinhos pretos no tecto, ao luar, e que se tinham de derrubar com cinco tiros de revólver; a carabina eléctrica; os distribuidores de chocolate e perfume. No fundo da sala havia três filas de kineramas e os títulos dos filmes destacavam-se em letras negras: Jovem Casal, Criadinhas Devassas, Banho de Sol, Noite de Núpcias Interrompida. Um senhor de monóculo aproximou-se de um desses aparelhos. Colocou um franco na ranhura e espreitou pelo binóculo, com uma pressa desajeitada.

IDADE DA RAZÃO

Daniel sufocava: era aquela poeira, aquele calor e, além disso, tinham começado a dar socos, a intervalos regulares, do outro lado da parede. Viu a isca à esquerda. Uns rapazes pobremente vestidos tinham-se agrupado em volta do pugilista negro, manequim de dois metros de altura que trazia sobre o ventre uma almofada de couro e um mostrador. Eram quatro, um louro, um ruivo e dois morenos. Tinham tirado os casacos, arregaçado as mangas das camisas sobre os bracinhos magros e batiam alucinadamente sobre a almofada. Uma agulha marcava no mostrador a força dos murros. Lançaram olhares maliciosos a Daniel e continuaram a bater com entusiasmo. Daniel franziu o sobrolho para mostrar-lhes que se enganavam no endereço e virou-lhes as costas. À direita, junto à caixa, contra a luz, viu um rapaz alto e de rosto cinzento que vestia um fato

amarrotado, uma camisa de dormir e alpercatas. Não era com certeza um canalha como os outros; aliás parecia não os conhecer, devia ter entrado por acaso — Daniel punha as mãos no fogo — e parecia absorto na contemplação de uma grua. No fim de momentos, atraído sem dúvida pela lâmpada eléctrica e pela Kodak que descansavam atrás dos vidros sobre uma pilha de bombons, aproximou-se lentamente e meteu uma moeda de um franco na ranhura do aparelho. Depois afastou-se e pareceu perder-se em meditações, coçando o nariz, pensativo. Daniel sentiu um arrepio familiar percorrer-lhe a nuca. «Ele gosta», pensou, «gosta de se acariciar.» Eram os mais atraentes, os mais românticos, aqueles cujo menor movimento revelava uma garridice inconsciente, um amor de si próprio profundo e aveludado. O rapaz, num gesto vivo, pegou nas alavancas e pôs-se a manobrá-las com convicção.

J E A N-P AUL SARTRE

O guindaste girou sobre si mesmo com um ruído de engrenagem e estremecimentos senis. O aparelho tremia todo. Daniel fazia votos para que ele ganhasse a lâmpada eléctrica, mas o buraco cuspiu de repente um punhado de bombons multicores, que tinham um aspecto avaro e estúpido de feijões. O rapaz não pareceu decepcionado, procurou nos bolsos e descobriu outra moeda. «São as suas últimas moedas», pensou Daniel, «não come desde ontem.» Não não devia. Não devia imaginar por detrás daquele corpo magro e atraente, todo preocupado com o seu próprio prazer, uma vida misteriosa de privações, de liberdade e de esperança. «Não hoje. Não aqui neste inferno, nesta luz sinistra, com aqueles murros junto da parede, jurei aguentar, resistir.» No entanto, Daniel compreendia muito bem que se podia ser tragado por um daqueles aparelhos, perder todo o dinheiro, e recomeçar, recomeçar sempre, com a garganta seca de vertigem e ódio. Daniel compreendia todas as vertigens. O guindaste pôs-se a girar com movimentos prudentes e desdenhosos. Aquele aparelho niquelado parecia satisfeito. Daniel teve medo; deu um passo em frente, estava cheio de vontade de pousar a mão no braço do rapaz — já sentia o contacto da fazenda áspera e usada — e dizer-lhe: «Não jogue mais.» Ia recomeçar o pesadelo, com aquele gosto a eternidade, aquele tanta vitorioso junto da parede, aquela maré de tristeza resignada que subia nele, aquela tristeza infinita e familiar que ia tudo submergir. Ia precisar de dias e dias para se libertar daquilo... Mas um homem entrou, e Daniel libertou-se. Empertigou-se, pensou que ia desatar a rir. «Eis o homem», pensou. Estava ligeiramente desvairado, mas ainda assim contente por ter resistido.

IDADE DA RAZÃO

O senhor avançou com petulância, dobrando os joelhos, o busto

recto e as pernas flexíveis. «Deve usar cinta», pensou Daniel. Devia ter uns cinquenta anos, bem barbeado, uma tez aveludada sob os cabelos brancos, um belo nariz florentino e um olhar um pouco mais duro e míope do que o que seria necessário: o olhar de circunstância. Os quatro vadios voltaram-se ao mesmo tempo, exibindo o mesmo ar de inocência viciada, depois recomeçaram a dar socos na barriga do negro, mas sem grande entusiasmo. O senhor olhou-os com um olhar prudente, do qual não se excluía uma certa severidade. Fez girar as alavancas e examinou os bonecos com uma atenção sorridente, como se ele próprio se divertisse com o capricho que o conduzia ali. Daniel viu o sorriso e sentiu um baque em pleno coração, aquelas simulações e mentiras horrorizaram-no e ele teve uma grande vontade de fugir. Mas foi apenas um instante. Um impulso sem consequências; já o conhecia. Encostou-se comodamente à coluna e lançou sobre o senhor um olhar pesado. À direita, o rapaz de camisa de dormir tirara do bolso uma terceira moeda e recomeçava pela terceira vez a sua dança silenciosa em torno da grua. O senhor petulante inclinou-se sobre o jogo e passou o dedo frágil no corpo magro dos bonecos de madeira. Não queria baixar-se, dando o primeiro passo, considerava sem dúvida que, com os seus cabelos brancos e a sua roupa clara, era uma isca deleitável para aqueles peixinhos todos. Com efeito, após um rápido conciliábulo, o lourinho destacou-se do grupo. Pusera o casaco sobre os ombros, sem o vestir, e aproximou-se do miché com as mãos nos bolsos. Parecia farejar, temeroso, um olhar de cão sob as sobranceiras espessas. Daniel reparou eno-

J E A N-P AUL SARTRE

jado nos quadris avantajados, nas gordas bochechas camponesas, mas cinzentas, que uma ligeira barba sujava. «Carne de mulher», pensou, «amassa-se corno pão.» O senhor era capaz de o levar para casa, de o lavar e talvez perfumar. Esse pensamento enfureceu Daniel. «Filhos da puta», murmurou. O rapaz parara a poucos passos do velho e fingia examinar também o aparelho. Inclinarão-se ambos sobre as alavancas e inspeccionavam-nas sem se olharem. O rapaz ao fim de um instante pareceu tomar uma decisão heróica: empunhou uma alavanca e fê-la girar com rapidez. Quatro jogadores descreveram um semicírculo e pararam de cabeça para baixo. — Sabe jogar? — perguntou o velho com uma voz doce. Quer — explicar-me? Eu não compreendo. — Ponha um franco e puxe. As bolas saem, é preciso mandá-las para o buraco. — Mas é preciso ser dois, não é? Eu tento enviar uma bola para o buraco e você procura impedir, não é? — Isso mesmo — disse o rapaz. A seguir acrescentou: — Precisam

de ser dois: um de cada lado.

– Quer fazer uma partida comigo?

– Eu, claro que quero.

Jogaram. O velho disse em voz de falsete:

– É muito hábil! Como conseguiu? Ganha sempre. Ensine-me.

– E o hábito – respondeu o rapaz, com modéstia.

– Sim, sim, faz treinos? Vem sempre aqui, sem dúvida? Eu não.

Acontece-me entrar por acaso, mas nunca o encontrei, lembrar-me-ia de si. Sim, sim, tê-lo-ia visto, sou bom fisionomista e você tem um rosto interessante. É da província?

A IDADE DA RAZÃO

– Sou – disse o rapaz, desconcertado.

O senhor parou de jogar e aproximou-se do rapaz.

– Mas a partida não acabou – disse o rapaz, ingenuamente –, ainda tem cinco bolas.

– Pois jogamos daqui a pouco. Prefiro conversar, se não vê mal nisso.

O rapaz sorriu forçadamente. O velho para juntar-se a ele teve de dar uma volta sobre si mesmo. Levantou a cabeça, passando a língua sobre os lábios finos, e deparou com o olhar de Daniel. Este fez um ar de desprezo, e o homem desviou os olhos, pareceu inquieto, esfregou as mãos como um padre. O rapaz não vira nada. De boca aberta, olhar vazio e deferente, aguardava que lhe dirigissem a palavra. Fez-se silêncio e, finalmente, o velho pôs-se a falar com doçura, sem o olhar, em voz baixa.

Por mais que Daniel prestasse atenção, ouvia apenas as palavras «rancho» e «bilhar». O rapaz consentiu com a cabeça.

– Deve ser «massa»! – disse em voz alta.

O velho não respondeu e lançou uma olhadela furtiva para o lado de Daniel. Daniel sentia-se reconfortado por uma cólera seca e deliciosa. Conhecia o ritual: parecia um adeus, o velho saíria à frente apressado. O rapaz voltaria para os companheiros com indolência, daria um soco ou dois no ventre do negro, depois saíria por sua vez arrastando os pés. Ia segui-lo, pois. Imaginava o velho de um lado para o outro no passeio, vendo chegar de repente o rapaz acompanhado por Daniel. Daniel gozava de antemão a cena, devorando com olhar de juiz o rosto delicado e gasto da presa. As suas mãos tremiam e a sua felicidade era perfeita se não sentisse a garganta seca com a sede. Se houvesse oportunidade, passaria por polícia de costu-

J E A N-P AUL SARTRE

mês, assentava o nome e o endereço do velho e pregava--Ihe um tremendo susto. «Se pedir os meus documentos, mostro-lhe a minha carteira de funcionário.»

– Bom dia, Sr. Lalique – disse uma voz sumida. Daniel sobressaltou-se. Lalique era um nome de guerra que usava às

vezes. Voltou-se bruscamente.

— Que estás a fazer aqui? — perguntou com severidade. —
Tinha-te proibido de voltar aqui.

Era Bobby. Daniel empregara-o numa farmácia. Fizera-se gordo e grande, usava roupa nova, comprada feita, não tinha o menor interesse. Bobby inclinara a cabeça sobre o ombro e fazia como os meninos. Olhava Daniel sem responder, com um sorriso inocente e astuto. Aquele sorriso enfureceu Daniel.

— Vamos, fala!

— Ando à procura do senhor há três dias — disse Bobby com a sua voz arrastada —, não sei a sua morada. Pensei: «Um destes dias o Sr. Daniel vem aqui, dar uma voltinha.»

«Um destes dias! Merda insolente.» Atrevia-se a julgar Daniel, a fazer previsões: «Imagina que me conhece e pode manobrar-me.» E nada há a fazer contra isto, a não ser esmagá-lo como uma lesma, pois uma certa imagem de Daniel ali se achava incrustada, debaixo daquela fronte estreita, e ali ficaria para sempre. Apesar da repugnância, Daniel sentia-se solidário com aquela mancha plácida e viva: era ele que assim vivia na consciência de Bobby.

— Estás feio — afirmou —, engordaste, e essa roupa não te serve, onde a arranjaste? É horrível como a tua vulgaridade sobressai quando estás endomingado!

IDADE DA RAZÃO

Bobby pareceu não se incomodar. Olhava Daniel arregalando os olhos gentilmente e continuava a sorrir. Daniel detestava aquela paciência inerte de pobre, aquele sorriso mole e tenaz de borracha, e que ainda continuaria mesmo que lhe rebentassem os lábios a soco. Daniel deitou uma olhadela furtiva para o velho e viu com despeito que este já não fazia cerimónia. Inclinava-se sobre o miúdo, respirava-lhe os cabelos com um ar de bondade. «Era de esperar», pensou Daniel com ódio. «Vê-me com este canalha e toma-me por colega. Estou sujo.» Tinha horror a essa franco-maçonaria de mictórios. «Pensam que todos o são. Em todo o caso, preferia matar-me a parecer-me com esse tipo.»

— Que é que queres? — perguntou brutalmente. — Estou com pressa. E vê se te afastas um bocado, que tresandas a brilhantina.

— Desculpe — disse Bobby sem se apressar. — Como estava encostado à coluna e não parecia de modo algum apressado, foi por isso que tomei a liberdade...

— Oh! Tu falas bem! — disse Daniel, desatando a rir. — Compraste uma língua juntamente com a roupa?

Os sarcasmos não atingiam Bobby. Ele inclinava a cabeça para trás e olhava o tecto com uma expressão de humilde volúpia através das pálpebras semicerradas. «Agradou-me porque se

parecia com um gato», pensou Daniel com um estremecimento de raiva. Sim, um dia Bobby tinha-lhe agradado. Mas isso dar-lhe-ia direitos para sempre?

O velho pegava na mão do jovem amigo e conservava-a paternalmente entre as suas. Depois disse-lhe adeus, com uma palmadinha no rosto, deitou um olhar de cumplicidade a Daniel e saiu a passos largos e dançantes.

J E A N-P AUL SARTRE

Daniel mostrou-lhe a língua, mas o outro já tinha virado as costas. Bobby riu-se.

— Que é que foi? — observou Daniel.

— Foi porque o senhor mostrou a língua ao velho maricas — disse Bobby. E acrescentou em tom carinhoso:

— É sempre o mesmo, Sr. Daniel, sempre brincalhão.

— Bom, bom — disse Daniel, horrorizado. Invadido por uma suspeita perguntou:

— E a farmácia? Já lá não estás?

— Não tenho sorte — disse Bobby, queixoso. Daniel encarou-o, com nojo.

— Nem por isso deixaste de engordar.

O tipo louro saiu vagarosamente da quermesse. Ao passar roçou ao de leve Daniel. Os três companheiros seguiram-no logo depois; atropelavam-se, rindo muito alto. «Que estou a fazer aqui?», pensou Daniel. Procurou com o olhar o dorso curvado e a nuca magra do rapaz em camisa de dormir.

— Vamos, fala — disse distraidamente. — Que é que fizeste? Roubaste?

— Foi a mulher do farmacêutico — respondeu Bobby.

— Não gostava de mim.

O rapaz em camisa de dormir já não estava lá. Daniel sentiu-se cansado e vazio. Tinha medo da solidão.

— Começou a hostilizar-me porque eu via Ralph.

— Já te tinha dito para não te dares com Ralph, é um tipo estuporado.

— Então devemos abandonar os amigos, só porque tivemos sorte?

— atalhou Bobby com indignação. — Via-o menos, mas não queria deixá-lo assim de repente. «E um ladrão», dizia ela, «proíbo que ele entre na minha farmácia.»

DADE DA RAZÃO

Que fazer, essa mulher era uma puta. Então comecei a ver Ralph fora da farmácia para não ser apanhado. Mas o estagiário encontrou-nos juntos. O estupor parece gostar de coisas — disse Bobby com pudor. — No princípio, quando entrei para a farmácia, era só Bobby para aqui, Bobby para ali, mas eu mandei-o passear. «Não perdes pela demora», disse-me ele. E então vomita tudo na farmácia, que nos viu juntos, que fazíamos coisas, que as pessoas se escandalizavam, sei lá.

«Que é que eu te disse?», perguntou a patroa. «Ou não tornas a ver Ralph ou saís daqui.» – «Minha senhora», disse eu, «na farmácia a senhora é que manda, mas lá fora não me pode dizer nada.» Pan!

A sala estava deserta, o ruído dos socos parara. A caixa levantou-se, era uma loura gorda. Dirigiu-se com passinhos curtos até um distribuidor de perfume e olhou-se no espelho, a sorrir. Bateram as sete horas.

– Na farmácia a senhora é quem manda, mas lá fora não me pode dizer nada – repetiu Bobby com agrado. Daniel estremeceu.

– Então puseram-te na rua? – perguntou.

– Eu é que saí – disse Bobby muito digno. – Disse: «Prefiro, ir-me embora.» E não tinha um tostão, hem! Eles não me quiseram pagar o que me deviam, mas não faz mal. Eu sou assim. Durmo na casa de Ralph, durmo de dia porque à noite ele recebe a puta. E uma aventura séria. Não como desde anteontem. Olhou Daniel, carinhosamente.

– Disse a mim próprio: vou ver se encontro o Sr. Lalique, ele compreende-me.

– És um idiota – disse Daniel. – Já não me interessas.

Esfalfo-me para arranjar um lugar e consegues ser

J E A N-P AUL SARTRE

posto na rua ao fim de um mês. E depois, não penses que acredito em metade do que me contaste. Mentas como um tira-dentes.

– Pode perguntar-lhe. Ver se não estou a dizer a verdade.

– Perguntar a quem?

– À patroa.

– Deus me livre! Não estou disposto a ouvir as suas histórias. Aliás, não posso fazer nada por ti.

Sentia-se acovardado, pensou: «Tenho de me ir embora», mas sentia as pernas moles.

– Estávamos com um projecto de trabalhar juntos, Ralph e eu...

– disse Bobby com indiferença. – Queremos arranjar um comércio.

– Sim? E vieste pedir-me dinheiro para as primeiras despesas? Guarda essas histórias para outros. Quanto queres?

– É um bom tipo, Sr. Lalique – disse Bobby, com voz humilde. – Ainda hoje dizia a Ralph: se eu encontrar o Sr. Lalique, verás como ele não me deixa em apuros.

– Quanto queres? – repetiu Daniel. Bobby pôs-se a fazer trejeitos.

– Se pudesse emprestar-me, emprestar, hem. Devolvia-lho no fim do mês. Quanto?

– Cem francos.

– Toma – disse Daniel –, toma cinquenta, são dados. E desaparece.

Bobby meteu o dinheiro no bolso sem falar e ficaram um diante do outro, indecisos.

A IDADE DA RAZÃO

— Vai-te embora — disse Daniel com rudeza. O corpo parecia-lhe algodão.

— Obrigado, Sr. Lalique.

Deu uma saída em falso e voltou atrás.

— Se quiser falar comigo, ou com Ralph, nós moramos aqui perto. Na Rua dê's Ours, 6, no sétimo andar. Está enganado sobre o Ralph, ele gosta muito de si.

— Vai-te embora.

Bobby afastou-se, a recuar e sorrindo sempre. Depois deu meia volta e foi-se embora. Daniel aproximou-se do guindaste e olhou. Ao lado da Kodak e da lâmpada eléctrica havia um binóculo que não tinha visto antes. Enfiou uma moeda no aparelho e rodou os manípulos ao acaso. O guindaste deixou cair os ponteiros sobre o monte de bombons. Daniel recolheu cinco ou seis na palma da mão e comeu-os.

O sol derramava um pouco de ouro nos grandes edifícios escuros, o céu estava cheio de ouro, mas uma sombra suave e líquida subia da rua, as pessoas sorriam à carícia da sombra. Daniel estava com uma sede infernal, porém não queria beber; morre, desgraçado! Morre de sede! «Afimal», pensou, «não fiz nada que mereça castigo.» Mas fora pior. Deixara-se roçar pelo Mal, permitira tudo, menos a satisfação, não tivera sequer a coragem de se satisfazer. Agora carregava o Mal dentro dele como uma comichão infecciosa, estava invadido por ele da cabeça aos pés, tinha ainda na vista aquela mancha amarela, os olhos amarelavam-lhe tudo. Tinha sido preferível deixar-se esma-

J E A N-P AUL SARTRE

gar pelo prazer, pois esmagado daquela maneira também era mal. É verdade que renascia sempre. Voltou-se bruscamente: «É capaz de me seguir para ver onde moro. Gostaria que me tivesse seguido, dar-lhe-ia uma tremenda sova na rua!» Porém Bobby não aparecia. Ganhara o dia e devia ter voltado para casa. Ralph, Rua dê's Ours, 6. Daniel estremeceu: «Se pudesse esquecer aquela direcção. Se fosse possível esquecer aquela direcção...» Mas o quê? Teria cuidado para não o esquecer. Ao lado dele as pessoas tagarelavam em paz com a consciência. Um senhor disse à mulher:

— Mas isso foi antes da guerra. Em 1912, não em 1913. Eu ainda estava com Paul Lucas.

«A paz. A paz de boa gente, da gente honesta, da gente de bem, dos homens de boa vontade. Porque será a vontade deles a boa, e não a minha?» Assim era... Qualquer coisa naquele céu, naquela luz, naquela natureza, assim o tinha resolvido. Eles

bem o sabiam, eles sabiam que tinham razão, que Deus, se existia, estava com eles. Daniel olhou os seus rostos: eram duros apesar de um aparente abandono. Bastaria um sinal para que esses homens se atirassem contra ele e o fizessem em pedaços. E o céu, a luz, as árvores, a natureza toda, tudo os aprovaria, como sempre. Daniel era um homem de má vontade. No limiar da entrada de um edifício, um porteiro gordo e pálido, de ombros caídos, aquecia-se ao sol. Daniel viu-o de longe; pensou: «Eis o Bem.» O porteiro estava sentado numa cadeira, com as mãos sobre o ventre como um Buda, via as pessoas passarem e de quando em quando aprovava uma qualquer pessoa com um meneio de cabeça. «Ser aquele tipo», pensou Daniel, com inveja. Devia ter

IDADE DA RAZÃO

um coração reverencioso. Além disso, sensível às grandes forças naturais, ao frio, ao calor, à luz, à humidade. Daniel parou, fascinado pelas longas pestanas estúpidas, pela malícia sentenciosa das bochechas cheias. Embrutecer-se até chegar àquele ponto, até ter na cabeça apenas uma massa branca com um perfumezinho de sabão de barba. «Isto dorme todas as noites», pensou. Já não sabia se tinha vontade de o matar ou de deslizar confortavelmente dentro daquela alma bem regradada. O homem levantou a cabeça, e Daniel esticou o passo. «Com a vida que levo, resta-me a esperança de me tornar indulgente o mais depressa possível.»

Deitou um olhar irritado sobre a pasta, não gostava de carregar aquilo, dava-lhe um ar de advogado. Mas o mau humor depressa se esvaiu porque se lembrou de que não a trouxera por acaso. Ser-lhe-ia até muito útil. Não se iludia sobre os riscos, mas estava calmo e frio, um pouco animado, apenas. «Se chegar ao passeio em treze passos...» Deu os treze passos e parou justamente à beira do passeio, mas o último passo tinha sido muito maior do que os outros, fendera-se como um esgrimista. «Aliás, isto não tem a mínima importância, de qualquer maneira o negócio está no papo.» Não podia falhar, era científico, era de perguntar como ninguém tinha pensado naquilo antes. «O que acontece», pensou com severidade, «é que os ladrões são uns estúpidos.» Atravessou a rua, precisando melhor a sua ideia. «Há muito tempo que deveriam ter-se organizado. Em sindicato, como os prestidigitadores.»

J E A N-P AUL SARTRE

Uma associação para o conhecimento mútuo e a exploração dos processos técnicos, eis o que faltava. Com uma sede social, uma ética, tradições, biblioteca. Filmoteca também e fitas que decomporem, em câmara lenta, os movimentos mais difíceis. Cada novo aperfeiçoamento seria reproduzido, a teoria seria gravada em discos e traria o nome do inventor.

Tudo se classificaria por categorias. Haveria, por exemplo, o roubo do mostruário pelo processo 1763, ou «processo de Serguine», também denominado ovo de Colombo (porque é simples como tudo, mas tinha de ser descoberto). Boris concordaria em participar de uma fita demonstrativa! «Ah!», pensou, «e cursos gratuitos de psicologia do roubo, é indispensável.» O processo assentava quase inteiramente na psicologia. Viu com prazer um bar cor de abóbora e verificou que estava no meio da Avenida de Orleães. Era espantoso como as pessoas pareciam simpáticas na Avenida de Orleães, entre as sete e sete e meia da noite. A luz contribuía muito para isso, era uma musselina ruiva bem ajustada, e depois era delicioso encontrar-se nos limites de Paris, as ruas deslizavam sob os pés para o centro envelhecido e comercial da cidade, para o mercado, para as vielas sombrias de Saint--Antoine, sentia-se mergulhar no doce exílio religioso da noite e dos arrabaldes. Os transeuntes parece que saíram de casa para estar juntos, não se zangam quando são empurrados, dir-se-ia até que gostam disso. E olham os mostruários com uma admiração inocente e inteiramente desinteressada. No Bulevar Saint-Michel as pessoas olham também os mostruários, mas com a intenção de comprar. «Hei-de vir aqui todas as noites», resolveu Boris, entusiasmado. «E no próximo Verão hei-de alugar um quarto

IDADE DA RAZÃO

numa dessas casas de três andares que parecem irmãs gêmeas e fazem pensar na revolução de 48. Mas com janelas tão estreitas, como se arranjariam as mulheres para atirar colchões das camas sobre os soldados? Está tudo preto de fumo em volta das janelas, como se tivessem sido lambidas pelas chamas de um incêndio; não é triste, não, essas fachadas lívidas e cheias de buraquinhos negros parecem manchas de tempestade num céu azul. Vejo as janelas, se pudesse subir ao tecto da marquise do bar, veria os armários com espelho ao fundo dos quartos, como lagos artificiais; a multidão passa através de meu corpo, e eu penso em guardas municipais, nas grades douradas do Palais-Royal, no 14 de Julho, não sei porquê. Que teria ido fazer aquele comunista a casa de Mathieu?», pensou de repente Boris. Não gostava dos comunistas, eram sérios de mais. Brunet então parecia um papa. «Pôs-me fora», pensou. «Que estupor! Pôs-me mesmo fora.» E subitamente uma violenta e rápida borrasca desencadeou-se-lhe na cabeça, uma necessidade de ser mau. «Talvez Mathieu tenha percebido que seguia um caminho errado e vá entrar para o partido.» Divertiu-se durante um instante em enumerar as consequências incalculáveis de semelhante conversão. Mas logo parou, receoso. Certamente Mathieu não se enganara, seria demasiado grave agora que Boris se decidira. Na Faculdade

sentira-se atraído pelo comunismo, mas Mathieu tinha-o desviado, ensinando-lhe o que era a liberdade. Boris compreendera imediatamente: é um dever fazer o que se quer, pensar o que bem se entende, ser responsável apenas perante si próprio, analisar permanentemente o que se pensa dos outros. Boris construía a sua vida sobre esses alicerces. Era escrupu-

J E A N-P AUL SARTRE

losamente livre. Em particular discutia sempre com todos, com excepção de Mathieu e Ivich; com esses era inútil, porque eram perfeitos. Quanto à liberdade, não era recomendável analisá-la demasiado, porque se deixava então de ser livre. Boris coçou a cabeça, com perplexidade, e perguntou a si próprio de onde vinham aqueles impulsos de tudo subverter que o assaltavam de vez em quando. «No fundo, devo ter um temperamento inquieto», pensou, com um espanto divertido. Pois, considerando friamente as coisas, Mathieu não era tipo que se enganasse. Boris sentia-se satisfeito e balançou alegremente a pasta. Interrogou-se também se era moral ter um temperamento inquieto. E viu os prós e os contras, mas não quis levar avante a investigação. Perguntaria a Mathieu. Boris achava indecente um camarada da sua idade pensar por si. Já vira muito disso na Sorbona, os falsos espertos, estudantes de óculos que tinham sempre reservada uma teoria pessoal e acabavam por perder, de uma maneira ou de outra. Aliás, as teorias eram idiotas, angulosas. Boris tinha horror ao ridículo, não queria perder e preferia calar-se a passar por tolo: era menos humilhante. Mais tarde sim, mas por agora confiava em Mathieu. Era o seu ofício. Demais, sempre se tinha alegrado quando Mathieu se punha a pensar. Mathieu corava, olhava os dedos, engasgava-se, gaguejava ligeiramente, mas era afinal um trabalho sóbrio e elegante. No entanto, às vezes, Boris tinha uma ideia, fazia o possível para que Mathieu não percebesse, mas este percebia sempre, o estupor, e dizia-lhe: «Você tem qualquer coisa na cabeça», e enchia-o de perguntas. Era um suplício, Boris tentava desviar a conversa, porém Mathieu era tenaz como um piolho. Boris acabava por dizer tudo, olhava

IDADE DA RAZÃO

para os pés, e o pior é que Mathieu ainda por cima o descompunha. «É completamente idiota, raciocina como um cabo de vassoura», exactamente como se Boris se tivesse vangloriado de ser um génio. «Estupor», repetiu Boris rindo. Parou diante do espelho de uma bela farmácia vermelha e olhou a sua imagem com imparcialidade. «Sou modesto», pensou. Achou-se simpático. Subiu para a balança automática e pesou-se para ver se não tinha engordado desde a véspera. Uma lâmpada vermelha acendeu,

o mecanismo funcionou com um ruído sibilante e cuspiu um bilhete: cinquenta e sete quilos e meio. Ficou confuso por momentos: quinhentos gramas! Mas percebeu que tinha a pasta na mão. Desceu da balança e continuou a andar. Cinquenta e sete quilos para um metro e setenta e três estava bem. Sentia-se de excelente humor e como que aveludado por dentro. E depois a atmosfera cheirava a uma melancolia levíssima do dia envelhecido que agonizava devagar em volta dele, que o roçava com uma luz suave e perfumes cheios de saudades. Aquele dia, aquele mar tropical que recuava deixando-o sozinho sob o céu pálido, era uma etapa, mais uma pequenina etapa. A noite ia cair, ele ia ao Sumatra, veria Mathieu, veria Ivich, dançaria. E dali a pouco, exactamente entre o dia e a noite, haveria aquele furto, aquela obra-prima. Empertigou-se e apressou o passo. Tinha de ter cuidado, por causa dos tipos que folheiam os livros, não têm jeito para nada e são detectives particulares. A Livraria Carpure tinha seis. Boris sabia-o por intermédio de Picard, que desempenhara esse papel durante três dias depois de ter reprovado em Geologia; tivera de o fazer porque os pais lhe tinham cortado a mesada, mas deixara-o logo, enojado. Não somente era

J E A N-P AUL SARTRE

preciso espiar, como um inspector vulgar, mas ainda ficar de espreita para apanhar os ingênuos, os tipos de monóculo, por exemplo, que se aproximam timidamente do mostruário. Tinha de cair-lhes em cima de repente acusando-os de terem tentado enfiar um livro no bolso. Naturalmente os infelizes perdiam a cabeça, eram então levados, para o fundo de um corredor, um escritório sombrio, e extorquiam-lhe cem francos com a ameaça de um processo. Boris sentiu-se «embriagado», havia de os vingar; a ele não o apanhavam. «Essa gente não sabe fazer as coisas; em cem ladrões, oitenta improvisam.» Ele não improvisava. Por certo não sabia tudo, mas o que sabia aprendera com método, pois sempre considerara que quem trabalha com a cabeça deve ter um ofício manual também, para se manter em contacto com a realidade. Até ali não tirara nenhum proveito material dos seus empreendimentos, pois não se podia considerar lucro as dezassete escovas de dentes que possuía, nem os vinte francos, a bússola, a tenaz de lareira e o ovo de passar. O que lhe importava em cada caso era a dificuldade técnica. Mais valia roubar uma caixinha de pastilhas de alcaçuz sob o olhar do farmacêutico que uma carteira de cabedal de uma loja vazia. O benefício do roubo era exclusivamente moral. Neste ponto estava de acordo com os antigos espartanos, era uma ascese. E depois havia um momento de inteira satisfação; era quando dizia: «Vou contar até cinco; a cinco é preciso que a escova esteja no meu bolso.»

Ficava com um nó na garganta e uma extraordinária impressão de lucidez e de força. Sorriu. Ia abrir uma exceção aos seus princípios; pela primeira vez, o interesse seria o móbil do roubo. Dentro de meia hora, o mais tardar, possuiria aquela jóia,

IDADE DA RAZÃO

aquele tesouro indispensável. «Aquele thesaurus!», murmurou, pois gostava da palavra thesaurus, que lhe lembrava a Idade Média, Abelardo, um herbário, Fausto e os cintos de castidade do Museu de Cluny. «Será meu, poderei consultá-lo a qualquer hora do dia ou da noite», ao passo que agora era forçado a consultá-lo de passagem nos mostruários, rapidamente, e, como as páginas não estavam cortadas, às vezes as informações obtidas eram falseadas. Ia colocá-lo naquela mesma noite sobre a mesa-de-cabe-ceira e na manhã seguinte o seu primeiro olhar seria para o livro. «Ora», disse aborrecido, «vou dormir a casa de Lola esta noite.» Em todo o caso, levá-lo-ia para a biblioteca da Sorbona e de vez em quando, ao interromper o trabalho de revisão, daria uma olhadela para se distrair. Decidiu-se a aprender uma locução por dia, talvez duas; em seis meses seriam trezentas e sessenta. Com as quinhentas ou seiscentas que já conhecia, chegaria ao milhar, o que se podia considerar muito bom. Atravessou o Bulevar Raspail e entrou pela Rua Denfert-Rochereau, com um vago mal-estar. A Rua Denfert-Rochereau aborrecia-o muito, talvez por causa dos castanheiros. Aliás era um recanto sem carácter, com exceção de uma tinturaria escura com cortinas cor de sangue que pendiam lamentavelmente como cabeleiras escalpadas. Boris deitou, ao passar, uma olhadela amável à tinturaria e depois mergulhou no silêncio louro e distinto da rua. Uma rua? Era apenas um buraco com casas de ambos os lados. «Sim, mas o metro passa aqui em baixo», pensou Boris, e tirou dessa verificação algum conforto, imaginou que caminhava sobre uma fina camada de asfalto e que talvez ela fosse ceder. «Tenho de contar isto a Mathieu, ele vai ficar doido.» Não.

J E A N-P AUL SARTRE

O sangue subiu-lhe ao rosto, não contaria nada. A Ivich sim, ela compreenderia. Se ela própria não roubava, é porque não tinha jeito. Contaria também a história a Lola para a chatear. Mas Mathieu não se mostrava muito à vontade nessas histórias de furtos. Ria com indulgência quando Boris lhe falava, mas Boris não tinha muito a certeza de que ele os aprovasse. Não compreendia o que Mathieu podia censurar-lhe. Lola ficava doida com isso, mas era normal, não podia entender certas subtilidades e depois era um bocado avarenta. Ela dizia-lhe: «Eras capaz de roubar a tua mãe, um dia também me hás-de roubar a mim.» E ele respondia: «Quem sabe, quem sabe, se

houver uma oportunidade.» Naturalmente isso não tinha sentido, não se roubam os íntimos, é fácil de mais, ele dizia que sim para a irritar, detestava a mania de Lola de ligar tudo a si própria. Mas Mathieu... Não era compreensível. Que podia invocar contra o roubo, desde que fosse efectuado dentro da regra? Essa censura tácita de Mathieu preocupou-o durante alguns instantes, depois sacudiu a cabeça e disse: «É estúpido!» Dentro de cinco anos, sete anos, teria as suas ideias próprias, as de Mathieu parecer-lhe-iam ingénuas e antiquadas, seria o seu próprio juiz. «Nem sei se ainda nos veremos.» Boris não tinha nenhuma vontade de que esse dia chegasse e achava que era perfeitamente feliz, mas não era desprovido de bom senso e sabia que isso era uma necessidade. Teria de mudar, de deixar para trás uma multidão de coisas e de gente, não estava ainda maduro. Mathieu era uma etapa, como Lola, e nos momentos em que Boris mais o admirava, havia na sua admiração algo provisório que fazia que ela fosse imensa, mas sem servilismo. Mathieu

IDADE DA RAZÃO

era tão perfeito quanto possível, mas não podia mudar ao mesmo tempo que Boris, já não podia mudar, era perfeito de mais. Estes pensamentos aborreceram Boris e sentiu-se satisfeito por chegar à Praça Edmond Rostand. Era sempre agradável atravessá-la por causa dos autocarros que se precipitavam sobre as pessoas como enormes perus e evitavam-nos por um fio, com um solavanco do corpo. «Que não tivessem tido a ideia de guardar o livro precisamente hoje!» Na esquina da Rua Monsieur-le-Prince e do Bulevar Saint-Michel, parou. Queria dominar a sua impaciência, não era prudente chegar de rosto corado pela esperança, com olhos de lobo. Tinha como princípio agir friamente. Impôs a si próprio a obrigação de permanecer imóvel diante da loja de um negociante de guarda-chuvas e de cutelaria, a olhar os objectos uns após outros, metodicamente, na montra, sombrinhas verdes e vermelhas, guarda-chuvas de cabos de marfim, alguns em forma de cabeça de buldogue, tudo triste, lamentável, e ainda por cima Boris pôs-se a pensar nas pessoas idosas que compravam aqueles objectos. Ia atingir um estado de resolução fria e sem alegria quando viu de repente uma coisa que o mergulhou de novo no júbilo. «Uma navalha espanhola!», murmurou, tremendo de prazer. Era uma verdadeira navalha espanhola, de lâmina espessa e comprida, mola, cabo de osso preto, elegante como um quarto crescente. Havia duas manchas de ferrugem na lâmina, parecia sangue. «Oh!», gemeu Boris, com o coração contraído de desejo. A navalha descansava aberta sobre uma prancheta de madeira envernizada, entre dois guarda-chuvas. Boris contemplou-a longamente e o mundo perdeu a cor à sua volta, tudo o que não fosse o brilho frio da

lâmina deixou

J E A N-P AUL SARTRE

de o interessar; queria largar tudo, entrar na loja, comprar a navalha e fugir, como um ladrão, carregando a sua presa.

«Picard há-de-me ensinar a atirá-la», mas o sentido do dever dominou-o. Daqui a pouco. Hei-de comprá-la daqui a pouco, como recompensa se tiver bom êxito.

A Livraria Carbure achava-se instalada na esquina da Rua Vaugirard com o Bulevar Saint-Michel e tinha — o que auxiliava as intenções de Boris — uma entrada em cada rua. Diante da livraria tinham colocado seis mesas cheias de livros, na maioria, de ocasião. Boris verificou com uma olhadela onde se encontrava o senhor de bigodes ruivos que rondava amiúde por ali e que desconfiava ser um detective. Depois, aproximou-se da terceira mesa. O livro ali estava, enorme, tão grande que Boris ficou desanimado durante uns momentos. Setecentas páginas, in-4.º, papel encorpado. «Vai ser preciso enfiar isto na pasta», pensou, sucumbido. Mas bastou-lhe olhar o título dourado que luzia docemente para sentir voltar-lhe a coragem. Dicionário Histórico e Etimológico da Linguagem Popular e do Calão desde o Século XIV até à Época Contemporânea.

«Histórico!» repetiu Boris com êxtase. Tocou na encadernação com a ponta dos dedos, num gesto familiar e terno. «Não é um livro, é um móvel, pensou, com admiração. Atrás dele certamente o senhor de bigodes devia estar a espiá-lo. Era necessário iniciar a comédia, folhear o volume, tomar uns ares de interessado que hesita e acaba por se deixar tentar. Boris abriu o dicionário ao acaso. Leu: «Ser de... para: ser levado a apreciar. Locução usada comumente hoje em dia. Exemplo: O cura era da coisa como um zangão. Traduza-se: o cura apreciava a bagatela. Diz-se também: "ser do homem", por "ser

IDADE DA RAZÃO

invertido". Esta locução parece originária do Sudoeste da França...»

As páginas seguintes não estavam cortadas. Boris largou a leitura e pôs-se a rir sozinho. Repetia, enlevado: «O cura era da coisa como um zangão.» Em seguida tornou-se repentinamente sério e começou a contar: «Um! dois! três! quatro!», enquanto uma alegria austera e pura lhe fazia o coração pular.

Uma mão pousou-lhe sobre o ombro. «Apanhado», pensou Boris, «mas agem cedo de mais, não podem provar coisa alguma.»

Voltou-se devagar, com sangue-frio. Era Daniel Sereno, um amigo de Mathieu. Boris vira-o duas ou três vezes e achava-o admirável. Mas tinha um ar de sacana, isso tinha.

— Bom dia — disse Sereno —, que está a ler? Parece fascinado. Não tinha o ar de sacana habitual, mas era preciso desconfiar. Na verdade mostrava-se até amável de mais. Devia estar a

preparar algum golpe sujo. E depois, como que de propósito, surpreendeu Boris a folhear o dicionário de calão, e isso iria ter por certo aos ouvidos de Mathieu, que troçaria dele.

— Parei um pouco ao passar — respondeu de maneira embaraçada. Sereno sorriu. Pegou no volume com as duas mãos e ergueu-o até aos olhos. Devia ser ligeiramente míope. Boris admirou-lhe a desenvoltura. De costume, os que folheiam livros deixam-nos sobre a mesa com receio dos detectives particulares. Mas era evidente que Sereno considerava que tudo lhe era permitido. Boris murmurou com uma voz engasgada, mas fingendo-se indiferente:

J E A N-P AUL SARTRE

— É uma obra curiosa...

Sereno não respondeu; parecia mergulhado na leitura. Boris irritou-se e resolveu observá-lo severamente. Por honestidade de espírito, confessou que Sereno era perfeitamente elegante. Havia sem dúvida naquele fato de tweed quase cor-de-rosa, naquela camisa de linho, naquela gravata amarela, uma ousadia calculada que chocava um pouco Boris. Boris apreciava a elegância sóbria e despreocupada. Mas o conjunto era inatacável, apesar de suave como manteiga fresca. Sereno desatou a rir. Tinha um riso quente e agradável, e Boris achou-o simpático porque abria inteiramente a boca quando se ria.

— Ser do homem! — disse Sereno. — Ser do homem! É um achado de que me servirei oportunamente. Largou o livro sobre a mesa.

— Você é do homem, Serguine?

— Eu... — disse Boris sem fôlego.

— Não core — disse Sereno (Boris sentiu-se cor de sangue) — e saiba que um tal pensamento nem sequer me passou pelo espírito. Sei quando um tipo é do homem — a expressão divertia-o visivelmente —, os gestos têm uma moleza harmoniosa que não engana. Ao passo que você, não. Estava a observá-lo há um bom bocado e estava seduzido. Os seus gestos são vivos e precisos, mas cheios de ângulos. Deve ser muito hábil.

Boris escutava atentamente. É sempre interessante ouvir alguém explicar como nos vê. E, além disso, Sereno tinha uma voz de baixo muito agradável. Os olhos eram incomodativos. À primeira vista pareciam imbuídos de ternura, mas quando se olhava melhor, descobria-se neles qualquer coisa de duro, quase de maníaco. «Está a querer

IDADE DA RAZÃO

pregar-me uma partida», pensou Boris, e manteve-se atento. Queria perguntar a Sereno o que entendia por «gestos cheios de ângulos»; mas não se atreveu, pensou que convinha falar o menos possível. Além disso, sob aquele olhar insistente, sentia nascer dentro de si uma estranha e desconcertante

doçura, tinha vontade de se agitar, sacudir, pular para fazer com que aquela vertigem de doçura se dissipasse. Virou a cabeça e fez-se um silêncio difícil. «Vai imaginar que sou um idiota», pensou Boris resignadamente.

– Está a estudar Filosofia, creio eu – continuou Sereno.

– Sim, estudo Filosofia – respondeu Boris, atabalhoadamente. Estava contente por ter um pretexto para romper o silêncio. Mas naquele instante o relógio da Sorbona soou, e Boris parou, gelado. «Oito e um quarto», pensou com angústia. «Se ele não se for embora imediatamente, estou frito.» A Livraria Carbone fechava às oito e meia. Sereno não parecia com vontade de se ir embora, não estava apressado. Disse:

– Confesso que não percebo nada de filosofia. Você deve perceber.

– Um pouco – atalhou Boris, desesperado. Pensou: «Estou a ser estúpido, mas porque é que não se vai embora?» Aliás Mathieu prevenira-o. Sereno surgia sempre fora de propósito, o que fazia parte da sua natureza demoníaca.

– Imagino que gosta disso – continuou Sereno.

– Sim – disse Boris, que se sentiu corar pela segunda vez. Detestava falar, daquilo de que gostava. Era impudico. Tinha a impressão de que Sereno desconfiava daquele

J E A N-P AUL SARTRE

pudor e voluntariamente se mostrava indiscreto. Sereno olhou-o com uma expressão atenta e penetrante.

– Porquê? – Não sei – disse Boris. Era verdade, não sabia. No entanto, gostava muito daquilo. Até de Kant. Sereno sorriu e disse:

– Vê-se logo que não é um amor puramente cerebral. Boris irritou-se, e Sereno acrescentou com vivacidade:

– Estou a brincar. Na verdade acho que tem sorte. Eu estudei, como toda a gente. Mas a mini não souberam torná-la agradável. Creio que foi Delarue quem me fez perder o gosto pela filosofia. Ele sabe de mais para mim. Pedi-lhe várias explicações, mas quando principiava a dá-las, eu perdia o pé, parecia-me que nem já sequer compreendia a minha própria pergunta.

Boris sentiu-se magoado com o tom irónico, e suspeitou que Sereno queria levá-lo a falar de Delarue, a fim de repeti-lo mais tarde a Mathieu. Admirou Sereno por se mostrar tão gratuitamente sacana, mas revoltou-se e disse, secamente:

– Mathieu explica muito bem.

Sereno riu francamente, e Boris mordeu os lábios com despeito.

– Não duvido, não duvido. Só que somos velhos amigos e eu imagino que ele reserva as suas qualidades pedagógicas para os jovens. Recruta os seus discípulos entre os próprios alunos, em geral.

– Eu não sou discípulo dele – disse Boris.

– Não estava a pensar em si. Você não possui cara de discípulo. Pensava em Hourtiguère, aquele alto e louro que partiu há dois anos para a Indochina. Deve ter ouvido

A IDADE DA RAZÃO

falar dele; há dois anos era a grande paixão de Mathieu, estavam sempre juntos.

Boris teve de reconhecer que o golpe atingia o alvo, e a sua admiração por Sereno aumentou, mas gostaria de lhe ter dado um soco na cara.

– Mathieu falou-me dele – observou.

Detestava aquele tal Hourtiguère, que Mathieu conhecera antes de o conhecer a ele, Boris. Mathieu tomava às vezes um ar compenetrado quando Boris ia ter com ele ao Dome e dizia: «Tenho de escrever a Hourtiguère.» Depois ficava durante um bom momento a sonhar, aplicando-se como um recruta que escreve à pequena lá da terra e desenhava silhuetas no ar com a caneta, por cima da folha branca. Boris punha-se a trabalhar ao lado de Mathieu, mas com ódio. Não tinha ciúmes de Hourtiguère, evidentemente. Pelo contrário, sentia por ele uma piedade misturada de uma ligeira repulsa (aliás, nada sabia dele, vira apenas uma fotografia que o mostrava como um rapagão infeliz vestido com calças de golfe, e uma dissertação filosófica, perfeitamente idiota, que ainda se arrastava em cima da mesa de Mathieu). Mas por nada deste mundo desejara que Mathieu o tratasse mais tarde como tratava agora Hourtiguère. Preferia nunca mais ver Mathieu, se imaginasse que um dia ele pudesse vir a dizer a um jovem filósofo, com aquela expressão compenetrada e melancólica: «Hoje tenho de escrever a Serguine.» Admitia, se necessário, que Mathieu fosse apenas uma etapa na sua vida – e isso já era bem penoso –, mas não podia aceitar ser ele próprio uma etapa na vida de Mathieu.

Sereno parecia ter-se instalado. Apoiava-se com ambas as mãos à mesa, numa atitude indolente e cómoda.

J E A N-P AUL SARTRE

– Lamento amiúde ser tão ignorante neste terreno – continuou.

– Os que estudaram Filosofia afiguram-se-me ter tirado dos estudos grande alegria.

Boris não respondeu.

– Um iniciado, foi o que me faltou. Um tipo assim como você. Não um sábio, mas que levasse a sério as coisas.

Riu como que assaltado por uma ideia agradável.

– Diga-me, não seria divertido se eu tivesse algumas lições consigo?

Boris olhou-o, desconfiado. Devia ser uma armadilha. Não se via, absolutamente nada, a dar lições a Sereno, que devia ser

muito mais inteligente do que ele próprio e lhe faria por certo imensas perguntas embaraçosas. Ficaria estrangulado de timidez. Pensou com uma resignação fria que deviam ser oito e vinte e cinco. Sereno continuava a sorrir, parecia encantado com a ideia. Mas tinha um olhar estranho, Boris mal o podia olhar de frente.

— Sou muito preguiçoso — disse Sereno. — Tinha de ter idade sobre mini.

Boris não pôde deixar de se rir e confessou francamente:

— Acho que não saberia fazê-lo.

— Mas sim! — disse Sereno. — Estou persuadido que sim.

— Você intimidar-me-ia. Sereno encolheu os ombros.

— Ora, vejamos, dispõe de um minuto? Poderíamos tomar alguma coisa ali em frente e falaríamos do nosso projecto.

— «Nosso» projecto...

A IDADE DA RAZÃO

Boris observava com angústia um caixeiro da livraria que começava a empilhar os livros. Gostaria de acompanhar Sereno até o Harcourt. Era um tipo esquisito e admiravelmente belo, e era divertido conversar com ele porque tinha de jogar com firmeza; era uma permanente impressão de perigo. Debateu-se por momentos, mas o sentimento do dever venceu-o:

— É que estou com pressa — disse num tom que a tristeza de não aceitar tornara cortante. O rosto de Sereno mudou.

— Muito bem — disse —, não quero incomodá-lo. Desculpe tê-lo detido tanto tempo. Adeus, cumprimentos a Mathieu.

Voltou-se bruscamente e partiu: «Tê-lo-ia magoado?», pensou Boris, constrangido. Acompanhou com um olhar inquieto os largos ombros de Sereno, que subia o Bulevar Saint-Michel. Depois pensou que não podia perder nem mais um momento.

— Um, dois, três, quatro, cinco.

Aos cinco pegou ostensivamente no livro com a mão direita e dirigiu-se para o interior da livraria, sem se esconder.

Uma avalanche de palavras que fugiam de todos os lados. As palavras fugiam, Daniel fugia de um corpo frágil, ligeiramente arqueado, olhos cor de avelã, um rosto austero e atraente, um jovem monge, um monge russo, Alioscha. Passos, palavras, os passos soavam dentro da cabeça, ser apenas esses passos, essas palavras, tudo era preferível ao

J E A N-P AUL SARTRE

silêncio. Imbecil, não me tinha enganado. A mãe proibiu-me de falar com desconhecidos, quer um bombom, menina, a mãe não deixa... Ah! uma pequena cabeça nada mais, não sei, não sei, não sei, gosta de filosofia, não sei e como o havia de saber, o pobre cordeiro! Mathieu faz de sultão na classe, atirou-lhe o lenço, leva-o ao café e o desgraçado engole tudo, os cafés e teorias, como hóstias. Ora, vai passear esses modos de

comunhão solene; é afectado, precioso como um burro carregado de relíquias. E aquele olhar que me deitou, quando lhe disse que não compreendia a filosofia, já não se dava ao trabalho de ser delicado no fim. Tenho a certeza – já o tinha pressentido na época de Hourtiguère –, tenho a certeza de que ele os previne contra mim. «Muito bem, foi bom», pensou satisfeito, «uma excelente lição, e barata, estou contente por me ter mandado passear; se tivesse cometido a loucura de me interessar por ele, de lhe falar com confiança, ele teria ido dizer tudo a Mathieu e ter-se-iam rido de mim.» Parou tão bruscamente que uma senhora chocou com ele com um gritinho. «Ele falou-lhe de mim! Era uma coisa in-to-le-rá-vel, de fazer suar de raiva, imaginá-los ambos bem-dispostos, felizes, de boca aberta naturalmente, arregalando os olhos e pondo a mão em concha no ouvido para nada perderem do maná divino, num café de Mont-parnasse, um desses antros infectos que tresandam a roupa suja... Mathieu deve tê-lo olhado por baixo, com ar profundo, explicando o meu temperamento, é de morrer a rir.» Daniel repetiu: «De morrer a rir», e enfiou as unhas na palma da mão. Tinham-no julgado, desmontado, dissecado, e ele não tinha defesa, não desconfiava de nada, se tivesse podido existir naquele dia como nos outros dias,

DADE DA RAZÃO

como se fosse apenas uma transparência, sem memória e sem consequência, como se ele não fosse para os outros um corpo ligeiramente gordo, com bochechas já pesadas, uma beleza oriental que fenecia, um sorriso cruel, e talvez... Não, ninguém. Mas Bobby sabe, Ralph sabe. Mathieu não. Bobby é um camarão, não é uma consciência. Mora no n.º 6 da Rua dê's Ours, com Ralph. Ah!, se se pudesse viver entre cegos. Ele não é cego, sabe ver, vangloria-se disso, é um psicólogo, tem o direito de falar de mim, visto que me conhece há quinze anos e é o meu melhor amigo. E não vai privar-se desse prazer... Quando encontra alguém são duas pessoas para as quais eu existo, e depois três, e depois nove, e depois cem. Sereno, Sereno, o corretor Sereno, Sereno isto, Sereno aquilo... Ah! se ele morresse! Mas qual! Passeia livremente com a sua opinião a meu respeito dentro da cabeça e infecta todos os que se aproximam dele, seria preciso correr por toda a parte, raspar um por um, raspar, apagar, lavar; eu raspei Marcelle até aos ossos. Estendeu-me a mão da primeira vez, olhando-me muito, e disse: «Mathieu falou-me tanto de si.» E eu olhei-a também fixamente, estava fascinado, estava lá dentro, eu existia naquela carne, por detrás daquela fronte obstinada, no fundo daqueles olhos, puta! Agora ela já não acredita numa só palavra do que ele diz de mim. Sorriu com satisfação; tirava tanta vaidade dessa vitória que durante um segundo esqueceu-se

de se dominar; produziu-se um rasgão na trama das palavras, rasgão que se ampliou aos poucos, se estendeu, se tornou silêncio. Silêncio pesado e vazio. Não devia ter deixado de falar, não devia. O vento caíra, a cólera hesitava; bem no fundo do silêncio havia o rosto de Serguine, como uma chaga.

J E A N-P AUL SARTRE

Doce rosto obscuro, que paciência, que fervor não seriam necessários para iluminá-lo ligeiramente. Pensou: «Eu teria podido...» Pensou: «A minha última possibilidade.» Era a última, e Mathieu roubara-lha, negligentemente. Ralphs e Bobbys, era o que lhe deixava. «E daquele pobre rapaz ele fará um macaco amestrado!» Caminhava em silêncio, somente os passos lhe ecoavam na cabeça, como uma rua deserta na madrugada. A solidão era tão total sob aquele céu, acariciante como uma consciência limpa, no meio daquela multidão atarefada, que ele se sentia espantado de existir; devia ser o pesadelo de alguém, de alguém que acabaria por acordar. Felizmente a cólera irrompeu, cobriu tudo, sentiu-se reanimado por uma raiva alegre e a fuga recomeçou, o desfile de palavras reiniciou-se: odiava Mathieu. «Aí está um camarada que deve achar muito natural existir, que não faz perguntas a si próprio; esta luz grega e bem doseada, este céu virtuoso foram feitos para ele, ele está em casa, nunca está só. Palavra de honra, julga-se Goethe.» Endireitou a cabeça, olhava os transeuntes nos olhos; acariciava o seu ódio: «Mas cuidado, arranja discípulos se isso te diverte, mas não contra mini, senão prego-te uma boa partida.» Uma nova onda de cólera avolumou-se, soergueu-o, já não pisava o chão, voava, entregue à alegria de se sentir terrível, e de repente a ideia surgiu, aguda, rutilante: «Mas, mas, mas... talvez eu pudesse ajudá-lo a reflectir, a cair em si, fazer com que as coisas não lhe fossem tão fáceis, seria um grande serviço que lhe prestaria.» Recordava-se da expressão, rude, masculina, com que Marcelle lhe dissera uma vez: «Quando uma mulher está perdida, só lhe resta arranjar um filho.» Seria divertido se ambos não fossem da mesma

IDADE DA RAZÃO

opinião a esse respeito, se enquanto ele percorria as lojas de ervanários, ela no fundo do seu quarto cor-de-rosa desejasse ardentemente ter um filho. Ela não ousaria dizer-lho... no entanto se houvesse um bom amigo, um amigo comum para lhe dar coragem. «Sou mau», pensou, transbordando de alegria. A maldade era uma impressão extraordinária de velocidade, destacava-se de repente de si próprio e partia como uma flecha; a velocidade agarra pela nuca, aumenta a cada minuto, é intolerável e delicioso, rola-se sem travões, derrubando os frágeis obstáculos surgidos no caminho, à direita e à

esquerda. «Mathieu, coitado, sou um sacana, vou estragar-lhe a vida», barreiras que se quebravam secamente como galhos mortos, e era embria-gante essa alegria transpassada de temores, seca como um choque eléctrico, essa alegria que não parava, não podia parar. «Ter ainda discípulos? Um chefe de família não encontra facilmente quem apanhar.» E a cara de Serguine quando Mathieu lhe fosse participar o casamento, o desprezo do rapaz, seu espanto esmagador. «Vai casar-se?» E Mathieu resmungaria: «As vezes têm-se certos deveres.» Mas os miúdos não compreendem este tipo de dever. Havia qualquer coisa que tentava timidamente renascer. Era o rosto de Mathieu, o seu rosto franco de boa-fé, mas a corrida continuou mais rápida ainda. A maldade só se mantinha em equilíbrio a toda a velocidade, como uma bicicleta. O pensamento saltou-lhe à frente, alerta, eufórico. «Mathieu é um homem de bem. Não é mau, não. E da raça de Abel, tem a consciência do seu lado. Pois então tem de casar com Marcelle. Depois disso que descansa sobre os louros, é jovem ainda, uma vida inteira para se felicitar pela boa acção.»

J E A N-P AUL SARTRE

Era tão vertiginoso aquele repouso lânguido de uma consciência pura, de uma insondável consciência pura sob o céu indulgente e familiar, acabado, resignado, calmo, finalmente calmo. «E se ela não quisesse... Mas se houvesse uma só possibilidade de ela desejar o filho, pedir-lhe-ia amanhã mesmo que casasse com ela.» O Senhor e a Senhora Delarue... têm a honra de participar... «Em suma», pensou Daniel, «eu sou o anjo-da-guarda, o anjo do lar...» Foi um arcanjo, um arcanjo de ódio, um arcanjo justiceiro que enveredou pela Rua Vercingetorix. Recordou, por momentos, um corpo alto e desajeitado, gracioso, um rosto magro inclinado sobre um livro, mas a imagem desapareceu logo e foi Bobby quem voltou a aparecer. «Rua dê's Ours, 6.» Sentia-se livre como o ar, concedia a si próprio todas as licenças. A grande mercearia da Rua Vercingetorix estava ainda aberta; entrou. Quando saiu, tinha na mão direita o gládio de fogo de S. Miguel e na mão esquerda um pacote de bombons para Mme. Duffet.

u

ma grande flor cor de malva subia para o céu, era a noite. Mathieu passeava nessa noite e pensava: «Sou um tipo lixado.» Era uma ideia nova, era preciso virá-la e revirá-la, farejá-la com circunspecção. De vez em quando, Mathieu perdia-a, ficavam apenas as palavras, e as palavras não eram desprovidas de certo encanto sombrio: «Um tipo lixado.» Imaginava lindos desastres, suicídio, revolta, outras saídas extremas. Mas a ideia voltava depressa. Não era isso, não era absolutamente isso. Tratava-se de uma pequena miséria, tranquila, modesta, e

não de desespero. Pelo contrário, era até confortável! Mathieu tinha a impressão de que acabariam de lhe conceder todas as licenças, como a um incurável. «Nada mais tenho a fazer senão deixar-me viver», pensou. Leu «Sumatra» em letras de fogo, e o negro precipitou-se ao seu encontro com o boné na mão. No limiar da porta, Mathieu hesitou. Ouviu ruídos, um tango; tinha o

J E A N-P AUL SARTRE

coração ainda cheio de preguiça e de noite. E de repente aconteceu, como pela manhã quando ficamos de pé sem saber como nos levantámos. Afastou a cortina verde, desceu os dezassete degraus da escada e estava numa cave escarlate e rumorejante, as toalhas manchadas de um branco duvidoso. Cheirava a homem, havia muitos homens na sala, como na missa. No fundo da cave, gaúchos de camisa de seda tocavam em cima de um estrado. Diante dele havia pessoas de pé, imóveis e correctas, que pareciam esperar qualquer coisa: dançavam.

— É demasiado gentil, estraga-me com mimos. Ainda me zango.

— O meu maior prazer é que os aprecie — disse Daniel, com voz profunda.

Inclinou-se sobre a mão de Mme. Duffet e beijou-a. A carne era enrugada, com manchas violáceas.

— Arcanjo — disse Mme. Duffet, enternecida. — Bom, vou-me embora — acrescentou, beijando Marcelle na testa.

Marcelle enlaçou-a pela cintura e reteve-a durante um segundo.

Mme. Duffet acariciou-lhe os cabelos e afastou-se.

— Vou arranjar a cama daqui a um minuto — disse Marcelle.

— Não, não, filha ingrata. Deixo-te com o teu arcanjo.

Fugiu com a vivacidade de uma rapariguinha, e Daniel acompanhou com um olhar frio a sua silhueta miúda. Tivera a impressão de que ela nunca sairia. A porta fechou-se, mas não se sentiu aliviado; tinha um vago receio de ficar a sós com Marcelle. Virou-se para ela e viu que lhe sorria.

— Que é que a faz sorrir? — perguntou.

IDADE DA RAZÃO

— Diverte-me sempre vê-lo com a minha mãe. Você é irresistível, meu querido arcanjo; é uma vergonha não poder deixar de seduzir os outros.

Olhava-o com uma ternura de proprietária, parecia satisfeita de tê-lo para ela sozinha. «A máscara da gravidez», pensou Daniel, com rancor. Irritava-o que ela se mostrasse tão contente. Sentia sempre uma certa angústia ao encontrar-se à beira dessas longas conversas cochichadas e ter de mergulhar nelas. Pigarreou. «Vou ter asma», pensou. Marcelle era um odor espesso e triste, enrolada sobre a cama, e que se esvairia ao menor gesto.

Ela levantou-se.

– Tenho uma coisa para lhe mostrar.

Foi buscar uma fotografia que estava sobre a lareira.

– Você, que sempre quis saber como eu era quando era jovem...

– disse, estendendo-lha.

Daniel pegou-lhe. Era Marcelle com dezoito anos. Parecia uma marafona de boca mole e olhos duros. E aquela mesma carne flácida, flutuando como um vestido demasiado largo. No entanto era magra. Daniel ergueu os olhos e percebeu-lhe o olhar ansioso.

– Era encantadora – disse com prudência –, mas não mudou nada. Marcelle riu-se.

– Mudei, sim. Sabe muito bem que mudei, lisonjeiro. Olhe que não está com a minha mãe! Acrescentou:

– Mas era uma bela rapariga, não é verdade?

– Gosto mais de si agora – disse Daniel. – Tinha qualquer coisa de mole na boca... Você tem um ar muito mais interessante!

J E A N-P AUL SARTRE

– Nunca se sabe quando você fala a sério – disse, amuada. Mas via-se que estava lisonjeada. Empertigou-se ligeiramente e deitou um olhar ao espelho. O gesto desajeitado e sem pudor irritou Daniel. Havia naquela vaidade uma boa-fé infantil e desarmada que contrasva com o seu rosto de mulher de trabalho. Ele sorriu.

– Eu também vou perguntar porque se está rir – disse ela.

– Porque fez um gesto de rapariguinha para se olhar ao espelho. É tão comovente quando por acaso se ocupa de si mesma.

Marcelle corou e bateu os pés.

– Nunca deixa de lisonjear!

Riram ambos, e Daniel pensou, sem muito entusiasmo: «Vamos.» Estava em boas condições para o momento oportuno, mas sentia-se vazio e mole. Pensou em Mathieu para se encorajar e ficou satisfeito de encontrar o seu ódio intacto. Mathieu era liso e seco como um osso, podia-se detestar. Não se podia odiar Marcelle.

– Marcelle! Olhe para mini.

Ele avançara o busto e encarava-a com uma expressão preocupada.

– Pronto – disse Marcelle.

Ela devolveu-lhe o olhar, mas tinha a cabeça agitada por pequenas sacudidelas rígidas; dificilmente sustentava o olhar de um homem.

– Parece cansada. Marcelle pestanejou.

– Estou um pouco tonta. É do calor.

r

A IDADE DA RAZÃO

Daniel inclinou-se um pouco mais e repetiu com uma expressão desolada.

— Muito cansada! Observava-a há pouco enquanto a sua mãe contava a viagem a Roma. Você parecia tão preocupada, tão nervosa...

Marcelle interrompeu-o, com um riso indignado.

— Ouça, Daniel, é a terceira vez que ela lhe conta essa viagem. E escuta-a sempre com o mesmo ar de interesse apaixonado; para ser franca, isso irrita-me, não sei bem o que há na sua cabeça neste momento.

— A sua mãe diverte-me — disse Daniel. — Conheço as histórias dela, mas gosto de ouvi-la contar, tem gestos que me encantam. Fez um gesto com o pescoço, e Marcelle desatou a rir. Daniel sabia imitar muito bem quando queria. Mas ficou novamente sério e Marcelle parou de rir. Olhou-a com ar de censura e ela estremeceu ligeiramente sob aquele olhar.

— E você que está estranho esta noite! Que é que tem?

Ele não se apressou a responder. Um silêncio incômodo pesou sobre ambos. O quarto era uma fornalha. Marcelle teve um riso desajeitado que lhe morreu imediatamente nos lábios. Daniel divertia-se muito.

— Marcelle — observou —, eu não devia dizer-lhe... Ela inclinou-se para trás.

— O quê? O quê? Que é que há?

— Não vai zangar-se com Mathieu? Ela empalideceu.

— Ele... Oh! Tinha-me jurado que não dizia nada.

— Marcelle, é tão importante e queria esconder-me? Já não sou seu amigo? Marcelle fez um gesto.

J E A N-P AUL SARTRE

— É SUJO.

«Pronto!» pensou ele. «Ei-la nua.» Já não se tratava de arcanjos nem de fotografias antigas; perdera a máscara de dignidade sorridente. Era apenas uma mulher grávida, que tresandava a carne. Daniel estava com calor, passou a mão pela testa suada.

— Não — disse —, não é sujo. Ela fez um gesto brusco de cotovelo e de antebraço que cortou o ar escaldante do quarto.

— Deve ter horror de mim. Ele riu jovialmente.

— Horror? Eu? Marcelle, tinha de procurar muito, antes de encontrar qualquer coisa que me leve a ter horror de si.

Marcelle não respondeu. Baixara o rosto, tristemente. Acabou por dizer:

— Eu queria tanto tê-lo afastado disto tudo! Calaram-se. Havia agora um novo elo entre eles, como um cordão umbilical.

— Viu Mathieu depois de ele me ter deixado? — perguntou Daniel.

— Telefonou-me há uma hora — respondeu Marcelle, bruscamente.

Endireitara-se e tornara-se dura, estava na defensiva, rígida. O nariz afilado. Sofria.

– Ele disse-lhe que eu recusei o empréstimo?

– Disse que você não tinha dinheiro.

– Tinha.

– Tinha? – repetiu ela admirada.

– Tinha, mas não queria emprestá-lo. Pelo menos antes de ter visto.

Tomou fôlego e acrescentou:

A IDADE DA RAZÃO

– Marcelle, devo emprestá-lo?

– Mas... (Ficou embaraçada.) Não sei, você é que deve saber.

– Posso perfeitamente. Tenho quinze mil francos, de que posso dispor sem preocupações.

– Então, sim – disse Marcelle –, sim, meu caro Daniel, tem de nos emprestar.

Houve um silêncio. Marcelle amarfanhava o lençol e os seios palpitavam-lhe.

– Você não compreende – insistiu Daniel. – Quero dizer: deseja do fundo do coração que eu empreste o dinheiro?

Marcelle ergueu a cabeça e olhou-o surpreendida.

– Está estranho, Daniel. Está a magicar nalguma coisa.

– Eu só queria saber se Mathieu a tinha consultado.

– Naturalmente. Isto é – disse ela com um leve sorriso –, nós não nos consultamos, bem sabe como somos. Um diz: Fazemos isto ou aquilo, e o outro protesta se não está de acordo.

– Sei, sei – atalhou Daniel. – Isso é uma grande vantagem para quem já tem opinião; o outro é empurrado, não tem tempo para pensar.

– Talvez...

– Eu sei como Mathieu aprecia as suas opiniões – disse. – Mas imagino muito bem a cena. Pensei nela toda a tarde. Deve ter-se encolhido todo como faz nessas ocasiões e depois deve ter dito a engolir a saliva: «Então apelamos para os grandes meios?» Não deve ter hesitado e aliás não podia hesitar. E homem. Mas... não terá sido um pouco precipitado tudo isso? Não deve saber você mesma o que quer?

J E A N-P AUL SARTRE

Inclinou-se novamente para Marcelle.

– Não foi assim?

Marcelle não o olhava. Virara a cabeça para o lado do lavatório e Daniel só lhe via o perfil. Tinha um olhar sombrio.

– Mais ou menos – disse. Depois corou violentamente.

– Não falemos mais nisso, Daniel, por favor. Isto é... muito desagradável.

Daniel não a perdeu de vista. «Ela palpita», pensou. Mas já

não sabia se o seu prazer vinha da humilhação que impunha a Marcelle ou de ser humilhado com ela. Disse para si mesmo: «Mais fácil do que pensava.»

— Marcelle — disse —, não se recuse a falar. Eu sei quanto isto é penoso...

— Principalmente para si. Você é tão diferente, Daniel! «Pois não! Eu sou a pureza.» Ela estremeceu de novo e apertou os braços sobre os seios.

— Não me atrevo a olhá-lo — continuou. — Mesmo que não lhe cause repugnância, tenho a impressão de o ter perdido.

— Eu sei — disse Daniel com amargura. — Um arcanjo assusta-se facilmente. Escute, Marcelle, não me faça desempenhar este papel ridículo. Nada tenho de arcanjo; sou simplesmente um amigo, o seu melhor amigo. E tenho direito a ter uma opinião — acrescentou com firmeza — porque a posso ajudar. Marcelle tem realmente a certeza de que não quer a criança?

Verificou-se uma rápida derrota através do corpo de Marcelle. Dir-se-ia que ia desconjuntar-se. Depois esse prenúncio de desconjuntamento parou, o corpo fincou-se-lhe à

IDADE DA RAZÃO

beira do leito, imóvel e pesado. Voltou a cabeça para Daniel; estava vermelha, mas contemplava-o sem rancor, com um espanto desarmado. Daniel pensou: «Está desesperada.»

— Basta-lhe dizer uma palavra. Se tem a certeza do que quer, Mathieu receberá o dinheiro amanhã cedo.

Quase desejava que ela dissesse que sim. Mandar--lhe-ia o dinheiro e tudo estaria acabado. Mas ela não dizia nada, voltara-se para ele e parecia esperar. Era preciso ir até ao fim. «Oh!», pensou Daniel, «parece cheia de gratidão!» Como «Malvina», quando lhe batia.

— Você pergunta-me isso, Daniel... E ele... Oh! Daniel, só você se interessa por mini!

Ele levantou-se, veio sentar-se perto dela, tomou-lhe a mão. Uma mão mole e febril como uma confidência. Conservou-a nas dele, sem falar. Marcelle parecia lutar contra as lágrimas; olhava para os joelhos.

— Marcelle, é-lhe indiferente que se suprima a criança?

Marcelle teve um gesto de cansaço.

— Que fazer?

Daniel pensou: «Ganhei.» Mas não sentiu nenhum prazer.

Sufocava. Dir-se-ia que de perto Marcelle tinha um cheiro, era imperceptível, não chegava mesmo a ser um cheiro, era antes como se fecundasse o ambiente em torno dela. E depois havia aquela mão suada. Esforçou-se por apertá-la mais fortemente, como que para lhe espremer todo o sumo.

— Não sei o que se pode fazer — disse com voz seca. — Veremos mais tarde. Neste momento estou a pensar apenas em si. Essa

criança talvez seja um desastre, mas talvez uma sorte. Marcelle, é preciso que não venha a acusar-me mais tarde por não ter reflectido.

J E A N-P AUL SARTRE

— Pois é... — disse Marcelle. — Pois é...

Com o olhar no vazio tinha um ar de boa-fé que a rejuvenescia. Daniel pensou na jovem estudante que vira na fotografia. «Já foi jovem...» Mas naquele rosto ingrato os próprios reflexos da mocidade não eram comoventes. Largou-lhe bruscamente a mão e afastou-se um pouco.

— Reflicta — repetiu. — Tem realmente a certeza?

— Não sei — disse levantando-se. — Desculpe, preciso de ir arrumar a cama da minha mãe.

Daniel acedeu silenciosamente. Era o ritual. «Ganhei», pensou quando a porta se fechou. Limpou as mãos no lenço, ergueu-se rapidamente e abriu a gaveta da mesa-de-cabe-ceira. Havia às vezes cartas divertidas, bilhetes de Mathieu muito conjugais, ou intermináveis lamentações de Andrée, que não era feliz. A gaveta estava vazia, e Daniel voltou a sentar-se na poltrona. «Ganhei, está cheia de vontade de parir.» Estava satisfeito de ficar só. Podia recuperar um pouco de ódio. «Juro que ele há-de casar-se com ela. Aliás, foi ignóbil, nem sequer a consultou. Não vale a pena», continuou com um riso seco. «Não vale a pena odiá-lo por bons motivos; os outros já me dão muito que fazer.»

Marcelle voltou com uma expressão de desespero. Disse com voz alterada:

— E se eu tivesse vontade de ter um filho? Que adiantava? Não posso dar-me ao luxo de ter um filho sem casar e ele nunca se casará comigo...

Daniel ergueu as sobrancelhas.

— Porque não? — perguntou. — Porque não há-de casar consigo?

Marcelle encarou-o, aturdida, depois achou melhor desatar a rir.

A IDADE DA RAZÃO

— Mas, Daniel! Bem sabe como nós somos!

— Eu não sei nada de nada — disse Daniel. — Sei apenas uma coisa. Se ele quiser, que faça o que é necessário, como toda a gente, e dentro de um mês será mulher dele. Foi você, Marcelle, quem decidiu nunca se casar?

— Sentiria horror de vê-lo casar-se contra a vontade.

— Não é uma resposta.

— Não, realmente era-me totalmente indiferente não me chamar Mme. Delarue.

— Bem sei — disse Daniel com vivacidade. — Mas se fosse esse o único meio de conservar a criança? Marcelle pareceu perturbada.

— Mas... nunca encarei a coisa por esse prisma. Devia ser verdade. Era muito difícil fazê-la ver as coisas de frente. Era preciso enfiar-lhe o nariz em cima e mante-la assim, senão dipersava-se em todas as direcções. Acrescentou: — Era... era uma coisa subentendida entre nós. O casamento é uma servidão e não o queríamos, nem um nem outro.

— Mas você quer a criança?

Ela não respondeu. Era o momento decisivo; Daniel repetiu com voz dura.

— Não é verdade que você quer a criança?

Marcelle apoiou uma das mãos no travesseiro e pousou a outra sobre a coxa. Ergueu-se um pouco e levou-a ao ventre como se estivesse com dor de barriga. Era grotesco e fascinante. Disse com voz solitária.

— Sim, quero.

Estava ganho. Daniel calou-se. Não podia tirar os olhos daquele ventre. Carne inimiga, carne gorda e nutrida. Pensou que Mathieu a desejara e sentiu uma leve chama

J E A N-P AUL SARTRE

de satisfação. Era como se já se tivesse vingado um pouco. A mão morena crispava-se sobre a seda, apertava o ventre. Que sentia por dentro aquela fêmea pesada e perturbada? Gostaria de ser ela. Marcelle disse, com voz surda:

— Daniel, libertou-me. Eu não... não podia dizer isto a ninguém no mundo, cheguei a julgar que era um crime. Olhou-o, angustiada.

— Não é um crime?

Ele não pôde deixar de rir.

— Um crime? Mas isso é perversão, Marcelle. Achar criminosos os seus desejos quando são naturais.

— Não. Eu digo em relação a Mathieu. É uma espécie de ruptura de contrato.

— Tem de lhe falar com franqueza, é tudo. — Marcelle não respondeu. Parecia ruminar. De repente falou com paixão:

— Ah!, se eu tivesse um filho, não deixava que ele estragasse a vida como eu.

— Você não estragou a vida.

— Estraguei, sim.

— Não, Marcelle, ainda não.

— Estraguei. Não fiz nada e ninguém precisa de mim. Ele não respondeu. Era verdade.

— Mathieu não precisa de mim. Se eu morresse... isso não o atingiria. A si também não, Daniel. Tem grande afeição por mim e talvez seja o que tenho de mais precioso na vida, mas não precisa de mim; eu é que preciso de si.

Responder? Protestar? Era preciso desconfiar. Marcelle parecia estar numa das suas crises de clarividência cínica. Pegou-lhe

na mão sem falar e apertou-a de um modo significativo.

A IDADE DA RAZÃO

— Um filho — continuou Marcelle. — Um filho, sim, teria necessidade de mini. Ele acariciou-lhe a mão.

— É a Mathieu que você tem de dizer isso.

— Não posso.

— Porquê?

— Sinto-me amarrada. Espero que isso venha dele.

— Mas bem sabe que nunca virá. Ele não pensa nisso.

— Porque é que não pensa? Você pensou.

— Não sei.

— Pois então fica como está! Você empresta o dinheiro e eu vou ao médico.

— Não pode fazer isso — exclamou bruscamente Daniel —, não pode.

Parou repentinamente e olhou-a, desconfiado. A emoção fizera com que tivesse deixado escapar aquela exclamação estúpida. Essa ideia gelou-o, tinha horror ao abandono. Mordeu os lábios e tomou uma atitude irônica. Defesa vã! Seria preciso não a ver. Ela curvara os ombros, os braços pendiam-lhe junto das ancas. Esperava, passiva e gasta, e assim esperaria durante anos, até ao fim. Ele pensou: «A sua última possibilidade», como pensara de si mesmo pouco antes. Entre os trinta e quarenta anos joga-se a última cartada. Ela ia jogar e perder. Dentro de alguns dias seria apenas um grande miséria; era preciso evitar isso.

— E se eu próprio falasse a Mathieu?

Uma enorme piedade lodosa tinha-o invadido. Não sentia nenhuma simpatia por Marcelle e sentia um profundo nojo por si mesmo, mas a piedade estava lá, irresistível. Teria feito tudo para se libertar dela. Marcelle levantou a cabeça; parecia pensar que ele era doido.

J E A N-P A U L SARTRE

— Falar com ele? Você? Mas, Daniel, é um absurdo!

— Podia dizer-lhe... que a encontrei.

— Onde? Nunca saio. Mas ainda que fosse verdade, ia assim sem mais nem menos contar-lhe isto?

— Não, evidentemente.

Marcelle pousou-lhe a mão sobre o joelho.

— Daniel, por favor, não se meta nisto. Estou furiosa com Mathieu, ele não lhe devia ter contado... Mas Daniel era tenaz, seguia a sua ideia.

— Escute, Marcelle. Sabe o que é que vamos fazer? Dizer-lhe simplesmente a verdade. Digo-lhe: «E preciso que perdoes um segredo. Eu e Marcelle víamo-nos de vez em quando e não te dizíamos nada.»

— Daniel — suplicou Marcelle —, não faça isso. Não quero que

falem de mim. Por nada deste mundo quero que pensem que estou a pedir alguma coisa. Ele é que tem de compreender.

Acrescentou com um ar conjugal:

— E depois, sabe, ele nunca me perdoaria não lho ter dito eu própria. Nós dizemos sempre tudo um ao outro.

Daniel pensou: «Ela é formidável!», mas não teve vontade de rir.

— Não falo em si — disse. — Digo que a encontrei, que você parecia atormentada e que não é assim tão simples como ele pensa. Tudo isso como se viesse unicamente de mim.

— Não quero... — disse Marcelle, obstinada. — Não quero.

Daniel olhava para os ombros e para o pescoço dela com avidez. Aquela obstinação tonta aborreceu-o, sentia vontade de a partir. Estava possuído de um desejo enorme

IDADE DA RAZÃO

e monstruoso. Violar aquela consciência, atolar-se com ela na humildade. Mas não era sadismo. Era mais subtil, mais húmido, mais carnal. Era bondade.

— Tem de ser, Marcelle. Olhe para mim! Tomou-a pelos ombros e os dedos afundaram-se-lhe numa manteiga morna.

— Se eu não falar com ele, você nunca o fará e... viverá junto dele em silêncio, acabará por odiá-lo.

Marcelle não respondeu, mas ele percebeu pela sua expressão rancorosa e abatida que ela ia ceder. Ela ainda repetiu:

— Eu não quero. Largou-a.

— Se não me deixar fazê-lo — disse zangado —, ficarei aborrecido. Estragará a sua vida com as suas próprias mãos.

Marcelle passeava a ponta do dedo pelo tapete.

— Era preciso dizer-lhe... dizer-lhe coisas vagas — disse —, chamar-lhe apenas a atenção.

— Naturalmente — disse Daniel. Pensava: «Conta com isso.»

Marcelle teve um gesto de despeito.

— Não é possível!

— Bom. Seja razoável. Porque é que não é possível?

— Era obrigado a dizer-lhe que nos vemos.

— Pois digo-lhe — atalhou Daniel, irritado —, já lhe disse que o farei. Mas eu conheço-o. Não se vai zangar. Vai irritar-se um pouco, pró forma, mas a seguir, como se sente culpado, vai ficar muito satisfeito por ter qualquer coisa a censurar-lhe. Aliás, digo-lhe que nos vemos há apenas alguns meses e muito raramente. De qualquer maneira, tínhamos de lho dizer um dia.

J E A N-P AUL SARTRE

— É verdade.

Mas não parecia convencida.

— Era o nosso segredo — disse com profunda tristeza. — Escute, Daniel, era a minha vida particular, a minha vida privada, não tinha outra.

Acrescentou, com ódio:

– Só posso ter de meu o que escondo dele.

– É preciso tentar, por causa da criança...

Ela ia ceder, bastava esperar. Ia escorregar, arrastada pelo seu próprio peso, para a resignação, para o abandono. Dentro de momentos estaria completamente aberta, sem defesa, e ia dizer-lhe: «Faça como quiser, estou nas suas mãos.» Ela fascinava-o. Aquela chama que o devorava, já não sabia se era de maldade ou de bondade. O Bem e o Mal, o Bem deles e o Mal dele era igual. Havia aquela mulher e aquela comunhão repugnante e vertiginosa.

Marcelle passou a mão pelos cabelos.

– Pois bem, tentemos – disse num desafio. – Apesar de tudo será uma experiência.

– Uma experiência? – indagou Daniel. – E Mathieu que quer experimentar?

– É.

– Acredita que ele vai ficar indiferente? Que não se vai apressar com explicações?

– Não sei. Acrescentou secamente:

– Tenho necessidade de o estimar.

O coração de Daniel pôs-se a bater com violência.

– Então, já não o estima?

– Estimo... Mas não tenho a mesma confiança com ele, desde ontem. Ele foi... tem razão. Ele foi demasiado

A IDADE DA RAZÃO

negligente. Não se preocupou comigo. E depois o telefonema de hoje foi lamentável. Teve... Corou.

– Achou-se na obrigação de dizer que me amava, ao desligar. Tresandava a consciência suja. Não lhe posso dizer o efeito que isso me causou! Se um dia deixasse de o estimar, mas não quero pensar nisso. Quando fico ressentida com ele, é extremamente penoso. Ah!, se ele tentasse fazer-me falar amanhã, se me perguntasse uma só vez que fosse: «Em que estás a pensar?»

Calou-se, abanou a cabeça, tristemente.

– Vou falar com ele – disse Daniel. – Ao sair daqui mando-lhe um recado e marco um encontro para amanhã.

Ficaram silenciosos. Daniel pensava na entrevista do dia seguinte. Seria violenta e dura, provavelmente, e isso lavá-lo-ia, arrancaria dele aquela piedade viscosa.

– Daniel! – murmurou Marcelle. – Querido Daniel.

Ele ergueu a cabeça e viu o olhar dela. Era um olhar pesado e envolvente, que transbordava de gratidão sexual, um olhar de depois do amor. Fechou os olhos. Havia entre ambos qualquer coisa mais forte do que o amor. Ela abrira-se, ele entrara dentro dela, eram um só.

— Daniel! — repetiu Marcelle.

Daniel abriu os olhos, tossiu com dificuldade. Tinha asma. Pegou-lhe na mão e beijou-a longamente, retendo a respiração.

— Meu arcanjo — dizia Marcelle por cima da cabeça dele.

Passará toda a vida inclinado sobre aquela mão perfumada e acariciar-lhe-á os cabelos.

XI

S

oaram as dez horas. Mme. Duffet pareceu não as ouvir. Olhava atentamente para Daniel, mas os seus olhos tinham-se avermelhado. «Não vai demorar a sair», pensou ele. Ela sorria-lhe com uma expressão maliciosa, porém uns sopros ecoavam através dos lábios entreabertos. Bocejava por baixo do sorriso. De repente levantou a cabeça e pareceu tomar uma decisão. Disse alegremente:

— Pois bem, meus filhos, vou dormir. Não a deixe ficar acordada até muito tarde, conto consigo. Senão, dorme até ao meio-dia.

Ergueu-se e foi dar umas palmadinhas nos ombros de Marcelle. Marcelle estava sentada à beira da cama.

— Ouve, querida — disse divertindo-se a falar entre dentes. — Dormes de mais. dormes até ao meio-dia, assim engordas.

— Juro que sairei antes da meia-noite — afirmou Daniel.

J E A N-P AUL SARTRE

Marcelle sorriu.

— Se eu deixar.

Ele voltou-se para Mme. Duffet, fingindo-se vítima:

— Que hei-de fazer?

— Bom, sejam razoáveis — disse Mme. Duffet. — E obrigada pelos deliciosos bombons.

Levantou a caixa, decorada com fitas, à altura dos olhos com um gesto ligeiramente ameaçador.

Eram lúgubres, como presas de um interminável destino. Mathieu perscrutou a sala com o olhar à procura de Boris e Ivich.

— Deseja uma mesa?

Um belo rapaz inclinava-se diante dele com ar de alcoviteiro.

— Procuro alguém — disse Mathieu. O jovem reconheceu-o.

— Ah!, é o senhor — disse cordialmente. — Made-moiselle Lola está-se a vestir. Os seus amigos estão no fundo à esquerda, vou acompanhá-lo.

— Obrigado. Eu encontro-os facilmente sozinho. Está cá gente hoje.

— Bastante. Holandeses. São um pouco barulhentos, mas consomem bem.

O rapaz desapareceu. Não era possível abrir passagem entre as pessoas que dançavam. Mathieu esperou. Ouviu o tango e o arrastar dos pés, contemplava as lentas deslocções daquele

comício silencioso. Ombros nus, uma cabeça de preto, o brilho de um colarinho, mulheres soberbas e maduras, muitos homens de idade que dançavam com ar de quem pede desculpa. Os sons agudos do tango passavam por cima das cabeças deles; os músicos não pareciam

IDADE DA RAZÃO

tocar para eles. «Que é que vim fazer aqui?», pensou Mathieu. O seu casaco brilhava nos cotovelos, as calças já não tinham vincos, não dançava bem, era incapaz de se divertir naquele ócio grave. Não se sentiu à vontade. Em Montmartre, apesar da simpatia dos maitres d'bôtel, nunca se podia sentir à vontade. Havia uma crueldade inquieta e permanente na atmosfera.

As lâmpadas brancas acenderam-se novamente. Mathieu avançou pela sala por entre os ombros em fuga. Numa reentrância havia duas mesas. Numa delas um homem e uma mulher falavam, nervosamente, sem se olhar. Na outra, viu Boris e Ivich.

Inclinavam-se um para o outro muito ocupados, com uma austeridade cheia de graça. «Pareciam dois mongezinhos.» Era Ivich quem falava, com gestos vivos. Nunca, mesmo nos momentos de maior abandono, oferecera ela a Mathieu um rosto assim.

«Como são jovens.» Tinha vontade de dar meia volta e sair. No entanto, aproximou-se, porque já não podia suportar a solidão, tinha a impressão de estar a espreitar pelo buraco da fechadura. Depressa o veriam e oferecer-lhe-

-iam aquele rosto convencional que reservavam para os parentes, os adultos; e no fundo dos seus corações alguma coisa mudaria. Ele estava agora perto de Ivich, mas ela não o via. Inclinava-se ao ouvido de Boris e segredava -lhe qualquer coisa. Tinha, um bocadinho, o ar de uma irmã mais velha e falava a Boris com uma condescendência maravilhada. Mathieu sentiu-se ligeiramente reconfortado. Mesmo com o irmão, Ivich não se entregava completamente, desempenhava o papel de irmã mais velho, e nunca se esquecia disso. Boris teve um riso curto. - Conversa! - disse simplesmente.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu pousou a mão sobre a mesa. «Conversa!» Com essa palavra o diálogo terminava definitivamente. Era a última réplica de um romance ou de uma peça de teatro. Mathieu olhava Boris e Ivich. Achava-os romanescos.

- Olá! - disse.

- Olá! - respondeu Boris levantando-se.

Mathieu deitou um olhar rápido a Ivich. Ela inclinara-se para trás. Viu dois olhos pálidos e mortos. A verdadeira Ivich desaparecera. «E porquê a verdadeira?», pensou, irritado.

- Boa noite, Mathieu - disse Ivich.

Ela não sorriu, mas já não tinha um ar admirado ou rancoroso.

Parecia achar natural a presença de Mathieu. Boris apontou para a multidão com um gesto rápido.

— Tem gente! — observou com satisfação.

— Sim — disse Mathieu.

— Quer o meu lugar?

— Não, não vale a pena. Guarde-o para Lola daqui a bocado. Sentou-se. A sala estava deserta, já não havia ninguém no estrado dos músicos. Os gaúchos tinham terminado a série de tangos. O jazz negro Hijito's Band ia substituí-los.

— Que estão a beber? — indagou Mathieu.

As pessoas murmuravam à sua volta. Ivich não o tinha recebido mal, sentia-se penetrado por um calor húmido, gozava a condensação feliz que dá o sentimento de ser um homem entre os outros homens.

— Um vodka — disse Ivich.

— Como? Gosta disso agora?

— E forte — respondeu ela, sem dar a sua opinião.

— E que é isso? — indagou Mathieu por espírito de justiça, apontando para uma espuma branca no copo

A IDADE DA RAZÃO

de Boris. Boris olhava-o com uma admiração jovial de surpresa. Mathieu sentia-se incomodado.

— E horrível — disse Boris —, é o cocktail da casa.

— Foi por gentileza que o pediu?

— Há três semanas que o barman me chateia para o experimentar. Não sabe fazer cocktails. Fez-se barman porque foi prestidigitador. Acha que o ofício é o mesmo, mas engana-se.

— Suponho que é por causa do misturador — disse Mathieu. — Aliás, para quebrar ovos é preciso ter jeito.

— Então era melhor que tivesse sido malabarista. De qualquer maneira teria bebido essa porcaria, mas pedi--lhe emprestados cem francos.

— Cem francos — disse Ivich —, eu tinha-os!

— Eu também — disse Boris —, mas é porque ele é barman. A um barman, deve pedir-se dinheiro emprestado — explicou num tom de austeridade.

Mathieu olhou o barman. Estava de pé atrás do balcão, todo de branco, de braços cruzados, e fumava um cigarro. Tinha um ar severo.

— Gostava de ser barman — disse Mathieu. — Deve ser divertido.

— Isso ficava-lhe caro — atalhou Boris —, havia de partir tudo.

Fez-se silêncio. Boris olhava Mathieu, e Ivich olhava Boris. «Estou a mais», pensou Mathieu tristemente.

O maître d'hôtel apresentou-lhe a lista dos champanhes: tinha de ter cuidado, só lhe restavam quinhentos francos.

— Um uísque — disse Mathieu.

J E A N-P AUL SARTRE

Mas sentiu de repente nojo da economia e daquele maço magro de notas que jazia no fundo da sua carteira. Chamou o maître d'hôtel.

– Espere. Prefiro champanhe.

Olhou a lista. O Mumm custava trezentos francos.

– Você também pode beber um bocadinho – disse para Ivich.

– Não – respondeu ela. – Sim, pensando melhor, é preferível.

– Um Mumm cordon rouge.

– Estou contente por ir beber champanhe – disse Boris. – Não gosto e é preciso que me habitue.

– Vocês são divertidos – disse Mathieu. – Bebem sempre coisas de que não gostam.

Boris regozijou-se. Adorava que Mathieu lhe falasse naquele tom. Ivich mordeu os lábios. «Não se pode dizer nada», pensou Mathieu de mau humor, «há sempre um que se escandaliza».

Estavam ali, diante dele, atentos e severos; cada um deles tinha construído uma imagem pessoal de Mathieu e exigiam ambos que ele lhe fosse fiel. Só que essas duas imagens não se conciliavam.

Calaram-se.

Mathieu estendeu as pernas e sorriu de prazer. Sons de trompete, acidulados e gloriosos, chegavam-lhe às rajadas; não lhe passava pela cabeça descobrir neles uma melodia. Era um barulho apenas, mas dava-lhe um grande prazer à flor da pele. Bem sabia que estava lixado, mas afinal naquele dancing, àquela mesa, no meio daqueles tipos igualmente lixados, isso não tinha importância e não era desagradável de todo. Virou a cabeça. O barman sonhava; à direita havia um camarada de monóculo, sozinho, com ares desgraçados;

IDADE DA RAZÃO

outro mais longe, sozinho também diante de três capas e uma bolsa de mulher. A mulher e o amigo deviam estar a dançar, e ele parecia aliviado. Bocejou por trás da mão e os seus olhinhos pestanejaram com volúpia. Por toda a parte, rostos sorridentes e bem arranjados com olhos pisados. Mathieu sentiu-se bruscamente solidário com aqueles tipos todos, que fariam melhor se voltassem para casa; mas já não tinham sequer força para o fazer, e continuavam ali a fumar cigarros e a beber misturas com gosto a aço, a sorrir, de ouvidos tapados pela música, a contemplar de olhos vazios os farrapos do seu destino. Sentiu o apelo discreto de uma felicidade humilde e covarde: «Ser como eles...» Teve medo e sobressaltou-se.

Voltou-se para Ivich. Apesar de rancorosa e distante, era ainda o seu único apoio. Ivich olhava inquieta e vagamente o líquido transparente que tinha ficado no copo.

– Bebe de um trago – disse Boris.

– Não faça isso – atalhou Mathieu –, vai incendiar-lhe a garganta.
– Vodka bebe-se de um trago – observou Boris, com seriedade. Ivich pegou no copo.
– Prefiro beber de um trago, acabará mais depressa.
– Não, não beba, espere pelo champanhe.
– Tenho de engolir isto – disse ela, irritada. – Quero divertir-me.

Inclinou-se para trás aproximando o copo dos lábios e deixou que lhe escorresse na boca todo o conteúdo. Era como se enchesse uma garrafa. Ficou assim um segundo, sem ousar engolir, com aquele pequeno pântano de fogo no fundo da garganta. Mathieu sofria por ela.

J E A N-P AUL SARTRE

– Engole – disse Boris. – Faz de conta que é água. O pescoço de Ivich inchou e ela pôs o copo na mesa com uma careta horrível. Tinha os olhos cheios de lágrimas. A senhora morena do lado, abandonando por instantes o seu devaneio, deitou-lhe um olhar de censura.
– Uf! – disse Ivich –, queima... é fogo!
– Eu comprei-te uma garrafa para te treinares – disse Boris. Ivich reflectiu um segundo.
– É melhor treinar com aguardente; sempre é mais forte. Acrescentou com uma espécie de angústia:
– Acho que agora vou poder divertir-me. Ninguém respondeu. Voltou-se vivamente para Mathieu. Era a primeira vez que o olhava.

– Você aguenta o álcool?
– Ele? – Ele é formidável – disse Boris. – Já o vi tomar sete uísques de uma vez, a falar de Kant. No fim, eu já não o ouvia, eu é que estava bêbedo. Era verdade. Mesmo bêbedo, Mathieu não perdia a cabeça. Enquanto bebia agarrava-se a qualquer coisa. A quê? Lembrou-se de repente de Gauguin, um rosto forte e exangue de olhos desertos. Pensou: «A minha dignidade humana.» Tinha medo, se se entregasse por momentos, de encontrar na cabeça, disperso e flutuando como uma neblina de Verão, um pensamento de mosca ou de barata.

– Sinto horror em embriagar-me – explicou humildemente. – Bebo, mas não entrego o corpo inteiro à embriaguez.
– Sim – disse Boris –, nesse ponto você é um cabeçudo, pior que um asno.

IDADE DA RAZÃO

– Não sou cabeçudo, fico tenso; não me deixo dominar. É necessário que pense sempre no que me acontece. É uma defesa. Acrescentou com ironia, como para si próprio:
– Sou um vime pensante.

Como para si próprio. Não era verdade, não era sincero. No fundo, desejava agradar a Ivich. Pensou: «Já desci a isso?» Estava a ponto de se aproveitar da própria decadência, não desdenhava tirar dela pequenas vantagens, servia-se dela para fazer gentilezas às mulheres! «Estupor!» Mas parou, arrepiado; quando se tratava de estupor, também não era sincero, não estava realmente indignado. Era um truque, uma compensação, imaginava salvar-se da abjecção pela «lucidez»; mas essa lucidez não lhe custava nada, antes o divertia. E esse juízo que emitia acerca da sua lucidez, essa maneira de subir pelos próprios ombros... «Será preciso mudar tudo, trocar tudo até à medula.» Mas nada o ajudava. Todos os seus pensamentos estavam contaminados desde a origem. De repente, Mathieu abriu-se como uma chaga. Viu-se por inteiro, escancarado: pensamentos, pensamentos sobre pensamentos, pensamentos sobre pensamentos de pensamentos, estava transparente até ao infinito e igualmente podre. Depois aquilo apagou-se, e encontrou-se diante de Ivich, que o contemplava com uma expressão estranha. — Então — perguntou ele —, trabalhou esta tarde? Ivich encolheu os ombros, raivosamente.

— Não quero que me falem mais nisso. Estou farta, estou aqui para me divertir.

— Passou o dia enrolada no sofá, com olhos do tamanho de um pires.

J E A N-P AUL SARTRE

Boris acrescentou, orgulhosamente, sem se preocupar com o olhar furioso da irmã:

— É esquisita! É capaz de morrer de frio em pleno Verão. Ivich devia ter gemido durante horas, talvez soluçado. Mas agora já não se percebia nada. Pintara de azul as pálpebras e de vermelho-framboesa os lábios, o álcool inflamava-lhe o rosto, estava resplendente.

— Queria passar uma noite formidável — disse —, porque é a última noite.

— Isso é ridículo.

— Sim — disse com obstinação —, vou chumbar, bem o sei, e partirei imediatamente, não poderei ficar mais um dia sequer em Paris. Ou então...

Calou-se.

— Ou então?

— Nada, por favor, não falemos mais nisso. Sinto-me humilhada. Ah!, aí está o champanhe — disse ela, alegremente.

Mathieu viu a garrafa e pensou: «Trezentos e cinquenta francos.» O tipo que o tinha abordado na véspera, na Rua Vercingetorix, também estava lixado. Porém, modestamente, sem champanhe nem belas loucuras; e ainda por cima tinha fome. Mathieu teve nojo da garrafa. Era pesada e negra, com um

guardanapo em volta do gargalo. O empregado, inclinado sobre o balde de gelo, afectado e reverente, fazia-a rodar com competência. Mathieu continuava a olhar para a garrafa, a pensar no tipo da véspera, e sentia o coração magoado por uma verdadeira angústia. Mas nesse momento havia um rapaz muito digno sobre o estrado, a cantar ao microfone:

A IDADE DA RAZÃO

// a, mis dam lê mille

Émile

E havia aquela garrafa que girava cerimoniosamente na ponta dos dedos pálidos, e toda aquela gente que se cozinhou no próprio molho, sem grandes preocupações. Mathieu pensou:

«Cheirava a vinho tinto barato; no fundo, é o mesmo. Aliás, eu não gosto de champanhe.» Todo o dancing lhe pareceu um pequeno inferno, leve como uma bola de sabão, e sorriu.

— De que se está a rir? — perguntou Boris, rindo também.

— Estou a lembrar-me de que eu também não gosto de champanhe.

Puseram-se a rir os três. O riso de Ivich era estridente. A vizinha voltou a cabeça e mediu-a de alto a baixo.

— Somos divertidos! — disse Boris. Acrescentou:

— Pode deitar-se no balde do gelo quando o empregado não estiver a olhar.

— Se quiserem — disse Mathieu.

— Não — atalhou Ivich —, eu quero beber; eu bebo toda a garrafa, se ninguém quiser.

O empregado serviu, e Mathieu levou melancolicamente o copo aos lábios. Ivich contemplava o dela, perplexa.

— Não era mau — observou Boris —, se fosse servido bem quente.

As lâmpadas brancas apagaram-se. Acenderam-se novamente as vermelhas, e um rolar de tambores advertiu o público. Um senhor pequeno, calvo e redondinho, de smoking, saltou para o estrado e sorriu ao microfone.

J E A N-P AUL SARTRE

— Senhoras e senhores, a direcção do Sumatra tem o grande prazer de apresentar Miss Ellinor pela primeira vez em Paris!

Miss Ellinor! — repetiu!

Com os primeiros acordes da orquestra surgiu na sala uma mulher alta e loura. Estava nua; o corpo, sob a luz vermelha, parecia um grande pedaço de algodão. Mathieu virou-se para Ivich. Ela contemplava a rapariga nua com os grandes olhos arregalados. Ficara com a sua expressão maníaca e cruel.

— Conheço-a — disse Boris.

A rapariga dançava, ansiosa por agradar; parecia pouco à vontade, lançava as pernas para a frente, uma depois da outra, com alegria, e os seus pés esticavam-se na extremidade das pernas, como dedos.

— Ela vai cair! — disse Boris.

Na verdade havia uma fragilidade inquietante nos seus longos membros; quando pousava os pés no chão, as pernas estremeciam dos tornozelos até às coxas. Aproximou-se do estrado e virou-se de costas. «Pronto», pensou Mathieu, «vai cair». O ruído das conversas cobria por momentos a música.

– Não sabe dançar – disse a vizinha de Ivich, mordendo os lábios. Quando se cobra a bebida a trinta e cinco francos, deve pensar-se em escolher melhor os números.

– Têm Lola Montero – observou o tipo gordo.

– Isso não quer dizer nada! É vergonhoso. Apanharam-na na rua. Bebeu um golo do cocktail e pôs-se a brincar com os anéis.

Mathieu percorreu a sala com o olhar e só viu rostos severos e justiceiros. O público deleitava-se com a sua própria indignação, a rapariga parecia-lhe duplamente nua,
IDADE DA RAZÃO

porque era desajeitada. Dir-se-ia que ela sentia a hostilidade e esperava enternecê-los. Mathieu comovia-se com a boa vontade desesperada dela: oferecia-lhes as nádegas entreabertas, num impulso de dedicação que constrangia a alma.

– Como ela se cansa! – disse Boris.

– Isso não os comove – observou Mathieu –, eles querem ser respeitados.

– Eles querem principalmente ver belas nádegas!

– Sim, mas com arte...

Durante uns momentos, as pernas da dançarina escavaram o chão sob a impotência ridícula dos quadris, em seguida endireitou-se, com um sorriso, ergueu os braços e sacudiu-os, provocando no ar tremores que deslizaram ao longo das omoplatas até à reentrância dos rins.

– E espantoso como tem as ancas duras – disse Boris.

Mathieu não respondeu. Pensava em Ivich. Não se atrevia a olhá-la, mas lembrava-se da expressão cruel; afinal a menina sagrada era como os outros: duplamente defendida pela sua graça e pêlos vestidos, devorava com os olhos, com sentimentos dúbios, aquela pobre carne nua. Uma onda de rancor subiu aos lábios de Mathieu, envenenou-lhe a boca: «A fita toda desta manhã...» Virou a cabeça e viu o punho crispado de Ivich sobre a mesa. A unha do polegar, carmesim e aguda, apontava para a sala como uma flecha indicadora. «Está só», pensou, «esconde sob os cabelos um rosto arrasado, aperta as coxas, goza.» Essa ideia pareceu-lhe insuportável, quis levantar-se e desaparecer, mas não teve forças para fazê-lo, pensou apenas: «E dizer que gosto dela pela sua pureza.» A dançarina,

J E A N-P AUL SARTRE

de mãos nas ancas, deslocando-se de lado sobre os calcanhares, roçou pela mesa deles. Mathieu quis desejar aquela almofada na ponta de uma espinha medrosa, para se distrair dos seus

pensamentos, para pregar uma partida a Ivich. A rapariga acocorava-se com as pernas ligeiramente abertas e balançava-se para a frente e para trás, como essas lanternas pálidas que oscilam de noite nas pequenas estações, na ponta de um braço invisível.

— Que nojo! — disse Ivich. — Já não a posso ver.

Mathieu voltou-se, espantado. Viu um rosto triangular, descomposto pela raiva e pela repugnância. «Não estava perturbada», pensou, com gratidão. Ivich tremia, ele quis sorrir-lhe, mas a cabeça encheu-se-lhe de guizos... Boris, Ivich, o corpo obscuro e a neblina vermelha deslizaram para fora do seu alcance. Estava só, ao longe um fogo-de--bengala, e no fumo um monstro de quatro patas andava à roda... Uma música de quermesse chegava-lhe aos ouvidos, às rajadas, através de um murmúrio de folhas. «Que é que eu tenho?» Era como a manhã. Em volta dele, só havia um espectáculo, Mathieu estava algures.

A música parou, a rapariga imobilizou-se com o rosto voltado para o público. Por cima do sorriso brilharam uns lindos olhos aquados. Ninguém aplaudia e houve algumas risadas ofensivas.

— Estupores! — disse Boris.

— Bateu as palmas com força. Rostos espantados vi-raram-se para o lado dele.

— Está quieto — disse Ivich. — Aplaudir isto?

— Ela fez o que pôde — disse Boris aplaudindo.

— Mais uma razão para não aplaudir. Boris encolheu os ombros.

IDADE DA RAZÃO

— Conheço-a, jantei com ela e com Lola, é uma boa rapariga, mas não tem cabeça.

A rapariga desapareceu sorrindo e atirando beijos. Uma luz branca invadiu a sala e foi um acordar geral. Todos se sentiam satisfeitos por se encontrarem de novo juntos após a sentença dada. A vizinha de Ivich acendeu um cigarro e teve um amuo terno para si própria. Mathieu não acordara, era um pesadelo branco, nada mais, os rostos abriam-se em volta dele, com uma suficiência sorridente e mole, na sua maioria não pareciam habituados. «O meu ser assim, deve ter essa pertinência dos olhos, dos cantos da boca, e apesar disso deve ver-se que é oco.» Era uma personagem de pesadelo aquele homem que saltitava no estrado e fazia gestos para pedir silêncio, com um ar de gozar de antemão o espanto que ia provocar, com a afectação de soltar no microfone, sem comentários, simplesmente, o nome célebre:

— Lola Montero!

A sala estremeceu de cumplicidade e entusiasmo, ouviram-se aplausos, e Boris pareceu encantado.

— Estão quentes, vai ser uma maravilha!

Lola encostara-se à porta. De longe, o seu rosto achatado e vincado parecia uma cabeça de leão. Os seus ombros, de uma brancura ondeada de reflexos verdes, eram uma folhagem de bétula numa noite de vento sob os faróis de um automóvel.

— Como é bela! — disse Ivich.

Adiantou-se a passos largos e calmos, com um desespero envolto. Tinha mãos pequenas e encantos pesados de sultana, mas punha no andar uma generosidade de homem.

J E A N-P AUL SARTRE

— Ela impõe-se — disse Boris, com admiração. — Com ela ninguém se mete!

Era verdade. As pessoas da primeira fila tinham recuado as cadeiras, não se atreviam sequer a olhar de perto aquele rosto célebre. Um bom rosto de tribuno, volumoso e público, marcado pesadamente por uma vaga sugestão da sua importância. A boca conhecia o seu ofício, estava habituada a abrir-se amplamente, com os lábios salientes para vomitar o horror e o nojo e para que a voz fosse longe. Lola imobilizou-se de repente. A vizinha de Ivich suspirou de escândalo e admiração. «Ela domina-os», pensou Mathieu.

Sentia-se incomodado: no fundo, Lola era nobre e apaixonada; no entanto, o rosto mentia, representava a nobreza e a paixão. Ela sofria, Boris desesperava-a, mas durante cinco minutos por dia aproveitava-se do seu número de canto para sofrer espectacularmente. «E eu? Não estou também a sofrer espectacularmente, representando com acompanhamento musical o papel de um tipo lixado? No entanto», pensou, «é indiscutível que estou lixado». Em volta dele era a mesma coisa. Havia pessoas que não existiam, eram vapores, e outras que existiam demasiado. O barman, por exemplo. Pouco antes fumava um cigarro, vago e poético como um jasmineiro; agora acordara, era demasiado barman, sacudia o shaker, abria-o, escorria a espuma amarela nos copos, com gestos de uma precisão supérflua. Representava o papel de barman. Mathieu pensou em Brunet: «Talvez não possa ser de outra maneira; talvez seja preciso escolher: não ser nada ou representar o que é. Mas é terrível ser-se levado pela nossa própria natureza.»

Lola, sem se apressar, percorria a sala com o olhar. A sua máscara dolorosa tornara-se dura, congelara-se, pare-

IDADE DA RAZÃO

cia ter ficado esquecida sobre o rosto. Mas no fundo dos olhos, a única coisa viva, Mathieu teve a impressão de surpreender uma chama de curiosidade áspera e ameaçadora que não era fingida. Ela viu Boris e Ivich e tranquilizou-se.

Sorriu-lhes cheia de doçura e anunciou, com um ar perdido:

— Uma canção de marinheiro: Jobnny Palmer.

— Gosto da voz dela — disse Ivich. — Parece veludo.

— Parece.

Mathieu pensou: «Ainda Johnny Palmer»\ A orquestra preludiou, e Lola ergueu os pesados braços. «Pronto, faz a cruz», viu-a abrir sanguinolenta.

Qui est cruel, jaloux, amer?

Qui triche au jeu, sitôt qu'il perd?

Mathieu já não ouviu, sentia-se envergonhado diante daquela imagem de dor. Era apenas uma imagem, bem o sabia, mas mesmo assim... «Não sei sofrer, nunca sofro o suficiente.» O que havia de mais penoso no sofrimento era ser o de um fantasma, passava-se o tempo a correr atrás dele, imaginava-se sempre que se ia alcançá-lo, que se ia atirar dentro dele e sofrer de verdade rangendo os dentes, mas no momento em que pensava atingi-lo escapava-se, não se encontrava mais nada a não ser um fogo de artifício de palavras e milhares de raciocínios desvairados em minuciosa efervescência. «Esta tagarelice na minha cabeça; daria tudo para me calar.» Olhou Boris com inveja. Aliás, naquela cabeça obstinada devia haver grandes silêncios.

Qui est cruel, jaloux, amer? C'est Johnny Palmer.

J E A N-P AUL SARTRE

«Minto.» A sua decadência, as suas lamentações eram mentiras, vácuo; atirava-se para o vácuo, à superfície de si mesmo, fugir à pressão insustentável do mundo verdadeiro. Um mundo negro e terrível que tresandava a éter. Naquele mundo, Mathieu não estava lixado — era muito pior. Era um atrevido e um criminoso. Marcelle é que estava lixada, se ele não descobrisse os cinco mil francos até ao dia seguinte. «Lixada de verdade.» Sem lirismo. Tinha o filho ou ia arriscar a vida nas mãos de um charlatão. Naquele mundo o sofrimento não era um estado de alma, não havia necessidade de palavras para exprimi-lo. Era uma expressão das coisas. «Casa com ela, falso boémio, casa com ela, meu caro, porque não hás-de casar com ela?» «Aposto», pensou Mathieu horrorizado, «que ela vai morrer com isto.» Todos aplaudiram, e Lola dignou-se sorrir. Inclinou-se e disse:

— Uma canção da «Ópera de Quat-sous»: A Noiva do Pirata.

«Não gosto dela nesta canção, Margo Lion era bem melhor. Mais misteriosa. Lola é uma racionalista, não tem mistério. E boa de mais. Ela odeia-me, mas com um ódio grosseiro, volumoso, sadio, um ódio de homem de bem.» Ouvia distraidamente esses pensamentos leves que corriam como ratos num sótão. Por baixo havia um sono espesso e triste, um mundo espesso que esperava no silêncio. Mathieu cairia nele mais cedo ou mais tarde. Viu Marcelle, viu-lhe a boca severa e os olhos muito abertos: «Casa com ela, falso boémio, casa com ela, estás na idade da razão, deves casar.»

Un navire de baut bord Trent' canons au sabord Entrera dans lê port.

A IDADE DA RAZÃO x

«Basta! Basta! Arranjarei o dinheiro, terei de o arranjar ou casarei com ela, pronto, não sou um ser abjecto, mas hoje, esta noite pelo menos, que me deixem em paz, quero esquecer. Marcelle não se esquece, está no quarto, deitada na cama, lembra-se de tudo, vê-me, ouve os rumores do seu corpo. E que importa? Usará o meu nome, terá a minha vida inteira, mas que me deixe esta noite só para mim.» Voltou-se para Ivich, lançou-se ao seu encontro, ela sorriu-lhe, mas ele deu com o nariz numa muralha de vidro enquanto aplaudiam.

— Mais uma! Mais uma! — gritavam.

Lola não ligou aos pedidos; tinha outro número às duas horas de madrugada, poupava-se. Saudou duas vezes e caminhou na direcção de Ivich. Algumas cabeças voltaram-se para a mesa de Mathieu. Mathieu e Boris levantaram-se.

— Boa noite, querida Ivich. Como está?

— Boa noite, Lola — disse Ivich, de uma maneira indolente.

Lola acariciou o queixo de Boris, com delicadeza.

— Boa noite, crápula.

A sua voz calma e grave dava à palavra «crápula» um tom de dignidade. Dir-se-ia que a escolhera a dedo entre as palavras ridículas e patéticas das suas canções.

— Boa noite, minha senhora — disse Mathieu.

— Ah! — respondeu ela —, também está aqui! Levantaram-se. Lola olhou para Boris. Parecia com-pletamente à vontade.

— Disseram-me que patearam Ellinor?

— Estávamos a falar disso.

— Foi chorar ao meu camarim. Sarrunyan está furioso, é a terceira vez em oito dias.

J E A N-P AUL SARTRE

— E vai despedi-la? — perguntou Boris, com ar inquieto.

— Estava com vontade; ela não tem contrato. Eu disse-lhe: se ela sair, eu saio também.

— Que é que ele disse?

— Disse que ficasse mais uma semana.

Percorreu a sala com o olhar e afirmou em voz alta:

— É um mau público, o desta noite.

— Pois eu não diria o mesmo — observou Boris.

A vizinha de Ivich, que devorava Lola imprudentemente com os olhos, estremeceu. Mathieu teve vontade de rir. Achava Lola muito simpática.

— É porque tu não estás habituado — disse Lola. — Quando entrei, logo vi que acabavam de se portar como idiotas, pareciam aborrecidos. Se a rapariga perder o lugar, só lhe resta o trottoir.

Ivich ergueu a cabeça bruscamente, parecia desvairada.

– Que se prostitua – disse com violência –, tanto me faz, e isso convém-lhe mais do que a dança.

Esforçava-se por manter a cabeça direita e conservar abertos os olhos baços e rosados. Perdeu um pouco a segurança e acrescentou, conciliadora:

– Naturalmente, compreendo que ela precise de ganhar a vida.

Ninguém respondeu, e Mathieu sofreu por ela. Devia ser difícil manter a cabeça direita. Lola olhava-a placidamente. Como se pensasse: «Menina rica.» Ivich teve um risinho.

– Eu não preciso de dançar – disse, com um ar malicioso.

Mas o riso apagou-se e a cabeça caiu-lhe.

– Que é que ela tem? – disse Boris, tranquilamente.

IDADE DA RAZÃO

Lola contemplou a cabeça de Ivich, com curiosidade. Passado um bocado, estendeu a mão gorda, agarrou Ivich pelos cabelos e levantou-lhe a cabeça. Parecia uma enfermeira.

– Que é que aconteceu? Bebeu de mais?

Afastava, como uma cortina, os cachos louros de Ivich, pondo a nu as faces pálidas. Ivich entreabria os olhos amortecidos e deixava a cabeça indinar-se para trás. «Vai vomitar», pensou Mathieu, sem se perturbar. Lola dava puxões nos cabelos de Ivich.

– Abra os olhos, vamos, abra os olhos, olhe para mini. Os olhos de Ivich arregalaram-se. Brilhavam de ódio.

– Estou a olhar para si – disse com uma voz cortante. – Estou a olhar.

– Ah! – observou Lola –, não está tão bêbeda como isso.

Largou os cabelos de Ivich. Ivich levantou vivamente as mãos, arranjou os caracóis sobre o rosto, parecia modelar uma máscara, e na verdade o rosto triangular apareceu sob os dedos, mas em volta da boca e dos olhos ficou qualquer coisa de pastoso e gasto. Ficou um momento imóvel, com o ar intimidado dum sonâmbulo, enquanto a orquestra tocava um slow.

– Vamos dançar – disse Lola. Boris levantou-se e começaram a dançar. Mathieu seguiu-os com os olhos, não tinha vontade de falar.

– Essa mulher censura-me – disse Ivich, sombria.

– Lola?

– Não, a minha vizinha. Ela censura-me. Mathieu não respondeu. Ivich continuou.

– Queria tanto divertir-me esta noite... e afinal... Detesto ganhar champanhe!

J E A N-P AUL SARTRE

«Deve detestar-me também porque a fiz beber!» Viu no entanto, com surpresa, que ela pegava na garrafa e enchia novamente a taça.

– Que está a fazer?

– Acho que não bebi o suficiente. Há um estado que precisamos de atingir, depois sentimo-nos bem.

Mathieu pensou que devia tê-la impedido de beber, mas não se mexeu. Ivich levou a taça aos lábios e fez novamente uma careta.

– Como é mau! – disse pousando a taça. Boris e Lola passaram perto da mesa. Riam.

– Como vai isso? – gritou Lola.

– Agora muito bem – disse Ivich com um sorriso amável.

Tomou de novo a taça e esvaziou-a de um trago, sem despregar os olhos de Lola. Lola devolveu-lhe o sorriso, e o par afastou-se a dançar. Ivich parecia fascinada.

– Ela aperta-se contra ele – disse com uma voz quase imperceptível. – É... é ridículo. Tem uma cara de fera.

«Está com ciúmes», pensou Mathieu, «mas de quem?» Estava semiembriagada, sorria com uma expressão maníaca, interessada em Boris e Lola, e não lhe dava a menor atenção, apenas lhe servia de pretexto para falar em voz alta. Os sorrisos, os gestos, todas as palavras que dizia, endereçava-os a ela própria através dele. «Isto devia ser-me insuportável», pensou Mathieu, «mas deixa-me completamente indiferente.»

– Vamos dançar! – disse bruscamente Ivich. Mathieu sobressaltou-se.

– Mas não gosta de dançar comigo.

IDADE DA RAZÃO

– Não faz mal, estou bêbeda.

Levantou-se cambaleando, quase a cair, e segurou-se à mesa.

Mathieu tomou-a nos braços e arrastou-a. Entraram num banho de vapor, a multidão fechou-se sobre eles, sombria e perfumada.

Durante um segundo, Mathieu sentiu-se perdido, mas depressa ficou senhor de si, marcando o passo atrás de um negro. Estava só; logo aos primeiros acordes, Ivich levantara voo, já não a sentia.

– Como é leve!

Baixou os olhos e viu uma porção de pés! «Há quem dance pior do que eu», pensou. Segurava Ivich a certa distância e não a olhava.

– Dança correctamente – disse ela –, mas vê-se que não tem prazer nisso.

– Dançar intimida-me – disse Mathieu. Sorriu.

– Você é que é espantosa. Há pouco, mal podia andar, e agora dança como uma profissional.

– Posso dançar completamente bêbeda – disse Ivich. – Posso dançar a noite inteira, nunca me canso.

– Gostava de ser assim.

– Nunca o conseguirá.

– Bem sei.

Ivich olhava em volta, com nervosismo.

– Já não vejo a fera.

– Lola? À esquerda, atrás de si.

– Vamos para lá.

Deram um encontro num casal magricela. O homem pediu desculpas, e a mulher deitou-lhe um olhar raivoso. Ivich, com a cabeça inclinada para trás, arrastava Mathieu. Nem Boris nem Lola os tinham visto chegar.

J E A N-P AUL SARTRE

Lola fechava os olhos: as pálpebras eram duas manchas azuis sobre o rosto duro. Boris sorria, perdido numa solidão angélica.

– E agora? – perguntou Mathieu.

– Fiquemos aqui: já não há espaço.

Ivich tornara-se quase pesada, nem sequer dançava, de olhos fixos no irmão e em Lola. Mathieu via-lhe apenas uma ponta da orelha entre dois caracóis. Boris e Lola aproximaram-se às voltas. Quando chegaram muito perto, Ivich beliscou o cotovelo do irmão.

– Olá, Pequeno Polegar. Boris arregalou os olhos.

– Eh! Ivich, não fujas! Porque é que me chamas assim?

Ivich não respondeu, fez Mathieu dar meia volta, de maneira a ficar ela própria de costas para Boris. Lola abriu os olhos.

– Percebeste porque é que ela me chamou Pequeno Polegar?

– Parece-me que sim – disse Lola.

Boris murmurou ainda algumas palavras, mas o ruído dos aplausos abafou-lhe a voz. O jazz calara-se, os negros apressavam-se a pôr em ordem os instrumentos, a fim de dar lugar à orquestra argentina.

Ivich e Mathieu voltaram para a mesa.

– Divirto-me loucamente – disse Ivich. Lola já estava sentada.

– Dança admiravelmente – disse para Ivich. Ivich não respondeu, fixava em Lola um olhar pesado.

– Você estava magnífico – disse Boris a Mathieu –, pensei que nunca dançasse.

– Foi a sua irmã que quis.

IDADE DA RAZÃO

– Forte como é, devia dedicar-se de preferência à dança acrobática.

Fez-se um silêncio difícil. Ivich emudecera, solitária e reivindicadora, e ninguém tinha vontade de falar. Um pequenino céu local formara-se por cima das suas cabeças, redondo, seco e sufocante. As lâmpadas acenderam-se de novo. Às primeiras notas do tango, Ivich dirigiu-se para Lola.

– Venha – disse com voz rouca.

– Não sei guiar – respondeu Lola.

– Eu guio.

Acrescentou maldosamente, mostrando os dentes:

– Não tenha receio, guio como um homem. Levantaram-se. Ivich abraçou brutalmente Lola e empurrou-a para o meio da sala.

– São cómicas – disse Boris enchendo o cachimbo.

– São.

Lola, principalmente, era engraçada. Parecia uma rapa-riguinha.

– Olhe – disse Boris.

Tirou do bolso um enorme canivete de cabo de chifre e pousou-o sobre a mesa.

– É uma navalha espanhola – explicou – com travão de segurança.

Mathieu pegou delicadamente no canivete e tentou abri-lo.

– Assim não, cuidado, pode magoar-se. Voltou a pegar no canivete, abriu-o e colocou-o perto do copo.

– É uma arma de caide – disse. – Está a ver estas manchas escuras? O tipo que ma vendeu garantiu que eram manchas de sangue.

J E A N-P AUL SARTRE

Calaram-se. Mathieu contemplava a cabeça trágica de Lola ao longe, deslizando sobre um mar sombrio. Não sabia que era tão alta. Desviou o olhar e viu no rosto de Boris uma satisfação ingénua que o magoou. «Está contente porque está a meu lado», pensou, com remorsos, «e eu nunca tenho nada para lhe dizer».

– Olhe para aquela mulher que acaba de chegar. À direita, terceira mesa – disse Boris.

– A loura cheia de pérolas?

– São falsas. Cuidado, ela está a olhar para nós. Mathieu olhou de esguelha para a rapariga alta e bela, que tinha um ar distante.

– Que tal?

– Assim, assim...

– Conheci-a terça-feira passada, tinha-se drogado, queria a todo o instante convidar-me para dançar. Além disso, deu-me uma cigarreira. Lola estava louca, mandou o empregado levá-la daqui fora.

Acrescentou, sombrio:

– Era de prata, incrustada de pedras.

– Ela não tira os olhos de si.

– Acredito.

– Que vai fazer?

– Nada – disse ele, com desprezo –, é uma mulher comprometida.

– E que tem isso? – indagou Mathieu, surpreendido. – Você está a ficar muito puritano.

– Não é isso – disse Boris rindo. – Não é isso, mas as prostitutas, as dançarinas, as cantoras, afinal são todas

iguais. Ter uma é ter todas.

Pousou o cachimbo e disse gravemente:

IDADE DA RAZÃO

– Aliás, sou um casto, não sou como você.

– Hum! – disse Mathieu.

– Há-de ver, há-de ver e vai ficar admirado. Viverei como um monge, quando tiver rompido com Lola. Esfregava as mãos, satisfeito. Mathieu disse:

– Isso não acaba tão depressa.

– No dia 1 de Julho. Quer apostar? /

– Não. Aposto todos os meses que vai acabar no \ mês seguinte e perde sempre. Já me deve cem francos, um binóculo de corrida, cinco charutos de Havana e aquele navio dentro da garrafa que vimos na Rua de Seine. Você nunca pensou em acabar, está demasiado preso a Lola.

– É no peito que você me faz mal – explicou Boris.

– E superior às suas forças – continuou Mathieu, sem se perturbar. – Não pode tomar partido, fica desvairado.

– Cale-se – disse Boris, furioso e divertido ao mesmo tempo –, pode esperar pêlos charutos e pelo navio.

– Eu sei que não paga as suas dívidas de honra; é um desgraçado...

– E você um medíocre! O rosto iluminou-se-lhe.

– Não acha uma injúria formidável: o senhor é um medíocre!?

– Não é má, não.

– Ou então: o senhor é um zero!

– Não, isso não, enfraqueceu a sua posição. Boris reconheceu-o, de boa vontade.

– Tem razão – disse. – Você é odioso, porque tem sempre razão.

J E A N-P AUL SARTRE

Acendeu de novo o cachimbo, cuidadosamente.

– Quero confessar-lhe tudo – disse com ar confuso. – Eu queria ter uma mulher da alta-sociedade.

– Olha, porquê?

– Não sei. Acho que deve ser divertido, devem ter uns modos! E depois é lisonjeiro... Algumas, às vezes, trazem o nome no Vogue. Imagine! Você compra o Vogue, olha as fotografia e vê, de repente, Mme. Ia Comtesse de Rocamadour, com os seis perdigueiros, e pensa: «Dormi com esta mulher ontem à noite.» Deve sentir-se uma certa emoção.

– Olhe, ela está a sorrir-lhe agora – disse Mathieu.

– Sim. Que lata! Pura vaidade, quer roubar-me Lola porque não gosta dela. Vou virar as costas.

– Quem é o tipo que está com ela?

– Um amigo. Dança no Alcazar. É bonito, não acha? Olhe bem aquele focinho. Trinta e cinco anos e ares de querubim.

– Ora, você há-de ser assim aos trinta e cinco anos.

– Com trinta e cinco – disse Boris secamente –, já terei morrido há muito.

– Agrada-lhe dizer isso.

– Estou tuberculoso.

– Já sei – uma vez Boris ferira as gengivas com a escova e cuspira sangue –, já sei. E então?

– Não me incomodo com isso – disse Boris. – Mas na gostava de me tratar. Acho que não se devem ultrapassar os trinta. Depois tornamo-nos uma ficha inútil.

Olhou para Mathieu e acrescentou.

– Não digo isso de si.

A IDADE DA RAZÃO

– Bem sei – disse Mathieu. – Mas tem razão. Depois dos trinta, já nada se vale.

– Eu gostava de ter dois anos a mais, e ficar nessa idade o resto da vida. Seria agradável.

Mathieu encarou-o com uma simpatia escandalizada. A juventude era para Boris uma qualidade perecível e gratuita de que era preciso tirar proveito cinicamente e uma virtude moral de que se devia mostrar digno. Era ainda mais: uma justificação. «Que importa», pensou Mathieu, «ele sabe ser novo.» Só ele, talvez, no meio daquela gente toda, estava realmente ali, naquele dancing, naquela cadeira. No fundo, não é tão estúpido como isso viver a mocidade a fundo até aos trinta e morrer. De qualquer maneira, depois dos trinta já se está morto.

– Tem um ar muito chateado – disse Boris. Mathieu estremeceu. Boris corara, cheio de confusão, mas olhava Mathieu com uma solicitude inquieta.

– Nota-se isso?

– E de que maneira!

– Dificuldades de dinheiro.

– Você defende-se mal – disse Boris com severidade. – Se tivesse os seus vencimentos, não precisava de pedir emprestado. Quer cem francos do barman?

– Obrigado, eu preciso é de cinco mil. Boris assobiou com um ar entendido.

– Desculpe! O seu amigo Daniel não lhos empresta?

– Não pode.

– E o seu irmão?

– Não quer.

– Merda – disse Boris, desolado. – Se você quisesse... – acrescentou, embaraçado.

J E A N-P AUL SARTRE

– Se eu quisesse o quê?

– Nada. Estava a pensar que é absurdo. Lola está cheia de dinheiro e não sabe o que lhe há-de fazer.

– Não quero pedir a Lola.

— Mas juro-lhe que ela não sabe o que lhe há-de fazer. Se se tratasse de uma conta no banco, comprar acções, jogar na Bolsa, talvez pudesse ter falta dele. Mas tem sete mil francos em casa há quatro meses, não tocou neles, nem sequer teve tempo de depositá-los no banco. Estão lá. No fundo de uma mala.

— Não está a perceber — disse Mathieu, irritado. — Não quero pedir nada a Lola, porque ela não me suporta. Boris riu.

— Lá isso é verdade. Não o suporta.

— Está a ver!

— Não deixa de ser estúpido. Você está chateado por causa de cinco mil francos, tem-nos à mão e não lhos quer pegar. E se os pedisse para mini?

— Não, não faça isso — disse Mathieu com vivacidade —, ela acabaria por saber. A sério — insistiu —, ser-me-ia desagradável que lhos pedisse.

Boris não respondeu. Pegou no canivete com dois dedos e levantou-o devagar à altura da fronte, de ponta para baixo. Mathieu sentia-se perturbado. «Sou ignóbil», pensou, «fazer de cavalheiro à custa de Marcelle». Virou--se para Boris, ia dizer-lhe: «Peça o dinheiro a Lola», mas não conseguiu articular as palavras, e o sangue subiu-lhe às faces. Boris abriu os dedos. O canivete caiu, enfiou-se no chão e o cabo pôs-se a vibrar.

Ivich e Lola voltaram aos seus lugares. Boris levantou a arma e pousou-a sobre a mesa.

A IDADE DA RAZÃO

— Que é isso? — perguntou Lola.

— Uma navalha espanhola — disse Boris —, para te fazer andar direita.

s

— Es um monstro.

A orquestra iniciara outro tango, Boris olhou para Lola, sombrio.

— Vem dançar — disse, entre dentes.

— Vocês matam-me.

O rosto iluminou-se-lhe e acrescentou com um sorriso feliz:

— Tu és gentil.

Boris levantou-se, e Mathieu pensou: «Ele vai pedir o dinheiro, apesar de tudo.» Estava envergonhadíssimo e covardemente aliviado. Ivich sentou-se ao lado dele.

— Ela é formidável — disse com a sua voz enrou-quecida.

— Sim, é bela!

— E o corpo! Como é comovente aquele rosto devastado e o corpo amadurecido. Sentia o tempo voar e tinha a impressão de que ela ia murchar nos meus braços.

Mathieu acompanhava Boris e Lola com o olhar. Boris ainda não

tocara no assunto. Parecia gracejar, e Lola sorria-lhe.

– Ela é simpática – disse Mathieu, distraidamente.

– Simpática? Ah!, não. É uma mulher horrível, uma fêmea.

Acrescentou, com orgulho:

– Eu intimidava-a.

– Bem vi – disse Mathieu.

Cruzava e descruzava as pernas, nervosamente.

– Quer dançar?

J E A N-P AUL SARTRE

– Não – respondeu Ivich –, quero beber. Encheu a taça por metade e explicou:

– É conveniente beber quando se dança, porque a dança não deixa ficar embriagado e o álcool sustenta. Acrescentou, asperamente:

– É fantástico como me divirto aqui. Vou acabar bem.

«Pronto», pensou Mathieu, «ele já está a falar». Boris tomou um ar sério, falava sem olhar para Lola. Lola não dizia nada. Mathieu sentiu que corava, estava irritado com Boris. Os ombros de um negro gigantesco esconderam--Ihe o rosto de Lola, que ressurgiu com um ar fechado. A música parou. A multidão dispersou, e Boris apareceu, provocante e mau. Lola seguia-o, não parecia satisfeita. Boris inclinou-se para Ivich:

– Faz-me um favor, convida-a.

Ivich levantou-se sem mostrar espanto e atirou-se ao encontro de Lola.

– Oh!, não – disse Lola –, não, querida, estou exausta.

Parlamentaram um minuto e Ivich levou-a para a sala.

– Ela não quer? – indagou Mathieu.

– Não – disse Boris –, mas há-de pagar.

Estava pálido, a expressão rancorosa e acovardada dava-lhe um ar de semelhança com a irmã. Uma semelhança perturbadora e desagradável.

– Não faça asneiras – disse Mathieu.

– Ficou aborrecido comigo? – indagou Boris. – Exigiu que eu não falasse...

– Seria parvo se me zangasse. Bem sabe que o deixei pedir... Porque recusou?

DADE DA RAZÃO

– Não sei – disse Boris, erguendo os ombros. – Fez uma cara de poucos amigos e disse que precisava do dinheiro. Ora, ora – acrescentou com um furor espantado –, a primeira vez que lhe peço alguma coisa. Ela não compreende! Uma mulher da idade dela, que quer um tipo como eu, tem de pagar!

– Como é que lhe pôs o problema?

– Disse que era para um amigo que quer comprar uma garagem. Disse-lhe o nome: Picard. Ela conhece-o, e é verdade que ele quer comprar uma garagem.

– Não deve ter acreditado.
– Não sei, o que sei é que vai-me pagar, e já.
– Tenha calma – advertiu Mathieu.
– Ora – disse Boris com ar hostil –, isso é comigo.
Foi inclinar-se diante da loura grande. Ela corou ligeiramente e levantou-se. No momento em que começavam a dançar, Lola e Ivich passaram perto de Mathieu. A loura era toda trejeitos, mas por baixo do sorriso estava atenta. Lola mantinha-se calma, avançava, majestosa, e os dançarinos abriam passagem para lhe demonstrar respeito. Ivich recuava com os olhos virados para o céu, inconsciente, Mathieu pegou na navalha pela lâmina e pôs-se a bater com o cabo na mesa. «Vai haver sangue», pensou. Aliás, estava-se marimbando. Pensava em Marcelle: «Marcelle minha mulher», e alguma coisa se fechou dentro dele, sussurrando. «Minha mulher, viverá na minha casa.» Era natural, perfeitamente natural, como respirar, como engolir a própria saliva. Sentia-o por todos os lados. «Não te incomodes, não te irrites, descontraí-te, sê natural. Em minha casa. Hei-de vê-la todos os dias da minha vida.» Pensou: «Tudo está claro, tenho uma vida.»

J E A N-P AUL SARTRE

«Uma vida.» Olhava aqueles rostos avermelhados, aquelas luas ruivas que deslizavam sobre coxins de nuvens. «Todos têm vidas. Todos. Cada um a sua. Elas estendem-se através dos muros do dancing, através das ruas de Paris, pela França, entrecruzam-se, cortam-se e permanecem, tão rigorosamente pessoais quanto uma escova de dentes ou uma lâmina, como os objectos de toilette que não se emprestam. Eu sabia. Eu sabia que cada um tinha a sua vida, ignorava a existência da minha.» Pensava: «Não fazendo nada, escapo. Enganava-me.» Pousou a navalha na mesa, pegou na garrfa e inclinou-a por cima do copo. Estava vazia. Sobrava um pouco de champanhe na taça de Ivich, bebeu-o.

«Bocejei, li, fiz amor. E isso marcava! Cada um dos meus gestos suscitava, para além de si próprio, no futuro, uma pequena espera obstinada que amadurecia. Sou eu essas esperas, sou eu que me espero nas encruzilhadas, na grande sala da mairie do XIV, sou eu que me espero sentado numa poltrona vermelha, espero a minha chegada, vestido de preto, com um colarinho duro, espero que eu venha a rebentar de calor e a dizer: "Sim, aceito-a como esposa."» Sacudiu violentamente a cabeça, mas a vida manteve-se firme. «Lentamente, mas com segurança, ao sabor dos meus humores, das minhas preguiças, segreguei a minha concha, agora acabou, estou enfiado lá dentro. No centro, o meu apartamento, e eu no meio, entre as poltronas de couro verde; fora, a Rua da Gaite, num sentido, só porque a desço sempre, a Avenida du Maine e Paris inteiro

em volta de mini, norte na frente, sul atrás, o Panteão à direita, a Torre Eiffel à esquerda, a Porta de Clignancourt em frente de mini e no meio a Rua Ver-

DADE DA RAZÃO

cingetorix, um buraquinho forrado de cetim cor-de-rosa, o quarto de Marcelle, minha mulher, e Marcelle está lá dentro, nua, à minha espera. E em volta de Paris, a França sulcada de estradas de sentido único, e mares tingidos de azul ou de preto, o Mediterrâneo azul, o mar do Norte preto, a Mancha cor de café com leite, e depois outros países, a Alemanha, a Itália – a Espanha é branca porque não fui bater-me por ela – e as cidades redondas, a distâncias fixas do meu quarto.

Tombuctu, Toronto, Kazan, Nijni-Novgorod, incríveis como marcos quilométricos. Ando. Vou-me embora, passeio, vagueio, farto-me de viagens: férias de universitário, por onde ando levo a minha concha comigo, fico em casa, no meu quarto, entre os meus livros, não me aproximo um centímetro sequer de Marráquexe ou de Tombuctu. Mesmo se eu apanhasse o comboio, o barco, o autocarro, se fosse passar as férias a Marrocos e chegasse de repente a Marráquexe, ainda estaria no meu quarto, ainda estaria em casa. Se fosse passear nas praças, se agarrasse no ombro de um árabe para através dele tocar em Marráquexe, esse árabe estaria em Marráquexe, eu não. Eu continuaria sentado no meu quarto, tranquilo e pensativo como escolhi ser, a três mil quilómetros do marroquino e do seu turbante. No meu quarto para sempre. Para sempre o ex-amante de Marcelle e, agora, o seu marido, o professor, aquele que não aprendeu inglês, que não aderiu ao Partido Comunista, que não esteve na Espanha. Para sempre.»

«A minha vida.» Envolvia-o. Era uma estranha coisa sem começo nem fim e que no entanto não era infinita. I ercorria-a com os olhos, de uma mairie à outra, da mairie do XVIII, onde fora examinado pelo serviço de recruta-

J E A N-P AUL SARTRE

mento em Outubro de 1923, à mairie do XIV, aonde ia casar com Marcelle no mês de Agosto ou Setembro de 1938. Aquela tinha um sentido vago e hesitante como as coisas naturais, uma insipidez tenaz, um cheiro de poeira e de violetas.

«Levei uma vida desdentada», pensou. «Uma vida desdentada. Nunca mordei; esperava, guardava-me para mais tarde – e acabo de perceber que já não tenho dentes. Que fazer? Quebrar a concha? É fácil de dizer. E aliás o que me restaria? Uma pequena massa viscosa que se arrastaria na poeira deixando atrás de si uma esteira brilhante.»

Ergueu os olhos e viu Lola. Tinha um sorriso mau nos lábios. Viu Ivich. Ela dançava, de cabeça inclinada para trás, perdida, sem idade, sem futuro: «Não tem concha.» Dançava,

estava embriagada, não pensava em Mathieu. Absolutamente nada. Como se ele nunca tivesse existido. A orquestra tocava um tango argentino que Mathieu conhecia bem, *Mi caballo murió*, mas olhava Ivich e parecia-lhe que ouvia aquela melodia triste e rude pela primeira vez. «Nunca será minha, nunca entrará na minha concha.» Sorriu, sentia uma dor humilde e refrescante, contemplou com ternura o corpinho rancoroso e frágil em que a sua liberdade se atolara. «Minha querida Ivich, minha querida liberdade.» E de repente uma consciência, uma consciência pura, pôs-se a sobrevoar o seu próprio corpo empoeirado, a sua vida, uma consciência sem eu, um pouco de ar quente apenas. Pairava lá em cima, era um olhar, contemplava o falso boémio, o pequeno-burguês preso às suas comodidades, o intelectual falhado, «não revolucionário revoltado», o sonhador abstracto rodeado por uma vida flácida. E ela pensava: «Este tipo está lixado, bem o merece.»

IDADE DA RAZÃO

Mas não era solidária com ninguém, girava numa bolha giratória, desvairada, sofredora, sobre o rosto de Ivich, ruidosa de música, efêmera e desolada. Uma consciência vermelha, um lamento sombrio. *Mi caballo murió*, era capaz de tudo, de se desesperar de verdade pelos Espanhóis, de resolver qualquer coisa. Se aquilo pudesse durar... Mas não podia durar. A consciência inchava, inchava, a orquestra calou-se, ela cansou-se. Mathieu encontrou-se a sós consigo mesmo, no fundo da sua vida, seco e duro. Já nem se julgava, nem sequer se aceitava, era Mathieu, eis tudo: «Um êxtase a mais, e depois?» Boris voltou ao seu lugar, não parecia muito orgulhoso de si. Disse a Mathieu.

— Safa!

— O quê?

— A loura. É uma puta.

— Que é que ela fez?

Boris franziu as sobrancelhas e estremeceu sem responder.

Ivich voltou a sentar-se perto de Mathieu. Estava só. Mathieu olhou em volta da sala e descobriu Lola junto dos músicos falando com Sarrunyan. Este parecia admirado. Depois deitou um olhar matreiro para a grande loura, que se abanava, com negligência. Lola sorriu-lhe e atravessou a sala. Quando se sentou, tinha um ar estranho. Boris olhou para o sapato direito, com afectação, e fez-se um silêncio pesado.

— É de mais — gritou a loura —, não têm o direito, não me vou embora.

Mathieu sobressaltou-se, e todos olharam. Sarrunyan inclinara-se obsequiosamente para a loura, como um maître d'hotel que espera ordens. Falava-lhe em voz baixa, com um ar calmo e decidido. A loura levantou-se de repente.

J E A N-P AUL SARTRE

– Vem – disse para o companheiro. Mexeu dentro da carteira. Os cantos da boca tremiam-lhe.

– Não – disse Sarrunyan –, sou eu que a convido.

A loura amarrotou uma nota de cem francos e atirou-a para a mesa. O companheiro dela levantara-se, olhava a nota com um ar de censura. Depois, a loura deu--lhe o braço e saíram os dois, de cabeça erguida, dando às ancas do mesmo modo.

Sarrunyan aproximou-se de Lola, assobiando baixinho.

– Nunca mais virá – disse com um sorriso divertido.

– Obrigada – respondeu Lola –, não pensei que fosse tão fácil. Ele afastou-se. A orquestra argentina deixava a sala, os negros voltavam com os seus instrumentos. Boris fixou em Lola um olhar de raiva e admiração, depois virou-se bruscamente para Ivich.

– Vem dançar.

Lola contemplou-os calmamente, enquanto se levantavam. Mas quando se afastaram, o rosto dela sulcou-se de repente. Mathieu sorriu-lhe.

– Você faz o que quer nesta boite – disse.

– Precisam de mim – respondeu Lola, com indiferença. – Esta gente vem aqui por minha causa.

Os olhos continuavam-lhe inquietos, e ela tamborilava nervosamente na mesa. Mathieu não sabia que lhe havia de dizer. Felizmente ela levantou-se instantes depois.

– Desculpe.

Mathieu viu-a dar a volta à sala e desaparecer. Pensou: «Está na hora da droga.» Ele estava só. Ivich e Boris dan-

DADE DA RAZÃO

cavam, puros como uma melodia, apenas um pouco menos impiedosos. Virou a cabeça e ficou a olhar para os pés. Passou algum tempo. Não pensava em nada. Uma espécie de queixa rouca o fez estremecer. Lola voltara, tinha os olhos cerrados, sorria. «Já tem a sua conta», pensou. Ela abriu os olhos, sem deixar de sorrir.

– Sabia que Boris precisava de cinco mil francos?

– Não – disse ele. – Não sabia. Precisava de cinco mil francos?

Lola continuava a olhá-lo, vacilante. Mathieu via duas grandes íris verdes com pupilas minúsculas.

– Acabo de recusar – disse Lola. – Ele diz que é para Picard. Pensei que fosse para si. Mathieu pôs-se a rir.

– Ele sabe que nunca tenho um tostão.

– Então não estava ao corrente – perguntou Lola, incrédula.

– Não.

– Que estranho!

Dava a impressão de que ela ia soçobrar, casco para o ar como

um velho navio, ou então que a boca se ia rasgar e largar um grito enorme.

– Esteve em casa à tarde? – perguntou ela.

– Sim, lá pelas três horas.

– E não lhe disse nada?

– Não vejo nada de extraordinário nisso. Deve ter encontrado Picard mais tarde.

– Foi o que me disse.

– Então?

– Lola encolheu os ombros.

– Picard trabalha durante o dia todo em Argenteuil.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu disse com indiferença:

– Picard precisava de dinheiro, deve ter passado pelo hotel de Boris. Não o encontrou e depois deve tê-lo visto no Bulevar Saint-Michel, por acaso.

Lola encarou-o ironicamente.

– Pensa que Picard iria pedir cinco mil francos a Boris, que tem apenas trezentos francos por mês de mesada?

– Então, não sei – disse Mathieu, exasperado.

Tinha vontade de dizer: «O dinheiro era para mim.» Assim teria acabado imediatamente com aquilo. Mas não era possível por causa de Boris. «Ela ficaria zangada com ele e ele transformar-se-ia em meu cúmplice.» Lola tamborilava na mesa com as unhas escarlates, os cantos dos lábios levantaram-se-lhe bruscamente, tremiam e voltavam a cair. Olhava Mathieu com uma insistência inquieta, mas por baixo daquela cólera, Mathieu adivinhava uma grande perturbação. Tinha vontade de rir.

Lola desviou o olhar e perguntou:

– Não seria uma prova?

– Uma prova? – repetiu Mathieu, admirado.

– Sim, uma prova.

– Que ideia!

– Ivich passa a vida a dizer-lhe que eu sou sovina.

– Quem é que lhe disse isso?

– Admira-se de que o saiba? – perguntou Lola, triunfante. – E um tipo leal. Não pensem que podem falar mal de mim diante dele sem que mo conte. Aliás eu já o sinto só pela maneira de me olhar. Ou então faz-me perguntas com ar de quem não sabe o que quer. Mas eu sei aonde ele quer chegar. De longe. Não sabe resistir, quer ficar com a consciência limpa.

A IDADE DA RAZÃO

– E então?

– Quis ver se eu era agarrada. Inventou essa história de Picard. A não ser que alguém lhe tenha soprado a ideia.

– Mas quem haveria de soprar?

– Não sei. Não falta quem pense que já estou velha e que ele é um miúdo. Basta ver a cara das idiotas que andam por aqui quando estamos juntos.

– Acredita que se preocupa com elas?

– Não. Mas há também quem acredite fazer-lhe bem dando-lhe volta à cabeça.

– Ouça – disse Mathieu –, não vale a pena fazer cerimónia; se é para mim que diz isso, está enganada.

– Ah! – disse Lola, com frieza. – É possível. Fez-se silêncio e depois perguntou repentinamente:

– Como explica que haja sempre cenas quando vem aqui?

– Não sei. Não tenho culpa. Hoje eu nem queria vir... Imagino que gosta de nós de maneira diferente e que fica irritado quando nos encontra ao mesmo tempo a um e outro.

Lola olhava diante de si com uma expressão sombria e tensa.

Finalmente disse:

– Ouça bem. – Não quero que mo roubem. Tenho a certeza de que não lhe faço mal. Quando se cansar de mim, poderá largar-me, e isso acontecerá por certo bem mais cedo do que espero. Mas não quero que mo roubem.

«Desabafa», pensou Mathieu. «É sem dúvida da droga.» Mas a outra coisa. Lola detestava Mathieu e no entanto aquilo que lhe dizia agora nunca o tinha dito a ninguém. Entre ambos, apesar do ódio, havia uma espécie de solidariedade.

J E A N-P AUL SARTRE

– Não pretendo roubá-lo – disse ele.

– Pensava – disse Lola com um ar firme.

– Pois bem, não pense nisso. As suas relações com Boris não me interessam. Se me interessassem, achava tudo muito certo.

– Eu pensava: ele acha-se com responsabilidade porque é professor.

Calou-se, e Mathieu compreendeu que não a convencia. Ela parecia escolher as palavras.

– Eu sei... sei que sou uma mulher velha... – continuou, pensativamente – não é preciso que mo digam... Mas é por isso que posso ajudá-lo. Há coisas que lhe posso ensinar – acrescentou num desafio. – E depois, quem lhe diz que sou velha de mais para ele? Ele gosta de mim tal como sou, é feliz comigo quando não lhe metem coisas na cabeça.

Mathieu calava-se. Lola exclamou, com uma violência inquieta:

– Devia saber que ele gosta de mim! Deve ter-lho dito, ele diz-lhe tudo.

– Acho que ele gosta de si.

Lola voltou para ele os olhos pesados.

– Já passei por tudo e não tenho ilusões, mas o que lhe digo é que esse miúdo é a minha última oportunidade. Depois disso, faça o que entender.

Mathieu não respondeu logo. Olhava Boris e Ivich, que dançavam, e tinha vontade de dizer a Lola: «Não nos vamos zangar; bem vê que somos iguais.» Mas aquela semelhança desgostava-o ligeiramente. Viu no amor de Lola, apesar da violência e da pureza, algo viscoso e voraz. Entretanto, murmurou:

A IDADE DA RAZÃO

— Diz-me isso a mim... Mas sei-o tão bem como você...

— Porquê tão bem como eu?

— Somos iguais.

— Que quer dizer com isso?

— Olhe para nós e olhe para eles. Lola teve um gesto de desprezo.

— Nós não somos iguais — disse.

Mathieu encolheu os ombros, e calaram-se sem se reconciliar. Olhavam ambos Boris e Ivich. Boris e Ivich dançavam, eram cruéis sem o perceber. Talvez o percebessem vagamente. Mathieu estava sentado ao lado de Lola. Não dançavam, porque aquilo já não era para a sua idade. «Devem pensar que somos amantes», pensou. Ouviu Lola murmurar para si própria: «Se ao menos tivesse a certeza de que é para Picard.»

Boris e Ivich voltaram. Lola levantou-se com dificuldade.

Mathieu pensou que ela ia cair, mas apoiou-se à mesa e respirou fundo.

— Vem — disse a Boris —, quero falar contigo. Boris pareceu não se sentir à vontade.

— Não podes falar aqui?

— Não.

— Bom, espera que a orquestra toque. Dançaremos.

— Não — disse Lola —, estou cansada. Vem ao meu camarim.

Desculpe, Ivich.

— Estou bêbeda — disse Ivich, amavelmente.

— Voltamos já. Aliás, já estou quase na hora de cantar.

Lola afastou-se, e Boris acompanhou-a de mau humor. Ivich deixou-se cair na cadeira.

J E A N-P AUL SARTRE

— É verdade que estou bêbeda — disse. — Veio-me de repente, ao dançar.

Mathieu não respondeu.

— Porque se vão embora?

— Vão conversar. Lola tomou a droga. Depois da primeira pitada, é uma ideia fixa tomar outra.

— Penso que gostaria de me drogar.

— Naturalmente!

— Que é que tem? — disse Ivich, indignada. — Se tiver de ficar em Laon a vida inteira, será uma distração. Mathieu calou-se.

— Já percebi — disse ela. — Você está zangado porque estou

bêbeda.

– Não estou zangado.

– Está. Está a censurar-me.

– Não, já disse, aliás você não está tão embriagada como isso!

– Estou for-mi-da-vel-men-te bêbeda – disse Ivich com satisfação.

As pessoas começavam a sair. Deviam ser duas horas. No seu camarim, uma sala gordurosa e forrada a veludo vermelho, Lola ameaçava e implorava: «Boris, Boris, pões-me doida.» E Boris baixava a cabeça, receoso e obstinado. Um vestido preto comprido, dando voltas entre as paredes vermelhas, o brilho negro do vestido no espelho e dois lindos braços brancos retorcendo-se de desespero. Em seguida, Lola passaria para trás do biombo e aí, com abandono, com a cabeça inclinada como para sustentar uma hemorragia nasal, respiraria duas pitadas de pó branco. A testa de Mathieu suave, mas ele não se atrevia a enxugá-la, tinha vergonha de transpirar diante de Ivich. Ela

IDADE DA RAZÃO

tinha dançado sem parar, ficara pálida, porém não transpirava. Dissera de manhã: «Tenho horror às mãos húmidas.» Já não sabia que fazer das mãos. Sentia-se fraco e desanimado, não tinha nenhum desejo, não pensava em nada. De vez em quando dizia com os seus botões que o Sol se ia levantar dentro em pouco e que teria de recomeçar as suas diligências, telefonar a Marcelle, a Sarah, viver do princípio ao fim um novo dia, e isso afigurava-se-lhe incrível. Gostaria de permanecer indefinidamente à mesa, sob aquelas luzes artificiais, de Ivich.

– Divirto-me muito – disse ela, com uma voz de bêbeda.

Mathieu olhou-a. Estava naquele estado de exaltação que um incidente qualquer pode transformar em furor.

– Que me importam os exames – disse Ivich. – Se chumbar, ficarei satisfeita. Hoje de noite enterro a minha vida de solteira.

Sorriu e afirmou com êxtase:

– Brilha como um pequeno diamante.

– O quê?

– Este momento. E redondinho, está suspenso no vácuo como um diamante. Eu sou eterna.

Pegou no canivete de Boris pelo cabo, apoiou a lâmina contra o bordo da mesa e divertia-se fazendo-a curvar-se.

– Que é que essa quer? – disse de repente.

– Quem?

– Essa mulher de preto, ao meu lado. Desde que chegou que não pára de me censurar.

Mathieu voltou a cabeça. A mulher de preto olhava Ivich pelo canto do olho.

J E A N-P AUL SARTRE

— Então — disse Ivich —, não é verdade!

— Acho que sim.

Percebeu a ruga rancorosa no rosto de Ivich, os olhos maus e vagos e pensou: «Não devia ter falado.» A mulher de preto compreendeu que falavam dela; tomou um ar majestoso, o marido tinha acordado e olhava Ivich, de olhos esbugalhados. «Que chatice», pensou Mathieu. Sentia-se preguiçoso e covarde, teria dado tudo para não ter havido histórias.

— Essa mulher despreza-me, porque é decente — murmurou Ivich dirigindo-se ao canivete. — Eu não sou decente, estou bêbeda, estou a divertir-me, vou chumbar. Odeio a decência — gritou repente.

— Cale-se, Ivich, peço-lhe.

Ivich olhou-o com uma expressão cortante.

— Está a falar comigo, creio. É verdade, você também é decente. Não tenha medo. Quando eu ficar dez anos em Laon, com a minha mãe e o meu pai, serei ainda mais decente do que você. Estava encostada à cadeira, apoiava obstinadamente a lâmina contra a mesa e forçava-a a curvar-se. Parecia louca. Fez-se um silêncio pesado e em seguida a mulher de preto voltou-se para o marido.

— Não compreendo como é possível portar-se como essa rapariga — disse.

O marido olhou, receoso, para os ombros de Mathieu.

— Hum?

— Não é culpa dela — continuou a mulher —, culpados são os que a trazem aqui.

«Pronto», pensou Mathieu, «o escândalo». Ivich ouvira com certeza, mas não disse nada. Estava quieta. Quieta de

IDADE DA RAZÃO

mais. Parecia espiar qualquer coisa, ergueu a cabeça, com um ar estranho, maníaco e contente ao mesmo tempo.

— Que é que há? — perguntou Mathieu, inquieto. Ivich tornara-se pálida.

— Nada. Eu... mais uma indecência para divertir a senhora. Quero ver como suporta o sangue.

A vizinha de Ivich deu um gritinho e pôs-se a pestanejar. Mathieu olhou precipitadamente as mãos de Ivich. Segurava o canivete com a mão direita e rasgava a palma esquerda aplicadamente. A carne abrira-se desde o polegar até o mindinho e o sangue gotejava devagar.

— Ivich — gritou Mathieu —, as suas mãos! Ivich troçava com um ar vago.

— Acha que ela vai desmaiar?

Mathieu estendeu a mão por cima da mesa, e Ivich deixou-o pegar no canivete, sem opor resistência. Mathieu estava

desvairado, contemplava os dedos magros de Ivich, que se enchiam de sangue, e pensava na dor que ela sentia.

– Você é doida! Vamos ao toilette fazer um curativo.

– Um curativo? – Ivich riu, maldosamente. – Está a compreender o alcance do que me está a dizer? Mathieu levantou-se.

– Venha, Ivich, peço-lhe, venha depressa.

– É uma sensação muito agradável – disse Ivich, sem se levantar. – Parece um pedaço de manteiga.

Erguera a mão à altura do nariz e examinava-a com expressão crítica. O sangue escorria, dir-se-ia o vaivém de um formigueiro.

– O meu sangue. Gosto de ver o meu sangue.

– Basta – disse Mathieu.

JEAN-PAUL SARTRE

Agarrou Ivich pelos ombros, mas ela desenhenciou-se violentamente, e uma pesada gota de sangue caiu sobre a toalha. Ivich olhava para Mathieu com os olhos a brilharem de ódio.

– Atrave-se a tocar em mim? Acrescentou, com um riso insultuoso:

– Devia ter imaginado que você acharia isto excessivo!

Escandaliza-se com o facto de que se possa brincar com o próprio sangue.

Mathieu sentiu que empalidecia de raiva. Sentou-se de novo, estendeu a mão sobre a mesa e disse docemente:

– Excessivo? Não, Ivich, acho isso encantador. Um jogo para meninas nobres, imagino.

Enfiou o canivete de um golpe na palma da mão e não sentiu quase nada. Quando o largou, o canivete ficou enterrado na carne, de pé, com o cabo para o ar.

– Ah!, ah! – exclamou Ivich, compungida –, tire, tire!

– Está a ver? – disse Mathieu, cerrando os dentes. – Qualquer pessoa pode fazê-lo.

Sentia-se terno e macio e tinha medo de desmaiar. Mas havia nele uma satisfação obstinada e uma má vontade deliciosa. Não era apenas para enfrentar Ivich que tinha feito o golpe, era igualmente um desafio a Brunet, a Daniel, à vida. «Sou um imbecil», pensou, «Brunet tem razão em achar que sou uma criança velha.» Não podia deixar de se sentir satisfeito.

Ivich olhava a mão de Mathieu, o sangue que escorria em volta da lâmina. Depois fixou Mathieu, tinha o rosto completamente mudado. Disse docemente:

– Porque fez isso?

IDADE DA RAZÃO

– E você? – perguntou Mathieu, secamente.

À esquerda ouvia-se um tumulto ameaçador. Era a opinião pública. Mathieu não lhe dava ouvidos. Olhava Ivich.

– Oh! – disse ela –, lamento... tanto.

O tumulto ampliou-se, e o empregado acorreu:

– Minha senhora, deseja alguma coisa?

A mulher de preto apertava o lenço sobre os lábios. Apontou Mathieu e Ivich, sem dizer nada. Mathieu arrancou rapidamente o canivete do ferimento e doeu-lhe muito.

– Ferimo-nos com este canivete. O empregado não se impressionou, tinha visto coisas piores.

– Se quiserem ir ao toilette – propôs –, há lá tudo quanto é necessário.

Desta vez, Ivich levantou-se docilmente. Atravessaram a sala atrás do empregado, com as mãos feridas levantadas. Era tão cómico que Mathieu deu uma gargalhada. Ivich contemplou-o, inquieta, e depois riu também. Riu tão fortemente que a mão lhe tremeu. Duas gotas de sangue caíram no chão.

– Como isto me diverte! – disse Ivich.

– Meu Deus – exclamou a mulher do toilette –, como foi que fez isso? E o senhor?

– Estávamos a brincar com uma faca.

– Aí está – observou a mulher. – Um acidente acontece tão depressa. Era uma faca da casa?

– Não.

– Ah! estava a estranhar. É profundo o corte – disse, examinado o ferimento de Ivich. – Não se inquiete, vou tratar de tudo.

J E A N-P AUL SARTRE

Abriu um armário, e metade do corpo desapareceu-lhe dentro dele. Mathieu e Ivich sorriam. A embriaguez de Ivich parecia ter passado.

– Nunca imaginei que fosse fazer isso – disse Mathieu.

– Bem vê que nem tudo está perdido...

– Dói, agora.

– A minha mão também.

Sentia-se feliz. Leu: «Senhoras», depois «Homens», em letras douradas sobre as portas esmaltadas de cinzento--creme. Olhou o chão de ladrilhos brancos, respirou um cheiro de desinfetante, e o coração dilatou-se-lhe.

– Não deve ser muito desagradável esta profissão – disse, alegre.

– Pois não – respondeu Ivich, encantada!

Ela contemplava-o com uma expressão de ternura e selvajaria, hesitou um instante, depois juntou a palma da mão esquerda à palma ferida de Mathieu. Ouviu-se um ruído molhado.

– A mistura dos sangues – explicou. Mathieu apertou-lhe a mão sem falar e sentiu uma dor forte, tinha a impressão de que uma boca se abria na sua mão.

– Faz-me doer – gemeu Ivich.

– Bem sei.

– A mulher do toilette saíra do armário, ligeiramente congestionada. Abriu uma lata.

– Aqui está tudo – disse ela.

Mathieu viu um frasco de tintura de iodo, agulhas, tesouras, gizes.

– Está bem equipada – disse ele. Ela meneou a cabeça, gravemente.

A IDADE DA RAZÃO

– Há dias em que não é brincadeira. Anteontem, uma senhora atirou um copo à cara de um dos nossos clientes. Ele sangrava, tive medo por causa dos olhos, tirei-lhe um pedaço de vidro da sobancelha.

– O diabo – disse Mathieu.

A mulher movimentava-se em volta de Ivich.

– Um pouco de paciência, vai arder, é tintura de iodo. Pronto!

– Vai dizer-me que sou indiscreta. Mas queria saber em que pensava quando eu estava a dançar com Lola – disse Ivich a Mathieu.

– Há pouco?

– Sim, quando Boris convidou a loura. Você estava sozinho.

– Parece-me que pensava em mim.

– Eu olhava-o, você estava... quase bonito. Se pudesse conservar sempre essa expressão!

– Não se pode pensar sempre em si próprio! Ivich riu.

– Eu creio que penso sempre em mim.

– Dê-me a sua mão – disse a mulher do toilette para Mathieu. – Cuidado, vai arder. Pronto!

Mathieu sentiu o ardor, mas não prestou atenção, olhava Ivich, que se penteava desajeitadamente diante do espelho, segurando os caracóis com a mão ferida. Acabou atirando os cabelos para trás, e o largo rosto apareceu inteiramente nu. Mathieu sentiu um desejo áspero e desesperado.

– Você é linda – disse.

– Não – atalhou Ivich rindo –, sou horivelmente feia. E o meu rosto secreto.

– Acho que gosto ainda mais dele do que do outro.

J E A N-P AUL SARTRE

– Amanhã vou pentear-me assim. Mathieu não achou nada para dizer. Inclinou a cabeça e calou-se.

– Pronto – disse a mulher do toilette. Mathieu reparou que ela tinha um buço cinzento.

– Obrigado, a senhora é hábil como uma enfermeira. A mulher corou de prazer.

– Oh! – disse –, é natural. No nosso ofício há muito trabalho delicado.

Mathieu pôs dez francos no pires e saíram ambos. Olhavam

contentes para as mãos enfaixadas.

O dancing estava quase vazio. Lola, de pé no meio do palco, ia cantar. Boris esperava-os à mesa. A mulher de preto e o marido tinham desaparecido. Na mesa estavam duas taças de champanhe meio vazias e uma dúzia de cigarros num maço aberto.

— Que derrota — disse Mathieu.

— Sim — respondeu Ivich —, vinguei-me.

— Vocês magoaram-se?

— Foi o estupor do canivete — respondeu Ivich.

— Parece que corta bem — observou Boris, fixando um olhar de amador nas mãos deles.

— E Lola? — perguntou Mathieu. Boris tornou-se sombrio.

— Vai mal. Fiz uma asneira.

— O quê?

— Disse que Picard fora a minha casa e que eu o tinha recebido no meu quarto. Parece que lhe tinha dito outra coisa antes, sei lá.

— Tinha-lhe dito que o encontrara no Bulevar Saint--Michel.

IDADE DA RAZÃO

— Ai! — disse Boris.

— Está zangada?

— Olhe para ela!

Mathieu olhou. Tinha um rosto irritado e triste.

— Desculpe — disse Mathieu.

— Não tem de quê. A culpa foi minha. E depois isto passa, já estou habituado.

Calaram-se. Ivich contemplava com ternura a mão enfaixada. O sono, a frescura, a alvorada cinzenta tinham invadido a sala, imperceptivelmente; o dancing cheirava a madrugada. «Um pequeno diamante», pensava Mathieu, «ela disse: "Um pequeno diamante."» Estava feliz, não pensava em nada, tinha a impressão de estar sentado lá fora, num banco. Fora do dancing, fora da vida. Sorriu. «Ela disse também: "Sou eterna..."»

Lola começou a cantar.

XII

«N

o Dome às dez horas.» Mathieu acordou. O montículo de gaze branca em cima da cama era a sua mão esquerda. Doía-lhe, mas o resto do corpo estava bem-disposto. «No Dome às dez.» Ela dissera ainda: «Estarei lá antes de si, não conseguirei dormir.» Eram nove horas. Saltou da cama. «Vai mudar de penteado», pensou. Empurrou as persianas. A rua estava deserta; o céu, baixo e cinzento, e o calor era menor do que na véspera. Uma verdadeira manhã. Abriu a torneira do lavatório e mergulhou a cabeça na água. «Eu também me levanto cedo.» A vida caíra-lhe aos pés, parecia uma colcha pesada que

o envolvia ainda, embaraçava-lhe os tornozelos, mas saltar-lhe-ia por cima, e deixá-la-ia atrás de si na pele inútil. A cama, a secretária, a lâmpada, a poltrona verde... já não eram seus cúmplices, porém objectos anónimos de íerro e madeira, utensílios: passara a noite num quarto de hotel. Enfiou a roupa e desceu a escada a assobiar.

J E A N-P AUL SARTRE

— Há uma carta para o senhor — disse a porteira.

Marcelle! Mathieu sentiu um gosto amargo na boca. Esquecera-se de Marcelle. A porteira entregou-lhe um sobrescrito amarelo. Era de Daniel.

«Meu caro Mathieu», escrevia Daniel, «falei com conhecidos meus, mas não pude mesmo juntar a importância de que necessitas. Acredita que lamento muito. Queres passar por minha casa ao meio-dia? Desejaria conversar sobre Daniel».

«Bom», pensou Mathieu, «vou vê-lo. Ele não quer largar o dinheiro, mas deve ter encontrado uma solução. A vida parecia-lhe fácil, era preciso que fosse fácil! Sarah faria com que o médico esperasse alguns dias. Se fosse necessário, mandaria o dinheiro para a América.»

Ivich estava lá, num canto sombrio. Viu logo a mão enfaixada.

— Ivich! — disse com ternura.

Ela ergueu os olhos para ele, tinha o mesmo rosto mentiroso e triangular de sempre, a sua maldosa pureza, e os caracóis escondiam-lhe metade das faces. Não mudara de penteado.

— Conseguiu dormir um pouco? — perguntou Mathieu tristemente.

— Nada.

Sentou-se. Ela percebeu que ele olhava para as mãos enfaixadas. Retirou lentamente a dela e escondeu-a debaixo da mesa. O empregado aproximou-se. Conhecia Mathieu.

— Como vai, Sr. Mathieu?

— Bem. Dê-me um chá e duas maçãs.

IDADE DA RAZÃO

Houve um silêncio de que Mathieu se aproveitou para enterrar as recordações nocturnas. Quando sentiu que o coração estava vazio, levantou a cabeça.

— Não parece muito alegre. É o exame?

Ivich respondeu apenas com um gesto de desprezo, e Mathieu não disse mais nada. Olhou as mesas vazias. Uma mulher lavava o chão, de joelhos. O Dome acordava, era manhã. Quinze horas ainda até à hora de dormir! Ivich pôs-se a falar em voz baixa, com um ar atormentado.

— E às duas horas. São nove agora. Sinto as horas caírem sobre mim.

Recomeçara a puxar os caracóis como uma maníaca, era insuportável. Disse:

— Acha que me aceitariam numa loja como caixeira?

- Nem pense nisso, Ivich, é exaustivo.
- E manequim?
- É pouco alta, mas poder-se-á experimentar...
- Hei-de fazer qualquer coisa para não ficar em Laon. Vou lavar pratos.

Acrescentou com uma expressão preocupada e envelhecida:

- Em casos como este, não se põe um anúncio nos jornais?
- Ouça, Ivich, teremos muito tempo para pensar nisso. E depois, ainda não chumbou.

Ivich encolheu os ombros, e Mathieu continuou com vivacidade:

- Mesmo que chumbasse não estaria ainda perdida. Por exemplo: poderia ir passar dois meses a casa, entretanto eu procurava; com certeza que havia de encontrar qualquer coisa.

J E A N-P AUL SARTRE

Falava com uma expressão de convicção serena e bem humorada, mas não tinha a menor esperança. Sabia que se por acaso descobrisse um emprego ela se despediria ao fim de uma semana.

- Dois meses em Laon – disse Ivich com raiva. – Vê-se ala sem saber. E... insuportável.

- De qualquer maneira, teria lá ido passar as suas férias.

- Sim, mas como me vão receber agora?

Calou-se. Ele contemplou-a sem falar. Tinha a tez amarelada da manhã, de todas as manhãs. A noite parecia ter deslizado sobre ela. «Nada influi nela», pensou. Não pôde deixar de observar:

- Não levantou os cabelos?
- Bem vê que não – respondeu Ivich, secamente.
- Prometeu-me ontem – atalhou ele, ligeiramente irritado.
- Estava bêbeda.

Repetiu energicamente como se desejasse intimidá-lo:

- Estava completamente embriagada.
- Não parecia tão embriagada como isso, quando o prometeu.
- Ora – disse ela impaciente –, que tem isso? Vocês são impossíveis com as promessas.

Mathieu não respondeu. Tinha a impressão de que a todo o instante lhe faziam perguntas exigindo respostas imediatas. «Como arranjar cinco mil francos antes da noite? Como fazer para trazer Ivich a Paris no ano próximo? Que atitude tomar para com Marcelle?» Não tinha tempo de voltar às interrogações que desde a véspera lhe enchiam o pensamento: «Quem sou? Que fiz da minha

A IDADE DA RAZÃO

vida?» Como voltasse a cabeça para afastar de si essa nova preocupação, viu ao longe a silhueta hesitante de Boris, que parecia procurá-lo do lado de fora.

- Boris! – disse, contrariado.

Perguntou, tomado de repentina e desagradável suspeita:

- Disse-lhe que viesse?

– Não – respondeu Ivich, estupefacta. – Devia encontrá-lo ao meio-dia porque... porque passou a noite com Lola. E olhe o ar que tem!

Boris vira-os. Vinha em direcção a eles. Tinha os olhos muito abertos e fixos, estava lívido. Sorria.

– Olá! – disse Mathieu.

Boris levantou dois dedos à altura da testa para fazer o gesto habitual de saudação, porém não pôde ir até ao fim. Apoiou as mãos sobre a mesa e pôs-se a balançar sem dizer nada. Sorria sempre.

– Que é que tens? – perguntou Ivich. – Pareces Frankenstein.

– Lola morreu – disse Boris.

Olhava para a frente fixamente com uma expressão estúpida. Mathieu ficou alguns instantes sem compreender, e de repente sentiu-se invadido por um espanto escandalizado.

– O quê?

Encarou Boris. Nem se podia pensar em interrogá-lo imediatamente.

Agarrou-o pelo braço e forçou-o a sentar-se ao lado de Ivich. Repetiu, maquinalmente:

– Lola morreu!

Ivich voltou-se para o irmão, de olhos esbugalhados. Recuara um pouco como se tivesse medo de lhe tocar.

J E A N-P AUL SARTRE

– Suicidou-se? – perguntou.

Boris não respondeu, mas as mãos dele começaram a tremer.

– Responde! – repetiu Ivich, nervosa. – Ela suicidou-se?

Suicidou-se?

O sorriso de Boris abriu-se, de um modo inquietante. Os lábios dançavam-lhe. Ivich encarava-o fixamente, puxando os caracóis. «Ela não está a ver bem», pensou Mathieu, com irritação.

– Deixe – disse –, contará mais tarde. Não fale agora.

Boris começou a rir:

– Se vocês... se vocês...

Mathieu deu-lhe uma bofetada seca e silenciosa com a ponta dos dedos. Boris parou de rir, olhou-o resmungando, de boca aberta, com ar estúpido. Calavam-se os três, e a morte estava entre eles, anónima e sagrada. Não era um acontecimento, era uma atmosfera, uma substância pastosa através da qual Mathieu via a chávena de chá, a mesa de mármore e o rosto nobre e maldoso de Ivich.

– E para o senhor? – perguntou o empregado. Aproximara-se e contemplava Boris com ironia.

– Depressa, um conhaque – disse Mathieu com naturalidade. – O rapaz está com muita pressa.

O empregado afastou-se e voltou com uma garrafa e um cálice. Mathieu sentia-se mole e vazio. Só então começava a perceber

os efeitos da noitada.

– Beba – disse para Boris.

Boris bebeu docilmente. Eargou o cálice e murmurou como para si mesmo:

– Não é nada divertido!

A IDADE DA RAZÃO

– Querido! – disse Ivich aproximando-se dele.

– Querido!

Sorriu-lhe com ternura, segurou-o pelos cabelos e sacudiu-lhe a cabeça.

– Oh!, tu estás aí, as tuas mãos estão quentes – suspirou Boris, aliviado.

– Agora conta – disse Ivich. – Tens a certeza de que ela morreu?

– Tomou a droga esta noite – explicou Boris, com dificuldade.

– As coisas não iam bem entre nós.

– Então ela envenenou-se?

– Não sei.

Mathieu olhava para Ivich com espanto. Ela acariciava ternamente a mão do irmão, mas o lábio superior arreganhava-se-lhe de modo estranho sobre os dentes miúdos... Boris tornou a falar com voz surda. Não parecia dirigir-se a eles.

– Subimos para o quarto e ela tomou a droga. Já tomara antes, no camarim, durante a discussão.

– Essa já devia ser a segunda vez – observou Mathieu.

– Parece-me que ela tomou cocaína quando você estava a dançar com Ivich.

– Então – disse Boris com lassidão – foram três vezes. Nunca tomava tanto. Deitámo-nos sem falar. Ela saltava na cama, e eu não podia dormir. De repente, ficou quieta e eu adormeci.

Esvaziou o copo e continuou:

– Acordei cedo porque abafava. Era o braço dela. Estava estendido na cama por cima de mim. Eu disse-lhe: «Tira o braço, sufocas-me.» Ela não o tirava. Pensei que íosse para fazer as pazes e peguei-lhe no braço. Estava

J E A N-P AUL SARTRE

gelado. Perguntei: «Que é que tens?» Não respondeu. Então empurrei o braço com toda a força e ela quase caiu no chão.

Saltei da cama, agarrei-lhe o pulso e puxei-a para a endireitar. Os olhos estavam abertos. Vi-lhe os olhos – murmurou com uma espécie de raiva –, nunca mais os esquecerei.

– Pobre querido – disse Ivich.

Mathieu esforçava-se por ter pena de Boris, mas não conseguia. Boris desconcertava-o ainda mais do que Ivich. Parecia que odiava Lola por ter morrido.

– Agarrei nas minhas coisas, vesti-me – continuou Boris, com

voz monótona. – Não queria que me encontrassem no quarto dela. Ninguém me viu sair, não havia ninguém na porta. Apanhei um táxi e vim.

– Estás triste? – perguntou Ivich docemente. Inclinar-se sobre ele, porém sem demasiada compaixão. Parecia pedir uma informação. Disse:

– Olha para mim! Estás triste?

– Eu... – olhou-a e disse bruscamente: – Isto horroriza-me. Chamou o empregado.

– Outro conhaque.

– Tão urgente como o primeiro? – perguntou o empregado a sorrir.

– Vá, sirva depressa – observou Mathieu, secamente.

Boris enojava-o vagamente. Já nada lhe restava daquela graça e rígida. O seu novo rosto assemelhava-se demasiado ao de Ivich. Mathieu pôs-se a pensar no corpo de Lola, estendido numa cama de um hotel. Uns homens de chapéu de coco iam entrar no quarto. Contemplariam o corpo sumptuoso com um misto de concupiscência e de interesse profissional, dobrariam as cobertas, levantariam a camisola

l

A IDADE DA RAZÃO

para verificar se havia ferimentos, pensando que por vezes a profissão tinha as suas vantagens. Teve um arrepio.

– Mora sozinha? – perguntou.

– Sim, acho que a vão descobrir ao meio-dia – disse Boris com um ar preocupado. – A criada costuma acordá-la a essa hora.

– Daqui a duas horas – observou Ivich.

Tinha retomado os ares de irmã mais velha. Acariciava os cabelos do irmão com uma expressão de piedade e triunfo. Boris deixava-se acariciar. Bruscamente gritou:

– C'os diabos!

Ivich sobressaltou-se. Boris falava normalmente em calão, mas não tinha o hábito de praguejar.

– Que é que aconteceu? – perguntou inquieta.

– As minhas cartas! Que estúpido, deixei-as em casa dela. Mathieu não compreendia.

– Cartas que lhe escreveu? – ^

– Sim.

– E que tem isso?

– O médico! O médico vai saber que morreu intoxicada!

– Você falava de drogas nas cartas?

– Falava – respondeu Boris, abatido.

Mathieu tinha a impressão de que ele representava.

– Também tomava cocaína? – perguntou. Estava ligeiramente ressentido, porque Boris nunca lho tinha dito.

– Eu... uma vez ou duas por curiosidade. Mas falo de um tipo

da Boule-Blanche, a quem comprei uma vez para Lola. Não desejava que ele fosse preso por minha causa.

J E A N-P AUL SARTRE

— Boris! És doido! — disse Ivich. — Como pudeste escrever essas coisas!

Boris levantou a cabeça.

— Estão a ver o sarilho!

— Talvez não as encontrem — disse Mathieu.

— É a primeira coisa que encontrarão. Na melhor das hipóteses serei chamado como testemunha.

— Oh!, o pai! — atalhou Ivich. — Vai ficar danado!

— E capaz de me chamar para Laon e de me enfiar num banco.

— Fazes-me companhia — disse Ivich com uma voz sinistra.

Mathieu contemplou-os com piedade. «São assim! É assim que eles são!» Ivich perdeu o seu ar vitorioso. Encolhidos um ao lado do outro, lívidos e descompostos, pareciam duas ovelhinhas. Fez-se silêncio e em seguida Mathieu percebeu que Boris o olhava de esquelha, com uma expressão de astúcia na boca, uma pobre astúcia desarmada. «Há qualquer coisa no ar», pensou Mathieu, irritado.

— Você disse que a criada vai acordá-la ao meio-dia? — perguntou.

— Sim. Ela bate até que Lola lhe responda.

— Pois bem. São dez e meia. Tem tempo de ir sossegadamente buscar as cartas. Apanhe um táxi se quiser, mas poderá ir até de autocarro.

Boris desviou o olhar.

— Não quero lá voltar.

«Cá está», pensou Mathieu. Perguntou:

— Isso é-lhe realmente impossível?

— Não posso.

Mathieu viu que Ivich o observava:

A IDADE DA RAZÃO

— Onde estão as cartas?

— Numa mala preta, diante da janela. Em cima da mala há outra maleta, é só empurrar. Vê-se logo, há uma porção de cartas, as minhas estão amarradas com uma fita amarela.

Demorou um bocado e acrescentou afectando indiferença.

— Há «massa» também. Notas*"" Notas. Mathieu assobiou baixinho. Pensava: «Não perde a cabeça o rapaz, prevê tudo, até o pagamento.»

— A maleta está fechada à chave?

— Está, a chave está na bolsa de Lola sobre a mesa--de-cabeceira. Há um molho de chaves e uma pequena chave chata. É essa.

— Qual é o número do quarto?

— Vinte e um, terceiro, segundo quarto à esquerda.

— Bem — disse Mathieu —, vou lá.

Levantou-se. Ivich continuava a olhá-lo. Boris parecia aliviado. Atirou os cabelos para trás com a graça habitual e disse sorrindo levemente:

— Se alguém lhe perguntar alguma coisa, diga que vai ver Bolívar, é o negro do Kamtchatka. Conheça-o, mora também no terceiro.

— Esperem-me aqui — disse Mathieu.

Falara em tom de comando. Acrescentou mais baixo:

— Estou de volta dentro de urna hora.

— Esperamos — disse Boris.

E acrescentou com um ar de admiração e imensa gratidão:

— Você é um tipo de ouro.

Mathieu deu alguns passos no Bulevar Montparnasse, sentia-se contente por estar só. Ivich e Boris iam agora

J E A N-P AUL SARTRE

começar a cochichar, iam reconstituir o seu mundo irrespirável e precioso. Mas tanto se lhe dava. Em volta dele havia as preocupações da véspera, o amor por Ivich, a gravidez de Marcelle, o dinheiro, e no meio uma mancha negra: a morte.

Disse repetidas vezes «uf!», passando a mão no rosto e esfregando as faces. «Pobre Lola, gostava dela.» Mas não lhe cabia a ele lamentá-la. Aquela morte era maldita porque não recebera nenhuma sanção e não lhe competia sancioná-la. Ela caíra pesadamente dentro de uma pequenina alma medrosa e perturbava-a. Só a essa pequenina alma cabia a responsabilidade esmagadora de pensar nela e de redimi-la. Se Boris tivesse tido ao menos uma vaga tristeza... Mas sentia horror. A morte de Lola ficaria eternamente à margem do mundo, eternamente desclassificada, como uma censura. «Morreu como um cão!» Era um pensamento insuportável.

— Táxi! — gritou Mathieu.

Quando se sentou no carro, sentiu-se mais calmo. Experimentava mesmo um sentimento de tranqüila superioridade, como se, de repente, tivesse alcançado de si próprio perdão por já não ter a idade de Ivich, ou melhor, como se a mocidade subitamente já não tivesse valor. «Dependem de mini», pensou com amarga vaidade. Era melhor que o táxi não parasse em frente do hotel.

— Na esquina da Rua Navarin com a Rua dês Martyrs — avisou.

Mathieu contemplava o desfile dos grandes edifícios tristes do Bulevar Raspail. Repetiu: «Dependem de mim.» Sentiu-se sólido e mesmo até um pouco pesado. Depois os vidros escureceram, o táxi entrou no estreito gargalo da Rua du Bac, e repentinamente Mathieu inteirou-se de que

IDADE DA RAZÃO

Lola morrera, de que ia entrar no quarto dela, ver os grandes olhos abertos e o corpo branco. «Não olharei.» Estava morta. A

consciência dela aniquilara-se. Mas não a vida. Abandonada pelo animal mole e sentimental que a habitara durante tanto tempo, aquela vida deserta parara simplesmente; flutuava, cheia de gritos sem ecos e de esperanças ineficazes, de brilhos sombrios, de figuras e de perfumes mortos, flutuava à margem do mundo, entre parênteses, inesquecível e definitiva, mais indestrutível do que um mineral e nada a podia impedir de ter sido; acabava de sofrer a última metamorfose. O seu futuro coagulava-se. «Uma vida», pensou Mathieu, «é feita com o futuro, como os corpos são feitos com o vácuo». Baixou a cabeça. Pensava na própria vida. O futuro penetrara-a até à medula. Tudo nela estava em suspenso. Os dias mais recuados da sua infância, o dia em que dissera «Serei livre», o dia em que dissera «Serei grande», apareciam-lhe, ainda agora, com o futuro particular, como um pequenino céu pessoal e bem redondo em cima deles, e esse futuro era ele, ele tal qual era agora, cansado e amadurecido. Tinham direitos sobre ele e através de todo aquele tempo decorrido mantinham as suas exigências e ele tinha amiúde remorsos esmagadores porque o seu presente negligente e céptico era o velho futuro dos dias do passado. Era ele que tinham esperado vinte anos, era dele, desse homem cansado, que uma criança dura exigira a realização de suas esperanças; dependia dele que os juramentos infantis permanecessem infantis para sempre, ou se tornassem os primeiros sinais de um destino. O seu passado sofria sem cessar os retoques do presente; cada dia vivido destruía um pouco mais os velhos sonhos de grandeza, e cada novo dia tinha novo futuro; de espera em

J E A N-P AUL SARTRE

espera, de futuro em futuro, a vida de Mathieu deslizava docemente... em direcção a quê?

Em direcção a nada. Pensou em Lola. Estava morta, e a vida dela, como a de Mathieu, não fora senão uma espera. Tinha havido com certeza, num Verão passado, uma menina de caracóis ruivos, que jurara ser uma grande cantora, e também lá por volta de 1923 uma jovem cantora impaciente por se tornar um cartaz. E o amor por Boris, esse grande amor de velha, por causa do qual tanto sofrera, ficara em suspenso desde o primeiro dia. Ainda ontem, obscuro e vacilante, ele esperava o seu sentido do futuro, ainda ontem ela esperava viver e ser amada um dia por Boris; os momentos mais cheios, mais pesados, as noites de amor que lhe tinham parecido mais eternas não passavam de esperas.

Não havia tido de esperar. A morte desabara sobre todas essas esperas, parando-as. Elas continuavam imóveis, mudas, sem objectivo, absurdas. Não tinha havido nada que esperar, nunca ninguém saberia se Lola teria afinal sido amada por Boris, a

questão não tinha sentido. Lola estava morta, não havia mais um gesto a fazer, nem uma carícia, nem uma prece; já nada havia senão esperas de esperas, nada mais senão uma vida vazia, de cores confusas, e que se abatia sobre si mesma. «Se eu morresse hoje», pensou repentinamente Mathieu, «ninguém saberia se estava realmente lixado ou se tinha ainda possibilidade de me salvar».

O táxi parou. Mathieu desceu.

— Espere — disse ao motorista.

Atravessou a rua em diagonal, empurrou a porta do hotel, entrou no vestíbulo escuro e perfumado. Em cima de uma porta envidraçada um rectângulo de esmalte: «Gerência.» Mathieu deitou uma olhadela através do vidro.

IDADE DA RAZÃO

A sala parecia vazia, ouvia-se apenas o tiquetaque do relógio. A freguesia habitual do hotel cantores, dançarinos, negros do jazz deitavam-se tarde e acordavam tarde. Tudo dormia. «E preciso que não suba depressa de mais», pensou. Ouvia as pancadas do coração e tinha as pernas a tremer. Parou no patamar do terceiro e olhou em volta. A chave estava na porta. «E se houver alguém lá dentro?» Escutou com atenção uns momentos e bateu. Ninguém respondeu. No quarto andar um hóspede puxou o autoclismo. Mathieu ouviu o ruído da água a descer, um barulho líquido e uma espécie de assobio. Empurrou a porta e entrou.

O quarto estava escuro e conservava ainda um cheiro húmido de sono. Mathieu perscrutou a penumbra, estava ansioso por ler a morte no rosto de Lola, como se fosse um sentimento humano. A cama ficava à direita, no fundo do quarto. Mathieu viu Lola, muito branca, a olhar. — Lola — disse em voz baixa. Lola não respondeu. Tinha um rosto extraordinariamente expressivo, porém indecifrável. Os seios estavam descobertos, um dos seus belos braços, rígido, estendia-se sobre o leito, o outro estava debaixo das cobertas. — Lola — repetiu Mathieu avançando para o leito. Não podia arredar o olhar daquele busto orgulhoso, tinha vontade de a tocar. Ficou durante alguns instantes à beira da cama, hesitante, inquieto, o corpo envenenado por um desejo ácido, depois virou-se, pegou rapidamente na bolsa que estava na mesa-de-cabeceira. A chave chata estava ali. Mathieu pegou-lhe e dirigiu-se à janela. Uma luz cinzenta filtrava-se através da cortina, o quarto estava cheio de uma presença imóvel. Mathieu ajoelhou-se diante da maleta; a presença irremediável estava ali, atrás dele, como um

J E A N-P AUL SARTRE

olhar. Introduziu a chave na fechadura. Ergueu a tampa, mergulhou as mãos na maleta e sentiu uns papéis

amarfanharem-se entre os dedos. Eram notas, muitas notas. Notas de mil francos. Sob um monte de recibos e de notas, Lola escondera um pacote de cartas amarrado com uma fita amarela. Mathieu levou o pacote à luz, examinou a letra e murmurou: «Ei-las.» Depois enfiou o pacote no bolso. Mas não podia arredar pé, com o olhar fixo nas notas. No fim de instantes remexeu nervosamente nos papéis, virando a cabeça, sem olhar, escolhendo pelo tacto. «Estou pago», pensou. Atrás dele, havia aquela mulher alta e branca, alucinada, cujos braços pareciam abrir-se ainda e cujas unhas vermelhas pareciam ainda arranhar. Levantou-se, limpou os joelhos com a mão direita. A esquerda segurava um maço de notas. Pensou: «Saí do buraco», e observou as notas com perplexidade. «Saí do buraco.» Escutava atentamente, sem querer, e ouvia o corpo silencioso de Lola, sentia-se pregado no sítio. — Bom — murmurou resignado. Os dedos abriram-se e as notas caíram em rodopio dentro da maleta. Mathieu fechou-a, pôs a chave no bolso e saiu do quarto, com cuidado. A luz ofuscou-o. «Não trouxe o dinheiro», lembrou-se, espantado.

Permanecia imóvel, com a mão no corrimão da escada, pensava: «Sou um fraco.» Esforçava-se por tremer de raiva, mas não se pode ter uma raiva verdadeira contra si próprio. Subitamente, pensou em Marcelle, na ignóbil velha de mãos de assassina, e teve medo de verdade. «Bastava um gesto para que não sofresse, para que evitasse essa coisa sórdida que ia marcá-la. E não pude. Sou demasiado delicado. Bom rapaz! Depois disso», pensou olhando a mão faixada, «posso

IDADE DA RAZÃO

dar a mim próprio uns bons golpes de canivete na mão, para fazer de trágico diante das rapariguinhas; nunca poderia levar-me a sério». Ela iria ao consultório da velha, não havia outra solução; caberia a ela mostrar-se corajosa, lutar contra a angústia e o medo, enquanto ele ganharia coragem bebendo nos bares. «Não. Ela não irá. Casarei com ela, só sirvo para isso.» Pensou premindo com força a mão ferida sobre o corrimão: «Casarei com ela», e pareceu-lhe que se afogava. Murmurou: «Não, não», sacudindo a cabeça, depois respirou fundo, girou sobre os calcanhares e entrou de novo no quarto. Encostou a porta como da primeira vez e tentou acostumar os olhos à escuridão.

Nem sequer tinha a certeza de poder roubar. Deu alguns passos incertos e discerniu afinal o rosto pálido de Lola e os olhos arregalados que o contemplavam.

— Quem está aí? — indagou Lola.

Era uma voz fraca, mas irritada. Mathieu sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo da cabeça aos pés. «Estúpido», pensou.

– É Mathieu.

Houve um silêncio demorado. Em seguida, Lola perguntou:

– Que horas são?

– Um quarto para as onze.

– Estou com dor de cabeça – disse ela. Puxou as cobertas até o queixo e ficou imóvel, com os olhos pregados em Mathieu. Ainda parecia morta.

– Onde está Boris? Que está a fazer aqui?

– Você esteve doente – explicou Mathieu, precipitadamente.

– Que é que tive?

J E A N-P AUL SARTRE

– Estava rígida, de olhos arregalados. Boris falava--Ihe e não lhe respondia. Ele teve medo.

Lola não parecia ouvir. Subitamente, pôs-se a rir de modo desagradável. Mas logo se calou. Disse com esforço:

– Ele pensou que eu tinha morrido? Mathieu não respondeu.

– Não foi isso? Pensou?

– Teve medo – disse Mathieu, evasivamente.

– Uf!

Houve novo silêncio. Ela fechou os olhos, os maxilares tremiam-lhe. Parecia fazer um esforço para voltar a si finalmente. Disse de olhos fechados:

– Dê-me a minha bolsa, está na mesa-de-cabeceira.

Mathieu estendeu-lhe a bolsa, ela tirou uma caixinha de pó-de-arroz e olhou-se no espelhinho, com repugnância.

– É verdade, pareço morta.

Pousou a bolsa na cama com um suspiro de exaustão e acrescentou:

– Aliás, não valho muito mais.

– Sente-se mal?

– Bastante. Mas sei o que é. Isto passará durante o dia.

– Precisa de alguma coisa? Quer que eu vá chamar um médico?

– Não, esteja sossegado. Então foi Boris quem o mandou?

– Foi. Ele está desvairado.

– Está lá em baixo? – perguntou Lola, erguendo-se ligeiramente.

– Não... eu estava no Dome, ele foi procurar-me. Apanhei um táxi.

A IDADE DA RAZÃO

A cabeça de Lola recaiu no travesseiro.

– Obrigada.

Pôs-se a rir. Um riso sufocante e penoso.

– Em resumo, ele teve um pavor louco, coitado. Fugiu sem querer saber de mais nada. E mandou-o aqui para ver se eu estava bem morta.

– Lola!

– Vá lá. Nada de histórias.

Fechou novamente os olhos, e Mathieu pensou que fosse desmaiar. Mas continuou secamente depois de um momento:

— Diga-lhe que se tranquilize. Não estou em perigo. São coisas que me acontecem às vezes, quando... Enfim, ele sabe. E o coração que fraqueja. Diga-lhe que venha já. Estou à espera dele. Ficarei aqui até à noite.

— Bem — disse Mathieu —, não precisa mesmo de nada?

— Não. À noite já estarei boa. Irei cantar. Acrescentou:

— Ainda não foi desta.

— Então, até logo.

Dirigiu-se para a porta, mas Lola chamou-o. Disse com uma voz suplicante:

— Promete que o manda vir? Zangámo-nos ontem, diga-lhe que já não estou zangada, que não se falará mais disso. Mas que venha! Peco-lhe que venha! Não posso suportar a ideia de que me julge morta.

Mathieu estava comovido.

— Está bem. Vou dizer-lhe que venha. Saiu. O pacote de cartas que enfiara no bolso interno da casaco pesava-lhe fortemente sobre o peito. «A cara

J E A N-P AUL SARTRE

que ele vai fazer!», pensou, «tenho de lhe entregar a chave, ele que se arranje para a pôr novamente na bolsa», tentou repetir alegremente. «Fui esperto em não ter pegado no dinheiro.» Mas não estava alegre, pouco importava que a sua cobardia tivesse tido consequências favoráveis, o que importava era não ter tido a coragem de agarrar no dinheiro. «Mesmo assim, estou satisfeito de que não tenha morrido.»

— Olá — gritou o motorista —, por aqui! Mathieu voltou-se, admirado.

— Que é? Ah! — disse, reconhecendo o táxi. — Leve--me ao Dome. Sentou-se e o táxi arrancou. Quis afugentar do pensamento a humilhante derrota. Pegou no pacote de cartas, desfez o laço e começou a ler. Eram frases curtas, secas, que Boris enviara de Laon durante as férias da Páscoa. De vez em quando havia alusões à cocaína, mas tão veladas que Mathieu se surpreendeu. «Não imaginei que ele fosse prudente.» As cartas começavam todas por: «Querida Lola», em seguida breves relatórios das suas actividades. «Nado. Discuti com meu pai. Conheci um antigo lutador que me vai ensinar o catch. Fumei um Henry Clay até ao fim sem deixar cair a cinza.» Boris terminava sempre assim: «Amo-te muito e beijo-te. Boris.» Mathieu imaginou sem dificuldade em que estado de espírito Lola devia ter lido aquelas cartas, a decepção sempre prevista e no entanto sempre nova e o esforço que devia fazer todas as vezes para dizer a si própria com alegria: «No fundo ele ama-me, não sabe é dizê-lo.» Pensou: «E apesar de tudo guardou-as.» Atou-as de

novo cuidadosamente e colocou o maço no bolso. «Boris terá de se arranjar para as pôr na maleta sem que ela o perceba.»

Quando o táxi parou, pareceu a Mathieu

IDADE DA RAZÃO

que ele era o aliado natural de Lola. Mas não podia pensar nela senão no passado. Ao entrar no Dome teve a impressão de que ia defender a memória de uma morta.

Parecia que Boris não fizera um movimento desde a saída de Mathieu. Estava sentado de lado, de ombros recurvos, boca aberta, narinas crispadas. Ivich falava-lhe ao ouvido, com animação. Mas calou-se ao ver Mathieu. Este aproximou-se e atirou o maço das cartas sobre a mesa.

— Aí estão.

Boris pegou-lhes e fê-las desaparecer no bolso. Mathieu olhava-o sem amizade.

— Não foi muito difícil? — perguntou Boris.

— Nada difícil, só que Lola não morreu.

Boris ergueu os olhos para ele, parecia não compreender.

— Lola não morreu — repetiu estupidamente. Prostrou-se ainda mais, dir-se-ia que estava esmagado. «Ora», pensou Mathieu, «já começava a habituar-se.» Ivich olhava Mathieu, de olhos faiscantes.

— Tê-lo-ia apostado — disse. — Então o que é que teve?

— Simples desmaio — respondeu Mathieu, secamente.

Calaram-se. Boris e Ivich custavam a engolir a notícia. «Que farsa», pensou Mathieu. Boris levantou a cabeça. Tinha os olhos vidrados.

— Foi... foi ela que lhe entregou as cartas?

— Não. Estava ainda desmaiada quando as apanhei. Boris bebeu um trago de conhaque e pousou o cálice na mesa.

— Essa é boa!

— Ela disse que aquilo lhe acontece às vezes quando toma cocaína. Disse que você devia saber.

J E A N-P AUL SARTRE

Boris não respondeu. Ivich parecia ter recuperado o sangue-frio.

— Que disse ela? — indagou, curiosa. — Devia ter ficado transtornada ao vê-lo ao pé da cama!

— Não muito. Eu disse que Boris tinha tido medo e me viera chamar. Naturalmente disse-lhe que viera apenas ver o que acontecera. Lembre-se disso, Boris. Não vá confundir tudo. E arranje-se para pôr as cartas no lugar sem que ela o veja. Boris passou a mão pela testa.

— Não sei que fazer, vejo-a morta. Mathieu estava farto.

— Ela quer que a vá ver imediatamente.

— Eu... eu pensei que estivesse morta — repetiu Boris como para se desculpar.

– Pois não está – disse Mathieu, exasperado. – Apanhe um táxi, vá vê-la. Boris não se mexeu.

– Está a ouvir? Ela sofre, é uma desgraçada. Estendeu a mão para agarrar no braço de Boris, mas Boris safou-se com uma sacudidela violenta.

– Não! – disse com a voz tão alta que uma mulher, na mesa do passeio, se virou para ver. Ele continuou mais baixo, com uma obstinação mole e invencível: – Não vou.

– Mas... – disse Mathieu, espantado –, a história de ontem acabou, ela prometeu não falar mais nisso.

– Oh!, as histórias de ontem – atalhou Boris, com um encolher de ombros.

– Então?

Boris olhou com uma expressão maldosa.

– Ela inspira-me horror!

A IDADE DA RAZÃO

– Porque pensou que estaria morta? Boris, tenha juízo, toda esta história é absurda. Enganou-se, é tudo.

– Acho que Boris tem razão – disse Ivich, com vivacidade.

E acrescentou, com uma intenção que Mathieu não compreendeu:

– No lugar dele, eu teria feito o mesmo.

– Mas não vê que ele a vai matar?

Ivich meneou a cabeça, exibia o seu rostinho irritado e sinistro. Mathieu lançou-lhe um olhar de ódio. «Ela está a meter-lhe coisas na cabeça», pensou.

– Se ele voltar, será por piedade – disse Ivich –, não pode exigir isso dele, não pode haver nada mais repugnante, mesmo para ela.

– Pelo menos tente vê-la.

Ivich fez uma expressão impaciente.

– Há coisas que você não sente – disse. Mathieu ficou estupefacto, e Boris aproveitou-se.

– Não quero tornar a vê-la – afirmou, obstinado. – Para mim está morta.

– Mas isso é estúpido. Boris olhou-o, sombrio.

– Não queria dizer-lho, mas se a tornar a ver, tenho de lhe tocar. E isso – acrescentou com desgosto –, isso não posso. Mathieu sentiu-se impotente. Olhou com desânimo aquelas duas cabecinhas hostis.

– Então – disse –, espere um bocado... até que essa recordação se apague. Prometa-me que a vê amanhã ou depois de amanhã.

Boris pareceu aliviado.

J E A N-P AUL SARTRE

– Está bem – atalhou hipocritamente –, amanhã.

Mathieu quis dizer: «Pelo menos telefone a avisá-la de que não pode ir», mas reteve-se. Pensou: «Ele não telefonará, vou eu telefonar.» Levantou-se.

– Preciso de ir a casa de Daniel – disse a Ivich. – Quando saberá o resultado? Às duas horas?
– Sim.
– Quer que o vá ver?
– Obrigada. Boris vai.
– E quando a voltarei a ver?
– Não sei.
– Mande-me um telegrama imediatamente, a dizer se passou.
– Está bem.
– Não se esqueça – disse Mathieu afastando-se. – Adeus!
– Adeus – responderam os dois ao mesmo tempo.
Mathieu desceu à cave do Dome e consultou a lista telefónica. «Pobre Lola! Amanhã sem dúvida Boris voltará ao Sumatra. Mas este dia que ela vai ficar à espera! Não gostava de estar no lugar dela!»

– Quer dar-me Trudaine 00-35? – pediu à telefonista gorda.
– As duas cabinas estão ocupadas, tem de esperar.
Enquanto Mathieu esperava, por entre duas portas abertas, via os esmaltes brandos dos toilettes. Na véspera, noutro toilette... Estranha recordação de amor.
Sentia-se cheio de rancor por Ivich. «Eles têm medo da morte», pensou. «Por mais frescos e limpos que sejam, têm almas sinistras, porque têm medo. Medo da morte, da doença, da velhice. Agarram-se à mocidade como um

DADE DA RAZÃO

1

moribundo à vida. Quantas vezes vi Ivich massajar o rosto inquieto em frente de um espelho. Treme diante da possibilidade de ter rugas. Vivem a ruminar a sua mocidade, só fazem projectos a curto prazo, como se só tivessem diante de si cinco ou seis anos. Depois... Depois, Ivich fala em suicidar-se, mas estou tranquilo, nunca se atreverá; não morrerão tão cedo. Afinal eu tenho rugas, uma pele de crocodilo, músculos retorcidos, mas ainda tenho muitos anos para viver... Começo a crer que nós é que somos jovens. Queríamos parecer homens, éramos ridículos, mas pergunto se o único meio de salvar a mocidade não será esquecê-la.» Mas continuava pouco à vontade, sentia-os lá em cima, juntinhos, sussurrantes e cúmplices, mas fascinantes apesar de tudo.

– Esse telefonema vem ou não? – perguntou.
– Um momento – respondeu a telefonista, asperamente. – Alguém pediu Amsterdão.
Mathieu voltou-se e deu alguns passos. «Não pude pegar no dinheiro!» Uma mulher descia a escada, viva e leve, uma dessas que dizem com uma expressão de menina: «Vou fazer um chichizinho.» Viu Mathieu, hesitou, continuou a andar com passos deslizantes, fez-se toda espírito, toda perfume, entrou

flor na latrina. «Não pude pegar no dinheiro, a minha liberdade é um mito – Brunet tinha razão – e a minha vida constrói-se por debaixo deste mito com um rigor mecânico, um vazio, o sonho orgulhoso e sinistro de não ser nada, de ser sempre outra coisa diferente do que sou. É para não ser da minha idade que há um ano ando a brincar com esses dois miúdos. Em vão. Sou um homem, um adulto, e foi este homem que beijou a pequena Ivich num táxi. É para não ser da minha classe que escrevo

J E A N-P AUL SARTRE

nas revistas de esquerda. Em vão. Sou um burguês, não pude pegar no dinheiro de Lola, os tabus deles impediram-me. É para fugir da minha vida que sussurro por toda a parte, com licença de Marcelle, que me recuso a casar. Em vão. Sou casado, vivo como se fosse casado.» Tinha aberto o anuário e folheava-o distraidamente. Leu: «Holle-becque, autor dramático, Nord 77-80.» Sentia náuseas. Pensou: «Querer ser o que sou, eis a liberdade que me resta. A minha única liberdade. Querer casar com Marcelle.» Estava tão cansado de ser atirado de um lado para outro, de oscilar entre correntes contrárias, que quase se sentiu reconfortado. Cerrou os punhos e pronunciou interiormente, com uma gravidade de pessoa adulta, de burguês, de homem, de chefe de família: «Quero casar com Marcelle.» Puf!, palavras, uma opção infantil e vã. «Isso também é mentira; não preciso de ter vontade para casar com ela; basta deixar-me ir.» Fechou o anuário. Olhava, acabrunhado, os destroços da sua dignidade humana. E subitamente pareceu-lhe ver a sua liberdade. Estava fora de alcance, cruel, jovem e caprichosa como a graça. Ela ordenava-lhe simplesmente que largasse Marcelle. Foi um momento apenas. Essa inexplicável liberdade, que atingia as aparências do crime, entreviu-a apenas. Ela amedrontava-o. E estava tão longe. Encostou-se obstinadamente à sua vontade demasiado humana, a estas palavras demasiado humanas: «Hei-de casar com ela!»

– É a sua vez – disse a telefonista. – Na segunda cabina.

– Obrigado. Entrou.

– Pegue no telefone.

IDADE DA RAZÃO

Mathieu ergueu-o docilmente.

– Está? Trudaine 00-35? Um recado para a senhora Montero. Não, não a incomode. Pode transmiti-lo mais tarde. É da parte do Senhor Boris. Ele não pode ir.

– Senhor Maurice? – disse a voz.

– Não, não é Maurice. É Boris. B de Bernard, O de Octave...

Ele não pode ir. É só isso. Obrigado.

Saiu. Pensou, coçando a cabeça: «Marcelle deve estar aflita, devia telefonar-lhe, aproveitar a ocasião.» Olhou a

telefonista, indeciso.

– Quer outra ligação?

– Sim... dê-me Ségur 25-64. Era o número de Sarah.

– Estou, Sarah, é Mathieu.

– Bom dia – respondeu a voz rude de Sarah. – Então? Arranjou?

– Não – disse Mathieu. – Esta gente não larga a «massa». É exactamente por isso que lhe queria pedir se não poderá dar um salto a casa desse tipo e solicitar-lhe crédito até ao fim do mês.

– Mas no fim do mês ele já estará longe.

– Mandar-lhe-ei o dinheiro para a América. Houve um breve silêncio.

– Posso tentar – disse Sarah, sem entusiasmo. – Mas será difícil. É um velho avaro e atravessa uma crise de hipersensibilidade: detesta tudo o que não é judeu desde que foi expulso de Viena.

– Apesar de tudo, tente, se isso não a aborrece.

– Não me aborrece absolutamente nada. Irei logo a seguir ao almoço.

– Obrigado, Sarah, você é formidável!

XIII

E

lê é demasiado injusto – disse Boris.

– Pois é – respondeu Ivich. – Se imagina que prestou um serviço a Lola!

Deu uma risadinha seca, e Boris calou-se satisfeito. Ninguém o compreendia como a Ivich. Voltou a cabeça para a escada dos toilettes e pensou com severidade: «Foi longe de mais, não se deve falar a ninguém como me falou. Não sou Hourtiguère.» Olhava para a escada, esperava que Mathieu lhe sorrisse ao subir. Mathieu voltou, saiu sem um olhar, e Boris sentiu um nó na garganta.

– Como é orgulhoso – disse.

– Quem?

– Mathieu. Acaba de sair.

Ivich não respondeu. Tinha um ar neutro, olhava a mão enfaixada.

– Está zangado – continuou Boris –, acha que não sou moral.

J E A N-P AUL SARTRE

– Sim – disse Ivich –, mas isso passa-lhe. Encolheu os ombros.

– Não gosto dele quando se torna moral.

– Eu gosto – atalhou Boris. Acrescentou depois de certa reflexão: – Mas eu sou mais moral do que ele.

– Puf! – disse Ivich.

Balançou-se sobre o banco, tinha uma expressão tola e disse de modo cínico:

– A moral, eu estou-me nas tintas para a moral! Boris

sentiu-se só. Gostava de se aproximar de Ivich, mas Mathieu ainda estava ali, entre ambos. Disse apenas:

— Ele é injusto. Não me deixou explicar-lhe. Ivich disse, conciliadora:

— Há coisas que não se podem explicar.

Boris não protestou por hábito, mas pensava que se podia explicar tudo a Mathieu, contanto que ele tivesse boa vontade. Parecia-lhe sempre que não falavam do mesmo Mathieu. O de Ivich era mais enfadonho.

Ela sorriu levemente.

— Que ar obstinado!

Boris não respondeu. Ruminava o que devia ter dito a Mathieu. Que não passava de um estúpido e que tivera um choque terrível ao pensar que Lola morrera. Sentira mesmo por um momento que ia sofrer, e isto tinha-o escandalizado. Achava o sofrimento imoral e, de resto, não o podia realmente suportar. Fizera então um esforço de domínio sobre si mesmo. Por moralidade. Mas alguma coisa falhara, um desarranjo no motor, era preciso esperar que se normalizasse.

— E estranho — disse —, quando penso agora em Lola, tenho a impressão de ser uma velha qualquer.

A IDADE DA RAZÃO

Ivich riu e Boris ficou chocado. Acrescentou por espírito de justiça:

— Ela é que não deve achar nada disto engraçado.

— Ah, não!

— Não quero que ela sofra.

— Pois então vai vê-la — disse Ivich num tom cantante.

Ele compreendeu que ela lhe preparava uma armadilha e respondeu vivamente:

— Não vou. Depois... continuo a vê-la morta. E não quero que Mathieu imagine que pode fazer de mim o que quiser.

Nesse ponto não ia ceder, não era Hourtiguère. Ivich disse com doçura:

— E é bem verdade que faz de ti o que quer.

Era uma sacanice; Boris percebeu-a sem se zangar. Ivich tinha boas intenções, queria que ele rompesse com Lola. Para o bem dele. Toda a gente tinha sempre em vista o bem de Boris, mas esse bem variava segundo as pessoas.

— Eu dou-lhe a impressão disso — disse ele com serenidade. — É a minha táctica com ele.

Mas ela pusera-lhe o dedo na ferida, e ele sentiu raiva a Mathieu. Mexeu-se um pouco no banco, e Ivich olhou-o inquieta.

— Querido, pensas de mais. Basta imaginares que morreu de verdade.

— Seria muito cómodo, mas não consigo. Ivich pareceu achar divertido.

– É estranho – disse –, eu consigo. Quando não vejo as pessoas, elas deixam de existir.

J E A N-P AUL SARTRE

x Boris admirou a irmã, e calou-se. Não se sentia capaz de tanta força espiritual. Passado um instante, disse:

– Terá levado o dinheiro? Seria bonito!

– Que dinheiro?

– O dinheiro de Lola. Ele precisava de cinco mil francos.

– Ah, sim!?

Ivich fez um ar intrigado e descontente. Boris pensou que tinha feito melhor se se tivesse calado. É certo que diziam tudo um ao outro, mas de vez em quando devia haver algumas exceções.

– Pareces zangada com Mathieu. Ivich mordeu os lábios.

– Ele enerva-me. Agora de manhã dava-se ares de homem diante de mim.

– Bem sei... – disse Boris.

Perguntava a si próprio o que queria dizer Ivich, mas não o deixou perceber. Deviam compreender-se por meias palavras ou o encanto romper-se-ia. Houve um silêncio, e em seguida Ivich acrescentou, bruscamente:

– Vamos. Já não posso suportar mais o Dome.

– Nem eu – disse Boris.

Levantaram-se e saíram. Ivich agarrou Boris pelo braço. Boris sentiu uma ligeira e tenaz vontade de vomitar.

– Achas que ele vai ficar zangado muito tempo?

– Não – disse Ivich, com impaciência. Boris acrescentou maliciosamente:

– Também está zangado contigo. Ivich riu-se.

– É possível. Pensarei nisso mais tarde; tenho outras preocupações na cabeça.

A IDADE DA RAZÃO

– E verdade – disse Boris, confuso –, tu estás chateada.

– Muito.

– Por causa do exame?

Ivich encolheu os ombros e não respondeu. Andaram um bocado calados. Ele perguntava a si próprio se seria realmente por causa do exame. Desejava que fosse, porque seria mais moral. Ergueu os olhos. O Bulevar Montparnasse estava delicioso sob aquela luz cinzenta. Parecia Outubro. Boris gostava muito do mês de Outubro. Pensou: «No mês de Outubro passado ainda não conhecia Lola.» Ao mesmo tempo sentiu-se livre: «Ela vive.» Pela primeira vez, desde que abandonara o cadáver na escuridão do quarto, sentia que ela vivia, era uma ressurreição. Pensou: «Não é possível que Mathieu fique sentido muito tempo, visto que ela não morreu.» Até agora sabia que ela sofria, que o esperava angustiada, mas esse sofrimento e essa angústia só se

afiguravam irremediáveis e imutáveis como os sofrimentos e a angústia das pessoas que morrem desesperadas. Mas era um erro. Lola vivia, descansava de olhos abertos na cama, estava dominada por uma cólera viva, como quando ele chegava atrasado ao encontro marcado. Uma cólera que não era nem mais nem menos respeitável do que as outras, apenas mais violenta, talvez. Não tinha para com ela essas obrigações incertas e temíveis que os mortos impõem, mas deveres sérios, deveres de família. Boris pôde assim evocar sem horror a imagem de Lola. Não foi o rosto de um morto que recordou, mas aquele rosto ainda jovem e carrancudo que lhe mostrara na véspera quando lhe gritara: «Mentira! Não viste Picard.» Mas ao mesmo

J E A N-P AUL SARTRE

tempo sentiu dentro de si um sólido rancor contra aquela falsa morta que provocara todas aquelas catástrofes.

– Não voltarei ao hotel, ela é capaz de ir lá.

– Vai dormir em casa de Claude.

– Vou.

Ivich teve uma ideia.

– Devias escrever-lhe. Era mais correcto.

– A Lola? Oh!, não.

– Sim.

– Não saberia o que lhe havia de dizer.

– Eu faço a carta, palerma.

– Mas a dizer o quê? Ivich olhou-o, admirada.

– Não queres romper com ela?

– Não sei.

Ivich pareceu irritada, mas não insistiu. Não insistia nunca; era assim. Mas como quer que fosse, entre Ivich e Mathieu, Boris tinha de se mover com habilidade. Naquele momento tinha tanta vontade de perder Lola como de a ver.

– Vamos a ver – disse –, não vale a pena pensar nisso.

Sentia-se feliz naquele bulevar, os transeuntes tinham bom ar, conhecia-os quase todos de vista, e havia um raio-zinho de sol que cariciava as montras da Closerie de Lilás.

– Estou com fome – disse Ivich –, vou almoçar.

Entrou na Mercearia Demaria. Boris esperou-a cá fora Sentia-se comovido e fraco como um convalescente e perguntava a si próprio o que poderia fazer para ter uma satisfação. A escolha recaiu no Dicionário Histórico e Etimológico do Calão.

Alegrou-se. O dicionário estava

A IDADE DA RAZÃO

agora sobre a sua mesa-de-cabeceira. «É um móvel», pensou, entusiasmado, «foi um golpe de mestre». E como uma felicidade nunca vem sozinha, pensou no canivete espanhol, tirou-o do bolso e abriu-o. «Que sorte!» Comprara-o na véspera e já tinha uma história, ferira duas pessoas que lhe eram queridas.

«Corta que se farta», pensou.

Uma mulher que passava, olhou-o com insistência. Estava muito bem vestida. Voltou-se para a ver de costas. Ela também se voltara e contemplaram-se com simpatia.

— Pronto — disse Ivich.

Trazia duas maçãs canadenses. Esfregou uma delas no rabo, e quando a viu brilhante mordeu-a, estendendo a outra a Boris.

— Não — disse Boris —, não tenho fome. — Acrescentou: — Tu ofendes-me.

— Porquê?

— Esfregar a maçã assim no rabo.

— E para limpar — disse Ivich.

— Olha aquela mulher que vai lá adiante. Dei-lhe no goto.

Ivich comia serenamente.

— Mais uma? — disse com a boca cheia.

— Aí não — disse. — Atrás de ti.

Ivich voltou-se para ver e arqueou as sobrancelhas,

— É bela — disse simplesmente.

— Viste o vestido? Ainda hei-de ter uma mulher assim. Uma mulher da alta-sociedade. Deve ser agradável.

Ivich olhava a mulher que se afastava. Tinha uma maçã em cada mão e parecia oferecer-lhas.

— Quando me cansar dela, passo-ta — disse Boris, generosamente.

J E A N-P AUL SARTRE

Ivich mordeu a maçã.

— Isso é o que tu pensas!

Pegou-lhe no braço, e arrastou-o, bruscamente. Do outro lado do Bulevar Montparnasse havia uma loja japonesa. Atravessaram e pararam diante da montra.

— Olha as tacinhas — disse Ivich.

— É para o saké — disse Boris.

— Que é isso?

— Aguardente de arroz.

— Hei-de vir comprá-las. Para tomar chá.

— São pequenas de mais.

— Enchem-se várias vezes.

— Podias encher seis ao mesmo tempo!

— Pois é — disse Ivich, contente. — Ponho seis tacinhas cheias diante de mim e beberei ora numa ora noutra.

Recuou ligeiramente e disse com uma expressão apaixonada, de dentes cerrados:

— Queria comprar tudo isto!

Boris não apreciava o gosto da irmã por aquelas bugigangas.

Apesar disso, quis entrar na loja. Ivich não o deixou.

— Hoje não. Vamos.

Subiram a Rua Denfert-Rochereau, e Ivich disse:

– Era muito capaz de me vender a um velho para ter um quarto cheio daqueles bibelots! Mas um quarto cheio!

– Não – disse Boris, com severidade. – Não podias. É um ofício que se aprende.

Andavam devagar, era um momento de felicidade. Certamente, Ivich tinha-se esquecido do exame, parecia alegre. Nesses momentos, Boris tinha a impressão de que eram uma só pessoa. No céu havia grandes pedaços de azul e nuvens brancas que turbilhonavam. A folhagem das

IDADE DA RAZÃO

árvores estava pesada com a chuva, havia um cheiro a fogo de lenha como na rua principal de uma aldeia.

– Gosto deste tempo – disse Ivich, encetando a segunda maçã. – É húmido, mas não pegajoso. E não fere os olhos. Sinto-me com forças para andar vinte quilómetros a pé.

Boris verificou discretamente se não havia um café nas proximidades. Quando Ivich falava em fazer vinte quilómetros a pé, acontecia-lhe fatalmente pedir para se sentar logo a seguir.

Ela olhou para o Leão de Balfort e disse, extasiada:

– Gosto deste leão. Parece um feiticeiro.

– Hum.

Respeitava os gostos da irmã, embora não partilhasse deles.

Aliás, Mathieu já o dissera uma vez: «A sua irmã tem mau gosto, mas é melhor do que o melhor gosto.» «É um mau gosto profundo.» Nestas condições não havia que discutir.

Pessoalmente, Boris era mais sensível à beleza clássica.

– Vamos pelo Bulevar Arago?

– Qual?

– Aquele.

– Vamos – disse Ivich. – Está brilhante...

Andaram em silêncio. Boris observou que a irmã se tornava sombria, se enervava, e que de propósito caminhava a torcer os pés. «Vai começar a agonia», pensou, resignado. Ivich entrava em agonia cada vez que estava à espera do resultado de um exame. Ergueu os olhos e viu quatro jovens operários que vinham ao seu encontro e os encaravam a rir. Boris estava habituado a essas expansões e considerou-as com simpatia. Ivich tinha a cabeça

J E A N-P AUL SARTRE

baixa e parecia não os ter visto. Ao chegarem junto deles os rapazes separaram-se. Dois passaram à esquerda de Boris e dois à direita de Ivich.

– Faz-se uma sanduíche? – propôs um deles.

– Cara de peido! – disse Boris, gentilmente. Nesse momento, Ivich pulou e deu um grito agudo, que abafou logo pondo a mão na boca.

– Pareço-me com uma cozinheira – disse vermelha de fusão. Os operários já iam longe.

– Que foi?

– Beliscou-me – disse Ivich, com desagrado. O estupor! Acrescentou, com severidade:

– Não devia ter gritado.

– Qual deles? – disse Boris, indignado. Ivich reteve-o.

– Por favor, está quieto. São quatro. E depois já fui suficientemente ridícula.

– Não é por ele te ter beliscado – explicou Boris. – Mas não posso suportar que façam isso quando estás comigo. Quando estás com Mathieu, ninguém te mexe. Tenho cara de quê?

– É isso mesmo, querido – disse Ivich melancolicamente. – Eu também não te protejo. Não somos respeitáveis.

Era verdade. Boris admirava-se disso muitas vezes: quando olhava para o espelho, achava que tinha um ar intimidante.

– Não somos respeitáveis – repetiu. Apertaram-se um contra o outro e sentiram-se órfãos.

– Que é aquilo? – perguntou Ivich.

A IDADE DA RAZÃO

Apontava um muro comprido e escuro através do verde dos castanheiros.

– E a Santé – disse Boris –, uma prisão.

– Extraordinário – disse Ivich –, nunca vi nada mais sinistro. Há quem fuja de lá?

– E raro. Li uma vez que um preso saltou por cima do muro.

Agarrou-se a uma perna de um castanheiro e saltou.

– Deve ser aquele. Se nos sentássemos no banco ao lado? Estou cansada. E talvez vejamos saltar outro prisioneiro.

– Talvez – disse Boris sem convicção. – Acho que fazem isso de noite, compreendes?

Atravessaram a rua e foram sentar-se. O banco estava molhado.

Ivich disse, contente:

– Está fresco.

Mas quase a seguir começou a agitar-se e a puxar os caracóis.

Boris teve de dar-lhe uma pancada na mão para que não arrancasse os cabelos.

– Segura na minha mão – disse Ivich –, está gelada.

Era verdade. E Ivich estava lívida, parecia sofrer, todo o corpo lhe tremia. Boris achou-a tão triste que tentou pensar em Lola, por simpatia. Ivich levantou bruscamente a cabeça: tinha um ar sombrio de resolução:

– Tens os dados?

– Tenho.

Mathieu tinha oferecido a Ivich um poker de dados num saquinho de couro. Ivich tinha-o dado a Boris e jogavam juntos muitas vezes.

– Vamos jogar – disse.

Boris tirou os dados do saquinho. Ivich acrescentou:

J E A N-P AUL SARTRE

– Duas partidas e a negra se for preciso. Começa.

Afastaram-se um do outro. Boris sentou-se a cavalo no banco e rolou os dados sobre o banco. Fez um poker de reis.

– Só de uma vez – disse.

– Odeio-te.

Franziu as sobrancelhas, e antes de agitar os dados soprou nos dedos a resmungar. Era uma conjura. «É a sério», pensou Boris, «está a jogar o resultado do exame». Ivich jogou e perdeu: trio de damas.

– Segunda partida – disse a olhar para Boris com olhos faiscantes. Fez um trio de ases.

– De uma só vez – disse.

Boris jogou e viu que ia fazer um poker de ases, mas antes que os dados parassem estendeu a mão como para evitar que caíssem e virou dois com ponta do indicador e do anular. Apareceram dois reis.

– Dois pares – disse com ar de despeito.

– Ganhei a segunda – disse Ivich triunfante. – Vamos à negra.

Boris não sabia se ela o vira fazer batota. Mas não tinha grande importância. Ivich só tinha em conta o resultado. Ganhou a negra com dois pares sem que ele precisasse de intervir.

– Bem – disse ela simplesmente.

– Queres jogar mais?

– Não. Estava a jogar para saber se passaria.

– Não sabia – disse Boris. – Então, passaste! Ivich encolheu os ombros.

– Não acredito.

Calaram-se, ficaram ali lado a lado, de cabeça baixa.

IDADE DA RAZÃO

Boris não olhava para Ivich, mas sentia-a tremer.

– Estou com calor – disse ela. – Que horror: tenho as mãos húmidas e estou cheia de angústia.

Na verdade, a sua mão direita, pouco antes gelada, estava agora a ferver. A mão esquerda, enfaixada, jazia inerte sobre o joelho.

– Esta ligadura repugna-me. Pareço um ferido de guerra, vou arrancá-la.

Boris não respondeu. Ouviu-se um relógio ao longe. Ivich sobressaltou-se.

– Meio-dia e meia hora? – perguntou, desvairada.

– Uma e meia – disse Boris consultando o relógio. Olharam-se e Boris disse:

– Bem, agora tenho de lá ir.

Ivich apertou-se contra ele, abraçando-o.

– Não vás, Boris, querido, não quero saber, volto para Laon hoje à noite... Não quero saber nada.

– Estás a delirar – disse Boris com doçura. – Precisas de saber o que aconteceu para dizer lá em casa... Ivich deixou cair os braços.

– Então vai. Mas volta o mais depressa possível. Espero aqui.

– Aqui? Não preferes que façamos o caminho justos? Esperas num café do Quartier Eatin.

– Não, não, espero aqui.

– Como quiseses. E se chover?

– Boris, por favor, não me tortures, vai depressa. Ficarei aqui, mesmo que chova, mesmo que a terra trema. Não me posso pôr de pé, não posso levantar um dedo.

Boris levantou-se e foi-se embora a passos largos. Depois de atravessar a rua, voltou-se. Viu Ivich de costas.

J E A N-P AUL SARTRE

Curvada no banco, com a cabeça enfiada entre os ombros, parecia uma pobre velha. «Apesar de tudo, é capaz de ter passado», pensou. Deu alguns passos e lembrou-se de repente do rosto de Lola. Do verdadeiro rosto. Pensou: «Como é infeliz», e o coração pôs-se-lhe a bater violentamente.

XIV

D

entro em pouco. Dentro em pouco. Começaria a busca infrutífera. Dentro em pouco, assombrado pelos olhos rancorosos de Marcelle, pelo rosto matreiro de Ivich, pela máscara mortuária de Lola, tornaria a sentir um gosto de febre na boca, a angústia viria pesar-lhe no estômago. Dentro em pouco. Afundou-se na poltrona e acendeu o cachimbo. Estava solitário e calmo, entregava-se à frescura sombria do bar. Havia aquele tonel envernizado que lhe servia de mesa, aquelas fotografias de artistas, aquelas boinas de marinheiros penduradas na parede, a rádio invisível que sussurrava como um repuxo, os dois senhores gordos e ricos ao fundo da sala, fumando charutos e bebendo vinho do Porto – últimos fregueses, homens de negócios; os outros tinham ido almoçar há muito tempo. Devia ser uma e meia, mas parecia manhã ainda, o dia ali estava, estendido como um mar inofensivo. Mathieu diluía-se nesse mar sem paixão, sem ondas, era um espiritual

J E A N-P AUL SARTRE

negro apenas perceptível, um tumulto de vozes distintas, uma luz cor de ferrugem e o embalar de todas aquelas lindas mãos cirúrgicas que oscilavam com os seus charutos, como caravelas carregadas de especiarias. Aquele ínfimo fragmento de vida beata, bem sabia que lho emprestavam apenas, que seria preciso devolvê-lo dentro em pouco, mas gozava-o agora sem amargura.

Aos tipos lixados, a vida ainda concedia inúmeros pequenos prazeres; é mesmo para esses tipos que ela reserva uma boa parte das suas graças efêmeras, com a condição de que as gozem modestamente. Daniel estava sentado à sua esquerda, solene, silencioso. Mathieu podia contemplar à vontade o belo rosto de xeque árabe, e isso também era um prazer para os olhos. Mathieu esticou as pernas e sorriu para si próprio.

— Recomendo-te o Xerez — disse Daniel.

— Bem, se mo ofereces. Estou sem um tostão.

— Ofereço. Mas queres que te empreste duzentos francos? Tenho vergonha de oferecer tão pouco...

— Não — disse Mathieu —, não vale a pena. Daniel voltou para ele os seus grandes olhos acariciantes. Insistiu:

— Não faças cerimónia. Tenho quatrocentos francos até acabar a semana. Vamos dividi-los.

Era preciso recusar-se a aceitar, não estava dentro da regra do jogo.

— Não — disse Mathieu. — Muito obrigado. Daniel pousou nele um olhar cheio de solicitude.

— Não precisas mesmo de nada?

— Sim — informou Mathieu —, preciso de cinco mil francos. Mas não agora. Agora só desejo um Xerez e conversar contigo.

DADE DA RAZÃO

— Espero que a minha conversa esteja à altura do Xerez.

Não se referia ainda à sua carta nem às razões que o tinham levado a convocar Mathieu. Mathieu estava-lhe grato pela descrição. Isso viria depressa. Disse:

— Sabes que vi Brunet ontem?

— É verdade? — disse Daniel, cortês.

— Acho que desta vez tudo acabou entre nós.

— Zangaram-se?

— Pior do que isso.

Daniel manifestava um grande aborrecimento. Mathieu não pôde deixar de sorrir.

— Não te estás nas tintas para Brunet?

— Bem sabes que nunca fui tão íntimo dele como tu. Estimo-o muito, mas se tivesse alguma autoridade, mandava-o empalhar e colocar no Museu do Homem, secção século XX.

— Não faria lá má figura.

Daniel mentia. Gostara muito de Brunet outrora. Mathieu provou o Xerez.

— E bom.

— É — disse Daniel —, é o que há de melhor. Mas as provisões estão a esgotar-se, já não se pode renová-las por causa da guerra de Espanha.

Pousou o copo vazio e pegou numa azeitona do pires.

— Vou confessar-te uma coisa.

Tinha acabado. Aquela felicidade simples e leve entrara no passado. Mathieu olhou Daniel pelo canto do olho. Daniel tinha um ar nobre e compenetrado.

— Diz lá — disse Mathieu.

J E A N-P AUL SARTRE

— Estou a pensar no efeito que isto vai fazer em ti — continuou Daniel hesitante. — Ficaria triste se te aborrecesses comigo.

— Fala e depois saberás — disse Mathieu, sorridente.

— Pois bem... sabes quem vi ontem à noite?

— Quem viste ontem à noite? Como hei-de saber? Vês tanta gente...

— Marcelle Duffet.

— Marcelle?

Mathieu não estava surpreso. Daniel e Marcelle não se tinham encontrado muitas vezes, mas Marcelle parecia ter simpatia por Daniel.

— Tens sorte — disse —, ela nunca sai. Onde a encontraste?

— Em casa dela... — disse Daniel sorrindo. — Onde querias que a encontrasse, se não sai?

Acrescentou, baixando as pálpebras modestamente:

— Devo dizer-te que nos vemos de vez em quando.

Houve um silêncio. Mathieu contemplava os cílios negros e compridos de Daniel. Tremiam ligeiramente. O relógio bateu duas vezes, uma voz de negro cantava baixinho *Ther'is cradle in Caroline*. «Vemo-nos de vez em quando.» Mathieu voltou a cabeça e fixou o olhar no botão vermelho de uma boina de marinheiro.

— Vocês vêem-se... — repetiu sem compreender bem. — Mas onde?

— Em casa dela, acabo de to dizer — observou Daniel, vagamente irritado.

— Em casa dela? Queres dizer que vais a casa dela? Daniel não respondeu. Mathieu perguntou:

— Que ideia foi essa? Como é que isso aconteceu?

A IDADE DA RAZÃO

— Muito simplesmente. Sempre tive grande simpatia por Marcelle Duffet. Admiro muito a sua coragem e generosidade.

Calou-se um momento, e Mathieu repetiu com espanto: «A coragem de Marcelle, a sua generosidade.» Não eram as qualidades que mais apreciava em Marcelle. Daniel continuou:

— Um dia, estava aborrecido e veio-me à ideia de ir a casa dela. Acolheu-me muito amavelmente. É tudo. Daí por diante continuámos a ver-nos. A nossa culpa está em não te termos dito nada.

Mathieu mergulhou no perfume espesso, na atmosfera algodoadada do quarto cor-de-rosa. Daniel estava sentado na poltrona, olhava para Marcelle com os seus grandes olhos doces e

Marcelle sorria desajeitadamente, como se lhe fossem tirar uma fotografia. Mathieu sacudiu a cabeça. Não, era absurdo, eles nada tinham em comum, não podiam entender-se.

— Vais à casa dela, e ela escondeu-me isso? Acrescentou serenamente:

— É uma brincadeira.

Daniel ergueu os olhos e encarou Mathieu com uma expressão sombria.

— Mathieu! — disse com uma voz muito profunda. — Far-me-ás justiça, se reparares que nunca me permiti a menor brincadeira neste assunto das tuas relações com Marcelle. É uma coisa muito séria.

— Bem sei, bem sei, não impede que isso seja uma graça.

Daniel pareceu ficar desanimado.

— Bom — disse tristemente. — Não falemos mais nisso.

J E A N-P AUL SARTRE

— Não, continua, és muito divertido. Mas não vou na onda. É tudo.

— Não me facilitas a tarefa — disse Daniel com um ar de censura. — Já é bastante penoso acusar-me diante de ti.

Suspirou:

— Preferia que acreditasses em mim, sob palavra de honra. Mas como exiges provas...

Tirou do bolso uma carteira cheia de notas. Mathieu viu o dinheiro e pensou: «Sacana!» Mas com preguiça.

— Olha — disse Daniel.

Entregou uma carta a Mathieu. Era a letra de Marcelle. Leu: «Tinha razão como sempre, querido Arcanjo. Eram de facto pervincas. Mas não compreendo uma só palavra do que me escreve. Que seja sábado, uma vez que não está livre amanhã. A minha mãe disse que lhe vai dar uma descompostura por causa dos bombons. Venha depressa, querido Arcanjo. Esperamos com impaciência a sua visita. Marcelle.»

Mathieu olhou para Daniel.

— Então, é verdade?

Daniel fez um sinal com a cabeça; mantinha-se direito, fúnebre e distinto como uma testemunha de duelo. Mathieu releu a carta do princípio ao fim. Trazia a data de 20 de Abril. «Escreveu isto.» Aquele estilo precioso e jovial nada tinha dela!

Esfregou nariz, perplexo, depois desatou a rir.

— Arcanjo! Ela chama-te arcanjo. Eu nunca teria encontrado essa expressão. Um arcanjo decaído, um tipo do género de Lúcifer. E tu também vês a velha e tudo...

A IDADE DA RAZÃO

Daniel parecia desconcertado.

— Ainda bem — disse. — Pensei que te zangasses. Mathieu voltou a cabeça e olhou-o com indecisão. Viu que Daniel esperava a

sua cólera.

– Sim, deveria zangar-me. Seria normal. E talvez me zangue ainda. Por enquanto estou apenas tonto.

Esvaziou o copo, admirando-se por sua vez de não se sentir irritado.

– Estás com ela muitas vezes?

– Sem regularidade, duas vezes por mês mais ou menos.

– Mas que é que podem dizer, de que é que conversam?

Daniel sobressaltou-se e os olhos brilharam-lhe.

– Terás alguns temas a propor-nos?

– Não te zangues – disse Mathieu conciliador. – Tudo isto é tão imprevisto... quase me diverte. Mas não tenho más intenções. Então é verdade? Gostam de conversar? Mas... não te aborreças, não, estou a tentar compreender... de que falam vocês?

– De tudo – disse Daniel friamente. – Evidentemente, Marcelle não espera de mini conversas muito elevadas, mas isso descansa-a.

– E incrível! Vocês são tão diferentes!

Não conseguia afastar a imagem absurda. Daniel todo cerimonioso, cheio de gentilezas maliciosas e nobres, com os seus ares de Cagliostro e o sorriso africano, e Marcelle diante dele rígida, desajeitada, leal. Leal? Rígida? Não devia ser assim tão rígida. «Venha, Arcanjo, esperamos a sua visita.» Fora Marcelle quem escrevera aquilo, fora ela quem se espraíara naquelas gentilezas grosseiras. Era

J E A N-P AUL SARTRE

a primeira vez que Mathieu se sentia invadido por uma espécie de cólera. «Ela mentiu-me», pensou com espanto, «mente há seis meses». Continuou:

– Admira-me muito que Marcelle me tenha escondido qualquer coisa.

Daniel não respondeu.

– Foste tu que lhe disseste para se calar?

– Fui. Não queria que fiscalizasses as nossas relações. Agora já a conheço há bastante tempo, já não tem tanta importância.

– Foste tu que pediste – repetiu Mathieu mais calmo. – E ela não pôs dificuldades?

– Admirou-se muito.

– Mas não recusou?

– Não. Não devia achar gr-ande mal nisso. Riu-se, lembro-me, e disse: «É um caso de consciência.» Ela pensa que gosto de me rodear de mistério.

Acrescentou com uma ironia velada que agradou a Mathieu:

– A princípio chamava-me Lohengrin, depois, como vês, fixou-se em Arcanjo.

Mathieu pensou: «Ele diverte-se à custa de já.» E sentiu-se

humilhado por Marcelle. O cachimbo apagou-se-lhe. Estendeu a mão e pegou maquinalmente numa azeitona. Era grave. Não se sentia suficientemente abatido. Um espanto intelectual sim, como quando se descobre que nos enganamos redondamente. Dantes, porém, teria havido qualquer coisa dentro dele que sangraria. Disse apenas, com voz tépida:

— Nós dizíamos tudo um ao outro...

— E o que pensavas. Poder-se-á dizer tudo?

A IDADE DA RAZÃO

Mathieu encolheu os ombros, irritado, mas estava zangado sobretudo consigo mesmo.

— E essa carta! «Nós esperamos a sua visita.» Parece-me que descubro uma Marcelle diferente. Daniel pareceu atemorizar-se.

— Uma Marcelle diferente, não exageres. Não vás levar a sério uma infantilidade!

— Censuravas-me há pouco por não levar a sério as coisas.

— Mas passas de um extremo ao outro — disse Daniel. Continuou com uma expressão de compreensão afectuosa: — O que acontece é que confias demasiado nas tuas opiniões sobre os outros. Esta história prova apenas que Marcelle é mais complicada do que imaginas.

— Talvez — disse Mathieu —, mas há outra coisa.

Marcelle tinha-se tornado culpada, mas ele não lhe queria mal. «Não devia perder a confiança nela naquele dia — naquele dia em que talvez fosse obrigado a sacrificar-lhe a própria liberdade. Tinha de a estimar, senão era-lhe muito difícil.»

— Aliás — continuou Daniel —, sempre tivemos a intenção de to dizer, mas era divertido brincar aos conspiradores; nós adiávamos sempre.

«Nós»! Ele dizia «nós». Alguém que podia dizer «nós» a Mathieu ao falar de Marcelle. Mathieu olhou para Daniel, sem amizade. Era o momento de o odiar, mas Daniel desarmava-o, como sempre. Mathieu disse-lhe:

— Daniel, porque é que ela fez isso?

— Ora, já to disse — respondeu Daniel. — Porque lho pedi. E depois acho que ter um segredo a devia divertir.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu abanou a cabeça.

— Não. Há outra coisa. Ela sabia muito bem o que fazia. Porque o fez?

— Imagino que não era muito agradável viver sempre à luz do teu esplendor. Procurou um recanto na sombra.

— Ela acha-me... totalitário?

— Nunca o disse de uma maneira positiva, mas creio que assim o pensa. Que queres — acrescentou —, és uma força. Note-se que ela te admira, admira essa maneira que tens de viver dentro de uma casa de vidro e dizer abertamente aquilo que se costuma

conversar em segredo. Mas isso cansa-a. Não te falou das minhas visitas porque teve receio de que a forçasses a pôr um rótulo no sentimento que tinha por mim, de que o desmontasses para devolvê-lo em pedacinhos bem analisados... É qualquer coisa hesitante, mal definida.

– Ela disse-te isso?

– Disse. Disse mais: «O que me diverte em si é que nunca sei para onde vou. Com Mathieu sei sempre.»

«Com Mathieu sei sempre.» Ivich dizia: «Consigo não há imprevistos.» Mathieu encolheu os ombros.

– Porque é que ela nunca me falou disso tudo?

– Ela diz que tu nunca lhe perguntas nada.

Era verdade. Mathieu baixou a cabeça. Cada vez que se tratava de compreender os sentimentos de Marcelle sentia-se possuído por uma incomensurável preguiça. Quando por vezes acreditara discernir uma sombra nos olhos dela, encolhera os ombros.

«Ora, se houvesse qualquer coisa, ela di-la-ia, diz-me tudo. E era isso que eu intitulava a minha confiança nela! Estraguei tudo.»

Sacudiu-se e disse bruscamente:

A IDADE DA RAZÃO

– Porque me dizes isso hoje?

– Tinha de to dizer um dia ou outro. Aquele ar evasivo era propositado. Para espicaçar a curiosidade. Mathieu não se enganou.

– Por que razão hoje e porquê tu? Teria sido... mais normal que fosse ela a falar em primeiro lugar.

– Bem – disse Daniel representando –, talvez me tenha enganado... Mas pensei que fosse bom para vocês os dois.

Bom, Mathieu empertigou-se: «Cuidado, é agora.» Daniel continuou:

– Vou dizer toda a verdade. Marcelle ignora que te falei e ainda ontem não estava resolvida a pôr-te ao par da situação tão cedo. Ficar-te-ei muito grato se não lhe disseres nada da nossa conversa, por enquanto.

Mathieu riu sem querer.

– Es mesmo o demónio! Semeias segredos por toda a parte. Ontem conspiravas com Marcelle contra mini e hoje pedes a minha cumplicidade contra ela! Que estranho traidor.

Daniel sorriu.

– Não tenho nada de diabo. O que me levou a falar foi a inquietação real que se apossou de mim ontem. Pareceu--me que havia um mal-entendido muito grave entre vocês. Naturalmente, Marcelle é orgulhosa de mais para falar.

Mathieu apertou com força o copo nas mãos. Começara a entender.

– E a propósito do seu... do seu acidente – disse Daniel.

– Ah! – atalhou Mathieu –, disseste-lhe que estavas ao corrente?

J E A N-P AUL SARTRE

– Não, não disse nada. Foi ela quem falou.

– Oh!

«Ontem ao telefone parecia temer que eu lhe contasse, e à noite é ela quem fala. Mais uma comédia.» Acrescentou:

– E então?

– Então há qualquer coisa que não está certo.

– Que é que te leva a dizer isso? – perguntou Mathieu, com um nó na garganta.

– Nada de especial... é talvez a maneira como me contou as coisas.

– Então? Ela tem-me raiva porque lhe arranjei um filho?

– Não, não é isso. E por causa da tua atitude de ontem. Ela falou-me disso com rancor.

– Que é que eu fiz?

– Não o sei dizer exactamente. O que ela me disse foi, entre outras coisas, isto: «Ele é quem resolve sempre, e se não estou de acordo devo protestar. Mas isso é uma vantagem para ele, que já tem opinião sobre as coisas e não me dá tempo para formar a minha.» Não garanto a exactidão das palavras.

– Mas não tinha nenhuma decisão a tomar – atalhou Mathieu, espantado. – Estivemos sempre de acordo sobre o que se faria em semelhante circunstância.

– Sim, mas procuraste saber a opinião dela anteontem?

– Não, por certo. Estava convencido de que pensava como eu.

– Bom, não lhe perguntaste nada. E quando encararam pela última vez essa eventualidade?

– Não sei, há dois ou três anos.

IDADE DA RAZÃO

– Dois ou três anos. E não acreditas que ela tenha mudado de opinião?

No fundo da sala os senhores distintos levantaram-se, congratulavam-se sorridentes. Um empregado trouxe-lhes os chapéus, três feltros e um chapéu de coco. Saíram com um cumprimento amistoso para o barman, e o empregado desligou a rádio. «Isto vai acabar mal», pensou Mathieu. Não sabia exactamente o que ia acabar mal. O dia pesado e borrascoso, aquela história de aborto, Marcelle... Não. Era qualquer coisa mais vaga e mais ampla. A sua vida, a Europa, a paz insípida e sinistra. Eembrou-se dos cabelos ruivos de Brunet. «Em Setembro temos a guerra.» Naquele momento, no bar deserto e escuro, acreditava-se nisso. Havia qualquer coisa de podre na sua vida, naquele Verão.

– Ela tem medo da operação? – perguntou.

– Não sei – disse Daniel com um ar distante.

— Tem vontade de se casar comigo? Daniel pôs-se a rir.
— Não sei, meu caro, perguntas de mais. Isso não pode ser assim tão simples. Devias falar-lhe à noite. Sem te referires a mim, evidentemente; como se tivesses tido escrúpulos. A julgar pelo que vi ontem, ela dir-te-ia tudo. Parecia tão acabrunhada.

— Está bem. Tentarei falar-lhe.

Houve um silêncio. Daniel continuou com um ar aborrecido:

— Enfim, é tudo. Eu avisei-te.

— Bem sei, obrigado!

— Desejas-me mal?

— De maneira nenhuma. Aliás, é mesmo o tipo de ser-yiço que podes fazer: cai-nos na cabeça como uma telha.

J E A N-P AUL SARTRE

Daniel riu com vontade. Abriu a boca mostrando os dentes brilhantes e o fundo da garganta.

«Eu não devia...», pensava ela, com a mão sobre o auscultador, «eu não devia, mas nós contávamos sempre tudo. Ele pensa, ruminando: "A Marcelle contava-me tudo." Ah! Ele pensa nisso. Sabe agora, com o espanto a oprimir--Ihe e esta vozinha na cabeça: «Marcelle dizia-me sempre tudo!» Ela está lá, neste momento, ela está lá na sua cabeça, é intolerável, preferia mil vezes que me odiasse, mas ele está lá, sentado no café, de braços abertos como se tivesse deixado cair qualquer coisa, com o olhar fixo no chão como se alguma coisa se tivesse partido. Pronto, a conversa já se deu. Eu não estava lá, não soube nada, mas ela está, ela esteve, as palavras foram ditas e eu nada sei, a voz grave subia como fumo para o tecto do café, a voz virá de lá, a bela voz grave que faz sempre vibrar o auscultador do telefone, e a voz virá e dirá: já está. Meu Deus, meu Deus, que irá ela dizer? Estou nua, grávida, e essa voz sairá toda vestida da placa branca, não devíamos, ela teria detestado Daniel se fosse possível detestá-lo, mas foi generoso, tão bom, foi o único a preocupar-se comigo, tomou a minha causa a peito, o Arcanjo emprestou à minha causa a sua voz soberba. Uma mulher, uma pobre mulher, fraca e defendida no mundo dos homens e dos vivos por uma voz sombria e quente, a voz sairá dali, dirá: "Marcelle dizia-me tudo", pobre Mathieu, querido Arcanjo!» Pensou: «Arcanjo» e os seus olhos encheram-se de lágrimas, doces lágrimas, lágrimas de abundância e fertilidade, lágrimas de verdadeira

DADE DA RAZÃO

mulher, após oito dias tórridos, de doce mulher defendida.

«Ele abraçou-me, acariciou-me, defendeu-me»; a lágrima trémula dos olhos, e a carícia em sulco sinuoso no rosto, o tremor dos lábios... Durante oito dias ela olhara ao longe um ponto fixo, com os olhos secos e vazios: vão matá-lo, durante oito dias

ela fora para ele Marcelle a decidida, Marcelle a dura, Marcelle a razoável, Marcelle a masculina, ele diz que sou um homem e agora a água, a mulher frágil, a chuva nos olhos, porquê resistir, amanhã serei dura e razoável, uma só vez as lágrimas, os remorsos, a doce piedade de si, a humildade ainda mais doce, aquelas mãos de veludo sobre as minhas ancas, sobre as minhas nádegas, tenho vontade de abraçar Mathieu e de lhe pedir perdão, de joelhos. Pobre Mathieu, meu pobre querido. Uma vez, ao menos uma vez, ser defendida, perdoada, é tão bom!» Subitamente surgiu-lhe uma ideia nítida, o ácido correu--lhe nas veias. «Esta noite, quando ele chegar, quando eu lhe puser os braços em volta do pescoço e o beijar, ele saberá tudo, e eu terei de fingir que ignoro que ele já o sabe. Ah!, nós mentimos-lhe», pensou com desprezo, «continuamos a mentir-lhe, dizemos-lhe tudo, mas a nossa sinceridade está envenenada. Ele sabe, chegará esta noite, verei os seus olhos bons, pensarei: ele sabe e como poderei suportar isso, meu pobre Mathieu, meu bom Mathieu, pela primeira vez na vida fiz-te sofrer, ah!, aceitarei tudo, irei ver a velha, matarei a criança, tenho vergonha, farei o que ele quiser, tudo o que tu quiseres.» O telefone tocou sob os seus dedos. Crispou a mão sobre o auscultador.

— Está — disse ela —, é Daniel?

— Sim — respondeu uma voz calma —, quem fala?

J E A N-P AUL SARTRE

— É Marcelle.

— Bom dia, querida Marcelle.

— Bom dia — disse Marcelle. O coração batia-lhe fortemente.

— Dormiu hem? — A voz grave ecoava-lhe no ventre, era insuportável e delicioso. — Deixei-a muito tarde ontem. Madame Duffet deve ter ficado zangada. Mas espero que não tenha sabido.

— Não — disse Marcelle, arquejante —, não soube de nada.

Dormia a sono solto quando você saiu...

— E você — insistia a voz terna — dormiu?

— Eu? Mais ou menos. Estou um pouco enervada. Daniel riu. Era um belo riso de luxo, tranquilo e forte. Marcelle sentiu-se melhor.

— Não deve enervar-se — disse ele. — Correu tudo optimamente.

— Tudo? É verdade?

— E verdade. Melhor do que eu esperava. Tínhamos menosprezado Mathieu, minha querida Marcelle.

Marcelle sentiu-se invadida por amargos remorsos. Disse:

— Não é verdade. Não é verdade que o menosprezámos.

— Ele deteve-me às primeiras palavras — disse Daniel. —

Disse-me que compreendia muito bem, que percebeu que havia

qualquer coisa e que isso o atormentava todo o dia.

– Você... você disse que nos víamos?

– Naturalmente – respondeu Daniel, espantado. – Não tínhamos combinado isso?

– Sim, sim, como reagiu ele?

A IDADE DA RAZÃO

– Foi tudo bem, afinal. A princípio não queria acreditar.

– Deve ter-lhe dito que dizíamos tudo um ao outro...

– Efectivamente – Daniel parecia divertir-se –, disse-o exactamente nesses termos.

– Daniel, tenho remorsos.

Ouviu novamente o riso profundo e sadio.

– Acontece! Ele também. Saiu cheio de remorsos. Se vocês os dois estão com essas disposições, eu queria estar escondido no quarto para ver quando se encontrassem. Promete ser delicioso. Riu de novo e Marcelle pensou com humilde gratidão: «Está a troçar de mim.» Mas a voz voltara a ser grave e o telefone vibrava como um órgão.

– A sério, Marcelle, tudo corre bem. Estou satisfeito por sua causa. Ele não me deixou falar, interrompeu-me logo às primeiras palavras e disse: «Pobre Marcelle, sou um grande culpado, tenho ódio a mim próprio, mas hei-de arranjar tudo, achas que ainda posso reparar o mal?» E tinha os olhos vermelhos. Como ele gosta de si!

– Oh! Daniel! – dizia Marcelle. – Oh! Daniel... Oh! Daniel...

Houve um silêncio, e Daniel continuou:

– Disse-me que queria falar-lhe hoje à noite, com o coração aberto. «Espremer o abcesso.» Agora tudo está nas suas mãos. Ele fará o que você quiser.

– Oh! Daniel! Oh! Daniel! Tomou fôlego e acrescentou:

– Você foi tão bom, foi... quero vê-lo o mais cedo possível, tenho tanta coisa a contar-lhe e não posso falar sem lhe ver o rosto. Pode ser amanhã?

J E A N-P AUL SARTRE

A voz pareceu-lhe mais seca, tinha perdido o tom harmonioso.

– Amanhã, não. Com certeza que desejo muito vê-la.

Telefonarei, Marcelle, é mais fácil.

– Está bem – disse Marcelle –, telefone depressa. Ah!, Daniel, querido Daniel.

– Até logo, Marcelle, seja desembaraçada hoje à noite...

– Daniel!

Mas o telefone tinha sido desligado.

Marcelle pôs o auscultador no descanso e passou o lenço pelos olhos húmidos: «Arcanjo! Fugiu depressa para que eu não lhe agradecesse.» Aproximou-se da janela e contemplou os transeuntes: mulheres, crianças, operários, pareceu-lhe que tinham um ar de felicidade. Uma jovem senhora corria pelo meio

da rua com o filho no braço, falava-lhe arquejante, e ria. Marcelle seguiu-a com o olhar. Depois aproximou-se do espelho e mirou-se com espanto. Sobre a prateleira do lavatório havia três rosas vermelhas num copo. Marcelle pegou numa com hesitação, virou-a timidamente entre os dedos, depois fechou os olhos e enfiou a rosa na cabeleira escura: «Uma rosa nos meus cabelos.» Abriu as pálpebras e olhou-se no espelho, arranjou a cabeleira e sorriu para si própria cheia de confusão.

F,

ação favor de esperar aqui – disse o homenzinho.

Mathieu sentou-se num banco. Era uma sala escura que tresandava a couve. À esquerda via-se uma luz fraca através de uma porta envidraçada. Tocaram, e o homenzinho foi abrir. Uma mulher jovem entrou vestida com uma decência miserável.

– Faz favor de se sentar, minha senhora. Acompanhou-a, obsequioso, até ao banco, em que ela se sentou, encolhendo as pernas.

– Já estive aqui – disse a mulher –, é para um empréstimo.

– Sim, minha senhora, com certeza.

O homenzinho falava-lhe muito junto ao rosto.

– É funcionária?

– Eu, não. Meu marido.

Pôs-se a procurar na bolsa. Não era feia, mas tinha uma expressão dura e perseguida. O homenzinho olhava-a com

J E A N-P AUL SARTRE

cobiça. Ela tirou dois ou três papéis cuidadosamente dobrados; ele pegou-lhes, chegou à porta envidraçada, para ter mais luz e examinou-os demoradamente:

– Muito bem – disse, devolvendo-os. – Muito bem. Dois filhos? Parece tão nova... Esperamo-los com impaciência, não é verdade? Mas quando chegam, desorganizam as finanças. Está um bocado atrapalhada, não é?

A jovem mulher corou e o homenzinho esfregou as mãos:

– Pois bem – disse –, vamos arranjar tudo, vamos arranjar tudo, é para isso que estamos aqui.

Contemplou-a pensativo e sorridente durante uns instantes, depois afastou-se. A jovem mulher deitou uma olhadela hostil a Mathieu e pôs-se a brincar com o fecho da bolsa. Mathieu não estava à vontade; introduzira-se entre os verdadeiros pobres e era o dinheiro deles que ia buscar, um dinheiro cinzento e triste, que cheirava a couve. Baixou a cabeça e olhou o chão entre os pés. Viu as notas sedosas e perfumadas na maleta de Lola. Não era o mesmo dinheiro.

A porta envidraçada abriu-se e surgiu um senhor alto, de bigode branco. Tinha os cabelos prateados, cuidadosamente penteados para trás. Mathieu acompanhou-o ao escritório. O

senhor apontou-lhe amavelmente uma poltrona de couro já gasto e sentaram-se ambos. O senhor apoiou os cotovelos na mesa e juntou as belas mãos brancas. Usava uma gravata verde-escura, cuja severidade era discretamente aliviada por uma pérola.

— Deseja recorrer aos nossos serviços? — perguntou paternalmente.

— Desejo.

A IDADE DA RAZÃO

Examinou o rosto de Mathieu; os olhos azul-claros projectavam-se ligeiramente para fora do rosto.

— Senhor?

— Delarue.

— Não ignora que os estatutos da nossa sociedade estabelecem um serviço de empréstimo destinado exclusivamente aos funcionários?

A voz era bela e branca, um pouco gorda, como as mãos.

— Sou funcionário — disse Mathieu. — Professor.

— Ah! Ah! — disse o senhor com interesse. — Temos muito prazer em auxiliar os universitários. É professor do liceu?

— Sou. No Liceu Buffon.

— Muito bem. Vamos então às formalidades da praxe. Em primeiro lugar vou pedir-lhe um documento de identidade. Um qualquer, passaporte, caderneta militar, cartão de eleitor...

Mathieu entregou-lhe os documentos. O senhor tomou-os, examinou-os distraidamente.

— Muito bem. E qual é o montante da soma de que vai precisar?

— Seis mil francos — disse Mathieu. Ele reflectiu um pouco e disse:

— Ponhamos sete mil.

Mathieu estava agradavelmente surpreendido. Pensou: «Não imaginava que fosse tão fácil.»

— Conhece as nossas condições? Emprestamos por seis meses, possibilidade de adiamento. Somos obrigados a exigir vinte cento de juros, porque temos despesas enormes e corremos sérios riscos.

J E A N-P AUL SARTRE

— Está bem, está bem — atalhou Mathieu.

O senhor tirou da gaveta duas folhas impressas.

— Quer ter a bondade de preencher estes formulários? Assine em baixo.

Era um formulário de pedido de empréstimo em duplicado. Tinha de indicar a idade, o estado civil, a morada. Mathieu escreveu.

— Muito bem — disse o senhor percorrendo as folhas. — Nascido em Paris... 1905... pai e mãe franceses... Bem, é tudo por agora. Na entrega dos sete mil francos exigiremos um recibo selado, reconhecendo a dívida. O selo é por sua conta.

— Na entrega do dinheiro? Não pode entregá-lo agora? O senhor pareceu muito surpreendido.

— Agora? Mas, meu caro professor, necessitamos de quinze dias pelo menos para as informações!

— Que informações? Já viu os meus documentos. O senhor considerou Mathieu com uma indulgência divertida.

— Ah! — disse —, os universitários são todos iguais. Todos idealistas. Note que neste caso particular não ponho em dúvida a sua palavra, Mas, de um modo geral, quem nos prova que os seus documentos não são falsos? (Sorriu tristemente.) Quando se lida com dinheiro, aprende-se a desconfiar. É um sentimento miserável, concordo, mas não temos o direito de ser confiantes. Por isso faremos o nosso pequeno inquérito, dirigindo-nos directamente ao Ministério. Mas nada receie, procederemos com a máxima discricção. Porém, o senhor sabe, entre nós, como são as administrações. Duvido muito que possa contar com o nosso auxílio antes de 5 de Julho.

IDADE DA RAZÃO

— É impossível — disse Mathieu, angustiado. — Preciso do dinheiro para hoje à noite ou o mais tardar amanhã de manhã cedo é uma necessidade urgente. Não se poderia... com um juro mais elevado?

O senhor mostrou-se escandalizado. Ergueu as belas mãos e disse:

— Não somos usurários, meu caro professor! A nossa sociedade tem o apoio moral do Ministério das Obras Públicas. E uma instituição por assim dizer oficial. Cobramos os juros normais, estabelecidos de acordo com as despesas e os riscos e não nos podemos prestar a nenhuma transacção desse género! Acrescentou com severidade:

— Se tinha pressa, devia ter vindo antes. Não leu os nossos avisos?

— Não — disse Mathieu levantando-se. — Foi uma decisão repentina.

— Lamento — disse friamente o senhor. — Devo rasgar os formulários que acaba de preencher?

Mathieu pensou em Sarah: «Seguramente deve ter obtido um prazo.»

— Não rasgue — disse —, vou ver se me arranjo até à data da entrega.

— Pois é — disse o senhor amavelmente —, há-de encontrar um amigo que lhe adiante o dinheiro por quinze dias. A morada está certa — disse apontando para o formulário —, Rua Huyghens, número 12?

— Está.

— Pois bem, nos primeiros dias de Julho mandar-lhe--emos uma convocatória.

Ergueu-se e acompanhou Mathieu até à porta.

JEANPAUL SARTRE

— Até à vista, senhor — disse Mathieu. — Obrigado.

— Ao seu serviço — respondeu o senhor, inclinando-se. — E muito prazer.

Mathieu atravessou a sala com grandes passadas. A jovem mulher ainda estava ali. Mordia a luva com um olhar desvairado.

— Queira entrar, minha senhora — disse o homem por trás de Mathieu.

Lá fora uma luminosidade vegetal tremia no ar cinzento. Mas agora Mathieu tinha sempre a impressão de estar enterrado.

«Mais um desastre», pensou. Só tinha esperança em Sarah.

Estava no Bulevar Sébastopol. Entrou num café e pediu ficha ao balcão.

— No fundo e à direita, os telefones. Enquanto marcava o número pensou: «Oxalá tenha conseguido, oxalá tenha conseguido.» Era quase uma prece.

— Está, está, Sarah?

— Está — disse uma voz. — É Weysmuller.

— Daqui é Mathieu Delarue. Posso falar com Sarah?

— Saiu.

— Ah! Que chatice. Não sabe quando volta?

— Não. Quer deixar algum recado?

— Não. Diga-lhe apenas que telefonei.

Desligou e saiu. A sua vida já não dependia dele, estava nas mãos de Sarah. Só lhe restava esperar. Fez sinal a um autocarro, subiu e sentou-se junto de uma velha que tossia no lenço. «Os judeus entendem-se sempre bem», pensou. «O assunto vai ser resolvido.»

— Denfert-Rochereau!

— Três bilhetes — disse o cobrador.

IDADE DA RAZÃO

Mathieu pagou e pôs-se a olhar pêlos vidros. Pensava em Marcelle com um rancor melancólico. Os vidros tremiam, a velha tossia, as flores dançavam-lhe no chapéu de palha. O chapéu, as flores, a velha, Mathieu, tudo era transportado pela enorme máquina. A velha não tirava o nariz do lenço e tossia. Tossia na esquina da Rua dê's Ours com o Bulevar Sébastopol, tossia na Rua Réaumur, tossia na Rua Montorgueil, tossia no Pont-Neuf, por cima das águas calmas e escuras. «E se o judeu não for nisso?» Mas esse pensamento não o chegou a arrancar do seu torpor. Já não passava de um saco de carvão empilhado com outros sacos no fundo de um camião. «Tanto faz, pelo menos acaba, eu digo-lhe hoje à noite que caso com ela.» O autocarro enorme e infantil transportava-o, fazia-o virar à direita e à esquerda, sacudia-o, maltratava-o; os acontecimentos batiam de encontro aos vidros, ao banco, era embalado pela rapidez da

sua vida. Pensava: «A minha vida já não me pertence, a minha vida é apenas um destino.» Via surgirem um por um os pesados edifícios sombrios da Rua dos Saints-Pères, via a sua vida desfilar. «Caso, não caso: já não tenho nada com isso. É cara ou coroa.»

O autocarro parou com uma travagem brusca. Mathieu endireitou-se e olhou angustiado as costas do motorista. Toda a sua liberdade acabava de retroceder sobre ele. Pensou: «Não, não é cara ou coroa. O que quer que aconteça, é através de mim que há-de acontecer.»

Ainda que se deixasse levar, desamparado, desesperado, mesmo que se deixasse transportar como um saco de carvão, tinha escolhido a sua perdição. Era livre, livre, para tudo, com liberdade de ser um animal ou uma máquina,

J E A N-P AUL SARTRE

de aceitar, de recusar, de hesitar, casar, desaparecer, de se arrastar durante anos com aquela cadeia aos pés. Podia fazer o que quisesse, ninguém tinha o direito de aconselhá-lo. Só havia para ele Bem e Mal se os inventasse. Em volta dele as coisas tinham-se agrupado, esperavam sem um sinal, sem a menor sugestão. Estava só no meio de um silêncio monstruoso, só e livre, sem auxílio nem desculpa, condenado a decidir-se sem apelo possível, condenado à liberdade para sempre.

— Denfert-Rochereau — gritou o cobrador.

Mathieu levantou-se e desceu. Enfiou pela Rua Froi-devaux.

Estava cansado e nervoso, via continuamente uma maleta aberta, no fundo de um quarto escuro, e, na maleta, notas perfumadas e sedosas. Era como um remorso. «Devia ter roubado.»

— Uma carta para o senhor — disse a porteira.

Mathieu pegou na carta, rasgou o sobrescrito. No mesmo instante os muros que o cercavam desmoronaram-se e pareceu-lhe que mudava de mundo.

Havia três palavras no meio da página. Uma letra grande e inclinada: «Reprovada. Inconsciente. Ivich.»

— São más notícias? — perguntou a porteira.

— Não.

— Bem, é que o senhor ficou tão assustado... «Reprovada.

Inconsciente. Ivich.»

— É um aluno meu que ficou reprovado nos exames.

— Ah! E que estão cada vez mais difíceis, segundo me disseram.

— Muito mais.

— Imagine! Toda essa gente que estuda. Ficam com diplomas. Que é que se lhes há-de fazer? J

A IDADE DA RAZÃO

— Pois é, que se há-de fazer!

Leu pela quarta vez a carta. Impressionava-se com a grandiloquência inquietante. «Reprovada, inconsciente... deve

estar a fazer alguma asneira. É claro como a água, está prestes a fazer uma asneira.»

— Que horas são?

— Seis horas.

«Seis horas. Soube do resultado às duas horas. Há quatro horas que anda por aí pelas ruas de Paris.» Enfiou a carta no bolso.

— Madame Garinet, empreste-me cinquenta francos — pediu à porteira.

— Não sei se os tenho — disse a porteira, admirada. Mexeu na gaveta da mesa de costura.

— Só tenho cem, dá-me depois o troco.

— Bem... Obrigado.

Saiu: «Onde estará ela?» Tinha a cabeça vazia e as mãos trémulas. Um táxi parou, Mathieu chamou-o:

— Lar dos Estudantes, 173, Rua Saint-Jacques, depressa.

— Está bem — disse o motorista.

«Onde estará ela? Na melhor das hipóteses terá partido para Laon; na pior... E estou com quatro horas de atraso!» Estava dobrado para a frente e apoiava fortemente o pé sobre o tapete para acelerar.

O táxi parou. Mathieu desceu e tocou à campainha.

— A Menina Ivich Serguine está? A mulher olhou-o, com desconfiança.

— Vou ver — respondeu. Voltou logo.

— A Menina Serguine não voltou desde esta manhã. Tem algum recado para ela?

J E A N-P AUL SARTRE

— Não.

Mathieu subiu novamente para o automóvel.

— Hotel de Pologne, Rua Sonimerard. Passados instantes bateu no vidro.

— Ali, à esquerda.

Saltou e empurrou a porta.

— O Senhor Serguine está?

O empregado, gordo, albino, estava na caixa. Reconheceu Mathieu e sorriu.

— Não voltou, não veio dormir.

— E a irmã... uma rapariga loura, não passou por aqui?

— A Menina Ivich? Não, não veio. A Senhora Montero é que telefonou duas vezes para falar com o Senhor Boris, quer que ele vá vê-la imediatamente quando chegar. Se o encontrar, pode dar-lhe o recado.

— Está bem.

Saiu. «Onde estaria? No cinema? Pouco provável. Nas ruas? Em todo o caso não tinha ainda deixado Paris, pois teria passado antes pelo Lar para levar a bagagem.» Mathieu tirou a carta do bolso e examinou o sobrescrito. Tinha sido enviada da agência

da Rua Cujas, mas isso não queria dizer nada.

— Aonde vamos? — perguntou o motorista. Mathieu olhou-o, indeciso, mas de repente percebeu: «Para me mandar aquilo, devia estar bêbeda.»

— Ouça — disse —, vamos subir devagar o Bulevar Saint-Michel, desde o cais, preciso de entrar em todos os cafés, ando à procura de alguém.

Ivich não estava no Biarritz, nem no Source, nem no Harcourt, nem no Biard, nem no Palais du Café.

A IDADE DA RAZÃO

No Capoulade viu um estudante chinês que a conhecia. Correu. O estudante tomava uma dose de vinho do Porto, sentado num banco do bar.

— Desculpe — disse Mathieu. — Parece-me que conhece a Serguine. Não a viu hoje?

— Não — disse o chinês. Falava com dificuldade. — Aconteceu-lhe alguma desgraça?

— Como diz?

— Estou a perguntar ao senhor se lhe aconteceu alguma desgraça.

— Não sei — disse-lhe Mathieu, voltando-lhe as costas. Nem sequer pensava em proteger Ivich; sentia apenas uma necessidade dolorosa e violenta de a tornar a ver. «E se ela tivesse tentado suicidar-se? É muito capaz disso», pensou com fúria. Mas afinal talvez estivesse simplesmente em Montparnasse.

— Carrefour Vavin — disse.

Subiu para o táxi. As mãos tremiam-lhe; enfiou-as nos bolsos. O táxi deu a volta à Fonte Médicis, e Mathieu viu Renata, a amiga italiana de Ivich. Saía do Luxemburgo com uma pasta debaixo do braço.

— Pare! Pare!

Saltou do táxi e correu para ela.

— Viu Ivich?

Renata tomou um ar digno.

— Bom dia — disse.

— Bom dia. Viu Ivich?

— Ivich? Vi, sim.

— Quando?

— Há uma hora mais ou menos.

— Onde?

J E A N-P AUL SARTRE

— No Luxemburgo. Estava com uma gente muito esquisita. Sabe que ela reprovou, a desgraçada?

— Sei. Para onde é que ela foi?

— Queriam ir ao dancing. Ao Tarantule, creio.

— Onde é isso?

– Rua Monsieur-le-Prince. E uma casa de discos, o dancing é na cave.

– Obrigado.

Deu alguns passos, depois voltou:

– Desculpe, também me esqueci de lhe dizer adeus.

– Adeus.

Mathieu voltou para o táxi.

– Rua Monsieur-le-Prince, fica a dois passos. Devagar, eu aviso.

«Oxalá ainda lá esteja, senão terei de correr todos os chás-dançantes do Quartier Latin.»

– Pare. É aqui. Espere um momento. Entrou na casa de discos.

– O dancing? – perguntou.

– Na cave. Desça a escada.

Mathieu desceu, sentiu um cheiro a mofo, empurrou uma porta de couro e recebeu um golpe no estômago; Ivich estava ali, dançava. Encostou-se à ombreira da porta e pensou: «Ela está aqui.»

Era uma sala vazia, sem uma sombra. Uma luz coada saía dos lustres de papel oleoso. Mathieu viu umas quinze mesas espalhadas sob a luz morta. Nas paredes tinham pregado papéis multicores que tinham forma de plantas exóticas e os quais já se estavam a desprestar sob a acção da humidade. Os cactos estavam inchados como bolhas. Um gira-discos invisível difundia um

IDADE DA RAZÃO

paso-doble e essa música em conserva tornava a sala ainda mais nua.

Ivich apoiava a cabeça no ombro do seu par e colava-se a ele. Ele dançava bem. Mathieu reconheceu-o. Era o jovem moreno e alto que estava com Ivich na véspera, no Bulevar Saint-Michel. Ele respirava os cabelos de Ivich e de quando em quando beijava-os. Ela afastava então a cabeça e ria, muito pálida, de olhos fechados, enquanto ele lhe sussurrava ao ouvido.

Estavam sós no meio da sala. No fundo quatro rapazes e uma rapariga muito pintada batiam palmas e gritavam «Olé!» O tipo alto e moreno reconduziu Ivich à mesa deles, segurando-a pela cintura. Os estudantes rodearam-na e fizeram-lhe uma festa; tinha um ar esquisito, ao mesmo tempo empertigado e familiar. Envolviam-na à distância com gestos redondos e ternos. A rapariga pintada mostrava-se reservada. Estava de pé, pesada e mole, com o olhar parado. Acendeu um cigarro e disse, pensativa:

– Olé!

Ivich deixou-se cair numa cadeira entre a rapariga e um lourinho de barba. Ria como uma louca.

– Não, não – dizia agitando a mão diante do rosto –, nada de

álibis!

O de barbas levantou-se atenciosamente para dar lugar ao dançarino moreno. «Fantástico», pensou Mathieu, «reconhecem-lhe o direito de se sentar ao lado dela». O belo moreno parecia achar a coisa muito natural. Era, aliás, o único à vontade.

Ivich apontou o de barbas.

— Foge porque eu prometi beijá-lo — disse a sorrir.

— Desculpe — disse o de barbas com dignidade —, não prometeu, ameaçou.

J E A N-P AUL SARTRE

— Pois bem, não te beijarei. Beijarei Irma.

— Quer beijar-me, Ivich? — disse a rapariga, surpreendida e lisonjeada.

— Quero, vem. — E puxou-a pelo braço, autoritária.

Os outros afastaram-se, escandalizados. Alguém disse: «Ivich!» com uma voz docemente reprovadora. O belo moreno olhava-a firamente com um leve sorriso. Esperava. Mathieu sentiu-se humilhado. Para aquele rapaz elegante, Ivich não passava de uma presa, ele despia-a com um olhar sensual de amador, já estava nua diante dele, ele adivinhava-lhe os seios, as coxas, o cheiro da carne... Mathieu sacudiu-se bruscamente e avançou para Ivich. Tinha as pernas moles. Percebera pela primeira vez que a desejava vergonhosamente através do desejo de outro.

Ivich fizera mil trejeitos antes de beijar a rapariga.

Finalmente agarrara-lhe no rosto entre as mãos e beijara-a na boca. Mas repeliu-a violentamente.

— Cheiras a borracha — disse com asco. Mathieu colocou-se diante da mesa.

— Ivich!

Ela olhou-o, de boca aberta, e ele ficou a duvidar que o tivesse reconhecido. Mas ela ergueu a mão esquerda e apontou-o.

— Es tu — disse. — Olha.

Arrancara o curativo. Mathieu viu uma crosta avermelhada com pequenos pontos brancos de pus.

— Conservaste o teu — disse Ivich, decepcionada. — E verdade que és prudente.

— Ela arrancou-o contra a nossa vontade — desculpou-se a rapariga. — É um demónio.

A IDADE DA RAZÃO

Ivich ergueu-se subitamente e olhou Mathieu com um ar sombrio.

— Leve-me daqui, estou a achincalhar-me. Os rapazes entreolharam-se.

— Sabe — disse o de barbas —, não a fizemos beber, quisemos até impedi-la.

— Isso é verdade — afirmou Ivich desgostosa —; são uns

verdadeiros pajens...

– Menos eu, Ivich – disse o dançarino –, menos eu. Olhava-a com ar cúmplice. Ivich voltou-se para ele e disse:

– Menos este, que é um pulha.

– Venha – disse Mathieu docemente.

Tomou-a pêlos ombros e conduziu-a. Ouviu atrás dele um ruído de consternação. No meio da escada, Ivich tornou-se pesada.

– Ivich!

Ela sacudiu os caracóis, contente.

– Quero sentar-me aqui.

– Eu peço-lhe, Ivich...

Ela pôs-se a rir e levantou a saia acima do joelho.

– Quero sentar-me aqui.

Mathieu agarrou-a pela cintura e empurrou-a. Na rua largou-a. Não se debatera. Ela pestanejou e olhou em volta, melancólica.

– Quer voltar para casa? – propôs Mathieu.

– Não – gritou Ivich.

– Quer ir para a casa de Boris?

– Ele não está em casa.

– Onde está ele?

– Sei lá.

J E A N-P AUL SARTRE

– Para onde quer ir?

– Sei lá. Você é que deve saber, já que me trouxe de lá.

Mathieu reflectiu.

– Bem – disse. Levou-a até ao táxi.

– Rua Huyghens, 12.

– Levo-a para a minha casa – explicou. – Poderá deitar-se no sofá e eu farei um pouco de chá.

Ivich não protestou. Subiu com dificuldade para o automóvel e atirou-se para cima da almofada.

– Não se sente bem? Estava lívida.

– Estou doente.

– Vou mandar parar numa farmácia.

– Não – disse violentamente.

– Então, estenda-se e feche os olhos, chegaremos num instante.

Ivich gemeu um pouco. De repente ficou verde e pendurou-se na janela. Mathieu viu as costas magras sacudidas pêlos vômitos.

Estendeu o braço e segurou o trinco, tinha medo de que a porta se abrisse. Depois de um instante a tosse cessou. Mathieu encostou-se para trás, tirou o cachimbo, encheu-o e fingiu estar absorto.

Ivich tornou a encostar-se na almofada e Mathieu guardou o cachimbo.

– Chegámos – avisou.

Ivich ergueu-se com dificuldade.

– Tenho vergonha – disse.

Mathieu desceu primeiro e deu-lhe a mão para a ajudar, \ mas

ela recusou e saltou com vivacidade para o passeio. Ele pagou ao motorista apressadamente e voltou-se para

IDADE DA RAZÃO

ela. Ela olhava-o com uma expressão neutra. Um cheiro azedo de vômito exalava da sua boca tão pura. Mathieu respirou apaixonadamente esse cheiro.

— Está melhor?

— Já não estou embriagada — disse Ivich, sombria. — Mas a cabeça dói-me.

Mathieu conduziu-a devagar pela escada.

— Cada degrau é uma pancada — disse ela, hostil. No segundo patamar parou para tomar fôlego.

— Agora lembro-me de tudo.

— Ivich!

— Tudo. Andei com aquela gente imunda, dei um espectáculo.

E... fui reprovada.

— Venha. Só mais um andar.

Subiram em silêncio. Ivich disse subitamente:

— Como me encontrou?

Mathieu inclinou-se para enfiar a chave na fechadura.

— Eu estava à sua procura e encontrei Renata. Ivich resmungou atrás dele:

— Estava à espera que viesse.

— Entre — disse Mathieu, afastando-se. Ela roçou-o ao passar e ele teve de apertá-la nos braços.

Ivich deu alguns passos incertos e entrou no quarto. Olhou em volta com um olhar morto.

— É a sua casa?

—É.

Era a primeira vez que a recebia no seu apartamento. Olhou as poltronas de couro verde e a mesa de trabalho. Viu-as nos olhos de Ivich e teve vergonha.

— Aí está o sofá. Deite-se.

Ivich atirou-se para o sofá sem dizer uma palavra.

J E A N-P AUL SARTRE

— Quer chá?

— Estou com frio.

Mathieu foi buscar uma coberta e estendeu-a sobre as pernas dela. Ivich fechou os olhos e pousou a cabeça na almofada.

Sofria. Três pequenas rugas verticais sulcavam--Ihe a fronte.

— Quer chá?

Ela não respondeu. Mathieu pegou numa chaleira eléctrica e foi enchê-la na torneira do lavatório. No armário descobriu metade um limão já seco, mas bem apertado talvez se arranjasse ainda uma gota. Pô-lo em cima de uma bandeja com duas chávenas e voltou ao quarto.

— Pus água a ferver — disse.

Ivich não respondeu. Dormia. Mathieu puxou uma cadeira junto do sofá e sentou-se sem ruído. As três rugas tinham desaparecido. A fronte estava lisa e pura, ela sorria. «Como é jovem», pensou. Pusera toda a sua esperança numa criança. Era tão fraca e tão leve sobre o sofá, não podia auxiliar ninguém, precisava antes de auxílio. E Mathieu não podia auxiliá-la. Ivich partiria para Laon, embrutecer-se-ia lá, passariam um Inverno ou dois e surgiria um tipo – um jovem – que a levaria consigo. «Eu casarei com Marcelle.» Mathieu levantou-se e foi devagarinho ver se a água estava a ferver. Depois voltou e sentou-se junto de Ivich. Olhava com ternura o corpinho doente e maculado que permanecia tão nobre no sono; pensou que amava Ivich e admirou-se: não parecia amor, não era uma emoção específica, nem um matiz especial dos seus sentimentos, dir-se-ia uma maldição pregada no horizonte, uma promessa de desgraça. A água pôs-se a chiar na chaleira, e Ivich abriu os olhos.

IDADE DA RAZÃO

– Vou fazer chá – disse Mathieu –, quer?

– Chá? – indagou Ivich, perplexa. – Mas você não sabe fazer chá.

Endireitou os cabelos com a palma da mão e ergueu-se esfregando os olhos.

– Dê-me o pacote do chá – disse –; vou fazer chá à moda russa. Mas preciso de um samovar.

– Só tenho uma chaleira – respondeu Mathieu, entregando-lhe o pacote de chá.

– Oh!, chá de Ceilão! Enfim, tanto pior. Passou a ocupar-se da chaleira.

– E o bule?

– É verdade.

Foi buscar o bule à cozinha.

– Obrigada.

Estava ainda sombria, porém mais animada. Pôs a água no bule e voltou a sentar-se.

– E preciso esperar um pouco – disse. Houve um silêncio.

– Não gosto do seu apartamento.

– Já o sabia. Se estiver melhor, podemos sair.

– Ir aonde? Não. Estou contente aqui. Todos esses cafés giravam em torno de mim. E depois aquela gente toda! Um pesadelo! Aqui é feio, mas calmo. Não poderia fechar as cortinas? Acenderíamos a lâmpada pequena.

Mathieu levantou-se, fechou as persianas e as cortinas pesadas. Acendeu a lâmpada da secretária.

– E noite – disse Ivich, encantada. Encostou-se às almofadas do sofá.

– Como é suave; é como se o dia tivesse terminado. – Depois de

uma ligeira pausa, acrescentou: – Quero

J E A N-P AUL SARTRE

que seja noite quando sair, tenho medo de voltar a ver o dia.

– Ficaré aqui quanto tempo quiser. Não espero ninguém. Aliás, se vier alguém, deixaremos que toque, não abriremos. Estou inteiramente livre.

– Não era verdade. Marcelle esperava-o às onze horas. Pensou com rancor: «Que espere.»

– Quando parte?

– Amanhã. Há um comboio ao meio-dia. Mathieu ficou um momento sem falar. Depois disse, controlando a voz:

– Eu acompanhá-la-ei à estação.

– Não – atalhou Ivich. – Detesto isso. Detesto as despedidas moles que se esticam como borracha. E depois estarei exausta.

– Como queira. Telegrafou aos seus pais?

– Não. Boris queria, mas não deixei.

– Então tem de lhes comunicar, você mesma? Ivich baixou a cabeça:

– Tenho.

Calaram-se. Mathieu olhava a cabeça baixa de Ivich e os seus ombros frágeis. Parecia-lhe que ela o abandonava aos poucos.

– Então – disse –, é a sua última noite do ano?

– Ah! – respondeu ela irónica –, do ano!...

– Ivich, não deve... Irei visitá-la a Laon.

– Não quero. Tudo o que toca Laon fica sujo.

– Pois bem, você há-de voltar.

– Não. \

– Há um novo exame em Novembro, os seus pais não podem...

A IDADE DA RAZÃO

– Não os conhece.

– Não. Mas não é possível que lhe estraguem a vida para a castigar por ter fracassado uma vez.

– Não pensarão em castigar. Será pior. Vão desinteressar-se de mim, sairei simplesmente da cabeça deles. É, aliás, o que mereço. Não sou capaz de aprender um ofício e prefiro passar o resto da vida em Laon do que voltar a fazer esse exame.

– Não diga isso – atalhou Mathieu, alarmado. – Não se deve resignar dessa maneira. Você detesta Laon.

– Detesto!

Mathieu levantou-se para ir buscar o bule e as chávenas.

Subitamente o sangue subiu-lhe ao rosto. Voltou-se para ela e murmurou sem a olhar:

– Ouça, Ivich, você vai partir amanhã, mas dou-lhe a minha palavra que voltará. Em fins de Outubro. Daqui até lá hei-de-me arranjar.

– Há-de-se arranjar? – indagou Ivich, surpreendida e cansada.

– Mas não tem nada que arranjar, já lhe disse que sou incapaz

de aprender um ofício.

Mathieu atreveu-se a erguer os olhos para ela, mas não se sentia tranquilo. Como encontrar palavras que não a ferissem?

— Não é o que queria dizer... se você... se quisesse, se me permitisse auxiliá-la.

Ivich não parecia compreender, e Mathieu acrescentou:

— Terei algum dinheiro. Ivich encolheu os ombros.

— Ah!, é isso? Observou secamente:

— Totalmente impossível.

J E A N-P AUL SARTRE

— Não, de modo nenhum — disse Mathieu com calor —, não é absolutamente impossível. Ouça, durante as férias eu farei economias. Odette e Jacques convidam-me sempre para passar o mês de Agosto em Juan-les-Pins e eu nunca aceitei, mas um dia terei de ir. Pois irei este ano, isso divertir-me-á e eu farei economias... Não recuse sem saber, será um empréstimo.

Interrompeu-se. Ivich afundara-se no sofá e olhava por baixo com uma expressão má.

— Não me olhe assim, Ivich!

— Ah!, não sei como estou a olhar, só sei que estou com dor de cabeça — disse Ivich, aborrecida. Baixou os olhos e continuou:

— Quero ir dormir.

— Ivich, ouça. Eu arranjarei dinheiro, você viverá em Paris. Não diga que não, sem pensar. Isso não pode aborrecê-la, você há-de reembolsar-me quando ganhar a sua vida.

Ivich fez um gesto, e Mathieu acrescentou vivamente:

— Ou então paga-me Boris.

Ivich não respondeu. Enterrou o rosto nos cabelos. Mathieu permanecia em frente dela, aborrecido e infeliz.

— Ivich!

Ela continuava calada. Teve vontade de lhe pegar no queixo e erguer-lhe a cabeça à força.

— Ivich, responda. Porque não responde?

Ivich continuava calada. Mathieu pôs-se a andar de um lado para o outro. Pensava: «Ela vai aceitar, não a largarei enquanto não aceitar. Darei lições, corrigirei provas.»

— Ivich, vai dizer-me porque é que não aceita.

A IDADE DA RAZÃO

Era possível vencer Ivich pelo cansaço; para isso era preciso espicaçá-la com perguntas, mudando de tom todas às vezes.

— Porque é que não aceita? Diga, porque é que não aceita?

Ela murmurou finalmente, sem erguer a cabeça:

— Não quero o seu dinheiro.

— Porquê? Não aceita o dos seus pais?

— Não é a mesma coisa.

— Efectivamente, não é. Disse-me mil vezes que os odiava.

— Não tenho motivos para aceitar o seu dinheiro...

– E tem motivos para aceitar o deles?
– Não quero que sejam generosos comigo. Com os meus pais não preciso de ser grata.
– Ivich, que orgulho é esse? Não tem o direito de desperdiçar a sua vida por uma questão de dignidade. Pense na existência que terá em Laon, há-de lamentá-lo todos os dias, todas as horas. Vai arrepender-se de ter recusado.

Ivich alterou-se:

– Deixe-me! Deixe-me! Acrescentou em voz baixa e rouca:
– Que suplício não ser rica! Em que situações abjectas uma pessoa se mete!
– Não a compreendo – disse Mathieu, com doçura. – Disse-me no mês passado que o dinheiro era uma coisa aviltante com a qual as pessoas não se deviam preocupar. Você dizia: «Não me importa de onde venha, contanto que o tenha.»

Ivich encolheu os ombros. Mathieu via-lhe apenas o alto da cabeça, um bocadinho da nuca entre os caracóis

J E A N-P AUL SARTRE

e a gola da blusa. A nuca era mais escura do que a pele do rosto.

– Não foi isto que disse?
– Não quero que me dê dinheiro. Mathieu perdeu a paciência.
– Ah!, então é porque sou um homem – disse com um riso nervoso.
– Que é que está a dizer? Olhara-o com um ódio frio.
– É grosseiro. Nunca pensei nisso... e pouco me importa. Nem sequer imagino...
– Então? Pense nisto: pela primeira vez na sua vida seria totalmente livre; há-de morar onde quiser e fazer o que lhe agrada. Disse-me que gostaria de estudar Filosofia, pois poderá tentar. Eu e Boris ajudá-la-emos.
– Porque deseja fazer-me bem? Nunca lhe fiz bem. Sempre fui insuportável para consigo e agora você tem pena de mini.
– Não tenho pena de si.

– Então, porque quer dar-me dinheiro?

Mathieu hesitou e depois disse, desviando o olhar:

– Não posso suportar a ideia de não a voltar a ver... Houve um silêncio, e Ivich perguntou, num tom estranho:

– Quer... quer dizer que... é por egoísmo que me ajudaria?

– Puro egoísmo – disse Mathieu, secamente –, tenho vontade de a ver, é tudo.

Não se atreveu a olhá-la. Ela olhava-o arqueando as sobrancelhas, com a boca entreaberta. Depois, subitamente, pareceu acalmar-se.

IDADE DA RAZÃO

– Então, talvez – murmurou com indiferença. – Nesse caso isso é consigo. Afinal tem razão. Que o dinheiro venha de um lado

ou de outro.

Mathieu respirou. «Pronto!» Mas não estava ainda sossegado.

Ivich continuava com um ar aborrecido.

— Que vai dizer aos seus pais? — perguntou para a comprometer ainda mais.

— Qualquer coisa. Podem ou não acreditar. Que importa, se não são eles que pagam?

Baixou a cabeça com um ar sombrio.

— Tenho de lá ir — disse ela.

Mathieu esforçou-se por esconder a sua irritação.

— Mas se voltar...

— Oh!... — disse ela — isso é uma utopia... Digo não, digo sim, mas não chego a acreditar. Está tão longe. Ao passo que Laon, sei que estarei lá amanhã à tarde...

Tocou na garganta com o dedo.

— Sinto-o aqui. Mas tenho de fazer as malas. Tenho que fazer a noite inteira... Levantou-se.

— O chá deve estar pronto. Vamos toma-lo. Encheu as chávenas. Estava escuro como café.

— Eu hei-de escrever-lhe — disse Mathieu.

— Eu também — respondeu ela —, mas não sei o que lhe hei-de dizer.

— Vai descrever-me a casa, o quarto. Quero poder imaginá-la em Laon.

— Não gostaria de falar nisso. Basta vivê-lo. Mathieu pensou nas cartinhas secas de Boris a Lola. Mas foi apenas um instante. Olhou as mãos de Ivich,

J E A N-P AUL SARTRE

as unhas vermelhas e bicudas, os pulsos magros e pensou: «Vou tornar a vê-la.»

— Que chá esquisito! — disse Ivich. Mathieu estremeceu.

Acabavam de tocar a campainha. Não disse nada. Esperava que Ivich não tivesse ouvido.

— Não tocaram? — indagou ela. Mathieu pôs um dedo sobre os lábios.

— Já dissemos que não íamos abrir.

— Abrimos, sim — disse Ivich com voz clara. — Talvez seja importante. Vá abrir.

Mathieu dirigiu-se para a porta. Pensava: «Tem horror de parecer minha cúmplice.» Abriu a porta. Era Sarah.

— Bom dia — falou ela, arquejante. — O que me fez correr... O ministro disse-me que me tinha telefonado e eu vim. Nem sequer pus o chapéu.

Mathieu olhou-a, espantado. No horrível tailleur verde, rindo com os dentes estragados, os cabelos despenteados e a sua expressão de bondade doentia, cheirava a catástrofe.

— Bom dia — disse com vivacidade —, sabe, estou com...

Sarah empurrou-o amavelmente e espreitou por cima do ombro de Mathieu.

— Quem está aí? — perguntou com uma curiosidade sôfrega. — Ah!, é Ivich Serguine. Como passou?

Ivich levantou-se e fez uma espécie de reverência. Parecia decepcionada. Sarah também, aliás. Ivich era a única pessoa que Sarah não suportava.

— Como está magrinha — disse Sarah. — Aposto que não come bem, não é razoável.

Mathieu colocou-se diante de Sarah e olhou-a fixamente. Sarah riu.

IDADE DA RAZÃO

— Lá está Mathieu a fazer-me olhinhos feios — disse. — Não quer que eu lhe fale de regime. Voltou-se para Mathieu.

— Cheguei tarde. Não encontrei Waldmann. Há vinte dias que está em Paris e já se meteu numa quantidade de negócios escuros. Só às seis horas é que lhe pus a vista em cima.

— E muito boa, Sarah, obrigado. E Mathieu acrescentou, alegre:

— Falaremos disso mais tarde. Venha tomar uma chávena de chá.

— Não, não; não posso, preciso de ir à Livraria Espanhola, querem ver-me urgentemente, chegou um amigo de Gomez.

— Quem? — perguntou Mathieu para ganhar tempo.

— Ainda não sei. Disseram-me: um amigo de Gomez. Vem de Madrid.

Ela olhou Mathieu com ternura. Os olhos pareciam inundados de bondade.

— Meu pobre Mathieu, más notícias para si. Ele recusa.

— Hem?

Ainda assim, Mathieu teve forças para dizer:

— Deseja sem dúvida falar-me particularmente? Franzio as sobancelhas repetidas vezes. Mas Sarah não via nada.

— Não vale a pena — disse tristemente. — Não tenho quase nada a dizer. Insisti o mais que pude. Nada. É preciso que a pessoa em questão esteja lá amanhã com o dinheiro.

— Bem — disse Mathieu. — Não se fala mais nisso. Acentuou as últimas palavras, mas Sarah queria justificar-se.

J E A N-P AUL SARTRE

— Fiz o possível, supliquei, ele perguntou-me se ela era judia. Disse que não. Então disse: «Não dou crédito. Se quer que eu opere, que pague. Aliás, há muitos médicos em Paris.» Mathieu ouviu o sofá ranger. Sarah continuava:

— Disse ainda: «Nunca mais lhes fio, fizeram-nos sofrer de mais.» E é verdade, eu compreendo-o. Falou-me dos judeus de Viena, dos campos de concentração. Eu não podia acreditar... Martirizaram-nos.

Calou-se e fez-se um silêncio pesado. Continuou, meneando a cabeça:

– Que vai fazer?
– Não sei.
– Não pensa em...
– Penso – disse Mathieu tristemente –, acho que vai acabar assim.
– Meu caro Mathieu – disse Sarah, comovida.
Ele olhou-a duramente e ela calou-se, desconcertada. E viu acender-se-lhe nos olhos algo que se assemelhava a um clarão de consciência.
– Bem – disse ela ao fim de um momento –, vou-me embora. Telefone amanhã sem falta, quero saber.
– Está bem, adeus Sarah.
– Adeus, minha senhora – disse Ivich. Quando Sarah saiu, Mathieu voltou a andar de um lado para o outro, no quarto. Estava com frio.
– Esta mulher é um vendaval – disse a rir. – Entra, derruba tudo, e sai como um golpe de vento.
Ivich não respondeu. Mathieu sabia que ela não responderia. Foi sentar-se ao lado dela e disse sem a olhar:
– Ivich, vou casar-me com Marcelle.
A IDADE DA RAZÃO
Fez-se silêncio. Mathieu contemplava as pesadas cortinas verdes. Estava triste. Explicou a Ivich, de cabeça baixa:
– Ela disse-me anteontem que está grávida. As palavras saíam com dificuldade. Não se atrevia a olhar para Ivich, mas sabia que ela o olhava.
– Não sei porque me está a dizer isso – observou ela com uma voz gelada. – Não tenho nada com isso. Mathieu encolheu os ombros.
– Mas sabia que ela...
– Era sua amante? – disse Ivich com arrogância. – Não me preocupo muito com essas coisas.
Hesitou e continuou como se estivesse distraída:
– Não sei porque está tão abatido. Se casa é porque quer, sem dúvida. Segundo me disseram, há muitos meios de...
– Não tenho dinheiro – disse Mathieu. – Procurei por toda a parte.
– Foi por isso que encarregou Boris de pedir cinco mil francos a Lola?
– Eu não... pois bem; foi para isso.
– É sórdido – disse Ivich com uma voz neutra.
– Pois é.
– Aliás, não tenho nada com isso. Você é que sabe o que deve fazer.
Acabou de tomar o chá e perguntou:
– Que horas são?
– Nove menos um quarto.

— Está escuro?

Mathieu foi à janela e levantou as cortinas. Uma luz suja filtrou-se através das persianas.

— Ainda não.

J E A N-P AUL SARTRE

— Não faz mal — disse Ivich levantando-se. — De qualquer maneira vou-me embora. Tenho de fazer as malas

— gemeu.

— Então, até breve — disse Mathieu. Não tinha vontade que ela ficasse.

— Até breve.

— Vê-la-ei em Outubro?

Saíra-lhe sem querer. Ivich teve um estremecimento violento.

— Em Outubro? — disse ela com um olhar faiscante.

— Em Outubro! Ah! Não. Depois riu-se.

— Desculpe, mas está com um ar tão cómico. Nunca pensei em aceitar o seu dinheiro. Nem tem o suficiente sequer para o casamento.

— Ivich! — gritou Mathieu pegando-lhe no braço. Ivich gritou e desenvencilhou-se violentamente.

— Largue-me! Não me toque.

Mathieu largou-a. Sentia uma raiva desesperada subir dentro dele.

— Bem percebi — continuou Ivich, arquejante. — Ontem de manhã... quando se atreveu a tocar-me... pensei: «São modos de homem casado...»

— Chega! — disse Mathieu com dureza. — Não precisa de insistir. Já compreendi.

Ela pusera-se diante dele, vermelha de ódio e com um sorriso insolente. Ele teve medo de si próprio. Precipitou-se para a saída empurrando-a e bateu com a porta atrás de si.

*

XVI

TH ne sais pás aimer, tu ne sais pás En vain je tends lês bras.

O

Café dos Três Mosqueteiros brilhava com todas as suas luzes na noite ainda indecisa. Uma multidão desocupada agrupara-se nas mesas da esplanada. Dentro em pouco a renda luminosa da noite estender-se-ia sobre Paris, café por café, montra por montra. As pessoas esperavam a noite ouvindo música, pareciam felizes e juntavam-se ali, como se estivessem com frio, diante daqueles primeiros fogos vermelhos. M../ L contornou a multidão lírica: a doçura crepuscular não era para ele. Tu ne sais pás aimer, tu ne sais pás Jamais, jamais tu ne sauras.

J E A N-P AUL SARTRE

Uma rua comprida e direita: atrás dele um quarto verde, uma conscienciazinha cheia de ódio repelia-o com toda a força. Diante dele um quarto cor-de-rosa, uma mulher imóvel esperava-o cheia de esperança. Dentro de uma hora entraria escondido naquele quarto cor-de-rosa e deixar-se-ia envolver por aquela doce esperança, por aquela gratidão, por aquele amor. Para toda a vida, para sempre! Muitos atiram-se à água por muito menos.

— Cretino!

Mathieu atirou-se para a frente a fim de evitar o automóvel, esbarrou no passeio e caiu no chão. Caíra sobre as mãos.

— Que chatice!

Levantou-se. As palmas das mãos ardiam-lhe. Olhou com gravidade as mãos sujas de lama. A direita estava preta, com alguns arranhões. A esquerda doía-lhe; a lama sujara-lhe a ligadura. «Só faltava mais isto», e murmurou seriamente, «só faltava mais isto». Tirou o lenço, molhou-o com saliva e esfregou as mãos com uma espécie de ternura. Tinha vontade de chorar. Durante um segundo ficou suspenso, olhando espantado. Depois deu uma gargalhada. Ria de si mesmo, de Marcelle, de Ivich, da ridícula queda, da vida, das suas miseráveis paixões. Recordava as antigas esperanças e ria porque tinham dado naquilo, naquele homem grave que quase chorava porque dera uma queda. Olhava-se sem vergonha, com uma curiosidade divertida, fria, e pensava: «Dizer que me levava a sério.» Deixou de rir, depois de uns momentos; não havia razão para rir.

Um vazio. O corpo volta a marchar arrastando os pés, pesado e quente, com arrepios, ardores de raiva na gar-

DADE DA RAZÃO

ganta e no estômago. Mas já ninguém o habita. As rugas esvaziaram-se como por um buraco de esgoto; aquilo que ainda há pouco as enchia desapareceu. As coisas ficaram ali, intactas, mas o molho desfez-se, caem do céu como enormes estalactites, sobem do chão como absurdos meni-res, todas as pequenas solicitações quotidianas, todos os miúdos cantos de cigarra se dissiparam no ar. Elas calam--se. Havia outrora um futuro de homem que se interpunha entre elas e que elas reflectiam num leque de tentações diversas. O futuro morreu. O corpo vira à direita, mergulha num gás luminoso a dançar no fundo de uma greta imunda, entre blocos de gelo riscados por clarões. Massas sombrias arrastam-se a ranger. Ao nível dos olhos, flores peludas balançam. Entre as flores, no fundo da fenda, uma transparência desliza e se contempla com uma paixão gelada.

«Irei buscá-las.» O mundo reformou-se, barulhento e activo, com autos, pessoas, montras. Mathieu encontrou-se no meio da

Rua Départ. Mas não era o mesmo mundo nem exactamente o mesmo Mathieu. No fim do mundo, para além dos edifícios e das ruas, havia uma porta fechada. Tirou da carteira uma chave. Lá longe aquela porta fechada, aqui esta chave chata. Eram os únicos objectos do mundo. Entre eles não havia nada a não ser um monte de obstáculos e distância. «Dentro de uma hora. Posso ir a pé.» Uma hora, o tempo de chegar até à porta e abri-la; além dessa hora não havia nada. Mathieu andava com um passo regular, em paz consigo mesmo, sentia-se mal e sereno. «E se Lola tiver ficado na cama?» Pôs a chave no bolso e pensou: «Que importa! Pego no dinheiro mesmo assim.»

J E A N-P AUL SARTRE

A lâmpada iluminava mal. Perto da janela que dava para o telhado, entre a fotografia de Marlene Dietrich e a de Robert Taylor, uma folhinha e um pequeno espelho já manchado de ferrugem. Daniel aproximou-se, abaixando-se ligeiramente, e começou a dar o nó na gravata; tinha pressa em acabar de se vestir. No espelho, atrás dele, quase apagado pela penumbra e a sujidade, viu o perfil magro e duro de Ralph e as suas mãos puseram-se a tremer. Tinha vontade de apertar aquele pescoço fino com a maça-de-adão saliente e de esfrangalhá-lo entre os dedos. Ralph voltara a cabeça para o lado do espelho e olhava para Daniel com um estranho olhar. Não sabia que Daniel o podia ver. «Cara de assassino», pensou Daniel com um arrepio, talvez de prazer. «Está humilhado o macho, odeia-me.»

Demorou-se a dar o nó na gravata. Ralph continuava a olhá-lo, e Daniel gozava aquele ódio que os unia, um ódio requentado, que parecia ter vinte anos; aquilo purificava-o. «Um dia um tipo como este liquida-me à traição.» O rosto avolumar-se-ia no espelho e seria o fim, a morte infame que merecia.

Voltou-se, e Ralph baixou os olhos vivamente. O quarto era um forno.

— Não tens uma toalha? Tinha as mãos húmidas.

— Veja dentro do jarro.

Dentro do jarro havia uma toalha sujíssima. Daniel enxugou cuidadosamente as mãos.

— Nunca houve água neste jarro. Vocês não parecem muito amigos da água.

— Nós lavamo-nos no lavatório do corredor — disse Ralph, chateado.

A IDADE DA RAZÃO

Explicou, depois de um silêncio:

— É mais cómodo.

Sentado à beira da cama estreita, calçava os sapatos inclinando o busto, com o joelho direito erguido. Daniel contemplava o dorso magro, os braços jovens e musculosos que saíam de uma camisa Lacoste de mangas curtas. «Tem uma certa

graça», pensou com imparcialidade. Mas tinha horror àquela graça. Dentro de um minuto, estaria lá fora, e pronto! Mas bem sabia o que o esperava lá fora. No momento de vestir o casaco, hesitou. Tinha os ombros e o peito inundados de suor, e pensava apreensivo no peso do casaco que lhe ia colar a camisa de linho contra a carne húmida.

– O teu quarto é terrivelmente quente!

– E mesmo debaixo do telhado.

– Que horas são?

– Nove, acabam de soar.

Dez horas ainda, antes da madrugada! Não se deitaria. Quando se deitava depois, era muito mais penoso. Ralph ergueu a cabeça:

– Queria perguntar-lhe, Sr. Lalique, foi o senhor quem aconselhou Bobby a voltar para a farmácia?

– Aconselhou? Não. Só lhe disse que era asneira tê-la deixado.

– Bom, não é a mesma coisa. Ele veio dizer-me hoje de manhã que ia pedir desculpas, que era o senhor que queria, não parecia muito franco.

– Eu não quero coisa alguma – disse Daniel – e não lhe disse para pedir desculpas.

Sorriram ambos com desprezo. Daniel quis vestir o casaco, mas não teve coragem.

J E A N-P AUL SARTRE

– Eu disse-lhe: faz o que quiseres. Não é da minha conta – explicou Ralph. – Se foi o Sr. Lalique quem te aconselhou... mas estou a ver, agora.

Fez um movimento irritado para dar o laço no sapato do pé esquerdo.

– Não lhe vou dizer nada. Ele é assim. Precisa sempre de mentir. Mas há um a quem eu deitarei a mão quando o apanhar.

– O farmacêutico?

– Sim. Mas não o velho. O tipo novo.

– O estagiário?

– Sim. Esse estupor. O que foi dizer de Bobby e de mim! Bobby não tem vergonha. Voltar para aquela casa! Mas eu vou esperar o gajo à saída.

Sorriu maldoso. Comprazia-se no seu ódio.

– Vou chegar de mãos nos bolsos, com um arzinho de poucos amigos. «Estás-me a conhecer? Estás? Então ouve. Que é que foste dizer de mim, hem! Que é que foste contar? Ah!, vai ver.» – «Não disse nada, não disse nada». – «Ah!, não disseste nada? Pois toma.» E zás no estômago. Atiro-o ao chão, salto-lhe em cima e bato-lhe com a cabeça contra o passeio. Daniel olhava-o, com uma irritação irónica. Pensava: «São todos iguais.» Todos menos Bobby, que era uma fêmea. Depois todos falam em quebrar a cara a alguém. Ralph entusiasmara-se,

os olhos brilhavam-lhe, as orelhas estavam vermelhas. Tinha necessidade de fazer gestos vivos e bruscos. Daniel não soube resistir ao desejo de o humilhar ainda mais.

– Eh!, talvez seja ele que te liquide.

– Ele? – Ralph riu maldosamente. – Pode vir. Pergunte só ao empregado do Oriental. Ele sabe. Um

IDADE DA RAZÃO

camarada de trinta anos e com braços assim. Queria-me pôr fora, era o que ele dizia. Daniel sorriu com insolência.

– E tu desfizeste-o, naturalmente.

– Pergunte! Pergunte só! – disse Ralph, magoado.

– Havia uns a olhar. «Vens cá para fora», disse eu. Era Bobby, e um muito alto que eu já vi consigo. E Corbin do matadouro. Ele saiu: «Queres ensinar a viver a um pai de família?» Foi o que ele disse. Mandeí-lhe uma! Um murro no olho para começar, e de passagem limpei-

-Ihe o focinho com o cotovelo: assim. Em cheio.

Levantara-se imitando as fases da luta. Voltou-se sobre os pés mostrando as nádegas duras, moldadas pelas calças azuis.

Daniel sentiu-se cheio de ódio. Apetecia-lhe espancá-lo.

– Mijava sangue – continuou Ralph. – Uf! Uma rasteira e estatelou-se no chão. Já não sabia onde estava, o pai de família.

Calou-se, sinistro e arrogante, coberto de glória. Parecia um insecto. «Eu mato-o», pensou Daniel. Não acreditava muito naquelas histórias, mas achava humilhante que Ralph tivesse dominado um homem de trinta anos. Pôs-se a rir.

– A brincar aos heróis, hem! Acabarás por te espetar. Ralph riu também e aproximaram-se um do outro.

– Então – continuou Daniel –, não tens medo de ninguém, hem? Não tens medo de ninguém. Ralph estava vermelho.

– Não são os maiores que são os mais fortes – disse.

– E tu? Vamos lá ver se tens força. (E Daniel deu-

-Ihe um empurrão.) Vamos lá ver se tens força.

J E A N-P AUL SARTRE

Ralph abriu a boca espantado, mas os olhos faiscaram--Ihe de raiva.

– Consigo posso eu bem. A brincar, claro – disse ele com voz sibilante. – Gentilmente, não ganhará. Daniel agarrou-o pela cintura.

– Vou mostrar-to, menino.

Ralph era duro e flexível. Os músculos escorregavam nas mãos de Daniel. Lutavam em silêncio, e Daniel começou a arquejar. Tinha a impressão vaga de ser um tipo gordo e de bigode. Ralph conseguiu erguê-lo, mas Daniel enfiou-lhe as mãos na cara e ele largou-o. Encontraram-se novamente um diante do outro, sorridentes e raivosos.

– Ah!, está a querer de verdade – disse Ralph num tom estranho. – Está mesmo com vontade?

Atirou-se subitamente sobre Daniel, de cabeça. Daniel desviou-se e agarrou-o pela nuca. Estava sem fôlego. Ralph não parecia nada cansado. Juntaram-se de novo e principiaram a girar no meio do quarto. Daniel sentiu um gosto áspero e febril no fundo da boca. «Tenho de acabar com isto ou então ele vence-me.» Empurrou Ralph com toda a força, mas Ralph resistiu. Uma raiva louca invadiu Daniel, pensava: Estou a ser ridículo.» Baixou-se de repente e pegou Ralph pelos rins, levantou-o, atirou-o para a cama e caiu em cima dele. Ralph debateu-se, tentou arranhá-lo, mas Daniel segurou-lhe os pulsos e apertou-lhe os braços sobre o travesseiro. Ficaram assim um bom momento, Daniel demasiado cansado para se levantar. Ralph estava pregado na cama, impotente, esmagado sob aquele peso de homem, de pai de família. Daniel contemplava-o, satisfeito. Os olhos de Ralph estavam cheios de ódio. Era belo.

A IDADE DA RAZÃO

– Quem ganhou? – perguntou Daniel ainda arquejante. – Quem ganhou, menino?

Ralph sorriu imediatamente e disse com uma voz falsa:

– O Sr. Lalique é forte.

Daniel largou-o e pôs-se de pé. Estava arquejante e humilhado. O coração batia-lhe como se fosse estourar.

– Já fui forte – disse. – Agora não tenho fôlego.

Ralph estava de pé, arranjava o colarinho da camisa e não arquejava. Tentou rir, mas desviava os olhos de Daniel.

– O fôlego não é nada – disse, generoso. – Questão de treino.

– Lutas bem – observou Daniel –, mas há a diferença de peso.

Riram ambos, contrafeitos. Daniel tinha vontade de agarrar Ralph pelo pescoço e encher-lhe a cara de socos. Vestiu o casaco, a camisa molhada de suor colou-se-lhe à pele.

– Bom – disse –, vou-me embora. Adeus.

– Boa noite, Sr. Lalique.

– Escondi uma coisa para ti no quarto. Procura, que hás-de encontrá-la.

A porta fechou-se, Daniel desceu as escadas, com as pernas moles. «Antes de mais nada», pensou, «vou lavar-me dos pés à beça». Como transpusesse o limiar da porta, um pensamento veio-lhe repentinamente. Parou. Barbeara-se pela manhã, antes de sair, e deixara a navalha aberta sobre a lareira...

Ao abrir a porta, Mathieu fez soar uma campainha surda. Não notara isso de manhã, pensou: «Talvez liguem

J E A N-P AUL SARTRE

só de noite, depois das nove.» Olhava de viés pelo vidro da porta do escritório e viu uma sombra. Havia alguém. Caminhou

sem se apressar até ao quadro das chaves. Quarto 21. A chave estava ali, Mathieu pegou-lhe rapidamente e enfiou-a no bolso, depois deu uma volta e dirigiu-se para a escada. Uma porta abriu-se atrás dele: «Vão chamar-me.» Mas não teve medo, tinha previsto isso.

— Eh! Aonde vai? — perguntou uma voz áspera.

Mathieu voltou-se. Era uma mulher alta e magra, de lornhão. Parecia importante e mostrava-se inquieta. Mathieu sorriu-lhe.

— Aonde vai? — repetiu ela. — Não pode avisar na caixa?

«Bolívar. O nome do negro era Bolívar.»

— Vou ver o Sr. Bolívar, no 3.º — disse Mathieu tranquilamente.

— Bom. Vi o senhor mexer no quadro das chaves — disse a mulher, desconfiada.

— Estava a ver se a chave estava lá.

— Não está?

— Não, ele não saiu.

A mulher aproximou-se do quadro. Uma possibilidade sobre duas.

— Pois é — disse aliviada. — Não saiu.

Mathieu pôs-se a subir sem responder. No patamar do 3.º parou um instante, depois enfiou a chave na porta do 21 e abriu.

O quarto estava escuro. Uma escuridão avermelhada que cheirava a febre e a perfume. Fechou a porta à chave e avançou para a cama. A princípio estendia os braços para se proteger contra os possíveis obstáculos, mas já se acos-

IDADE DA RAZÃO

tumara à escuridão. A cama estava desarrumada e havia dois travesseiros ainda amassados pelo peso das cabeças. Mathieu ajoelhou-se diante da maleta e abriu-a. Sentia uma vaga vontade de vomitar. As notas que ele largara de manhã tinham caído sobre os maços de cartas. Pegou em cinco, não queria roubar para ele. «Que vou fazer da chave?» Hesitou, depois resolveu deixá-la na fechadura da maleta. Ao levantar-se percebeu no fundo do quarto uma porta que não vira de manhã. Abriu-a. Era o toilette. Mathieu riscou um fósforo e viu surgir no espelho o seu rosto avermelhado pela chama.

Contemplou-se até que a chama se extinguiu, depois largou o fósforo e voltou para o quarto. Agora distinguia com nitidez os móveis, os vestidos de Lola, o pijama, o roupão, o fato cuidadosamente dispostos sobre as cadeiras. Teve um risinho mau e saiu. O corredor estava vazio, mas ouviam-se passos e risos. Havia gente a subir a escada. Fez um movimento para voltar ao quarto. Não. Pouco se lhe dava ser surpreendido. Enfiou a chave na fechadura e fechou a porta. Quando se voltou, viu uma mulher com um soldado.

— E no quarto andar — disse ela. E o soldado respondeu:

— É alto.

Mathieu deixou-os passar. Depois desceu. Pensava, divertido, que o mais difícil ainda estava por fazer: pôr a chave no lugar.

No primeiro andar parou e inclinou-se sobre o corrimão. A mulher estava perto da porta de entrada e de costas voltadas para o quadro das chaves. Mathieu desceu sem fazer barulho, depositou a chave e saiu ruidosamente. A mulher virou-se e ele cumprimentou-a:

J E A N-P A U L SARTRE

— Adeus, minha senhora.

— Adeus, até logo — respondeu ela. Saiu. Sentia o olhar da mulher ferindo-lhe as costas. Tinha vontade de rir.

Morta a serpente, morre o veneno. Anda a passos largos, de pernas moles. Tem medo, a boca seca. As ruas são azuis de mais, a temperatura demasiado suave. A chama corre ao longo da mecha, o barril de pólvora está no fim. Sobe a escada a quatro e quatro. Custa-lhe a encontrar a fechadura, a mão treme-lhe. Dois gatos passam-lhe entre as pernas. Tem muito medo agora. Morta a serpente...

A navalha está sobre a lareira. Pega-lhe pelo cabo e contempla-a. O cabo é preto, a lâmina branca. A chama corre ao longo da mecha. Passa o dedo pelo fio da navalha e sente na ponta do dedo um gosto ácido de corte. Arrepia-se. A minha mão é que tem de fazer tudo. A navalha não ajuda, é uma coisa inerte, pesa apenas como um insecto na mão. Dá alguns passos no quarto, procura um socorro, um sinal. Tudo está inerte e silencioso. A mesa está inerte, as cadeiras estão inertes, flutuam na luz móvel. Só ele de pé, só ele vivo na luz demasiado azul. «Nada me ajudará, ninguém.» Os gatos arranham na cozinha. Agora apoia a mão na mesa, ela responde à pressão com uma pressão igual, nem mais nem menos. As coisas são servis. Dóceis. Manejáveis. A minha mão fará tudo sozinha. Boceja de angústia e tédio. Mais ainda de tédio que de angústia. Está sozinho naquele cenário. Nada o impede de resolver; nada o impede. Tem de decidir sozinho,

IDADE DA RAZÃO

o seu acto não é senão uma ausência. Aquela flor vermelha entre as pernas não está ali; aquela poça vermelha no soalho não está ali. Olha para o soalho. É liso, unido, não há lugar para manchas. Ficarei deitado no chão, inerte, com a braguilha aberta e viscosa, a navalha estará no chão, vermelha, cega, inerte. Contempla fascinado a navalha, o soalho; se pudesse imaginar nitidamente aquela poça vermelha e aquele odor, de um modo suficientemente nítido para que se realizassem por si, sem que precisasse de fazer o gesto! A dor aguento-a. Quero-a, chamo-a. Mas é o gesto, o gesto. Contempla o soalho, depois a lâmina. Em vão. A temperatura é suave, o quarto está docemente

iluminado, a navalha brilha docemente, pesa-lhe docemente na mão. Um gesto. É preciso um gesto, e o presente cai com a primeira gota de sangue. A minha mão, a minha mão é que deve fazer tudo.

Vai até à janela, olha para o céu. Puxa as cortinas. Com a mão esquerda, acende a luz. Com a mão esquerda. Passa a navalha para a mão esquerda. Pega na carteira. Tira cinco notas de mil francos. Pega num sobrescrito, põe o dinheiro dentro. Escreve: Senhor Delarue, Rua Huy-ghens, 12. Coloca o sobrescrito bem à vista sobre a mesa. Levanta-se, anda, carrega a fera no ventre, ela chupa-lhe o sangue, ele sente-a. Sim ou não. Tem de se resolver. Tem a noite toda para isso. Sozinho consigo mesmo. A noite toda. A mão direita apossa-se novamente da navalha. Tem medo da mão, examina-a. Está rígida na ponta do braço. Diz: «Vamos!» E um arrepio irónico percorre-lhe as costas, da nuca aos rins. «Vamos!» Se pudesse encontrar-se mutilado, como se encontra de pé, de manhã, depois que o despertador toca, sem saber como se levantou. Mas é pré-

J E A N-P AUL SARTRE

ciso fazer primeiramente o gesto obsceno, o gesto de mictório, desabotoar-se com paciência. A inércia da navalha contamina-lhe a mão, o braço. Um corpo vivo e quente com um braço de pedra. Um enorme braço de estátua, inerte, gelado, e a navalha na ponta. Abre os dedos: a navalha cai em cima da mesa.

A navalha está ali, sobre a mesa, aberta. Nada mudou. Pode estender a mão e agarrá-la. A navalha obedecerá, inerte. Ainda tem tempo. Nunca será tarde de mais, tem a noite toda. Anda de um lado para outro. Já não se odeia, não deseja nada, flutua. A serpente ali está, entre as pernas, recta, dura, que nojo! Se tens assim tanta repugnância, pequeno, a navalha está ali... Morta a serpente... A navalha. A navalha. Gira em torno da mesa sem despregar os olhos da navalha. Nada o impedirá de a agarrar. Nada. Tudo está inerte e tranquilo. Estende a mão, toca na lâmina. A minha mão fará tudo. Salta para trás, abre a porta e lança-se escada abaixo. Um gato desvairado rola pela escada com ele.

Daniel corria na rua. Lá em cima a porta tinha ficado aberta, a lâmpada acesa, a navalha sobre a mesa. Os gatos erravam pela escada escura. Nada o impedia de retroceder. O quarto esperava-o docilmente. Nada estava decidido, nunca seria decidido. Era preciso correr, fugir, o mais longe possível, mergulhar no ruído, nas luzes, entre as pessoas da rua, voltar a ser um homem entre os homens, ser olhado por outras pessoas. Correu até ao Rói Olaf. Empurrou a porta sem fôlego.

— Um uísque — pediu, arquejante.

As pancadas violentas do coração repercutiam-se nas pontas dos

dedos e sentia um gosto de tinta na boca. Sentou-se ao fundo do café.

A IDADE DA RAZÃO

— Parece cansado — disse o empregado respeitosamente.

Era um norueguês que falava francês sem sotaque. Olhava amavelmente para Daniel, e Daniel sentiu que se tornava um freguês rico, com qualquer coisa de maníaco e que dava boas gorjetas.

— Não estou muito bem — explicou, um pouco febril.

O empregado abanou a cabeça e foi-se embora. Daniel voltou à solidão. O seu quarto esperava-o, a porta estava aberta e a navalha brilhava em cima da mesa. «Nunca mais poderei voltar.» Beberia o que fosse necessário. Lá pelas quatro horas o empregado, com o barman, levá-lo-iam para casa. Como sempre. O empregado voltou com um copo meio e uma garrafa de Perrier.

— Exactamente como gosta — disse.

— Obrigado.

Daniel estava só naquele bar tranquilo. A luz loura espumava em volta dele; a madeira clara dos tabiques brilhava docemente, embebida num verniz grosso que se colava às mãos quando se lhe tocava. Deitou um pouco de água Perrier no copo, o uísque ferveu durante um segundo; bolhas apressadas subiam à superfície, como comadres atarefadas. E depois toda aquela agitação se acalmou. Daniel olhou o líquido amarelo e mole, no qual flutuava um pouco de espuma. Dir-se-ia cerveja morta. No bar, invisíveis, o empregado e o barman falavam norueguês.

— Beber mais!

Atirou o copo com um safanão. Esmagou-se no pavimento. O barman e o empregado calaram-se subitamente.

J E A N-P AUL SARTRE

Daniel inclinou-se por cima da mesa. O líquido escorria lentamente sobre os ladrilhos, deitando os pseudópodes em direcção aos pés de uma cadeira. O empregado acorreu.

— Sou um desastrado — disse Daniel, sorrindo. O empregado baixara-se para enxugar o chão e apanhar os cacos.

— Trago-lhe outro?

— Traga. Não — disse bruscamente. — É um aviso — acrescentou em tom de piada. — Não devo beber esta noite. Dê-me meia Perrier com limão.

O rapaz afastou-se. Daniel sentia-se mais calmo. Um ambiente opaco formava-se em volta dele. O odor a gengibre, a luz loura, os tabiques de madeira...

— Obrigado.

O empregado abriu a garrafa e encheu o copo. Daniel bebeu. Pensou: «Sabia! Sabia que não o faria.» Quando caminhava a passos largos pela rua, e quando subiu as escadas, já sabia que não iria até ao fim. Sabia-o quando pegara na navalha, não

se iludira um só instante. Pobre comediante! Só no fim conseguira amedrontar-se, fugira. Pegou no copo e apertou-o com raiva, queria ter nojo de si, não havia melhor oportunidade. «Estupor! Comediante covarde. Estupor!» Houve um momento em que pensou que ia consegui-lo, mas não, eram palavras. Ter-lhe-ia sido preciso... Um juiz qualquer! Qualquer juiz, aceitaria qualquer um, menos ele próprio, não aquele atroz desprezo sem força suficiente, aquele fraco e moribundo desprezo, que parecia sempre a ponto de se aniquilar e que nunca passava. Se alguém soubesse, se pudesse sentir pesar sobre ele o desprezo de outrem... «Mas nunca poderei, prefiro

A IDADE DA RAZÃO

castrar-me.» Olhou o relógio, onze horas, oito ainda por viver antes da manhã. O tempo não passava.

Onze horas! Sobressaltou-se. «Mathieu está em casa de Marcelle. Ela fala. Neste momento ela fala, abraça-o, acha que ele não se declara suficientemente depressa... Isso, também, fui eu que fiz.» Pôs-se a tremer: «Cederá, sim, tem de ceder, eu estraguei-lhe a vida.»

Largou o copo. Está de pé, com olhar fixo. Não pode desprezar-se nem esquecer. Gostaria de estar morto e existia, continuava a fazer-se existir, obstinadamente. Gostaria de estar morto, pensa que gostaria de estar morto, pensa que pensa que gostaria de estar morto... Há um meio.

Tinha falado alto. O empregado acorreu.

— Chamou?

— Sim — disse Daniel, distraído. — Tome, é para si.

Pôs cem francos na mesa. «Há um meio. Um meio de arranjar tudo.» Empertigou-se e dirigiu-se apressadamente para a porta. «Um meio famoso.» Riu. Alegrava-se sempre com a oportunidade de uma boa farsa.

M

athieu fechou a porta devagar, erguendo-a ligeiramente sobre os gonzos para que não rangesse. Depois pôs o pé no primeiro degrau da escada, curvou-se e desapertou os sapatos. O peito roçava-lhe os joelhos. Tirou os sapatos, segurou-os com a mão esquerda, endireitou-se e pousou a mão direita sobre o corrimão, de olhos erguidos para uma neblina rósea que parecia suspensa nas trevas. Já não se julgava. Subiu lentamente na escuridão, evitando que os degraus estalassem.

A porta do quarto estava entreaberta. Empurrou-a. A atmosfera era pesada. Todo o calor do dia se depositara no fundo daquele compartimento como uma borra. Sentada na cama, uma mulher contemplava-o sorridente, era Marcelle. Vestira o seu belo roupão branco de cordão dourado, pintara-se cuidadosamente, tinha um ar solene e alegre. Mathieu fechou a porta e ficou

imóvel, de braços

J E A N-P AUL SARTRE

caídos, tomado por uma insuportável doçura de existir que lhe apertava a garganta. Ele estava ali, ali desabrochava, junto daquela mulher sorridente, inteiramente mergulhado naquele cheiro de doença, de bombons e de amor. Marcelle inclinara a cabeça para trás e observava maliciosamente através das pálpebras semicerradas. Ele sorriu também e foi guardar os sapatos no armário. Uma voz cheia de ternura suspirou atrás dele:

— Querido!

Voltou-se subitamente e encostou-se ao armário.

— Olá — disse em voz baixa.

Marcelle ergueu a mão até à frente e mexeu os dedos.

— Olá, olá!

Passou-lhe o braço em volta do pescoço e beijou-o, deslizando a língua por entre os lábios dele. Ela pusera sombra azul nas pálpebras e tinha uma flor nos cabelos.

— Estás quente — disse ela, acariciando-lhe a nuca.

Olhava-o de baixo para cima, com a cabeça levemente inclinada, mexendo a ponta da língua entre os dentes com uma expressão animada e feliz... Estava bela. Mathieu pensou, com coração triste, na fealdade magra de Ivich.

— Estás bem-disposta — disse. — No entanto, ontem ao telefone não parecias muito bem.

— Não. Estava estúpida. Mas hoje estou bem, muito bem mesmo.

— Dormiste bem?

— Admiravelmente. De um sono só.

Beijou-o de novo e ele sentiu sobre os lábios o veludo rico daquela boca e aquela nudez glabra, quente e esperta da língua. Desenvencilhou-se docemente. Marcelle estava

A IDADE DA RAZÃO

nua por baixo do roupão. Viu-lhe os seios formosos e passou-lhe pela boca um gosto a açúcar. Ela pegou-lhe na mão e puxou-o para a cama.

— Senta-te junto de mim.

Ele sentou-se. Ela continuava a segurar a mão dele entre as suas e apertava-a de vez em quando, desajeitadamente, e Mathieu sentia que o calor daquelas mãos lhe subia até às axilas.

— Como está calor aqui — disse.

Ela não respondeu. Devorava-o com os olhos entreabertos, uma expressão de humildade e confiança. Ele deslizou devagar a mão esquerda diante do estômago e enfiou-a sorrateiramente no bolso das calças para tirar o tabaco. Marcelle viu-lhe a mão, de passagem, e exclamou:

— Que é que fizeste na mão?

— Cortei-me.

Marcelle largou a mão direita de Mathieu e pegou-lhe na outra; virou-a e examinou-lhe a palma com um olhar clínico.

— Mas o curativo está sujo. Isto vai infectar. Tem lama por cima, que foi isto?

— Caí.

Ela teve um riso indulgente e escandalizado.

— Cortei-me, dei uma queda. Já me viste tão tolo?

— Mas que foi que andaste a fazer? Espera, vou arranjar este penso; não podes andar assim. Desfez a ligadura e abanou a cabeça:

— Que ferida tão feia, como conseguiste cortar-te deste modo? Estavas embriagado?

— Não. Foi ontem à noite no Sumatra.

— No Sumatra?

J E A N-P AUL SARTRE

«Rosto largo e lívido, cabelos de ouro, amanhã, amanhã eu pentear-me-ei assim para si.»

— Uma fantasia do Boris — respondeu. — Comprou um canivete e desafiou-me duvidando que eu mal tivesse coragem de o espetar na mão.

— E tu, naturalmente, apressaste-te em demonstrar o contrário. És completamente doido, querido, esses miúdos fazem o que querem de ti. Olha para esta pobre «pata» devastada.

A mão de Mathieu repousava, inerte, entre as mãos dela. O ferimento era repugnante, com a sua crosta escura e mole. Marcelle levantou devagar aquela mão à altura do rosto e olhou-a de perto, e subitamente inclinou-se e apoiou os lábios no ferimento num impulso de humildade. «Que é que te aconteceu?», pensou Mathieu. Ele puxou-a para si e beijou-lhe a orelha.

— Estás bem comigo? — perguntou Marcelle.

— Naturalmente.

— Não pareces.

Mathieu sorriu sem responder. Ela levantou-se para ir buscar os apetrechos ao armário. Virava-lhe as costas, erguera-se nas pontas dos pés e levantava os braços para alcançar a prateleira de cima. As mangas caíram. Mathieu olhou aqueles braços nus que tantas vezes acariciara e os antigos desejos giraram-lhe em volta do coração. Marcelle voltou para ele alerta e lentamente.

— Dá cá a pata.

Embebera a esponja no álcool e pusera-se a lavar-lhe a mão. Ele sentia contra a sua anca o calor daquele corpo tão conhecido. /

— Lambe!

A IDADE DA RAZÃO

Marcelle apresentava-lhe um penso. Pôs a língua e lambeu docilmente a cobertura rósea. Marcelle aplicou-a na ferida. Depois pegou no curativo sujo, suspendeu-o na ponta dos dedos e considerou-o com uma falsa repugnância.

— Que vou fazer desta porcaria? Quando saíres, deita-o no lixo.

Ligou-lhe rapidamente a mão com uma ligadura branca de gaze.

— Então, Boris desafiou-te? E tu retalhaste a mão? Que criança! E ele também se cortou?

— Não. Marcelle riu-se.

— Pregou-te uma boa partida!

Ela segurava um alfinete-de-ama na boca e rasgava a gaze com as mãos. Disse, apertando nos lábios o alfinete:

— Ivich estava lá?

— Quando me cortei?

— Sim.

— Não, dançava com Lola.

Marcelle pôs o alfinete na ligadura. Sobre o 'aço ficara um pouco de bâton.

— Pronto. Divertiram-se muito?

— Mais ou menos.

— É bonito o Sumatra? Sabes o que eu queria? Que me levasses lá um dia.

— Mas isso aborrece-te, cansa-te — disse Mathieu, contrariado.

— Oh!, uma vez... Será uma festa, um passeio, há tanto tempo que não saio contigo.

«Uma saída!» Mathieu repetia esta palavra conjugal. Marcelle não era feliz nas suas expressões.

J E A N-P AUL SARTRE

— Queres? — disse Marcelle.

— Não pode ser antes do Outono — disse. — Agora precisas de descansar seriamente, depois virão as férias. Lola vai para a África do Norte.

— Então iremos no Outono. Prometes?

— Prometo.

Marcelle tossiu, constrangida.

— Bem vêes que não estás muito bem comigo — disse.

— Eu?

— Sim... fui desagradável anteontem.

— Não. Porquê?

— Fui. Estava nervosa.

— E tinhas razão. É tudo culpa minha, querida.

— Não tens culpa — disse ela, confiante. — Nunca tive nada que te censurar.

Ele não se atreveu a voltar-se para ela, imaginava bem de mais a expressão do seu rosto, e não podia compreender aquela confiança inexplicável e espontânea. Houve um longo silêncio,

ela esperava sem dúvida uma palavra de ternura, de perdão, Mathieu não aguentou mais.

— Olha — disse.

Tirou a carteira do bolso e pousou-a nos joelhos. Marcelle esticou o pescoço e apoiou o queixo no ombro de Mathieu.

— Que é que devo olhar?

— Isto.

Tirou as notas da carteira.

— Uma, duas, três, quatro, cinco — disse, fazendo-as estalar triunfantemente. Tinham conservado o perfume de Lola. Mathieu esperou um instante, com o dinheiro

A IDADE DA RAZÃO

em cima dos joelhos; e como Marcelle não falasse, voltou-se.

Ela erguera a cabeça e olhava as notas pestanejando. Não parecia compreender. Disse lentamente:

— Cinco mil francos.

Mathieu fez um gesto para colocar as notas em cima da mesa-de-cabeceira.

— Pois é, cinco mil. E que me deram trabalho a encontrar.

Marcelle não respondeu. Mordia o lábio inferior e olhava para as notas, incrédula. Envelhecera de repente. Fixou o olhar em Mathieu com uma expressão triste, mas ainda confiante. Disse:

— Pensei...

Mathieu interrompeu-a, categórico:

— Agora podes ir ao judeu. Parece que é uma competência.

Centenas de mulheres, em Viena, passaram pelas mãos dele. E gente da alta, gente rica.

Os olhos de Marcelle apagaram-se.

— Tanto melhor, tanto melhor.

Pegara noutro alfinete-de-ama do cestinho, abria-o e fechava-o nervosamente. Mathieu acrescentou:

— Deixo-tos. Penso que Sarah te levará à casa dele e és tu que vais pagar. Ele quer que lhe paguem adiantado, o estupor.

Fez-se silêncio, e Marcelle perguntou:

— Onde arranjaste o dinheiro?

— Adivinha.

— Daniel?

Ele encolheu os ombros. Ela sabia muito bem que Daniel não lho tinha querido emprestar.

— Jacques?

J E A N-P AUL SARTRE

— Não. Já to disse ao telefone, ontem.

— Então não sei — falou secamente. — Quem?

— Ninguém me deu o dinheiro. Marcelle sorriu, irónica.

— Não me vais dizer que o roubaste.

— Rubei.

— Roubaste? Não é verdade.

– É. Roubei-o a Lola.

Fez-se silêncio. Mathieu enxugou a testa suada.

– Hei-de contar-to um dia.

– Roubaste! – disse lentamente Marcelle. O rosto tornara-se-lhe cinzento. Observou, sem olhar para ele:

– Que vontade tens de te ver livre da criança!

– Tinha vontade principalmente de que não fosses à velha.

Ela reflectia. A boca exhibia de novo aquele sulco duro e cínico. Ele perguntou:

– Censuras-me por tê-lo roubado?

– Não me interessa.

– Então, que é que há?

Marcelle fez um gesto brusco e os apetrechos de farmácia espalharam-se pelo soalho. Olharam-se ambos, e Mathieu empurrou-os com o pé. Marcelle voltou lentamente a cabeça para ele, tinha um ar admirado.

– Então, que é que há? – repetiu Mathieu. Ela teve um riso seco.

– Porque te ris?

– Rio-me de mini própria – disse. Tirara a flor dos cabelos e fazia-a rodopiar nos dedos. Murmurou:

– Fui demasiado estúpida.

A IDADE DA RAZÃO

O rosto emudecera. Continuava com a boca aberta como se tivesse vontade de falar, mas as palavras não lhe saíam.

Parecia amedrontada com o que ia dizer. Mathieu pegou-lhe na mão, mas ela retirou-a e disse sem o olhar:

– Já sei que estiveste com Daniel.

Bem, era isso. Ela inclinara-se para trás e crispara as mãos no lençol; parecia espavorida e aliviada. Mathieu também se sentia aliviado. As cartas estavam sobre a mesa, era preciso ir até ao fim. Tinham a noite inteira à sua frente.

– Sim, estive com ele – disse Mathieu. – Como soubeste? Foste tu que o mandaste? Tinham combinado tudo?

– Não fales tão alto – pediu Marcelle –, vais acordar a minha mãe. Não fui eu, mas sabia que ele te ia procurar. Mathieu disse, tristemente:

– Foi chato!

– Sim, foi chato! – concordou Marcelle com amargura.

Calaram-se; Daniel estava ali, sentado entre os dois.

– Pois bem... – disse Mathieu – expliquemo-nos francamente.

– Não há nada que explicar. Estiveste com Daniel, ele disse o que te tinha a dizer e ao deixá-lo foste roubar os cinco mil francos a Lola.

– Sim, tu recibes Daniel há meses, às escondidas. Bem vês que há explicações necessárias. Escuta, que foi que se passou anteontem?

– Anteontem?

– Sim, não finjas que não percebes. Daniel disse-me que tu tinhas censurado a minha atitude de anteontem.

J E A N-P AUL SARTRE

– Oh!, não adianta falar nisso.

– Peço-te, Marcelle, não te obstines. Juro que tenho boa vontade, que saberei reconhecer os meus erros. Mas diz o que se passou anteontem. Seria muito melhor se pudéssemos ter novamente um pouco de confiança um no outro.

Ela hesitava, triste, menos irritada.

– Peço-te – disse ele, pegando-lhe na mão.

– Pois bem... foi como das outras vezes, pouco te incomodavas com o que eu tinha na cabeça.

– E que é que tinhas na cabeça?

– Porque é que queres que eu diga? Sabe-lo muito bem.

– É verdade – disse Mathieu. – Julgo que sei.

Pensou: «Acabou-se, caso com ela.» Era evidente. «Era preciso que eu fosse muito sacana para imaginar que escapava.» Ela estava ali, sofria, era infeliz e má e bastava um gesto para a acalmar. Disse:

– Queres que nos casemos, não é verdade? Ela tirou-lhe a mão e ergueu-se de um salto. Ele olhou-a com espanto. Estava lívida.

– Foi Daniel quem te disse isso?

– Não – respondeu Mathieu, surpreendido. – Foi o que me pareceu...

– Foi o que te pareceu – disse ela rindo. – Foi o que te pareceu! Daniel disse-te que eu estava aborrecida, e tu julgaste que eu queria casar, obrigar-te a casar comigo. E é o que pensas de mim, Mathieu, depois de sete anos!

As mãos também lhe tremiam agora. Mathieu teve vontade de apertá-la nos braços, mas não se atreveu.

– Tens razão, não devia ter pensado nisso.

A IDADE DA RAZÃO

Ela parecia não ter ouvido. Ele insistiu:

– Há circunstâncias atenuantes. Daniel acabou de me comunicar que tu te encontravas com ele e não me dizias nada.

Ela continuou a não responder. Ele acrescentou docemente:

– E um filho que tu queres?

– Ah! – disse Marcelle –, isso não é da tua conta. O que eu quero já não é da tua conta.

– Calma – disse Mathieu –, ainda há tempo. Ela sacudiu a cabeça.

– Não, já não há tempo.

– Mas porquê, Marcelle? Porque não conversas calmamente comigo? Uma hora apenas e tudo se acerta, tudo se esclarece.

– Eu não quero.

– Mas porquê? Porquê?

— Porque já não te estimo o suficiente, e tu já não me amas. Falara com segurança, mas mostrava-se surpreendida e amedrontada com o que dissera. Já não havia nos seus olhos senão uma interrogação inquieta. Continuou tristemente:

— Para pensares de mini o que pensaste, é preciso que tenhas deixado de me amar...

Era quase uma pergunta. Se ele a abraçasse, se lhe dissesse que a amava, tudo poderia ainda salvar-se. Casaria com ela, teriam a criança, viveriam juntos o resto da vida. Ele levantara-se. Ia dizer: «Amo-te.» Hesitou e disse com voz clara:

— E verdade... já não sinto amor por ti.

J E A N-P AUL SARTRE

Durante muito tempo ficou a ouvir a frase, estupefacto.

Pensou: «Está acabado.» Marcelle atirara-se para trás com um gesto de triunfo, mas imediatamente tapou a boca com a mão e fez-lhe sinal para se calar:

— A minha mãe — murmurou, ansiosa. Escutaram, mas só ouviram o ruído longínquo dos automóveis. Mathieu disse:

— Marcelle, eu quero-te muito ainda. Marcelle riu altivamente.

— Sim, mas de outra maneira... não é? Ele pegou-lhe na mão.

— Ouve.

Ela retirou a mão, com um gesto seco.

— Chega! — disse. — Já sei o que queria saber.

Levantou umas madeixas de cabelos, encharcados em suor, que lhe pendiam da fronte. Subitamente sorriu, como se se lembrasse de alguma coisa.

— Mas — atalhou, com uma alegria nervosa — não foi o que me disseste ontem ao telefone. Disseste: «Amo-te.» E ninguém te perguntou nada.

Mathieu não respondeu. Ela acrescentou como que esmagada:

— Como deves desprezar-me...

— Eu não te desprezo — disse Mathieu. — Eu...

— Vai. Vai-te embora.

— Estás doida. Não posso. Preciso de explicar-te...

— Vai — repetiu ela com voz surda, de olhos cerrados.

— Mas eu tenho por ti toda a minha ternura! — disse, desesperado. — Não quero abandonar-te. Quero ficar junto de ti a vida inteira, quero casar-me contigo, quero...

A IDADE DA RAZÃO

— Vai — disse ela —, vai, já não posso ver-te. Vai, ou não respondo por mim... desato a gritar.

Pusera-se a tremer. Mathieu avançou um passo, mas ela repeliu-o violentamente.

— Se não saíres, chamo a minha mãe. Ele abriu o armário e tirou os sapatos. Sentia-se ridículo e odioso. Ela disse:

— Pega no teu dinheiro. Ele voltou-se.

— Não. Isso não. Não há razão...

Ela pegou nas notas e atirou-as à cara dele. As notas voaram através do quarto e caíram no tapete, perto da cama. Mathieu não as apanhou. Olhava para Marcelle. Ela ria, soluçando, de olhos fechados. E dizia:

— Ah!, que estúpida, que estúpida, eu que pensava...

Ele quis aproximar-se, mas ela abriu os olhos e atirou-se para trás apontando a porta. «Se ficar, ela vai gritar.» Parou um instante, com os sapatos na mão. Quando chegou ao fim da escada, calçou-se, parou um instante, escutando com a mão no fecho. Ouviu de repente o riso de Marcelle, uma gargalhada profunda e sombria que se elevava como um repuxo e caía em cascata! Uma voz gritou:

— Marcelle! Que foi, Marcelle?

Era a mãe. O riso parou subitamente, e fez-se de novo silêncio. Mathieu escutou ainda e, como não ouvisse mais nada, abriu a porta e saiu.

i en

ensava: «Sou um sacana», e isso espantava-o enormemente. Não havia mais nada nele senão fadiga e espanto. Parou no patamar do segundo andar para tomar fôlego; as pernas estavam moles. Dormira apenas seis horas em três dias, talvez nem isso: «Vou deitar-me.» Despiria a roupa ao acaso, iria titubeando até à cama e deixar-se-ia cair. Mas sabia que ficaria acordado a noite toda, de olhos abertos no escuro. Subiu. A porta do apartamento ficara aberta. Ivich devia ter fugido, desvairada. Na secretária, a lâmpada estava acesa.

Entrou e viu Ivich. Estava sentada no sofá, n.uitu direita.

— Não parti — disse ela.

— Estou a ver — respondeu Mathieu, secamente.

Ficaram silenciosos um momento. Mathieu ouvia o ruído forte e regular da sua própria respiração. Ivich disse, virando a cabeça:

— Fui odiosa.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu não respondeu. Olhava os cabelos de Ivich e pensava. «Será por ela que fiz aquilo?» Ela baixara a cabeça, ele contemplava-lhe a nuca morena e doce com uma grande ternura. Gostaria de verificar que a amava mais do que tudo no mundo para que o seu acto tivesse uma justificação. Mas não sentia nada, a não ser um ódio sem objectivo, e o seu acto estava atrás dele, nu, escorregadio, incompreensível. Roubara, abandonara Marcelle grávida, para nada.

Ivich fez um esforço e disse, com cortesia.

— Eu não devia ter-me metido a dar a minha opinião... Mathieu encolheu os ombros.

— Acabo de romper com Marcelle.

Ivich levantou a cabeça. Observou com uma voz neutra:

– Deixou-a... sem dinheiro?

Mathieu, sorriu: «Naturalmente», pensou, «se o tivesse feito, censurar-me-ia agora».

– Não. Consegui arranjar-me.

– Arranjou dinheiro?

– Arranjei.

– Onde?

Ele não respondeu. Ela olhou-o, inquieta.

– Não...

– Sim. Roubei. E o que quer dizer? A Lola. Subi ao quarto durante a ausência dela.

Ivich pestanejou, nervosa, e Mathieu continuou:

– Vou devolver-lho, aliás. É um empréstimo... forçado. Ivich tinha uma expressão estúpida. Repetiu lentamente, como Marcelle tinha feito pouco antes:

– Roubou a Lola.

A expressão irritou Mathieu. Ele atalhou, com vivacidade:

A IDADE DA RAZÃO

– Sim, não é lá muito glorioso. Uma escada a subir, uma porta a abrir.

– Porque fez isso? Mathieu deu uma risada seca.

– Se o soubesse!

Ela levantou-se bruscamente, e o seu rosto tornou-se duro e solitário como quando se voltava na rua para seguir, com o olhar, uma mulher bela ou um belo rapaz. Mas desta vez era Mathieu que ela olhava. Mathieu sentiu que corava. Disse por escrúpulo:

– Não a queria abandonar. Queria apenas dar-lhe o dinheiro para não ser obrigado a casar.

– Compreendo – disse Ivich.

Ela parecia não compreender, olhava-o apenas. Ele insistiu desviando os olhos:

– Não foi bonito. Foi ela que me mandou embora. Levou a mal, não sei o que esperava.

Ivich não respondeu, e Mathieu calou-se angustiado. Pensava: «Não quero que me recompense.»

– Você é belo – disse Ivich.

Mathieu sentiu, acabrunhado, renascer aquele áspero amor dentro dele. Pareceu-lhe que abandonava Marcelle pela segunda vez. Não disse nada. Sentou-se perto de Ivich e pegou-lhe na mão. Ela insistiu:

– E inacreditável como parece só. Ele teve vergonha. Acabou por dizer:

– Não sei o que pensa, Ivich. Tudo isto é lamentável. Roubei por desvario e agora tenho remorsos.

– Bem vejo que tem remorsos – disse Ivich, sorrindo. – Creio

que também teria, no seu lugar; é impossível evitar da primeira vez.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu apertava com força a mãozinha áspera de unhas pontiagudas. Disse:

— Engana-se, eu não sou...

— Cale-se.

Retirou a mão num gesto brusco, puxou os cabelos para trás, descobrindo o rosto e as orelhas. Bastaram-lhe alguns movimentos rápidos e, quando baixou as mãos, a sua cabeleira estava penteada e o rosto apresentava-se nu.

— Assim — disse.

Mathieu pensou: «Quer tirar tudo de mim, até os meus remorsos.» Estendeu o braço, puxou Ivich para si. Ela deixou. Ele ouvia dentro dele uma melodia viva e alegre cuja lembrança pensara ter perdido. A cabeça de Ivich rolou no seu ombro, ela sorriu de lábios entreabertos. Ele devolveu-lhe o sorriso e beijou-a de leve, depois olhou-a e a melodia cessou repentinamente. «Mas é uma criança!» E sentiu-se inteiramente só.

— Ivich! — disse docemente. Ela olhou-o surpreendida.

— Ivich... fiz mal.

Ela franziu as sobrancelhas e a sua cabeça agitava-se com minúsculas sacudidelas. Mathieu deixou cair o braço e murmurou com lassidão:

— Não sei o que quero de si.

Ivich teve um sobressalto e desenvencilhou-se rapidamente. Os seus olhos faiscaram, mas ela baixou-os e assumiu uma atitude triste e terna. Só as mãos continuavam raivosas; borboleteavam em torno dela, abatiam-se sobre a cabeça e puxavam os cabelos. Mathieu sentia a garganta seca, mas considerava aquela crise com indiferença. Pensava: «Também desperdicei isto e no entanto estava quase

A IDADE DA RAZÃO

contente.» Era uma expiação. Continuou, procurando o olhar que ela desviava obstinadamente.

— Não devo tocá-la.

— Oh!, não tem importância — disse, vermelha de ódio.

E acrescentou num tom cantante:

— Parecia tão orgulhoso de ter tomado uma decisão; pensei que viesse buscar a recompensa.

Ele sentou-se perto dela e agarrou-lhe docemente o braço um pouco acima do cotovelo. Ela não o retirou.

— Mas eu amo-a, Ivich. Ivich empertigou-se.

— Não quero que imagine...

— Que imagine o quê?

Ele sabia. Largou-lhe o braço.

– Eu... não lhe tenho amor – disse Ivich.
Mathieu não respondeu. Pensava: «É uma vingança. Está bem.»
Aliás, era sem dúvida verdade. Porque havia de o amar? Não
desejava mais nada senão permanecer um bom momento
silenciosamente ao lado dela e que ela se fosse finalmente sem
falar. No entanto disse:
– Voltará no próximo ano?
– Voltarei.

Ela sorriu-lhe ternamente, devia considerar que a honra estava
salva. Era o mesmo rosto que lhe mostrara na véspera enquanto
a mulher do toilette lhe ligava a mão. Olhou-a hesitante,
sentiu-lhe renascer o desejo. Um desejo triste e resignado que
não era desejo de nada. Pegou-lhe no braço, percebeu sob os
dedos a carne fresca e disse:

– Eu...

J E A N-P AUL SARTRE

Interrompeu-se. Estavam a tocar. Um toque primeiro, depois
outro, depois muitos ininterruptamente. Mathieu ficou gelado.
Pensou: «Marcelle.» Ivich empalidecera, tivera com certeza a
mesma ideia. Olharam-se.

– É preciso abrir – sussurrou ela.
– Acho que sim.

Não se mexeu. Agora batiam violentamente à porta.

Ivich disse, num estremecimento:

– É horrível pensar que há alguém atrás da porta.
– Pois é. Quer... Quer entrar na cozinha? Fecharei a porta,
ninguém verá.

Ela olhou-o com um ar de autoridade calma.

– Não. Fico.

Mathieu foi abrir e viu na penumbra um rosto trágico.

Dir-se-ia uma máscara. Era Lola. Ela empurrou-o para entrar
mais depressa.

– Onde está Boris? Ouvi a voz dele.

Mathieu nem sequer se deu ao trabalho de fechar a porta,
entrou no escritório atrás de Lola. Lola avançara para Ivich,
ameaçadora.

– Diga-me onde está Boris.

Ivich olhava-a, aterrorizada. No entanto Lola não parecia
dirigir-se a ela – nem a ninguém – nem parecia vê-la. Mathieu
colocou-se entre ambas:

– Não está aqui.

Lola voltou para ele o rosto desfigurado. Tinha chorado.

– Ouvi a voz dele.

– Além desse escritório – disse Mathieu, tentando encontrar o
olhar de Lola – só há no apartamento uma cozinha e uma casa de
banho. Pode verificar se quiser.

– Onde está então?

IDADE

D A

RAZÃO

Conservara o vestido de seda preta e a maquilhagem de teatro. Os grandes olhos escuros pareciam ter murchado.

– Deixou Ivich às três horas – disse Mathieu.

– Não sabemos por onde andou depois disso.

Lola pôs-se a rir como uma cega. As mãos amarfanhavam uma bolsa pequena de veludo preto que parecia conter um objecto pesado e duro. Mathieu olhou para a bolsa e teve medo. Era preciso mandar Ivich embora imediatamente.

– Pois se não sabem por onde andou, posso dizer-

-Ihes. Subiu ao meu quarto lá pelas sete horas, no momento em que eu saía. Abriu a minha porta, arrombou uma maleta e roubou-me cinco mil francos.

Mathieu não se atrevia a olhar para Ivich, mas disse-

-Ihe docemente, com os olhos fixos no chão:

– Ivich, é melhor sair. Preciso de falar com Lola... Vejo-a ainda esta noite? Ivich estava alterada.

– Oh! Não! – disse. – Quero ir para casa, fazer as minhas malas, dormir. Preciso tanto de dormir. Lola perguntou:

– Vai partir?

– Vai. Amanhã cedo.

– Boris também vai?

– Não.

Mathieu pegou na mão de Ivich.

– Vá dormir, Ivich. Foi um dia muito duro. Não quer que eu vá à estação?

– Não, não gosto.

– Bom, então até para o ano que vem.

J E A N-P AUL SARTRE

Olhava-a na expectativa de descobrir nos olhos dela um sinal de ternura, mas só havia pânico.

– Até ao próximo ano – disse ela.

– Eu escrevo-lhe, Ivich – disse Matkieu tristemente.

– Sim, sim.

Disponha-se a sair. Lola interceptou-lhe a passagem.

– Perdão! Quem me prova que não se vai juntar a Boris?

– E se for? – disse Mathieu. – Ela é livre, creio.

– Fique – disse Lola, apertando o pulso de Ivich. Ivich deu um grito de dor e ódio.

– Largue-me, não me toque. Não quero que me toquem.

Mathieu empurrou violentamente Lola, que deu três passos para trás a resmungar. Ele olhava-lhe para a bolsa.

– Que mulher horrível! – disse Ivich entre dentes. Apalpava o pulso com o indicador e o polegar.

– Lola – disse Mathieu sem tirar os olhos da bolsa –, deixe-a

partir, tenho muito que lhe dizer, mas deixe-a partir primeiro.

— Vai dizer-me onde está Boris?

— Não, mas vou explicar-lhe a história do roubo.

— Pois que vá — disse Lola. — E se encontrar Boris, diga-lhe que me queixei.

— A queixa será retirada — disse Mathieu a meia-voz, sempre a olhar para a bolsa. — Adeus, Ivich.

Ivich não respondeu, e Mathieu ouviu aliviado o ruído dos passos dela. Não a viu sair, mas o ruído extinguiu-se, e ele sentiu um aperto no coração. Lola deu um passo em frente e gritou:

A IDADE DA RAZÃO

— Diga-lhe que se enganou! Que é ainda muito jovem para me levar.

Voltou-se para Mathieu com aquele olhar incomodativo que parecia não ver.

— Então — disse ela, asperamente. — Vamos à história.

— Ouça, Lola. Lola desatou a rir.

— Não nasci ontem. Ah!, não. Já disseram mais de uma vez que podia ser mãe dele. Mathieu avançou.

— Lola!

— Ele deve ter pensado: «Está doida por mim, a velha, ainda se vai sentir muito feliz por eu lhe roubar a "massa", ainda vai dizer obrigada.» Não me conhece! Não me conhece!

Mathieu segurou-a pelo braço e sacudiu-a como um arbusto, enquanto ela gritava a rir:

— Não me conhece!

— Cale-se!

Lola acalmou-se e pela primeira vez pareceu vê-lo.

— Fale.

— Lola — perguntou Mathieu —, apresentou realmente alguma queixa?

— Apresentei. Que é que tem a dizer?

— Fui eu que roubei.

Lola olhava-o com indiferença. Ele teve de repetir:

— Fui eu que roubei os cinco mil francos!

— Ah!, foi você? Encolheu os ombros.

— A gerente viu-o a ele.

— Como pode tê-lo visto, se fui eu?

J E A N-P AUL SARTRE

— Ela viu-o — disse Lola, irritada. — Ele subiu às sete horas, escondendo-se. Ela deixou-o subir porque eu tinha dado ordem. Esperei o dia inteiro e havia dez minutos que eu descera. Devia estar a espiar-me na rua. Subiu, logo que saí.

Falava rapidamente, mas de uma maneira monótona e parecia exprimir uma convicção absoluta. «Dir-se-ia que tem

necessidade de acreditar naquilo», pensou Mathieu desanimado. Perguntou:

– A que horas voltou ao hotel?

– Da primeira vez, às oito.

– As notas ainda estavam na maleta.

– Já disse que Boris subiu às sete.

– Pode ser, talvez quisesse vê-la. Mas você não olhou para a maleta.

– Olhei.

– Olhou às oito horas?

– Olhei.

– Lola, você está a mentir. Eu sei que não olhou. Eu sei. Às oito horas eu estava com a chave e você não a podia ter aberto. Aliás, se você tivesse descoberto o roubo às oito horas, não teria esperado pela meia-noite para vir aqui. Às oito horas arranjou-se, pôs o seu belo vestido e foi para o Sumatra. Não é verdade?

Lola olhou-o, obstinada.

– A gerente viu-o subir.

– Bem sei, mas você não olhou para a maleta. Às oito horas o dinheiro ainda lá estava. Eu subi às dez horas e trouxe-o. Havia uma velha no escritório, ela viu-me, pode testemunhar, você só deu conta do roubo à meia--noite.

A IDADE DA RAZÃO

– Pois foi – disse Lola, cansada. – Foi à meia-noite. Mas é o mesmo. Senti-me mal no Sumatra e voltei para casa. Deitei-me e pus a maleta ao meu lado, continha... continha as cartas, que eu queria voltar a ler.

Mathieu pensou: «É verdade, as cartas. Porque esconde que lhe roubaram as cartas?» Tinham-se calado ambos. De quando em quando, Lola oscilava como se estivesse a dormir em pé.

Finalmente pareceu acordar.

– Você roubou-me?

– Sim, eu. Ela riu-se.

– Conte a história ao juiz, se quer apanhar seis meses em vez dele.

– Mais uma prova, Lola. Porque me arriscaria em apanhar seis meses se fosse Boris o ladrão? Ela fez um gesto.

– Sei lá o que vocês fazem juntos!

– É absurdo, Lola. Juro que fui eu. A maleta estava diante da janela, debaixo da outra mala. Peguei no dinheiro e deixei a chave na fechadura.

Os lábios de Lola tremiam e ela apertava convulsivamente a bolsa.

– É tudo quanto tem a dizer-me? Então vou-me embora.

Quis passar, mas Mathieu segurou-a.

– Lola, você não está convencida. Lola empurrou-o.

– Não está a ver o meu estado? Por quem me toma com essa história?

– Estava debaixo de outra mala, diante da janela – repetiu Mathieu.

J E A N-P AUL SARTRE

– Boris esteve aqui, pensa que não sei? Vocês combinaram o que deviam dizer à velha. Vamos, deixe-me ir embora.

Mathieu quis agarrá-la pelos ombros, mas Lola desenvencilhou-se e tentou abrir a bolsa. Mathieu arrancou-a das mãos dela e atirou-a para o sofá.

– Bruto! – disse Lola.

– Vitríolo ou revólver? – perguntou Mathieu a sorrir.

Lola começou a tremer completamente. «É uma crise de nervos», pensou Mathieu. Tinha a impressão de viver um sonho sinistro e absurdo. Mas era preciso convencer Lola. Ela deixara de tremer, encostara-se à janela e olhava-o com os olhos brilhantes de ódio impotente. Mathieu voltou a cabeça; não tinha medo do ódio, mas via naquele rosto uma secura desolada que lhe era insuportável.

– Subi ao meu quarto hoje de manhã – explicou calmamente. – Tirei a chave da sua bolsa. Quando acordou, eu ia abrir a mala. Não pude voltar a pôr a chave no lugar e foi isso que me deu a ideia de lá voltar esta noite.

– É inútil! Eu vi-o entrar de manhã. Quando lhe falei ainda não tinha chegado ao pé da cama.

– Já tinha entrado uma primeira vez e voltado a sair. Lola soltou um riso de troça, e ele observou contrafeito:

– Por causa das cartas.

Ela pareceu não o ter ouvido. Era inútil falar das cartas, ela só pensava no dinheiro, precisava de pensar no dinheiro para manter acesa a sua cólera, o seu único recurso. Acabou por dizer com um risinho seco:

– Mas é que ele pediu-me cinco mil francos ontem à noite! Foi por isso mesmo que nos zangámos.

A IDADE DA RAZÃO

Mathieu sentiu a sua impotência. Era evidente, o culpado só podia ser Boris. «Deveria ter previsto isso», pensou, acabrunhado.

– Não se incomode que eu hei-de apanhá-lo. Se enganar o juiz com a sua história, apanho-o de outra maneira. Mathieu olhou para a bolsa no sofá. Lola também.

– O dinheiro que lhe pediu era para mim.

– Bem sei. E foi também para si que ele roubou um livro à tarde? Vangloriava-se disso quando dançava comigo.

Calou-se e subitamente recomeçou, com uma calma ameaçadora:

– Então foi você quem roubou?

– Fui.

— Pois então devolva-me o dinheiro. Mathieu não soube o que dizer. Lola continuou, triunfante:
— Devolva-mo que retiro a queixa. Mathieu não respondeu, e Lola disse:
— Basta. Já percebi.
Pegou na bolsa novamente, sem que ele a tentasse impedir.
— Que é que isso provaria? — disse ele. — Boris poderia ter-me passado o dinheiro...
— Não lhe pergunto isso. Digo-lhe apenas: devolva-me o dinheiro.
— Já não o tenho.
— Essa é boa. Roubou-me às dez horas e à meia-noite já gastou tudo? Os meus cumprimentos.
— Dei o dinheiro.
— A quem?
J E A N-P AUL SARTRE
— Não posso dizer. — Acrescentou vivamente: — Não foi a Boris. Lola sorriu sem responder. Dirigiu-se para a porta, sem que ele a impedisse. Pensava: «É no Comissariado da Rua dês Martyres, irei explicar-me lá.» Mas, quando viu de costas aquela forma negra que se retirava com a rigidez cega de uma catástrofe, teve medo. Pensou na bolsa e tentou um último esforço.
— Afinal posso dizer para quem era: era para Made-moiselle Duffet, uma amiga minha.
Lola abriu a porta e saiu. Ouviu-a gritar no patamar, e o seu coração deu um salto. Lola reapareceu, como uma louca.
— Vem aí alguém — disse.
Mathieu pensou: «É Boris.» Era Daniel. Entrou com nobreza e inclinou-se diante de Lola.
— Aqui estão os cinco mil francos, minha senhora, faz favor de verificar.
Mathieu pensou ao mesmo tempo: «Foi Marcelle quem o mandou, e ele escutou atrás da porta.»
Mathieu perguntou:
— Ela...
Daniel sossegou-o com um gesto.
— Tudo corre bem.
Lola olhava desconfiada para o sobrescrito.
— Estão aqui cinco mil francos?
— Estão.
— Como prova que são os meus?
— Não tomou nota dos números? — perguntou Daniel.
— Imagine!
— Ah! Minha senhora — disse Daniel com um ar de censura —, é preciso anotar sempre os números!
A IDADE DA RAZÃO

Mathieu teve uma inspiração; lembrara-se do pesado perfume de Chipre que exalava da maleta.

— Cheire — disse.

Lola hesitou, depois pegou no sobrescrito, rasgou-o e levou as notas ao nariz. Mathieu receava que Daniel se risse. Mas Daniel estava sério como um papa, olhava para Lola, com compreensão.

— Obrigou Boris a devolvê-las? — perguntou ela.

— Não conheço ninguém com esse nome. Foi uma amiga de Mathieu que mas confiou, a fim de que as trouxesse. Vim a correr e ouvi o fim da conversa, pelo que peço desculpa.

Lola estava imóvel, de braços caídos. Apertava a bolsa na mão esquerda e com a direita amarrotava as notas. Parecia angustiada e estupefacta.

— Mas porque teria feito isto — perguntou subitamente —, que são cinco mil francos para si? Mathieu respondeu sem alegria.

— Pelo que se vê, deve ser muito. Acrescentou docemente:

— Não se pode esquecer de retirar a queixa, Lola. Ou então, se quiser, apresente queixa contra mini. Lola voltou a cabeça e disse depressa:

— Ainda não tinha apresentado queixa. Continuava imóvel no meio da sala. De repente disse:

— As cartas...

— Já não as tenho. Trouxe-as esta manhã quando pensávamos que tivesse morrido. Foi o que me deu a ideia de ir buscar o dinheiro.

Lola contemplou Mathieu, sem ódio, apenas com um enorme espanto e uma espécie de curiosidade.

J E A N-P AUL SARTRE

— Roubou-me cinco mil francos! É estranho! Os olhos porém apagaram-se-lhe e as feições tornaram-se duras. Parecia sofrer.

— Vou-me embora.

Deixaram-na sair sem dizer nada. À porta, voltou-se:

— Se ele não fez nada, porque não volta?

— Não sei.

Lola soluçou e apoiou-se à ombreira da porta. Mathieu deu um passo em frente, mas ela já se tinha dominado.

— Acha que ele vai voltar?

— Acho. São incapazes de fazer a felicidade de alguém, mas são igualmente incapazes de se ir embora; isso ainda é mais difícil para eles.

— Pois é — disse Lola —, adeus.

— Adeus, Lola, não precisa de nada?

— Não.

Saiu. Ouviram a porta fechar-se.

— Quem é esta velha senhora? — perguntou Daniel.

– É Lola, a amiga de Boris Serguine. Está transtornada.

– Parece.

Mathieu não se sentia à vontade sozinho com Daniel.

Parecia-lhe que o tinham colocado subitamente na presença do seu erro. Ali estava ele, na sua frente, vivo, vivia no fundo dos olhos de Daniel, e só Deus sabe que forma tomara naquela consciência caprichosa e falsa. Daniel parecia disposto a abusar da situação. Mostrava-se cerimonioso, insolente e fúnebre como nos seus piores dias. Mathieu endureceu-se e ergueu a cabeça. Daniel estava lívido.

– Estás com uma cara! – disse Daniel com um sorriso mau.

– Ia dizer-te o mesmo – respondeu Mathieu.

D A D E

D A

R A Z A O

Daniel encolheu os ombros.

– Vens da casa de Marcelle?

– Venho.

– Foi ela quem mandou o dinheiro?

– Ela não precisa dele – disse Daniel evasivamente.

– Não precisa?

– Não.

– Diz me ao menos se ela tem mais para...

– Não se fala mais nisso, meu caro, isso é uma história antiga.

Erguera a sobrancelha esquerda e olhava para Mathieu com ironia, como que através de um monóculo imaginário. «Se me quer impressionar», pensou Mathieu, «deve impedir que as mãos lhe tremam».

Daniel disse, indolentemente:

– Caso-me com ela. Ficaremos com a criança. Mathieu acendeu um cigarro. A cabeça soava-lhe como Um sino. Disse com calma:

– Então tu amava-la?

– Porque não?

«E de Marcelle que se trata», pensou Mathieu. «De Marcelle.»

Não conseguia convencer-se totalmente.

– Daniel – disse ele –, não acredito.

– Espera e verás.

– Não. Quero dizer que não acredito que ames Marcelle. Não sei o que há por baixo disto tudo.

Daniel estava abatido. Sentou-se sobre a secretária balançando um pé com desenvoltura. «Diverte-se», pensou Mathieu com raiva.

– Ficarias muito espantado se soubesses – disse-lhe Daniel.

J E A N-P AUL SARTRE

Mathieu pensou: «Era amante dele.»

– Se não queres dizer, cala-te – atalhou secamente.

Daniel olhou-o como se se divertisse a intrigá-lo;
depois, subitamente, levantou-se e passou a mão pela testa.

— Isto vai mal — disse ele.

Observava Mathieu com uma certa surpresa.

— Não era disso que te vinha falar. Escuta, Mathieu, eu sou...

Deu uma gargalhada forçada.

— Não me vais levar a sério, se te disser!

— Bom, bom. Falas ou não falas?

— Pois bem, eu sou...

Parou de novo e Mathieu, impaciente, terminou a frase:

— Es amante de Marcelle. Não é o que queres dizer? Daniel arregalou os olhos e assobiou. Mathieu sentiu que corava.

— Nada mal — disse Daniel com admiração. — Não querias outra coisa, heni? Não, meu caro, nem sequer terás essa desculpa.

— Pois então fala — pediu Mathieu, humilhado.

— Espera um pouco. Não tens nada para beber? Uísque?

— Não, só tenho rum branco. É uma ideia — acrescentou —, vamos beber um copo.

Foi à cozinha e abriu o armário. «Fui ignóbil», pensou. Voltou com dois copos e a garrafa. Daniel pegou na garrafa e encheu os copos.

— É da Rhumerie Martiniquaise?

— É.

— Ainda vais lá de vez em quando?

— Ainda. À tua saúde — disse Mathieu.

A IDADE DA RAZÃO

Daniel olhou-o com um ar inquisidor, como se Mathieu dissimulasse qualquer coisa.

— Aos meus amores — disse.

— Estás bêbedo — observou Mathieu enojado.

— Sim, bebi um pouco. Não te aflijas. Bebi depois de sair de casa de Marcelle, antes não...

— Vens de lá?

— Sim, com uma paragem no Falstaff.

— Deves tê-la visto logo depois de eu ter saído.

— Estava à espera que saíesses — disse Daniel, sorridente. — Subi logo a seguir.

Mathieu não pôde evitar um gesto de contrariedade.

— Estavas à espreita! Tanto melhor, afinal. Assim Marcelle não ficou só. E que é que me querias dizer?

— Nada, meu velho — disse Daniel com súbita cordialidade. — Queria apenas participar-te o casamento.

— Só?

— Só... é, só...

— Como quiseses — disse Mathieu, friamente. Calaram-se um instante, e Mathieu perguntou:

— Como vai ela?

– Querias que eu te dissesse que estás satisfeitíssima? – perguntou Daniel ironicamente. – Poupa-me a minha modéstia...
– Ouve – disse Mathieu secamente –, é evidente que não tenho nenhum direito, mas afinal vieste aqui...

– Pois bem – atalhou Daniel –, pensava que encontraria maior dificuldade em convencê-la. Mas atirou-se à minha proposta como a miséria sobre o mundo.

Mathieu viu-lhe um brilho de rancor nos olhos. Disse, como para desculpar Marcelle:

J E A N-P AUL SARTRE

– Ela estava desesperada...

Daniel encolheu os ombros e pôs-se a andar de um lado para outro. Mathieu não se atrevia a olhá-lo. Daniel dominava-se. Falava serenamente, mas parecia possesso. Mathieu cruzou as mãos e fixou os olhos no sapato. Depois, disse como para si próprio:

– Então era o filho que ela queria. Não compreendi. Se me tivesse dito...

Daniel calava-se. Mathieu continuou, obstinado.

– Era o filho. Eu queria suprimi-lo. Talvez seja melhor que nasça.

Daniel não respondeu.

– Nunca o verei, não é verdade? Não chegava a ser uma interrogação, e ele acrescentou sem esperar resposta:

– Acho que deveria estar contente. Num certo sentido, tu vais salvá-la... mas não compreendo, porque é que fizeste isso?

– Com certeza, não foi por filantropia – disse Daniel, secamente. – É horrível este rum. Não faz mal, dá-me mais um copo.

Mathieu encheu os copos. Beberam.

– E agora – perguntou Daniel –, que é que vais fazer?

– Nada, nada de especial.

– Essa pequena Serguine?

– Não.

– Mas agora estás livre.

– Hem?!

– Bom, boa noite – disse Daniel levantando-se. – Vim para devolver o dinheiro e tranquilizar-te. Marcelle não tem nada a temer e tem confiança em mini. Toda esta

A IDADE DA RAZÃO

história a abalou terrivelmente, mas não se sente muito infeliz.

– Vais casar com ela – repetiu Mathieu. – Ela odeia-me.

– Põe-te no lugar dela – disse Daniel, duramente.

– Bem sei. Já me pus. Falou-te de mim?

– Muito pouco.

– Sabes – disse Mathieu –, o facto de ires casar com ela

perturba-me um pouco.

– Lamentas alguma coisa? Tens saudades?

– Não, acho isso sinistro.

– Obrigado.

– Para os dois Não sei porquê.

– Não te preocupes. Tudo correrá bem. Se for um menino, pomos-lhe o nome de Mathieu.

Mathieu levantou-se, cerrando os punhos.

– Cala-te!

– Não te zangues – disse Daniel. Repetiu distraído:

– Não te zangues, não te zangues. E não se decidia a sair.

– Em suma – disse-lhe Mathieu –, vieste ver a cara que eu faria depois dessa história toda.

– Em parte – disse Daniel com franqueza –, há qualquer coisa disso. Mostravas-te sempre tão sólido... irritavas-me.

– Pois já viste. Não sou tão sólido como isso.

– Pois não...

Daniel deu uns passos em direcção à porta e bruscamente voltou. Perdera a expressão irónica, mas não se tornara mais agradável.

J E A N-P AUL SARTRE

– Mathieu – disse –, sou um pederasta.

– Hem? – disse Mathieu.

Daniel afastara-se e contemplava-o com espanto e ódio.

– Isso enoja-te, não é?

– És pederasta? – repetiu lentamente Mathieu.

– Não, não tenho nojo. Porque havia de ter nojo?

– Oh! – disse Daniel –, não penses que és obrigado a mostrares-te generoso!

Mathieu não respondeu. Olhava Daniel e pensava: «Ele é pederasta.» Mas não estava muito admirado.

– Não dizes nada? – continuou Daniel, cortante.

– Tens razão. É a reacção normal, a reacção que deve ter todo o homem são, mas fazes bem em não dizer nada. Daniel estava imóvel, de braços colados ao corpo, parecia apertado na sua roupa. «Que ideia aquela de se vir torturar aqui», pensou Mathieu, sem simpatia. Achava que devia dizer qualquer coisa, mas mergulhava na mais completa indiferença, uma indiferença profunda e paralisante. E, depois, tudo aquilo lhe parecia tão natural, tão normal. Ele era um estupor. Daniel era um pederasta. Era a ordem das coisas. Disse finalmente:

– Podes ser o que bem entenderes, não tenho nada com isso.

– Bem sei – disse Daniel sorrindo com altivez.

– Efectivamente não tens nada com isso. A tua própria consciência já te dá bastante trabalho.

– Então porque me vieste contar?

– Eu... eu queria ver o efeito que isso podia provocar num

tipo como tu – disse Daniel coçando a garganta.

– E, agora que há alguém que sabe, talvez eu consiga acreditar nisso.

IDADE

DA R A Z A O

Estava verde, falava com dificuldade, mas continuava a sorrir. Mathieu não pôde suportar o sorriso e voltou a cabeça.

Daniel troçou:

– Isto espanta-te? Modifica a ideia que tinhas dos invertidos? Mathieu ergueu vivamente a cabeça.

– Não te armes em cínico. É desagradável. Não precisas de tomar atitudes diante de mim. Talvez tenhas nojo de ti próprio, eu também tenho de mim. Somos iguais. Aliás é por isso mesmo que me contas essa história. Deve ser mais fácil confessar-se a um miserável. E tem-se sempre o benefício da confissão.

– Tu és astucioso – disse Daniel com uma vulgaridade que Mathieu não conhecia.

Calaram-se. Daniel olhava sem ver, com um olhar fixo, à maneira dos velhos. Mathieu sentiu um remorso agudo.

– Se é assim, porque te casas com Marcelle?

– Uma coisa nada tem a ver com a outra.

– Não posso permitir que cases com Marcelle. Daniel levantou-se. Um rubor sombrio manchou-lhe o rosto aflito.

– Ah!, não podes? – perguntou, arrogante. – E que farás para o impedir?

Mathieu não respondeu. Pegou no telefone e marcou o número de Marcelle. Daniel contemplava-o com ironia. Fez-se silêncio.

– Estou – disse a voz de Marcelle. Mathieu estremeceu.

– Estou, é Mathieu. Escuta, fornos idiotas há pouco. Eu queria... está, Marcelle! Estás a ouvir? Marcelle.

J E A N-P AUL SARTRE

Não respondiam. Ele perdeu a cabeça e gritou ao telefone.

– Marcelle, quero casar contigo.

Houve um curto silêncio, depois uma espécie de gemido e desligaram. Mathieu conservou um momento o telefone na mão, depois largou-o devagar. Daniel olhava sem falar, não parecia triunfante. Mathieu bebeu um gole de rum e tornou a sentar-se na poltrona.

– Bem – disse. Daniel sorriu.

– Tranquiliza-te – observou como consolação. – Os pederastas deram sempre bons mandos, bem se sabe.

– Daniel! Se casas por casar, vais estragar-lhe a vida.

– Devias ser o último a dizê-lo. E depois não caso por casar.

E, demais, o que ela quer, principalmente, é o filho.

– E... ela sabe?

– Não!

— Porque é que casar?

— Por amizade.

O tom não o convencia. Encheram os copos, e Mathieu disse com obstinação:

— Não quero que ela seja infeliz.

— Juro que não o será.

— Ela julga que a amas?

— Não creio. Ela propôs-me viver ao seu lado, mas isso não me convém. Vou instalá-la em minha casa. O sentimento virá com o tempo.

Acrescentou com uma ironia dolorosa:

— Estou resolvido a cumprir os meus deveres conjugais até ao fim.

— Mas...

D A D E

D A

R A Z A O

Mathieu corou violentamente e acrescentou:

— Também gostas de mulheres? Daniel fungou; disse:

— Não muito.

— Compreendo.

Mathieu baixou a cabeça, e lágrimas de vergonha inundaram-lhe os olhos. Disse:

— Tenho ainda mais nojo de mim, depois de saber que vais casar com ela. Daniel bebeu.

— Sim — disse com um ar distraído e imparcial —, acho que te deves sentir bastante mal.

Mathieu não respondeu. Olhava para o chão entre os pés: «É um pederasta e vai casar com ela.»

Abriu as mãos e raspou o sapato no chão, sentia-se perseguido. Subitamente o silêncio tornou-se pesado. Pensou: «Daniel está a olhar para mim», e ergueu a cabeça precipitadamente. Daniel olhava-o efectivamente e com tal ódio que o coração de Mathieu se apertou.

— Porque me olhas assim? — perguntou.

— Bem sabes. Há alguém que sabe.

— Gostarias de me enfiar uma bala na pele? Daniel não respondeu. Mathieu foi invadido por uma ideia insuportável.

— Daniel — disse —, casar-te para te martirizares!

— E então? Isso é comigo. Mathieu pôs a cabeça entre as mãos.

— Meu Deus! — disse. Daniel acrescentou vivamente:

— Isso não tem importância. Para ela não terá importância nenhuma.

J E A N-P AUL SARTRE

\

— Tu odeia-la?

— Não.

Mathieu pensou tristemente: «E a mini que ele odeia.»

Daniel continuou a sorrir:

— Vamos esvaziar a garrafa?

— Vamos.

Beberam, e Mathieu percebeu que estava com vontade de fumar.

Acendeu um cigarro.

— Escuta — disse —, o que tu és não me interessa. Mesmo agora.

Mas desejo saber uma coisa. Porque é que tens vergonha disso?

Daniel teve um riso seco:

— Eu esperava essa pergunta — disse. — Tenho vergonha de ser pederasta, porque sou pederasta. Já sei o que vais dizer. «No teu lugar, reagiria, exigiria um lugar ao sol, é um gosto como outro qualquer, etc., etc.» Mas dirás isso tudo, exactamente porque não és pederasta. Todos os invertidos têm vergonha, está na sua natureza.

— Mas não seria melhor... assumir isso? — perguntou timidamente Mathieu.

Daniel pareceu irritado.

— Falaremos disso no dia em que aceitares ser um sacana. Não, os pederastas que se vangloriam ou se exibem, ou simplesmente se aceitam... estão mortos; morreram de vergonha, de tanto terem vergonha, e eu não quero esse género de morte.

Mas parecia mais calmo e olhava para Mathieu sem ódio.

— Já me assumi demasiado — continuou com doçura. — Conheço-me muito bem.

r

A IDADE DA RAZÃO

Não havia nada a dizer. Mathieu acendeu outro cigarro e, como ainda havia um resto de rum no copo, bebeu-o. Daniel inspirava-lhe horror. Pensou: «Dentro de dois anos, de quatro... serei assim?» E subitamente foi invadido pelo desejo de falar a Marcelle, só a ela podia falar da sua vida, dos seus receios, das suas esperanças. Mas lembrou-se de que nunca mais a veria, e o desejo transformou-se numa espécie de angústia. Estava só.

Daniel parecia reflectir. Tinha o olhar parado e de vez em quando os lábios entreabriam-se-lhe. Suspirou e qualquer coisa pareceu ceder no seu rosto. Passou a mão pela fronte, tinha um ar de espanto.

— Hoje, apesar de tudo, surpreendi-me — disse em voz baixa.

Sorriu de um modo singular, quase infantil, que parecia deslocado naquele rosto cor de azeitona que a barba crescida manchava de azul. «É verdade», pensou Mathieu, «ele foi até ao fim desta vez». Uma ideia repentina causou-lhe um certo mal-estar: «Ele é livre.» E o horror que Daniel lhe inspirava misturou-se com a inveja.

— Deves estar num estado horrível.

– Sim, num estado horrível.

Daniel continuava a sorrir com ar de boa-fé. Disse.

– Dá-me um cigarro.

– Fumar agora?

– Um só, esta noite. Mathieu disse subitamente:

– Gostava de estar no teu lugar.

– No meu lugar? – repetiu Daniel sem mostrar grande surpresa.

– Sim.

J E A N-p AUL SARTRE

Daniel encolheu os ombros.

– Nesta história ganhaste por todos os lados. E explicou:

– És livre.

– Não – disse Mathieu –, não basta abandonar uma mulher para se ser livre.

Daniel olhou Mathieu com curiosidade.

– Hoje de manhã parecias acreditar que sim.

– Não sei. Não era muito claro. Nada é claro. Mas a verdade é que abandonei Marcelle por nada.

Fixava o olhar nas cortinas da janela, agitadas pela brisa nocturna. Estava cansado.

– Por nada – repetiu. – Em toda esta história eu não fui senão recusa e negação. Marcelle já não faz parte da minha vida, mas há o resto.

– O quê?

Mathieu mostrou a secretária num gesto largo e vago.

– Tudo isto, todo o resto.

Sentia-se fascinado por Daniel. Pensava: «Será isto a liberdade? Ele agiu, agora já não pode voltar atrás; deve parecer-lhe estranho sentir atrás de si um acto desconhecido, que já quase não compreende e que lhe vai transformar a vida. Eu, tudo o que faço, faço-o por nada; dir-se-ia que me roubam as consequências dos meus actos, tudo se passa como se eu pudesse sempre voltar atrás. Não sei o que daria para cometer um acto irremediável.»

Disse em voz alta:

– Anteontem, à noite, encontrei um tipo que queria alistar-se nas milícias espanholas.

– E então?

– Não o fez, agora está lixado.

DADË

RAZÃO

– Porque é que me dizes isso?

– Não sei.

– Tiveste vontade de partir para Espanha?

– Tive, mas não a suficiente.

Calaram-se. Depois de um momento, Daniel atirou o cigarro fora e disse:

– Eu queria ser seis meses mais velho.
– Eu não – disse Mathieu. – Daqui a seis meses serei a mesma coisa que sou hoje.
– Com remorsos a menos. Daniel levantou-se.
– Ofereço-te um copo no Clarisse.
– Não – disse Mathieu. – Hoje não tenho vontade de me embriagar. Não sei o que faria se bebesse...
– Nada de sensacional – observou Daniel. – Então, não vens?
– Não. Não queres ficar mais um bocado?
– Preciso de beber. Adeus.
– Adeus... Ver-nos-emos em breve? – perguntou Mathieu.
– Acho que será difícil. Marcelle disse que não queria mudar nada na minha vida, mas acho que lhe seria penoso saber que nos vemos.
– Bem – disse Mathieu, secamente. – Nesse caso, felicidades. Daniel sorriu sem responder, e Mathieu acrescentou bruscamente:
– Odeias-me.
Daniel aproximou-se e pousou a mão no ombro dele num gesto desajeitado e envergonhado.
– Não neste momento.
J E A N-P AUL SARTRE
– Mas amanhã...
– Daniel baixou a cabeça sem responder.
– Adeus – disse Mathieu.
– Adeus.

Daniel saiu. Mathieu chegou-se à janela e levantou as cortinas. Era uma noite agradável, agradável e azul. O vento varrera as nuvens, viam-se as estrelas por cima dos telhados. Encostou-se no parapeito e bocejou longamente. Na rua, em baixo, um homem caminhava tranquilamente. Parou na esquina da Rua Huyghens com a Rua Froidevaux e olhou o céu. Era Daniel. Um ruído de música subia da Avenida do Maine, a luz branca de um farol deslizou no céu, demorou-se em cima de uma chaminé e escorregou por trás dos telhados. Era um céu de festa na aldeia, um céu que sabia a férias e bailes campestres. Mathieu viu Daniel desaparecer e pensou: «Fico só.» Só, mas não mais livre do que antes. Dissera a si mesmo na véspera: «Se ao menos Marcelle não existisse!» Mas era uma mentira. «Ninguém entrou a minha liberdade, foi a minha vida que a bebeu.» Fechou a janela e voltou para o quarto. O perfume de Ivich ainda flutuava ali. Respirou-o e recordou aquele dia tumultuoso. Pensou: «Muito barulho, por nada. Por nada.» Aquela vida tinha--Ihe sido dada para nada, ele não era nada e, no entanto, já não mudaria. Estava formado. Tirou os sapatos e ficou imóvel, sentado no braço da poltrona, com um sapato na mão. Sentia ainda no fundo da garganta o calor

adocicado do rum. Bocejou. Tinha acabado o seu dia, tinha acabado com a sua juventude. Moraes comprovadas já lhe ofereciam os seus serviços. O epicurismo desiludido, a indulgência sorridente, a resignação, a seriedade de espírito, A IDADE DA RAZÃO o estoicismo, tudo isso que permite apreciar, minuto a minuto, como bom conhecedor, uma vida falhada. Tirou o casaco, pôs-se a desfazer o nó da gravata. Repetia a bocejar: – Não há dúvida, não há dúvida, estou na idade da razão.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME